

COLEÇÃO

NEGRA

MICHAEL CONNELLY

DÍVIDA DE SANGUE

"Irresistível... Uma perseguição
assustadora que fará sua
pressão subir." PEOPLE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MICHAEL CONNELLY

**DÍVIDA
DE SANGUE**

Tradução de
LUIZ A. DE ARAÚJO


E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Connelly, Michael, 1956-
C762d Dívida de sangue / Michael Connelly; tradução de Luiz A. de Araújo.
— Rio de Janeiro: Record, 2011.

Tradução de: Blood work
ISBN 978-85-01-09103-1

1. Ficção americana. I. Araújo, Luiz A. de (Luiz Antônio de) II. Título.

11-2193

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original: *Blood work*

Copyright © 1998 by Hieronymus, Inc.

Editoração eletrônica: Abreu's System

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-09103-1

Para
Terry Hansen
e para
Jesse e Myra McCaleb

Seu último pensamento foi para Raymond. Agora não tardaria a vê-lo. Ele despertaria como sempre, envolvendo-a num abraço afetuoso e reconfortante.

Ela sorriu e, atrás do balcão, o Sr. Kang retribuiu do mesmo modo, imaginando que fosse para ele aquela radiância. O Sr. Kang endereçava-lhe sorrisos todas as noites, sem saber que os pensamentos e sorrisos dela eram, na verdade, para Raymond, pelo momento que logo iria chegar.

Ela mal se deu conta do tilintar da sineta da porta que se abriu atrás dela. Estava segurando dois dólares, ia entregá-los por cima do balcão. Mas o Sr. Kang não chegou a pegá-los. Ela reparou, então, que os olhos dele já não prestavam atenção nela e sim na porta. O sorriso desaparecera, e a boca entreaberta parecia querer articular uma palavra impossível de dizer.

Sentiu agarrarem-lhe o ombro direito pelas costas, sentiu na têmpora a frieza do aço. Uma cascata de luz lhe inundou a visão. Uma luz cegante. Naquele momento, teve um vislumbre do belo rosto de Raymond. Depois, tudo desapareceu nas trevas.

CAPÍTULO 1

McCaleb a viu antes que ela o visse. Ia passando pela fileira de luxuosos barcos, na doca principal, quando avistou a mulher na popa do *The Following Sea*.^[1] Eram 10h30 de sábado, e o cálido sussurro da primavera levava muita gente ao porto de San Pedro. Ele estava terminando sua caminhada diária: todo o contorno de Cabrillo Marina, até o molhe, e o percurso de volta. Já ofegante naquela parte da caminhada, diminuiu ainda mais o passo ao se aproximar de sua embarcação. A primeira coisa que sentiu foi irritação: uma mulher subira a bordo sem ser convidada. Mas deixou isso de lado e teve curiosidade de saber quem era e o que queria.

Não usava roupa adequada. O vestido leve e solto chegava até a metade das coxas. A brisa do mar ameaçava erguê-lo, de modo que ela precisava ficar com a mão estendida junto ao corpo para mantê-lo no lugar. McCaleb ainda não vira os pés, mas, a julgar pelas linhas firmes dos músculos das pernas bronzeadas, imaginou que ela não calçava sapatos de navegar. Eram de salto altos. E concluiu de imediato que a mulher viera com o intuito de impressionar alguém.

Ele, ao contrário, não estava vestido para impressionar quem quer que fosse. O jeans rasgado pelo uso, não por questão de moda, e a camiseta do torneio Catalina Gold Cup de alguns anos antes estavam cobertos de manchas — quase todas de sangue de peixe, algumas dele próprio, e de poliuretano e lubrificante. A roupa servia tanto para pescar quanto para trabalhar. Tinha planos de passar o fim de semana consertando o barco e se vestira para isso.

Ficou mais consciente de sua aparência quando, já perto da embarcação, conseguiu ver melhor a desconhecida. Tirou do ouvido o fone do aparelho portátil e o desligou justamente quando Howlin' Wolf cantava *I Ain't Superstitious*.

— Deseja alguma coisa? — perguntou antes de subir a bordo.

A moça se voltou um pouco sobressaltada. Devia ter batido no vidro da porta corredeira que dava para o interior do barco, imaginando que ele se encontrasse lá dentro.

— Eu queria falar com Terrell McCaleb.

Era uma bela mulher de 30 e poucos anos, ou seja, uma década e tanto mais jovem que ele. Tinha qualquer coisa de familiar, mas McCaleb não conseguiu precisar o quê. Uma espécie de *déjà vu*. Mas a impressão desapareceu quase ao mesmo tempo em que surgiu, e ele compreendeu que estava enganado, não conhecia aquela mulher. Era bom fisionomista, e ela, bonita demais para ser esquecida.

Havia pronunciado mal o nome dele, dizendo Mc-CAL-ub em vez de Mc-KAY-Leb, e usara seu prenome formal que ninguém usava, a não ser os repórteres. Foi quando ele começou a compreender o que a levava a bordo. Mais uma alma perdida batendo no endereço errado.

— McCaleb — corrigiu-a. — Terry McCaleb.

— Desculpe. Eu... hã... pensei que estivesse lá dentro. Não sabia se devia ou não subir no barco e bater.

— Mas subiu.

Ela prosseguiu sem fazer caso da observação azeda. Parecia ter ensaiado o que iria dizer.

— Preciso conversar com você.

— É uma pena, porque agora estou ocupado.

McCaleb apontou para a escotilha do fundo do barco, que estava aberta e na qual ela tivera a sorte de não cair, depois mostrou-lhe as ferramentas espalhadas num pedaço de lona no pranchão da popa.

— Passei mais de uma hora procurando o seu barco. Não vou tomar muito do seu tempo. Eu me chamo Graciela Rivers e queria...

— Escute, Srta. Rivers — ele atalhou, erguendo as mãos. — Eu realmente... Leu a meu respeito no jornal, não é?

Ela fez que sim.

— Pois bem, antes que comece a contar a sua história, preciso dizer que não é a primeira pessoa que aparece aqui ou que consegue o meu número de telefone. E vou lhe dizer o que disse a todas as outras. Não estou procurando serviço. Portanto, se pretende me contratar ou quer que eu a ajude em alguma coisa,

lamento, mas não vai ser possível. Não estou interessado nesse tipo de trabalho.

Ela não disse nada e, com isso, despertou em McCaleb uma dolorosa sensação de simpatia, a mesma que despertaram os que tinham vindo antes dela.

— Em todo caso, posso recomendar alguns detetives particulares que conheço. São bons, trabalhadores, e não vão cobrar um preço exagerado.

Aproximou-se da amurada, pegou os óculos de sol, que se esquecera de levar na caminhada, e os colocou, tratando de encerrar a conversa. Mas nem o gesto nem as palavras surtiram efeito.

— O artigo dizia que você era bom. Que detestava quando alguém conseguia fugir.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e deu de ombros.

— Não se esqueça de uma coisa: eu nunca trabalhei sozinho. Tinha parceiros, contava com equipes de laboratório e com toda a cobertura do FBI. É muito diferente quando um sujeito sai por aí, tentando resolver as coisas com a cara e a coragem. Muito diferente. Provavelmente, eu não poderia ajudá-la, mesmo que quisesse.

Vendo-a balançar a cabeça, acreditou que havia conseguido convencê-la, que havia terminado, enfim. Começou a pensar no conserto do distribuidor de um dos motores do barco, que pretendia terminar naquele fim de semana.

Mas estava equivocado.

— Eu acho que pode me ajudar — ela disse. — Talvez ajudar a si mesmo também.

— Não estou precisando de dinheiro. Tenho com que viver.

— Não estou falando em dinheiro.

McCaleb a fitou por um momento antes de prosseguir. Falou com exasperação na voz:

— Não sei o que está querendo dizer com isso. Mas não posso ajudá-la. Já não estou na polícia nem sou detetive particular. Seria ilegal se agisse como se fosse ou se aceitasse pagamento sem uma licença estadual. Se leu a reportagem, deve saber o que aconteceu comigo. Eu não posso nem sequer dirigir. — Apontou para o

estacionamento atrás da fileira de docas e da passagem de pedestres. — Está vendo aquele carro embrulhado feito um presente de Natal? É o meu. Vai ficar apodrecendo lá até que médico me autorize a pegar na direção outra vez. Como quer que eu banque o detetive? De ônibus?

Alheia ao protesto, a moça o encarou com uma expressão resoluta que chegou a enervá-lo. McCaleb não sabia o que fazer para que ela saísse do barco.

— Vou pegar os nomes dos detetives que conheço.

Passando por ela, abriu a porta do compartimento superior, entrou e a fechou novamente. Precisava da separação. Acercando-se das gavetas debaixo da mesa de cartas náuticas, pôs-se a procurar a lista telefônica. Fazia tanto tempo que não a usava que já não sabia onde se encontrava. Olhou pelo vidro da porta e viu a moça caminhar até a popa e encostar os quadris na amurada para aguardar.

O vidro era espelhado, ela não podia vê-lo observando-a. McCaleb tornou a sentir a tensa familiaridade e tentou lembrar-se daquele rosto. Era tão bonito. Um par de olhos escuros e amendoados que pareciam ao mesmo tempo tristes e conhecedores de algum segredo. Ele sabia que se lembraria se a tivesse conhecido ou simplesmente observado alguma vez. Mas não se lembrava. Olhou para as mãos dela em busca de uma aliança. Nenhuma. Mas acertara quanto ao calçado. Sandálias de saltos de cortiça de pelo menos cinco centímetros. O esmalte rosado das unhas dos pés harmonizava com o suave bronzeado da pele. Seria aquela sua aparência habitual ou ela havia se vestido daquele modo para seduzi-lo e levá-lo a aceitar o trabalho?

McCaleb achou a lista telefônica na segunda gaveta e procurou rapidamente os nomes Jack Lavelle e Tom Kimball. Anotou-os, com os respectivos números de telefone, num velho folheto da marina e foi para a porta. A bela moça estava abrindo a bolsa quando ele saiu e estendeu a mão com o papel.

— Anotei dois nomes. Lavelle é policial aposentado, de Los Angeles, e Kimball foi do FBI. Já trabalhei com os dois, não vai se

arrependido. Escolha um e telefone. Diga que fui eu que o indicou. Qualquer um dos dois fará um bom serviço.

Ela não pegou o papel com os nomes. Em vez disso, tirou uma fotografia da bolsa e lhe entregou. McCaleb a apanhou sem pensar. Soube de pronto que estava cometendo um erro. A foto em sua mão era de uma mulher sorridente ao lado de um garotinho que assoprava as velas de um bolo de aniversário. Sete velas. No primeiro momento, ele pensou que fosse um retrato de Graciela Rivers alguns anos mais jovem. Mas logo percebeu que não. A mulher da fotografia tinha rosto redondo e lábios mais finos. Não era bonita como Graciela Rivers. Embora ambas tivessem olhos muito castanhos, os da mulher da foto não eram intensos como os da que estava olhando para ele.

— Sua irmã?

— É. E o filho dela.

— Quem foi?

— Como?

— Quem foi que morreu?

Foi o segundo erro que, somado ao primeiro, envolveu-o ainda mais. No exato momento em que fez a pergunta, McCaleb compreendeu que deveria ter se limitado a insistir para que ela apanhasse os nomes dos detetives e fosse embora.

— Minha irmã. Gloria Torres. Nós a chamávamos de Glory. Esse é o filho dela, Raymond.

Ele balançou a cabeça e tentou devolver a fotografia, mas Graciela não a aceitou. Era evidente que queria que ele perguntasse o que havia acontecido, mas era preciso acabar com aquilo de uma vez.

— Olhe, não adianta — disse ele enfim. — Eu sei o que está fazendo. Comigo não funciona.

— Quer dizer que não se importa?

A raiva o fez hesitar.

— Eu me importo, sim. Você leu a reportagem no jornal e sabe muito bem o que aconteceu comigo. O meu problema sempre foi importar-me demais.

McCaleb tratou de reprimir a irritação e qualquer outro sentimento. Sabia que aquela moça estava consumida por horríveis frustrações. Conhecera centenas de pessoas como ela. Entes queridos que lhes foram arrebatados sem motivo. Nenhuma prisão, nenhum julgamento, nenhuma solução. Algumas acabavam se convertendo em verdadeiros zumbis: a vida irremediavelmente transformada. Almas perdidas. Graciela Rivers era uma delas agora. Devia ser, do contrário não o teria localizado. Ele sabia que por mais que ela dissesse o que bem entendesse, que por mais que o irritasse, não merecia ser ferida com a própria frustração.

— Olhe — disse. — Eu lamento, mas não dá. Não posso fazer nada.

Segurou-a pelo braço e a conduziu de volta ao degrau da doca. Sua pele era quente. Ele sentiu o músculo forte sob a maciez. Tentou novamente devolver-lhe a fotografia, mas ela se recusou a aceitá-la.

— Olhe mais uma vez. Por favor. Só mais uma vez, depois eu o deixo em paz. Diga que não sente nada.

McCaleb sacudiu a cabeça e esboçou um gesto como se dissesse que não fazia diferença para ele.

— Eu era agente do FBI, não psicólogo.

Mesmo assim, ergueu a foto e olhou. A mulher e o menino pareciam felizes. Era uma festa. Sete velinhas. Veio-lhe à lembrança que seus pais ainda estavam juntos quando ele completara 7 anos. Mas a recordação não durou muito. Mais que a mulher, era o menino que lhe chamava a atenção. Como haveria de viver sem a mãe?

— Sinto muito, Srta. Rivers. Sinto mesmo. Mas não posso fazer nada. Pegue a fotografia.

— Eu tenho uma cópia. Sabe como é, duas pelo preço de uma. Achei que ficaria com essa.

Pela primeira vez McCaleb se deu conta de suas emoções. Havia outra coisa em jogo, mas ele não sabia o quê. Olhou bem para Graciela Rivers e teve certeza de que, se desse mais um passo, se fizesse a óbvia pergunta, estaria perdido.

Mas fez.

— Para que ficar com ela se não vou poder ajudá-la?

Ela sorriu com melancolia.

— Porque ela é a mulher que lhe salvou a vida. Pensei que de vez em quando imaginasse como era, quem era.

Ele a encarou durante um bom tempo, porém não foi para Graciela Rivers que de fato olhou. Olhou para si mesmo, procurando na memória e na consciência o que ela acabava de dizer, sem nada encontrar.

— Do que está falando?

Foi o que conseguiu perguntar. Sentia que perdia o controle da conversa, que tudo lhe escapava, tudo resvalando para ela. A emoção o apanhara. E o estava levando.

Graciela ergueu a mão, mas não pegou a fotografia que ele continuava lhe oferecendo. Aproximou-a de seu peito e, com o dedo, traçou a linha da longa cicatriz que a camisa encobria. Ele não tentou impedi-la. Paralisado, deixou-a ir até o fim.

— Seu coração — ela disse. — Era o de minha irmã. Foi ela quem lhe salvou a vida.

CAPÍTULO 2

Ele via o monitor com o canto dos olhos. A tela era toda de grãos prateados e pretos; o coração, um fantasma a palpitar em ondulações, os rebites e tesouras que estancavam os vasos sanguíneos pareciam negros projéteis em seu peito.

— Quase — disse uma voz.

Veio de trás de seu ouvido direito. Bonnie Fox. Sempre calma, segura, profissional. Ele não tardou a ver o contorno sinuoso do aparelho ótico entrando no campo de raios X do monitor, seguindo a trajetória da artéria e mergulhando no coração. Fechou os olhos. Detestava o repuxo, o que diziam que ele não iria sentir, mas que sempre sentia.

— Muito bem, você não devia ter sentido isso — disse ela.

— Eu sei.

— Não fale.

E então chegou. Como um levíssimo fisgar na ponta do anzol: um peixe miúdo a lhe furtar a isca. Ele abriu os olhos e viu o contorno do aparelho ótico, fino como uma linha de pesca, ainda profundamente mergulhado em seu coração.

— Pronto — disse a mesma voz. — Agora vamos sair. Você foi muito bem, Terry.

McCaleb sentiu um tapinha no ombro, mas não pôde virar a cabeça e olhar para a médica. Retirado o aparelho, ela fez um curativo na incisão em seu pescoço e soltou a correia que lhe prendia a cabeça num ângulo extremamente desconfortável. Ele endireitou o pescoço e se pôs a massagear os músculos tensos. A Dra. Bonnie Fox aproximou o rosto sorridente.

— Como está se sentindo?

— Não posso me queixar, agora que acabou.

— Eu já volto. Quero dar uma olhada no exame de sangue e mandar o tecido para o laboratório.

- Preciso falar com você.
- Pois vai falar. Espere um pouquinho.

Minutos depois, duas enfermeiras tiraram do laboratório de cateterização a maca de McCaleb e a empurraram até o elevador. Ele detestava ser tratado como um inválido. Podia andar perfeitamente, mas era contra o regulamento. Após uma biópsia cardíaca, todo paciente era obrigado a ficar em posição horizontal. Os hospitais sempre tinham regulamentos. O Cedars-Sinai devia ser o que mais os tinha.

Desceram ao setor de cardiologia, no sexto andar. Ao atravessar o corredor leste, passaram pelos quartos dos felizes e pelos que estão na fila de espera: os pacientes que já haviam recebido um novo coração e os que ainda aguardavam. Por uma porta aberta, ele viu um menino na cama, o corpo todo ligado por tubos a um pulmão artificial. Havia um homem de terno sentado à cabeceira, os olhos fitos no garoto, mas enxergando outra coisa. McCaleb desviou a vista. Sabia o que estava acontecendo. O menino estava morrendo. O aparelho apenas adiaria o inevitável. Então, o homem de terno — decerto o pai — ficaria olhando com o mesmo ar de perplexidade para o caixão.

Agora estavam em seu quarto. Transferiram-no da maca para a cama e o deixaram a sós. Ele se dispôs a esperar. Sabia, por experiência, que Bonnie Fox podia aparecer só seis horas depois, tudo dependia do tempo que o laboratório demorasse para fazer o exame de sangue e de quando a doutora fosse buscar o resultado.

McCaleb viera preparado. A velha maleta de couro, em que outrora levava o computador com os incontáveis arquivos dos casos em que vivia trabalhando, estava agora repleta das revistas velhas que ele costumava guardar para os dias de biópsia.

Duas horas e meia mais tarde, Bonnie Fox entrou no quarto. McCaleb pôs de lado o exemplar da *Boat Restoration* que estava lendo.

- Puxa, até que não demorou.
- O laboratório anda lento. Como está se sentindo?

— Como se tivessem ficado algumas horas pisando no meu pescoço. Já passou pelo laboratório?

— Já.

— E o resultado?

— Tudo bem. Não há rejeição e todos os níveis parecem bons. Estou muito contente. Pode ser que diminuamos o seu Prednisone daqui a uma semana.

Enquanto falava, ela abriu sobre o criado-mudo o laudo do laboratório e tornou a conferir os bons resultados. Referia-se à mistura de drogas que McCaleb tomava todos os dias. Quando contara pela última vez, ele estava engolindo nada menos que 18 comprimidos de manhã e 16 à noite. O armário de medicamentos do barco não tinha espaço para todos os frascos. Era obrigado a usar um do compartimento de carga, no camarote da frente.

— Que bom — disse. — Estou cansado de fazer a barba três vezes ao dia.

Bonnie Fox dobrou o laudo e pegou a prancheta no criado-mudo. Passou rapidamente os olhos pela lista de perguntas às quais ele tinha de responder toda vez que era internado.

— Teve febre?

— Não, estou ótimo.

— Diarreia?

— Não.

McCaleb sabia, pela insistência naquelas perguntas, que a febre e a diarreia eram os arautos da rejeição orgânica. Media a temperatura pelo menos duas vezes por dia, além da pressão arterial e o pulso.

— Os sinais vitais parecem bons. Incline-se para a frente, por favor.

Ela pôs a prancheta na cama. Tendo aquecido o estetoscópio com a respiração, auscultou-lhe o coração em três lugares diferentes das costas. Depois, mandou-o deitar-se novamente e lhe auscultou o peito. A seguir, colocando dois dedos em sua nuca, tomou-lhe o pulso, ao mesmo tempo que olhava para o relógio. Ficou muito perto dele nesse momento. Estava com aquele perfume de flor de laranjeira que McCaleb sempre associava às velhas. Mas Bonnie Fox

não era velha. Ele ergueu os olhos e começou a observar o rosto dela, enquanto ela olhava o relógio.

— Acha mesmo que a gente deve continuar fazendo isso?

— Não fale.

Por fim, a médica colocou os dedos em seu pulso e tornou a medir as pulsações. Então, pegando outro aparelho na parede, prendeu-o em seu braço e mediu a pressão sanguínea. Fez tudo calada.

— Ótimo — disse ao terminar.

— Ótimo — repetiu ele.

— Continuar fazendo o quê?

Era próprio dela retomar de súbito uma conversa interrompida ou esquecida. Raramente esquecia uma coisa que McCaleb tivesse dito. Bonnie Fox era uma mulher miúda, mais ou menos da idade dele, tinha cabelos curtos e prematuramente grisalhos. Seu jaleco branco chegava quase aos tornozelos, porque fora talhado para uma pessoa mais alta. No bolso do peito estava bordado um contorno do sistema cardiopulmonar, sua especialidade cirúrgica. Ela era extremamente profissional naqueles encontros. Aparentava confiança e cuidado, uma combinação que McCaleb sempre achara rara nos médicos — e tinham sido muitos os médicos nos últimos anos. Ele retribuía a confiança e o cuidado. Gostava dela e nela confiava. Nos recessos mais secretos da mente, chegara a hesitar ao pensar que um dia colocaria a vida nas mãos de uma mulher. Mas a hesitação logo desaparecera, deixando apenas um sentimento de culpa. Chegada a hora do transplante, foi o rosto sorridente dela a última coisa que vira quando o fizeram dormir no pré-operatório. Mas não hesitara nessa ocasião. E tinha sido aquele mesmo rosto sorridente que lhe dera as boas-vindas quando ele retornara ao mundo com outro coração para uma vida nova.

Dois meses após o transplante, McCaleb considerava o fato de não ter tido o menor problema na convalescença uma prova da validade da fé que nela depositara. Nos três anos que se seguiram à primeira vez em que ele entrara em seu consultório, criou-se um vínculo entre ambos que ia muito além do profissional. Tornaram-se bons amigos, pelo menos era no que McCaleb acreditava.

Almoçaram ou jantaram juntos algumas vezes e tiveram incontáveis e divertidas discussões sobre temas que iam da clonagem genética aos julgamentos de O. J. Simpson — McCaleb ganhou cem dólares dela por ocasião do primeiro veredicto, tendo percebido facilmente que sua fé inquebrantável no sistema judiciário a cegava para as realidades raciais do caso. Bonnie Fox não quis apostar no segundo julgamento.

Fosse qual fosse o assunto, quase sempre McCaleb acabava escolhendo a opinião contrária simplesmente porque gostava de polemizar com ela. Agora, Bonnie Fox acrescentava, à pergunta que fizera, um olhar que dizia que estava pronta para mais um confronto.

— Continuar fazendo *isto* — disse ele com um gesto largo que queria abarcar todo o hospital. — Tirando os órgãos de uns para colocar em outros. Às vezes eu me sinto um Frankenstein moderno, com um pedaço de outra pessoa dentro de mim.

— Um pedaço de outra pessoa! Ora, não seja melodramático.

— Mas é o pedaço mais importante, não é? Quando eu estava no FBI, a gente precisava exercitar a pontaria todo ano. Tiro ao alvo, sabe? E a melhor maneira de ganhar pontos era atirar no coração. O círculo ao redor do coração nesses alvos rendia mais pontos que a cabeça. Era chamado de círculo dez. O ponto mais alto.

— Por favor, não vamos recomeçar o debate sobre se estamos querendo agir como Deus. Pensei que o tema já estivesse esgotado.

Ela sacudiu a cabeça, sorriu e o fitou durante alguns segundos. Por fim, o sorriso se apagou.

— Qual é o problema, afinal?

— Não sei. Acho que estou me sentindo culpado.

— De quê? De estar vivo?

— Sei lá.

— Não seja ridículo. Já conversamos sobre isso também. Não tenho paciência para o sentimento de culpa dos sobreviventes. Quais eram as alternativas? Nada mais simples: viver ou morrer. Grande decisão! Do que você pode estar se sentindo culpado?

McCaleb ergueu a mão num gesto de capitulação. Bonnie Fox sempre colocava as coisas de forma objetiva.

— É típico — prosseguiu ela, recusando-se a deixá-lo recuar. — Você passa dois anos esperando um coração, chega ao limite máximo, quase não consegue e, agora, se põe a remoer se devia ter se permitido isso. O que o está incomodando, Terry? Não me faça perder tempo com bobagens.

McCaleb a fitou. Aquela mulher desenvolvera a habilidade de decifrá-lo. Uma habilidade que os melhores agentes do FBI e os melhores policiais também tinham. Ele hesitou e, então, decidiu contar o que o afligia.

— Acho que estou querendo saber por que você não me disse que a mulher que me doou o coração foi assassinada.

A médica ficou visivelmente perturbada. O choque provocado por aquelas palavras se estampou em seu rosto.

— Assassinada? Como assim?

— Assassinada. Ela foi assassinada.

— Como?

— Não sei bem. Parece que foi baleada durante um assalto numa loja de conveniência em Valley. Um tiro na cabeça. Morreu, e eu fiquei com o coração dela.

— Você não devia ter nenhuma informação a respeito do seu doador. Como soube disso?

— A irmã dela me visitou no sábado. Contou tudo... e isso muda muito as coisas, sabe?

Bonnie Fox sentou-se na beira do leito hospitalar e se debruçou sobre ele. Estava muito séria.

— Antes de qualquer coisa, eu não tinha a menor ideia de quem era esse coração. Nunca ficamos sabendo. Ele chegou através da ABSSO, a sigla da Agência de Busca e Solicitação de Sangue e Órgãos. Só comunicaram que havia um órgão disponível com o tipo de sangue compatível com o de um receptor que se encontrava no topo da nossa lista de espera. Era você. E você sabe como a ABSSO trabalha. Assistiu ao filme durante a orientação. Recebemos poucas informações porque é melhor assim. Eu lhe disse exatamente o que sabíamos. Uma mulher de 36 anos, se não me engano. Saúde perfeita, tipo sanguíneo perfeito, doadora perfeita. Só isso.

— Então, desculpe-me. Pensei que soubesse e não quisesse me contar.

— Mas acontece que eu não sabia. Ninguém aqui sabia. Agora, se nós não sabíamos de quem era o coração, como pode essa mulher, a irmã, saber para quem e para onde foi? Como ela o localizou? Pode ser um golpe que estejam querendo...

— Não. É a irmã dela mesmo. Eu sei.

— Sabe como?

— O artigo no jornal da semana passada, na coluna *O que aconteceu a quem*, do *Times*. Dizia que eu tinha recebido o coração no dia 9 de fevereiro e que havia ficado muito tempo na lista de espera porque o meu tipo de sangue era raro. A moça o leu e somou dois mais dois. Obviamente, sabia quando a irmã dela tinha morrido, sabia que o coração havia sido doado e sabia que ela também tinha um tipo raro de sangue. Ela é enfermeira do Santa Cruz e não lhe custou muito concluir que o receptor era eu.

— Mas isso não quer dizer que você esteja com o coração da...

— Ela também mostrou a carta que eu escrevi.

— Que carta?

— Aquela que todo mundo escreve depois. A nota anônima de agradecimento à família do doador. A que o hospital remete. Ela estava com a minha. Eu vi, é a minha. Eu me lembro bem do que escrevi.

— Isso não devia estar acontecendo, Terry. O que ela quer? Dinheiro?

— Não, dinheiro não. Você não percebe? Ela quer que eu descubra quem matou sua irmã. A polícia não descobriu. Já se passaram dois meses, e ninguém foi preso. Ela sabe que vão acabar desistindo. Então, lê a reportagem sobre mim no jornal, sobre o trabalho que eu fazia no FBI. Conclui que fiquei com o coração de sua irmã e imagina que talvez eu possa fazer o que a polícia não conseguiu até agora. Solucionar o caso. Sábado, ela passou mais de uma hora percorrendo as marinas de San Pedro à procura do meu barco. Só sabia o nome dele, pelo jornal. E saiu atrás de mim.

— Que loucura! Qual é o nome dessa mulher? Eu vou...

— Não! Eu não quero que façam nada contra essa moça. Ponha-se no lugar dela, imagine se você tivesse uma irmã e a amasse. Faria a mesma coisa.

Bonnie Fox se levantou, estava com os olhos muito abertos.

— Não está pensando em fazer isso.

Disse-o como uma afirmação peremptória, uma ordem médica. Ele não respondeu, o que não deixava de ser uma resposta. E viu a raiva estampar-se uma vez mais nos olhos dela.

— Escute bem. Você não tem condições de fazer uma coisa dessas. Sofreu um transplante de coração há sessenta dias e não vai sair por aí bancando o detetive.

— Só estou pensando no assunto, está bem? Eu disse a ela que iria pensar. Conheço os riscos. Também sei que já não sou agente do FBI. Seria muito diferente.

Irritada, Bonnie Fox cruzou os braços magros.

— Pois não devia nem pensar. Como médica, eu lhe digo para não fazer isso. É uma ordem. — Mudou o tom de voz, abrandando: — Precisa respeitar o que lhe foi dado, Terry. Uma segunda chance.

— Mas isso também pode ser visto por outro ângulo. Se não fosse por ela, pelo coração dela, eu estaria morto agora. É uma dívida que tenho. E é isso que...

— A única coisa que você devia a ela ou à família dela era a nota de agradecimento que foi enviada. Mais nada. Ela estaria morta de qualquer jeito, independente de quem fosse receber o seu coração. Você está completamente equivocado quanto a isso.

Ele fez que sim, havia compreendido o ponto de vista de Bonnie Fox, mas isso não bastava. Sabia que o fato de uma coisa fazer sentido no âmbito intelectual não significava que seria bem-aceita. Ela lhe adivinhou o pensamento.

— Mas?

— Não sei. É que eu imaginava que, se um dia resolvesse averiguar o que aconteceu, acabaria descobrindo que tinha sido um acidente. Para isso, eu estava preparado. É o que nos contam na orientação, você mesma me contou quando começamos. Que em 99 por cento das vezes trata-se de um acidente com ferimento fatal na

cabeça. Colisão, ou alguém cai da escada ou bate a motocicleta. Mas foi diferente. E isso muda tudo.

— Você não para de dizer a mesma coisa. O que é que muda, afinal de contas? O coração não passa de um órgão... de uma bomba biológica. E continua sendo, seja qual for o modo como o doador morreu.

— Com um acidente eu poderia conviver. Durante todo o tempo que passei esperando, sabendo que alguém tinha de morrer para que eu vivesse, tratei de me preparar para aceitar isso. É que o acidente é uma espécie de coisa do destino, sei lá. Mas um assassinato... O assassinato está vinculado a uma intenção maldosa. Não é uma casualidade. Significa que eu fui beneficiado pela má ação de alguém, doutora, e é isso que torna tudo diferente agora.

Bonnie Fox pôs as mãos nos bolsos laterais do jaleco e ficou alguns momentos calada. McCaleb pensou que finalmente ela estava começando a compreender seu ponto de vista. E acrescentou com voz calma:

— Nisso consistiu a minha vida durante muito tempo. Em perseguir o mal. Era o meu trabalho. E eu era bom nisso, mas, a longo prazo, o mal se mostrou melhor que eu. Consumiu o melhor de mim. Acho que... não, eu sei que foi ele que prejudicou o meu coração. Mas, agora, tenho a impressão de que nada teve sentido porque estou aqui, com um coração novo, uma vida nova, a segunda chance que falou, e a única coisa que me deu esta segunda chance foi o mal, algo repulsivo que alguém fez. — Suspirou longamente antes de continuar: — Ela entrou naquela loja para comprar um doce para o filho e acabou... Olhe, é muito diferente. Eu não consigo explicar.

— Não vejo nenhuma lógica no que você está dizendo.

— É difícil para mim traduzir em palavras. Só sei o que estou sentindo. E vejo muita lógica nisso.

Bonnie Fox estava com ar resignado.

— Olhe, eu sei o que vai querer fazer. Vai querer ajudar essa moça. Mas não está em condições. Fisicamente, de jeito nenhum. E, emocionalmente, depois de ouvir o que você acabou de dizer, duvido que esteja em condições de investigar um simples acidente de carro.

Lembra-se do que eu lhe disse sobre o equilíbrio entre a saúde física e a mental? Uma alimenta a outra. E eu tenho certeza de que o que está passando pela sua cabeça agora vai afetar o seu progresso físico.

— Compreendo.

— Não, isso é o que você pensa. Você está brincando com a própria vida. Se der errado, se começar a ter infecções ou rejeição, não teremos como salvá-lo, Terry. Nós esperamos 22 meses pelo coração que tem agora. Acha que vai aparecer outro com o tipo sanguíneo compatível simplesmente porque você pôs a perder esse aí? Impossível. Eu tenho um paciente aí no corredor, preso a uma máquina. Está esperando um coração que não vai chegar. Podia ser você, Terry. Esta é a sua única oportunidade. Não a desperdice.

Estendeu a mão e a pousou no peito dele. O gesto o lembrou do que Graciela havia feito. E ele sentiu o seu calor.

— Esqueça essa mulher. Trate de se salvar, diga que não.

CAPÍTULO 3

A lua parecia um dos balões que as crianças mantinham no ar, presos por bastões. Os mastros de dezenas de veleiros erguiam-se como para espetá-la ou impedi-la de cair. McCaleb ficou vendo-a flutuar na escuridão do céu até que finalmente fugisse e fosse esconder-se atrás das nuvens, em algum lugar muito acima de Catalina. Um esconderijo bom como qualquer outro, pensou, baixando os olhos para a xícara vazia de café. Tinha saudade do tempo em que ia sentar-se na popa com uma cerveja gelada na mão e um cigarro na outra. Mas os cigarros tinham sido parte do problema e, agora, estavam banidos. E ainda demoraria alguns meses para que a medicação cedesse a ponto de permitir uma dose de álcool na mistura. Por ora, se tomasse uma única cerveja, estaria sujeito ao que Bonnie Fox chamava de ressaca fatal.

McCaleb se levantou e foi para o interior do barco. Primeiro, tentou sentar-se à mesa da cozinha, mas logo, mudando de ideia, ligou o televisor e começou a mudar os canais sem prestar muita atenção ao que estava passando. Desligou-o e se pôs a vasculhar a desordem na mesa de carta náutica, mas descobriu que tampouco ali havia o que lhe interessasse. Ficou na cabine à procura de alguma coisa com que se entreter. Mas nada encontrou.

Desceu a escada rumo ao corredor da frente. Tirou o termômetro do armário de medicamentos, sacudiu-o e o colocou debaixo da língua. Era um instrumento antiquado, um tubo de vidro. O termômetro eletrônico com painel digital, que o hospital fornecera, ainda se encontrava no estojo, no armário. Por algum motivo inescrutável, McCaleb não confiava nele.

Olhando-se no espelho, desabotoou o colarinho e examinou a pequena ferida deixada pela biópsia daquela manhã. Não sararia nunca. Eram tantas as biópsias que, quando a incisão estava prestes a sarar, tornava a ser aberta para outro exame da artéria. Ele sabia

que aquela seria uma marca permanente, do mesmo modo que a cicatriz de 32 centímetros que lhe descia pelo peito. Olhando para si mesmo, pensou no pai. Lembrou-se das marcas permanentes no pescoço do velho. As coordenadas de uma batalha de radiação que servira apenas para prolongar o inevitável.

A temperatura estava normal. Ele lavou o termômetro e o guardou, depois pegou a prancheta com a tabela, que se encontrava pendurada no gancho da toalha, e anotou a data e a hora. Na última coluna, sob a palavra TEMPERATURA, fez mais um rabisco, indicando que não havia alteração.

Depois de pendurar a prancheta, aproximou o rosto do espelho para examinar os olhos. Verdes, quase cinzentos; as córneas apresentavam rachaduras capilares vermelhas. McCaleb recuou e tirou a camisa. O espelho era pequeno, mesmo assim ele conseguia ver a cicatriz rosada, clara, grossa, feia. Sempre fazia isso, avaliava-se. Era porque não se conformava com a atual aparência de seu corpo, com o tanto que ele o havia traído. Cardiomiopatia. Bonnie Fox lhe havia dito que se tratava de um vírus que podia ter passado anos alojado nas paredes de seu coração, simplesmente para florescer ao acaso e alimentar-se do estresse. A explicação pouco significava para ele. Não aliviava a sensação de que o homem que havia sido desaparecera para sempre. Por vezes, quando se via no espelho, ainda tinha a impressão de estar olhando para um estranho, um sujeito abatido, castigado pela vida.

Vestindo a camisa, foi para o camarote dianteiro. Era um cômodo triangular que acompanhava a forma da proa. Havia um beliche duplo a bombordo e uma série de compartimentos no de estibordo. Ele transformara o beliche inferior numa escrivaninha e o superior num depósito de caixas de papelão cheias de pastas de arquivo. Nos lados das caixas liam-se os nomes das investigações. POETA, CÓDIGO, ZODÍACO, LUA CHEIA e BREMMER. Duas delas estavam marcadas com DIVERSOS. McCaleb havia copiado a maior parte dos arquivos antes de deixar o FBI. Era proibido, mas ninguém o impedira. Pastas dos mais diferentes casos, uns já encerrados, outros não. Algumas ocupavam uma caixa inteira, outras eram finas o bastante para ser guardadas juntas. Ele não sabia ao certo por

que copiara tudo. Não havia aberto nenhuma desde que se aposentara. Mas tinha pensado várias vezes em escrever um livro ou, talvez, até mesmo em continuar as investigações dos casos não encerrados. E, no fundo, gostava da ideia de possuir aquela documentação, era o registro físico ou a prova do que ele fizera naquela etapa da vida.

McCaleb se sentou à escrivaninha e ligou a luminária. Seus olhos se detiveram momentaneamente na credencial do FBI que ele portara durante 16 anos. Agora estava encerrada num bloco de acrílico e pendurada na parede, acima da escrivaninha. Ao lado, via-se a fotografia de uma menina com fita no cabelo, sorrindo para a câmera. Tinha sido copiada de um anuário muitos anos antes. McCaleb franziu a testa, tentando desfazer-se da lembrança, e tratou de examinar a desordem na mesa.

Ali estavam espalhadas várias pilhas de papéis, notas fiscais e receitas, havia um arquivo-sanfona cheio de registros médicos, uma pilha de pastas de papel manilha, quase todas vazias, três prospectos de uma marina rival e um exemplar do regulamento da Cabrillo Marina. O talão de cheques encontrava-se aberto, pronto para ser usado, mas ele não tinha disposição para entregar-se à tarefa mundana de pagar contas. Agora, não. Sua inquietude não provinha da mente vazia. O que ele não conseguia era parar de pensar na visita de Graciela Rivers e na súbita mudança que lhe trouxera.

Remexeu na confusão da escrivaninha até encontrar o recorte de jornal que levava a mulher ao seu barco. Havia-o lido no dia da publicação, recortara-o e, depois, tentara esquecê-lo. Mas foi impossível. A reportagem levou uma verdadeira procissão de vítimas ao barco. A mãe cuja filha fora encontrada morta e mutilada na praia de Redondo; os pais de um rapaz que aparecera enforcado num apartamento de West Hollywood; o jovem marido cuja mulher havia saído para uma noitada em Sunset Strip e nunca mais voltara. Havia outros. Toda uma legião de zumbis tornados quase catatônicos pelo padecimento e a traição de sua fé num Deus que não devia permitir que tais coisas acontecessem. McCaleb não os podia consolar, não tinha como ajudá-los. Mandava-os embora.

Só havia concordado em dar a entrevista porque tinha uma dívida com a jornalista. No tempo do FBI, Keisha Russell sempre fora boa para ele. O tipo de repórter que dava mais do que pedia. E telefonara para o barco, um mês antes, para cobrar essa dívida. Tinha sido designada para uma matéria na coluna *O que aconteceu a quem*, que saía aos domingos na seção metropolitana. Como no ano anterior ela havia escrito uma reportagem sobre a situação de McCaleb à espera de um coração, queria atualizá-la agora que finalmente ocorrera o transplante. Ele teria preferido declinar o convite, sabendo que aquilo haveria de perturbar a existência anônima que vinha levando, mas Keisha Russell fez questão de lembrá-lo das tantas vezes em que o ajudara — fosse omitindo os detalhes de uma investigação, fosse publicando-os, conforme McCaleb considerasse mais útil. E ele compreendeu que não tinha escolha. Sempre saldava suas dívidas.

McCaleb tomou a publicação do artigo como a declaração oficial e pública de sua aposentadoria. Geralmente, a coluna era reservada a políticos que haviam desaparecido do cenário local ou a pessoas cujos 15 minutos de fama tinham passado havia muito tempo. De vez em quando falavam num antigo astro da televisão agora convertido em corretor de imóveis ou que encontrara na pintura a sua verdadeira vocação.

Ele desdobrou o recorte e o leu.

Coração novo, vida nova para o ex-agente do FBI

Keisha Russell

DA EQUIPE DO *TIMES*

Era rotineiro ver Terrell McCaleb nos noticiários noturnos de Los Angeles, e suas palavras sempre encontravam espaço na imprensa local. Mas não se tratava de uma rotina agradável para ele nem para a cidade.

Agente do FBI, McCaleb foi a figura mais destacada nas investigações e na perseguição de vários criminosos em série que aterrorizaram a cidade e o Oeste na década passada.

Membro da Unidade de Apoio de Investigações, ele ajudou muito a polícia local. Bem relacionado com a mídia e sempre citado, McCaleb era frequentemente o foco das atenções — fato que às vezes irritava os locais e seus supervisores em Quantico.

Mas faz mais de dois anos que ele não aparece em público. Atualmente, já não porta distintivo nem arma. Diz que nem veste mais o indefectível terno azul-marinho do FBI.

Quase sempre está com um velho jeans e uma camiseta rasgada e é visto restaurando seu pesqueiro de 42 pés, *The Following Sea*. Nascido em Los Angeles e criado em Avalon, perto de Catalina Island, McCaleb mora em seu barco, na marina de San Pedro, mas tem planos de ancorá-lo no porto de Avalon.

Recuperando-se de uma cirurgia de transplante do coração, ele diz que hoje em dia a última ideia que lhe ocorreria seria caçar assassinos em série e estupradores.

Aos 46 anos, garante que deu o coração ao FBI — os médicos dizem que o estresse excessivo permitiu que o vírus provocasse o enfraquecimento quase fatal do órgão —, mas não se arrepende.

“Depois de passar por uma coisa destas, a gente muda muito, e não só fisicamente”, disse numa entrevista na semana passada. “Tudo fica em perspectiva. O tempo do FBI parece agora muito distante. E eu resolvi começar de novo. Não sei bem o que fazer, mas isso não me preocupa. Hei de achar alguma coisa.”

Por pouco McCaleb não conseguiu esse recomeço. Com um tipo sanguíneo encontrado em menos de um por cento da população, precisou esperar quase dois anos por um coração compatível com seu organismo.

“Ele teve muita sorte”, disse a Dra. Bonnie Fox, a cirurgiã responsável pelo transplante. “Provavelmente, nós o teríamos perdido se fosse preciso esperar mais. Ele ficaria muito debilitado para se submeter à operação.”

McCaleb já teve alta e está em atividade quase normal apenas oito semanas após a cirurgia. Diz que só de vez em quando pensa nas estressantes investigações que antigamente o ocupavam.

A lista de casos do ex-agente é um verdadeiro “quem é quem” de um macabro calçadão da fama. Entre os casos em que atuou figuram as investigações do Bandido da Madrugada, do Poeta, assim como a caçada ao Assassino do Código, ao Estrangulador da Orla de Sunset e a Lutero, o Carniceiro, que, depois de preso, ficou conhecido como o Homem do Cemitério, devido a suas visitas aos túmulos das vítimas.

McCaleb passou vários anos traçando perfis na base de Quantico. Especializado nos casos da Costa Oeste, vinha com frequência a Los Angeles dar apoio à polícia local. Por fim, os supervisores da unidade decidiram criar um posto satélite, e ele retornou a sua terra natal, trabalhando no escritório regional do FBI, em Westwood. A mudança o aproximou mais de muitas investigações que requeriam o auxílio do FBI.

Nem todas as investigações tiveram êxito e, finalmente, o estresse cobrou seu tributo. McCaleb sofreu um ataque cardíaco quando estava trabalhando, tarde da noite, no escritório regional. Foi encontrado por um porteiro noturno, que tem o mérito de lhe haver salvado a vida. Os médicos constataram que o agente do FBI sofria de cardiomiopatia avançada — debilitação dos músculos do coração — e o colocaram na lista de transplantes. Enquanto esperava, aposentou-se por invalidez.

Ele trocou o pager do FBI pelo do hospital, e este soou no dia 9 de fevereiro: estava disponível o coração de um doador com o mesmo tipo de sangue. Após seis horas na sala de cirurgia do hospital Cedars-Sinai, o coração do doador passou a bater no peito de McCaleb.

Ele ainda não decidiu o que vai fazer agora — além de pescar. Foi convidado por ex-agentes e antigos investigadores de polícia para trabalhar em escritórios de detetives particulares e empresas de segurança. Mas, por enquanto, está concentrado na restauração do *Following Sea*, um pesqueiro esportivo de vinte anos que herdou do pai. O barco ficou seis anos abandonado, mas agora é o objeto exclusivo da atenção de McCaleb.

“No momento, prefiro ir fazendo tudo aos poucos”, declarou ele. “Não estou muito preocupado com o futuro.”

O ex-agente do FBI não tem muitas queixas, mas, como todo investigador e todo pescador aposentado, lamenta os peixes que fugiram.

“Queria ter solucionado todos os casos”, diz. “Eu detestava quando alguém conseguia escapar. Ainda detesto.”

McCaleb passou alguns instantes examinando a fotografia que acompanhava a coluna. Um velho retrato muitas vezes publicado no tempo do FBI. Ele estava olhando para a câmera com os olhos arregalados.

Quando aparecera para fazer a reportagem, Keisha Russell trouxera consigo um fotógrafo. Porém, McCaleb não se deixou fotografar. Pediu-lhes que usassem um retrato antigo. Não queria que o vissem como estava agora.

Não que houvesse grande diferença, a menos que tirasse a camiseta. Estava uns 15 quilos mais magro, mas não era isso que ele queria esconder. Eram seus olhos. Ele havia perdido aquele olhar penetrante, e isso ninguém devia saber.

Dobrou o recorte de jornal e o jogou num canto. Tamborilou os dedos no tampo da escrivaninha ao mesmo tempo que remoía alguma ideia, depois olhou para o gancho de ferro que prendia o bloco de notas junto ao telefone. Nele estava espetado um pedaço de papel com o número rabiscado a lápis que Graciela Rivers lhe dera.

Nos tempos de agente, ele levava consigo uma reserva ilimitada de ódio pelos homens que estava caçando. Tinha visto pessoalmente o que haviam perpetrado e queria que pagassem por aquelas horríveis manifestações de suas fantasias. As dívidas de sangue tinham de ser pagas com sangue. Era por isso que, na unidade de crimes em série do FBI, os agentes apelidavam sua atividade de “trabalho sangrento”. Não havia outra maneira de descrevê-la. E era assim que funcionava com ele: sentia na pele toda vez que alguém deixava de pagar pelo que havia feito, toda vez que um bandido conseguia escapar.

E sentia na pele o que se passara com Gloria Torres. Estava vivo porque ela fora atingida pelo mal. Graciela tinha contado a história. Sua irmã morrerá unicamente porque havia passado entre um ladrão e a caixa registradora. Uma maneira simples, absurda e horrível de perder a vida. E, de algum modo, isso o deixava em dívida. Com ela e o filho dela, com Graciela, consigo mesmo.

McCaleb pegou o telefone e discou o número rabiscado no papel. Era tarde, mas não queria esperar e duvidava que ela quisesse. A moça atendeu com um sussurro logo ao primeiro toque.

— Srta. Rivers?

— Sim.

— Aqui é Terry McCaleb. Você esteve no meu...

— Sim.

— Prefere que eu ligue outra hora?

— Não.

— Então, escute. Eu queria lhe dizer que... hã... eu estive pensando e prometi telefonar, qualquer que fosse a minha decisão.

— Sim.

Havia um tom esperançoso naquele monossílabo. Tocou-lhe o coração.

— Bem, eu andei pensando. Minha... hã... minha habilidade, acho que se pode dizer assim, minha habilidade não é muito adequada a esse tipo de crime. Pelo que me descreveu, sua irmã foi vítima de uma ocorrência fortuita por motivos financeiros. Um assalto. É diferente, sabe, dos tipos de casos em que eu trabalhava no FBI, os maníacos, os criminosos em série.

— Compreendo.

A esperança havia desaparecido.

— Não, eu não estou dizendo que não vou... bem, que não estou interessado. Telefonei porque pretendo ir à polícia, amanhã, informar-me sobre o caso. Mas...

— Obrigada.

— Não sei se vai dar certo. É o que estou tentando dizer. Não quero lhe dar falsas esperanças. Essas coisas... Sei lá.

— Entendo. Obrigada por estar disposto a fazer isso. Ninguém...

— Bem, eu vou apenas dar uma olhada — disse ele, interrompendo-a. Não queria ouvir tantos agradecimentos. — Não sei até que ponto o pessoal de Los Angeles está disposto a colaborar ou ajudar, mas vou fazer o que for possível. Tenho uma dívida para com sua irmã. Vou tentar.

Ela ficou em silêncio, e ele pediu que fornecesse mais algumas informações sobre a moça assassinada, bem como os nomes dos policiais envolvidos no caso. Conversaram durante uns dez minutos e, quando McCaleb terminou de anotar as informações de que precisava, fez-se um silêncio incômodo entre eles.

— Bem — disse por fim — acho que é isso. Eu telefono se tiver outra pergunta ou se descobrir alguma coisa.

— Muito obrigada.

— Eu é que devo agradecer. Estou satisfeito de poder fazer isso. Espero que sirva para alguma coisa.

— Claro que vai servir. Você está com o coração dela. Ela o guiará.

— É — disse ele, hesitante, sem compreender o que ela estava dizendo nem por que concordava. — Telefono quando puder.

Desligou e ficou alguns momentos com o olhar pregado no aparelho, pensando na última coisa que ela dissera. Depois, tornou a desdobrar o recorte de jornal. Passou um bom tempo examinando seus próprios olhos na fotografia.

Por fim, dobrou o recorte e o escondeu debaixo dos papéis espalhados. Ficou olhando para a menina com o laço no cabelo, depois balançou a cabeça, assentindo. E apagou a luz.

CAPÍTULO 4

Quando McCaleb estava no FBI, seus colegas chamavam aquela parte do trabalho de Tango Radical. Eram os rebuscadíssimos passos de dança que precisavam ensaiar com a polícia local. Tratava-se de uma questão de ego e território. Nenhum cachorro ia fazer xixi no quintal do outro. Só com autorização.

Não existia um único investigador de homicídios em atividade que não tivesse um ego inflado, requisito indispensável para a profissão. Para desempenhá-la, o sujeito precisava saber que era capaz de realizar a tarefa e que era melhor, mais inteligente, mais forte, mais malicioso, mais capaz e mais paciente do que o adversário. Precisava ter absoluta certeza de que sairia ganhando. E, se tivesse alguma dúvida quanto a isso, o melhor era que recuasse e passasse a cuidar de ladrões de galinha, a trabalhar na radiopatrulha ou em qualquer outra coisa.

O problema era que a maioria dos egos do setor de homicídios era de tal modo incontestável, que alguns investigadores chegavam a estender a visão que tinham dos adversários até mesmo aos que se dispunham a ajudá-los — os colegas investigadores, principalmente os agentes do FBI. Nenhum policial de homicídios envolvido num caso emperrado aceitava que talvez outra pessoa — em particular um federal de Quantico — pudesse ajudar e muito menos fazer melhor o trabalho. E a experiência de McCaleb dizia que a última coisa que um policial queria, quando desistia de um caso e o punha na geladeira, era que outro viesse reabri-lo e solucioná-lo, provando que ele estava errado. No tempo em que era agente do FBI, McCaleb raramente fora consultado ou chamado a trabalhar num caso pelo investigador responsável por ele. Era sempre ideia de seu superior, que não estava preocupado com o ego de ninguém nem hesitava em ferir o orgulho alheio. Seu objetivo era esclarecer logo o crime e melhorar as estatísticas do desempenho do setor que

comandava. Então, o FBI era chamado, McCaleb chegava e tinha de dançar com o investigador responsável. Às vezes não passava de um boletim lento, um para lá, dois para cá. Mas, geralmente, era o Tango Radical, com pisões no pé e egos maltratados. Em mais de uma ocasião havia desconfiado de que o policial com quem trabalhava andava sonhando informações ou estava secretamente satisfeito porque ele não conseguia ajudar a identificar um suspeito ou a resolver o caso. Era parte da canina demarcação territorial do universo policialesco. Em geral, a consideração pela vítima ou por sua família nem se encontrava no cardápio. Era, quando muito, a sobremesa. E às vezes não havia sobremesa.

McCaleb tinha certeza de que iria enfrentar um Tango Radical com a polícia de Los Angeles. Pouco importava que estivessem num beco sem saída com a investigação do caso Gloria Torres e precisassem de ajuda. A questão era territorial. E, para piorar as coisas, ele já nem era do FBI. Teria de ir nu, sem o distintivo. E tudo o que levava consigo, ao chegar à Divisão de West Valley às 7h30 de terça-feira, era a maleta de couro e uma caixa de bolinhos. Iria dançar o Tango Radical sem música.

Escolhera aquele horário porque sabia que a maioria dos investigadores começava cedo para terminar cedo. Era a melhor hora para encontrar no escritório os dois policiais incumbidos do caso Gloria Torres. Graciela lhe dera os nomes. Arrango e Walters. McCaleb não os conhecia, mas alguns anos antes, quando estava investigando o caso do Assassino do Código, conhecera o superior deles, o tenente Dan Buskirk. Fora uma relação superficial, e McCaleb não tinha a menor ideia do que Buskirk pensava dele. Em todo caso, achou melhor ajustar-se ao protocolo, começar pelo chefe e, depois, com um pouco de sorte, chegar a Arrango e Walters.

A Divisão de West Valley ficava na Owensmouth Street, em Reseda. Lugar esquisito para um distrito policial. A maior parte das delegacias de Los Angeles situava-se nas regiões violentas, que exigiam maior atenção da polícia. E todas contavam com muros de concreto à entrada para protegê-las de incursões e tiros. Mas a de West Valley era diferente. Não tinha barreiras. O prédio era uma bucólica casa residencial de classe média. De um lado, havia uma

biblioteca, do outro, um parque público, e muitos carros estavam estacionados no meio-fio em frente. Do outro lado da rua, via-se uma série de chalés da grife San Fernando Valley.

McCaleb desceu do táxi, entrou pelo saguão principal, cumprimentou alegremente os policiais fardados atrás do balcão, e rumou para o corredor da esquerda. Não mostrou hesitação. Sabia que ali ficava o escritório dos investigadores porque a maioria dos prédios da polícia da cidade era dividida da mesma maneira.

Os uniformizados não o retiveram, coisa que o encorajou. Talvez fosse por causa da caixa de bolinhos, mas ele preferiu acreditar que era porque ainda conservava pelo menos parte da antiga *aparência* — o andar confiante de um homem com uma arma e um distintivo. Mas não tinha nem uma coisa nem outra.

Ao entrar no escritório dos investigadores, deu com outro balcão. Aproximando-se, debruçou-se, olhou para a esquerda e viu pela janela de vidro o pequeno gabinete que só podia ser do tenente. Estava vazio.

— Pois não?

Ele endireitou o corpo e olhou para o jovem investigador que se levantara de uma escrivaninha próxima e viera ao seu encontro. Provavelmente, um aspirante encarregado das tarefas burocráticas. Em geral usavam os idosos da vizinhança que vinham fazer trabalho voluntário, ou policiais afastados do serviço pesado devido a ferimentos ou problemas disciplinares.

— Eu quero falar com o tenente Buskirk. Ele está?

— Foi a uma reunião no Departamento de Valley. Deseja alguma coisa?

Aquilo significava que Buskirk se encontrava em Van Nuys, o departamento responsável por toda a região. O plano de começar por ele estava comprometido. McCaleb podia ficar esperando ou deixar para mais tarde. Mas ir aonde? À biblioteca? Não havia sequer um bar por perto aonde pudesse ir a pé. Resolveu arriscar com Arrango e Walters. Não queria perder tempo.

— E Arrango e Walters, do homicídios?

O rapaz olhou para o painel de plástico na parede, com uma lista de nomes do lado esquerdo, diante da qual havia uma série de

boxes a serem preenchidos: FOLGA e FORA, assim como FÉRIAS e TRIBUNAL. Mas não havia nenhuma anotação diante dos nomes de Arrango e Walters.

— Vou dar uma olhada. Seu nome?

— Meu nome é McCaleb, mas eles não me conhecem. Diga que é sobre o caso Gloria Torres.

O investigador voltou a sua escrivaninha e digitou três números no telefone. Falou aos sussurros. McCaleb percebeu então que, pelo menos para aquele rapaz, ele não tinha a *aparência*. Meio minuto depois, o policial desligou o aparelho e, sem se dar ao trabalho de levantar-se, disse:

— Ali pelo corredor, primeira à direita.

McCaleb agradeceu com um gesto, pegou a caixa de bolinhos e seguiu a instrução. Ao chegar, prendeu a maleta debaixo do braço para abrir a porta. Mas ela se abriu antes disso. Apareceu um homem de camisa branca e gravata. Sua arma estava num coldre no peitoral, debaixo do braço direito. Mau sinal. Os investigadores raramente faziam uso da arma, muito menos os de homicídios. Sempre que via um investigador de homicídios com um coldre no peitoral, não na cintura, que era bem mais confortável, McCaleb sabia que estava lidando com um ego dilatado. Quase deixou escapar um suspiro.

— Sr. McCaleb?

— Eu mesmo.

— Eu sou Eddie Arrango, em que posso servi-lo? O rapaz da recepção disse que era sobre Gloria Torres.

McCaleb transferiu desajeitadamente a caixa de bolinhos para a mão esquerda a fim de apertar a dele.

— Isso mesmo.

O homem era grandalhão, mais nas proporções horizontais do que nas verticais. Latino, de cabelos pretos salpicados de grisalho. Uns 45 anos e boa constituição física, nenhuma barriga. Combinava com o coldre que usava. Ocupando quase todo o vão da porta, não fez menção de convidá-lo a entrar.

— Há algum lugar onde possamos conversar?

— Conversar sobre o quê?

— Eu vou investigar o assassinato — respondeu McCaleb, pensando na “delicadeza” do policial.

— Puta merda, mais essa! — Arrango sacudiu a cabeça, contrariado. Olhou para trás, depois novamente para ele. — Tudo bem, vamos acabar logo com isso. Vou lhe dar dez minutos, depois eu o jogo na rua.

Voltou-se, e McCaleb o acompanhou, entrando numa sala repleta de escrivaninhas e investigadores. Alguns ergueram os olhos com certa curiosidade pelo intruso, mas a maior parte não se dignou a tanto. O ego dilatado estalou os dedos para chamar a atenção de um investigador sentado a uma escrivaninha perto da parede mais distante. Estava ao telefone, mas, vendo o sinal, fez um gesto com a cabeça. Arrango, então, levou McCaleb a uma sala de entrevistas com uma mesa pequena encostada na parede e três cadeiras. Era menor que uma cela de prisão. Fechou a porta.

— Sente-se. Meu parceiro já vem.

McCaleb escolheu a cadeira mais distante da parede. Significava que o outro, provavelmente, ocuparia a da sua direita, do contrário seria obrigado a comprimir-se atrás dela para se sentar no outro lugar disponível. Um pequeno detalhe que se tornara uma rotina da qual ele nunca abria mão em seus tempos de agente federal: colocar o interlocutor à direita, de modo que tivesse de olhar para ele da esquerda, usando o lado do cérebro que era menos crítico e avaliador. Um psicólogo de Quantico lhe dera a dica, certa vez, numa aula de técnicas de hipnose e interrogatório. McCaleb não tinha certeza de que funcionaria, mas tratou de aproveitar a oportunidade. Achava que iria precisar.

— Não quer um bolinho? — perguntou quando Arrango pegou a cadeira a sua direita.

— Não, não quero bolinho nenhum. Só quero que saia do meu caminho o mais depressa possível. É a irmã, não é? Você está trabalhando para a porra da irmã. Deixe-me ver a carteirinha. Não posso acreditar que ela esteja gastando dinheiro com...

— Eu não tenho licença, se é isso o que está querendo.

Arrango se pôs a pensar, tamborilando os dedos na mesa desgastada.

— Porra, como é abafado aqui dentro. A gente não devia deixar isto fechado assim.

Era um péssimo ator. Disse a sua fala como se estivesse lendo o texto na parede. Levantou-se, regulou o termostato e voltou a sentar-se. McCaleb sabia que acabava de ligar um gravador e uma câmera de vídeo escondidos atrás do condutor de ar acima da porta.

— Vamos ver. Então, você está investigando o homicídio de Gloria Torres, correto?

— Bem, não comecei ainda. Queria primeiro falar com vocês e então ver o que se pode fazer.

— Mas está trabalhando para a irmã da vítima?

— É, Graciela Rivers me pediu para dar uma olhada no caso.

— E não tem licença para atuar como detetive particular no estado da Califórnia, verdade?

— Verdade.

A porta se abriu e entrou o homem para o qual, pouco antes, Arrango fizera um sinal. Sem se voltar para ele, este ergueu a mão aberta para que não o interrompesse. O homem que McCaleb imaginava ser Walters cruzou os braços e se encostou na parede junto à porta.

— Sabe, meu amigo, que neste estado é crime exercer a profissão de detetive particular sem licença? Eu poderia prendê-lo agora mesmo.

— É ilegal, para não dizer imoral, receber dinheiro para fazer uma investigação particular sem a devida licença. Sim, eu sei disso.

— Espere aí. Está querendo dizer que vai trabalhar de graça?

— Exatamente. Como amigo da família. — McCaleb estava se cansando rapidamente daquela farsa e queria chegar logo ao assunto que o levara até lá. — Olhe, será que a gente pode parar com esta palhaçada, desligar o gravador, a câmera, e simplesmente conversar um minuto? Mesmo porque o seu parceiro está encostado no microfone. Não vai gravar nada.

Walters se afastou bruscamente do termostato quando Arrango se virou para constatar que McCaleb tinha razão.

— Por que você não me contou? — reclamou Walters.

— Cale a boca.

— Ora, rapazes, vamos comer um bolinho — ofereceu McCaleb.
— Eu estou aqui para ajudar.

Ainda desconcertado, Arrango tornou a olhar para ele.

— Como é que você sabe do microfone, porra?

— Porque é o mesmo equipamento em todos os escritórios de investigadores da cidade. E eu já estive em quase todos. Trabalhei no FBI. É por isso que sei.

— No FBI? — perguntou Walters.

— Aposentado. Graciela Rivers é uma conhecida. Pediu-me que averiguasse, eu disse que sim. Quero ajudar.

— Qual é o seu nome?

Naturalmente, Walters estava atrasado em tudo, pois acabava de chegar. McCaleb se levantou, apresentou-se e estendeu a mão. Dennis Walters a apertou. Mais moço que Arrango, era pálido e magro. Grande demais, a roupa sobrava no corpo, o que indicava que ele não havia renovado o guarda-roupa desde que sofrerá uma drástica perda de peso. Pelo que se podia ver, não portava arma. Provavelmente, só tirava o revólver da gaveta quando tinha de ir para a rua. O tipo de policial parecido com McCaleb. Sabia que não era a arma que fazia o homem. Já o outro, nem tanto.

— Eu sei quem você é — disse Walters, apontando-lhe o dedo. — Aquele cara. O dos maníacos.

— O que é que você está dizendo? — quis saber Arrango.

— Você sabe, o cara dos perfis. Da equipe de criminosos em série. Foi ele que mandaram para cá. Permanentemente. É que a maioria dos malucos mora aqui. Trabalhou no caso do Estrangulador da Orla de Sunset, no do Assassino do Código, no do cara do cemitério. Um bocado de casos por aqui, não é?

McCaleb fez que sim. Walters estalou os dedos.

— Não publicaram algo sobre você recentemente? No *Times*?

McCaleb fez que sim novamente.

— Há uns quinze dias. Na coluna *O que aconteceu a quem*.

— Isso mesmo. Já sei. Você fez um transplante, não é?

McCaleb confirmou com um gesto. Sabia que a familiaridade aliviava a atmosfera. No fim, voltariam ao que interessava. Walters

permaneceu de pé atrás de Arrango, mas seu olhar desceu para a caixa sobre a mesa.

— Não quer um bolinho, investigador? Seria uma pena desperdiçá-los. Eu ainda não tomei café, mas não vou comer se vocês não aceitarem nenhum.

— Acho que vou aceitar.

Walters se aproximou e, ao abrir a caixa, olhou com ansiedade para o parceiro, cujo rosto era uma pedra. Serviu-se de um bolinho. McCaleb pegou outro, e Arrango, apesar de relutante, acabou imitando-os. Ficaram alguns momentos em silêncio; a seguir, McCaleb tirou o maço de guardanapos de papel que trazia no bolso do paletó. Colocou-os na mesa, e todos os usaram.

— Quer dizer que a aposentadoria do FBI é tão baixa que você teve de arranjar um bico? — perguntou Walters com a boca cheia.

— Não é um bico. Sou conhecido da irmã. Como eu disse, não estou recebendo nada.

— Conhecido? — interferiu Arrango. — É a segunda vez que você diz isso. Até que ponto a conhece, afinal?

— Eu moro num barco lá no porto. Conheci-a na marina um dia. Ela gosta de barcos. Ficamos amigos. Ela descobriu que eu fui do FBI e me pediu que desse uma olhada no caso. Qual é o problema?

Não sabia por que estava encobrindo a verdade a ponto de mentir. Provavelmente, porque não fora com a cara daquele sujeito desde o primeiro minuto e não pretendia revelar sua verdadeira conexão com Gloria Torres e Graciela Rivers.

— Olhe aqui, federal — disse Arrango —, eu não sei o que ela lhe contou, mas foi um assalto numa loja de conveniência. Não tem nada a ver com Charlie Manson, Ted Bundy ou o merda do Jeffrey Dahmer. Nada científico. Foi só um pé de chinelo que pegou uma máscara, uma arma, fumou um pouco de crack e foi descolar uns trocados. Quer dizer, não é o tipo de coisa com que você está acostumado a lidar.

— Eu sei disso — respondeu McCaleb. — Mas prometi averiguar. Foi há... Está fazendo dois meses agora, não? Achei que não iriam se importar se eu desse uma olhada numa coisa com que vocês já não podem estar perdendo tempo.

Walters mordeu a isca.

— Nossa equipe pegou mais quatro casos depois disso, e Eddie está há quinze dias acompanhando um processo em Van Nuys. E o caso Rivers ficou...

— Continua em andamento — atalhou Arrango.

McCaleb olhou de um para outro.

— Certo... Claro.

— E nós não aceitamos amadores em casos em andamento.

— Amadores?

— Você não é agente federal, não é da polícia, não é detetive particular. Para mim, é amador.

McCaleb preferiu não fazer caso do insulto. Calculou que Arrango estava tentando avaliá-lo. E insistiu:

— Esse é o tipo de regulamento que a gente usa quando convém. Você sabe muito bem que eu tenho condições de ajudar. Mas também precisa saber que não estou aqui para passar a perna em ninguém. De jeito nenhum. Qualquer coisa que eu descubra, vocês serão os primeiros a saber. Suspeitos, pistas, o que for. Passo tudo a vocês. Só queria que cooperassem um pouco, mais nada.

— Cooperar? De que jeito? Como disse o meu parceiro que fala demais, nós estamos até aqui de trabalho.

— Me dê uma cópia do material que colheram. E de algum vídeo, se tiverem. Eu sou bom em cenas de crime. Era a minha especialidade. Pode ser que consiga ajudar. É só copiar o que vocês têm aí, e eu desapareço no mesmo instante.

— O que você está querendo dizer é que nós somos uns panacas. Que todas as respostas estão no material que colhemos, mas só você é capaz de encontrá-las porque é federal e os federais são muito melhores do que nós.

McCaleb riu e sacudiu a cabeça. Estava começando a acreditar que devia ter desistido, dado as costas e ido embora assim que topara com aquele machão de coldre no peito. Mas tentou mais uma vez.

— Não, não é nada disso que estou querendo dizer. Não sei se você deixou passar alguma coisa ou não. Já trabalhei muito com a polícia de Los Angeles. Se fosse para apostar, apostaria que não

deixaram escapar nada. Eu só estou dizendo que prometi a Graciela Rivers dar uma olhada. Deixe-me perguntar uma coisa, ela telefona muito para cá?

— A irmã? Não faz outra coisa. Entra semana, sai semana, e eu sempre lhe dou a mesma resposta. Nenhum suspeito, nenhuma pista.

— Você está esperando que aconteça alguma coisa, certo? Algo que dê um impulso no caso.

— Pode ser.

— Pois esta pode ser uma maneira de fazer com que ela lhe dê sossego. Se eu examinar o que vocês têm e, depois, for dizer a ela que estão fazendo o que é humanamente possível, é bem provável que pare de telefonar. Em mim ela acreditaria, porque me conhece.

Nenhum dos dois respondeu.

— O que é que vocês têm a perder? — insistiu McCaleb.

— Primeiro temos de falar com o tenente — disse Arrango. — Não podemos fornecer cópias do nosso material de investigação sem autorização dele. É o regulamento. Aliás, você está perdendo tempo aqui. Devia ter ido falar com ele antes de nos procurar. Devia saber como a coisa funciona. Não seguiu o protocolo.

— Eu sei. Eu o procurei quando cheguei, mas me disseram que ele está no Departamento de Valley.

— É. Mas não deve demorar — disse Arrango, consultando o relógio. — Conte uma coisa, você é mesmo bom em cenas de crime?

— Sou. Se você tiver um videoteipe, gostaria de dar uma olhada.

Arrango voltou-se para Walters e piscou, depois tornou a olhar para McCaleb.

— Nós temos coisa melhor que o videoteipe da cena do crime. Temos o crime. — Empurrou a cadeira e levantou-se. — Vamos. Traga os bolinhos.

CAPÍTULO 5

Arrango abriu a gaveta de uma das muitas escrivaninhas da sala da equipe de homicídios e dela tirou um videoteipe. A seguir, acompanhado dos dois, saiu, foi pelo corredor e entrou pela portinhola do balcão do escritório principal dos investigadores. McCaleb percebeu que estava se dirigindo ao gabinete de Buskirk, ainda vazio. Deixando os bolinhos no balcão, entrou também.

Num canto, havia um armário alto de aço, com rodas, o tipo de móvel usado em salas de aula. O policial abriu as duas portas, e lá dentro havia um televisor e um aparelho de vídeo. Ligou o equipamento e inseriu a fita.

— Olhe bem e conte alguma coisa que a gente ainda não saiba — disse para McCaleb sem olhar para ele. — Então, pode ser que a gente dê uma força para você junto ao tenente.

McCaleb se aproximou, colocando-se em frente ao televisor. Arrango acionou o botão PLAY e não tardou para que aparecesse a imagem em branco e preto na tela, o registro de uma câmera de vigilância instalada no alto da parede de uma pequena loja de conveniência. A tomada era da região do balcão principal, cujo tampo de vidro estava repleto de charutos, máquinas fotográficas descartáveis, baterias e outros artigos. Na base da tela apareciam impressas a data e a hora.

O quadro permaneceu alguns momentos vazio, depois, no canto inferior esquerdo, surgiu a cabeça grisalha do balconista, que se debruçava sobre a caixa registradora.

— Esse aí é Kyungwon Kang, o proprietário — disse Arrango, batendo com a ponta do dedo na tela e deixando nela uma mancha de gordura do bolinho. — Seus últimos segundos nesse indiscernível planeta.

A gaveta da caixa estava aberta. Kang quebrou na quina do balcão o lacre de um rolo de moedas de 25 centavos e as despejou

num compartimento da gaveta. Acabava de fechá-la quando uma mulher entrou no quadro. Uma freguesa. McCaleb reconheceu instantaneamente a moça da fotografia que Graciela Rivers lhe mostrara no barco.

Ao se aproximar, Gloria Torres sorriu e colocou duas barras de chocolate no balcão. Depois, pegou a bolsa, abriu-a e tirou a carteira; o Sr. Kang apertou os botões da registradora.

Com o dinheiro na mão, Gloria ergueu a vista. Nesse momento, outra figura apareceu repentinamente na tela. Um homem com o rosto coberto por uma máscara preta de esqui e vestindo o que parecia um agasalho de moletom da mesma cor. Sem ser notado, colocou-se atrás dela. Gloria continuava sorrindo. McCaleb olhou rapidamente para o horário no vídeo — 22:41:39 — e voltou a acompanhar o que se passava na loja. Teve uma estranha sensação ao observar a cena naquele silêncio surrealista em branco e preto. Por trás, o mascarado colocou a mão direita no ombro dela e, num movimento contínuo da outra mão, encostou o cano de uma pistola em sua têmpora. E puxou o gatilho sem hesitar.

— Bum! — fez Arrango.

McCaleb sentiu um aperto no peito ao ver a bala varar o crânio de Gloria, o sangue a jorrar em borbotões pelos orifícios de entrada e de saída.

— Ela nem soube o que aconteceu — disse Walters calmamente.

Gloria foi jogada para a frente, bateu no balcão e voltou, caindo sobre o bandido que, envolvendo-a com o braço direito, prendeu-a junto a si como um escudo. A seguir, recuando um passo, ergueu novamente a mão esquerda e disparou contra o Sr. Kang. Atingido, o comerciante chocou-se com a parede atrás dele, voltou para a frente e tombou sobre o balcão, quebrando o vidro. Com os braços estendidos, procurou agarrar-se qual um homem prestes a se precipitar num abismo. Por fim, desabou atrás do balcão.

O criminoso deixou cair o corpo inerte de Gloria, cuja parte superior saiu do enquadramento do vídeo; somente sua mão estendida e suas pernas continuaram visíveis. Aproximou-se do balcão, debruçou-se e olhou rapidamente para o Sr. Kang, no chão, que procurava freneticamente alguma coisa numa prateleira baixa,

espalhando dezenas de sacos de papel. O mascarado ficou a observá-lo até que ele finalmente se erguesse com um revólver na mão. Então, com toda a frieza, atirou em seu rosto sem lhe dar a menor chance de usar a arma.

Em seguida, pegou um dos cartuchos expelidos, que havia caído perto do braço do dono da loja. Endireitando o corpo, estendeu a mão e pegou o dinheiro da caixa registradora. Olhou para a câmera. Apesar da máscara, era visível que piscou e disse alguma coisa para a objetiva antes de desaparecer rapidamente no canto esquerdo da tela.

— Está recolhendo os outros dois cartuchos — disse Walters.

— A câmera não tem som? — perguntou McCaleb.

— Não. Não dá para saber o que ele disse.

— Havia só uma câmera na loja?

— Só uma. Kang era pão-duro. Foi o que disseram.

Continuaram observando. O mascarado apareceu uma vez mais no canto da tela ao sair.

McCaleb passara anos lidando com tiras como Arrango. Agiam como se nada os afetasse. Eram capazes de olhar para as piores cenas de crime e fazer uma piada. Puro instinto de sobrevivência. Comportar-se e falar como se aquilo não significasse nada, como se tivessem um escudo. Para não sair machucados.

— Posso ver mais uma vez? — pediu McCaleb. — Em câmera lenta?

— Espere um pouco — disse Walters. — Ainda não acabou.

— O quê?

— O Bom Samuel já vai entrar.

Disse-o com sotaque castelhano: *Sam-well*.

— O Bom Samuel?

— Um mexicano entra na loja, encontra-os e tenta ajudá-los. Consegue manter a mulher viva, mas não pode fazer nada por Kang. Depois, ele sai, vai ao telefone público em frente e... Ali está.

McCaleb voltou a olhar para a tela. O vídeo marcava 22:42:55, e um homem de cabelos pretos e pele morena acabava de entrar. Primeiro, hesitou no lado direito da tela, aparentemente olhando para Gloria Torres; depois, foi até o balcão e olhou por cima. O

corpo de Kang jazia no chão, numa poça de sangue. Dois enormes buracos de bala, um no rosto, outro no peito. Os olhos ainda abertos. Era óbvio que estava morto. O Bom Samaritano se voltou para Gloria. Ajoelhou-se e, aparentemente, debruçou-se sobre a parte superior do corpo, que se encontrava fora de enquadramento. Mas quase imediatamente levantou-se e desapareceu.

— Ele foi procurar gaze numa gôndola — disse Arrango. — Na verdade, fez o curativo com fita crepe e absorvente íntimo. Dos grandes.

O Bom Samaritano retornou e se pôs a cuidar de Gloria, embora tudo se passasse fora da tela.

— A câmera não registrou nenhuma boa tomada desse cara — prosseguiu o policial. — E ele sumiu. Ligou para o 911, e se mandou.

— Não apareceu mais?

— Não. Nós fomos à televisão. Aos noticiários, sabe, pedindo que ele se apresentasse, pois podia ter visto alguma coisa que ajudasse na investigação. Não adiantou. Ele não deu as caras.

— Esquisito.

Na tela, sempre de costas para a câmera, o homem se levantou. Quando estava saindo do enquadramento, olhou rapidamente para a esquerda, deixando ver brevemente o perfil. Tinha bigodes. Então desapareceu.

— Agora ele vai chamar a polícia? — indagou McCaleb.

— O 911 — explicou Walters. — Pediu uma ambulância, e o puseram em contato com o Corpo de Bombeiros.

— Por que ele não se apresentou?

— Nós temos uma teoria — disse Arrango.

— Pode me contar?

— A voz na gravação do 911 tinha sotaque — adiantou-se Walters. — Castelhana. Imaginamos que o cara fosse um imigrante ilegal. Deve ter ficado com medo que descobrísemos e o mandássemos de volta para o seu país.

McCaleb concordou. Era plausível, especialmente em Los Angeles, onde havia centenas de milhares de imigrantes ilegais tratando de evitar as autoridades.

— Espalhamos panfletos nos bairros mexicanos e fomos ao Canal 34 — continuou Walters. — Prometemos que ele não seria repatriado se aparecesse e nos contasse o que viu, mas não adiantou. Acontece muito nesses bairros. Nos seus países, essa gente tem mais medo da polícia que dos bandidos.

— É uma pena — disse McCaleb. — Ele chegou quase na mesma hora, deve ter visto o carro do assaltante, talvez tenha anotado a placa.

— Pode ser — concordou Walters. — Mas não disse nada quando telefonou. Deu só uma descrição escrota do carro, “carro preto, feito um caminhão”, foi assim que o descreveu. E desligou antes que a telefonista pudesse perguntar se ele tinha anotado a placa.

— Podemos ver outra vez? — pediu McCaleb.

— Claro, por que não? — assentiu Arrango.

Rebobinou a fita, e eles assistiram novamente, dessa vez em câmera lenta durante os tiros. McCaleb não tirava os olhos do assaltante quando ele aparecia na tela. Embora a máscara naturalmente lhe escondesse a expressão, havia momentos em que seus olhos eram claramente visíveis. Olhos brutais que nada disseram quando ele baleou as duas pessoas. A cor era indiscernível no filme em branco e preto.

— Santo Deus! — exclamou quando o filme acabou.

Arrango tirou a fita do aparelho e o desligou. Voltou-se e encarou McCaleb.

— Agora fale — disse. — Você é o especialista. Ajude-nos.

Era claro em sua voz o tom de desafio. Pegar ou largar. Tinham voltado à questão territorial.

— Preciso pensar um pouco, talvez ver a gravação mais vezes.

— Conversa — respondeu o policial com desdém.

— Uma coisa eu vou lhe dizer. — McCaleb o encarou. — Não foi a primeira vez. — Apontou para o televisor desligado. — Nenhuma hesitação, nenhum pânico, a rapidez com que entra e sai... a segurança com que maneja a arma, o cuidado de recolher os cartuchos. Esse cara já fez isso mais vezes. Não foi a primeira. E, provavelmente, nem a última. E outra coisa: ele já tinha estado lá. Sabia da câmera, por isso foi de máscara. Quer dizer, é verdade que

muitos desses lugares têm câmara, mas ele olhou diretamente para ela. Sabia *onde* estava. Significa que já tinha estado lá. Ou é do bairro, ou foi lá antes para examinar o local.

Arrango sorriu, e Walters olhou rapidamente de um para outro. Fez menção de dizer alguma coisa, mas o outro o calou com um gesto. McCaleb percebeu que suas observações estavam corretas, eles já sabiam daquilo.

— Quantas outras? — perguntou.

Arrango ergueu então ambas as mãos num gesto de capitulação.

— Isso é tudo por ora. Vamos falar com o tenente primeiro.

— Como assim? — protestou McCaleb, perdendo finalmente a paciência. — Para que me mostrar a fita e parar aí? Deem-me uma cópia. Eu posso ajudar. O que é que vocês têm a perder?

— Eu tenho certeza de que você pode ajudar. Mas nós estamos de mãos atadas. Precisamos conversar com o tenente primeiro, depois entramos em contato com você.

Fez um sinal para que todos saíssem do gabinete. McCaleb chegou a pensar em se recusar, mas achou que não valia a pena. Saiu, Arrango e Walters atrás dele.

— Quando vão entrar em contato comigo?

— Quando der. Deixe o seu número, eu telefono para você.

CAPÍTULO 6

McCaleb ficou esperando o táxi em frente à delegacia. Estava furioso por se haver deixado tapear. Arrango era dos que gostavam de oferecer e negar. E ele conhecia bem aquele tipo de gente — dentro e fora da lei.

Mas não podia fazer nada. Por enquanto, a jogada era do policial. Era tolice esperar que ele lhe telefonasse. Sabia que teria de ligar e pedir retorno. Era a regra do jogo. E resolveu aguardar até a manhã seguinte.

Quando o táxi chegou, fez questão de sentar-se bem atrás do motorista. Não queria conversa. Leu o nome na licença afixada no painel e viu que era russo e impronunciável. Tendo consultado a caderneta de anotações, deu o endereço da mercearia Sherman, em Canoga Park. Rumaram para o norte, pelo bulevar Reseda, entraram no Sherman Way, a oeste, até a esquina da Winnetka Avenue.

O táxi parou no estacionamento em frente ao pequeno estabelecimento. Um mercadinho comum, com vitrines cobertas de anúncios coloridos, exatamente como os milhares que havia na cidade. A única diferença era que haviam resolvido assaltá-lo e, *en passant*, matar duas pessoas para roubar uns trocados. Antes de sair do carro, McCaleb examinou os cartazes. Encobriam boa parte da vitrine e do interior da mercearia. Com certeza, fora por isso que o criminoso o escolhera. Quem passasse de carro por ali, mesmo que olhasse, não veria o que estava acontecendo.

Por fim, ele abriu a porta e desceu. Aproximou-se da vitrine que dava para o estacionamento e pediu ao motorista que esperasse. Ao entrar na loja, ouviu a sineta no alto da porta. O balcão da caixa registradora, que aparecia no vídeo, ficava diante da parede dos fundos, bem em frente à entrada. Havia uma velha ali atrás. Uma asiática. Encarou-o com expressão de medo. Ele imaginou quem devia ser.

Olhando a sua volta como se tivesse entrado com intenção de comprar alguma coisa, viu as prateleiras repletas de guloseimas e pegou uma barra de chocolate, colocando-a no balcão. Notou que o tampo de vidro continuava quebrado. Teve uma sensação ruim ao pensar que estava exatamente no lugar onde Gloria Torres ficara e sorrisa para o Sr. Kang. Com expressão de dor, olhou para a velha e fez um gesto com a cabeça.

— Mais alguma coisa? — ela indagou.

— Não, só isso.

A mulher abriu a caixa registradora, e McCaleb pagou. Reparou em seus movimentos vacilantes. Ela sabia que ele não era do bairro, não era um freguês. Ainda não se sentia à vontade. Provavelmente, nunca se sentiria.

Ao pegar o troco, ele notou o relógio grande no pulso da mulher, com uma pulseira larga, de borracha. Relógio de homem. Fazia com que seu braço magro e aparentemente frágil parecesse ainda menor. Ele já tinha visto aquele relógio. Era o que Kyungwon Kang usava no dia em que morrera. Lembrava-se de ter olhado para o relógio, no vídeo, quando o pobre homem tentara agarrar-se ao balcão ao cair.

— Você é a Sra. Kang? — perguntou.

Ela interrompeu o que estava fazendo junto à caixa e o fitou.

— Sou. Nós nos conhecemos?

— Não. É que... eu soube do que aconteceu. Ao seu marido. Meus pêsames.

— Obrigada. — A seguir, como se precisasse de uma explicação ou de um bálsamo para a sua ferida, continuou falando: — A única maneira de manter o mal do lado de fora é ficar com a porta trancada. Mas não podemos fazer isso. Precisamos trabalhar.

Provavelmente, aquilo era o que havia lhe dito o marido quando ela se mostrara preocupada com a ideia de abrir um negócio numa cidade violenta.

McCaleb agradeceu e saiu; a sineta tocou no alto da porta quando ele passou. Voltando para o táxi, examinou uma vez mais a fachada da mercearia. Era difícil entender. Por que ali? Pensou no vídeo. A mão do assassino tirando o dinheiro da caixa. Não devia ter

sido muita coisa. McCaleb desejou saber mais sobre o crime, conhecer os detalhes.

Chamou-lhe a atenção o telefone na parede, à direita das vitrines. Devia ser o que usara o Bom Samaritano não identificado. Ele se perguntou se haviam colhido impressões digitais ali quando ficara claro que o sujeito não iria se apresentar. Provavelmente, não. Mas agora era tarde. E, de qualquer modo, teria sido difícil.

— Para onde? — quis saber o taxista, o sotaque perceptível naquelas poucas sílabas.

McCaleb se inclinou para a frente a fim de dizer o endereço, mas hesitou. Tamborilou os dedos no plástico do encosto do banco da frente e pensou um momento.

— Deixe o taxímetro ligado. Preciso telefonar primeiro.

Desceu e, tirando uma vez mais a caderneta de anotações, foi para o telefone público. Consultou um número e inseriu o cartão de crédito no aparelho. Atenderam imediatamente.

— *Times*, Keisha Russell.

— Você disse *Times* mesmo? E disse Keisha Russell?

— Disse, engraçadinho. Quem está falando?

— Keisha, aqui é Terry McCaleb.

— Oi! Como vai?

— Tudo bem. Eu queria agradecer o artigo. Aliás, já devia ter telefonado. Achei muito bom, muito bom mesmo.

— Ora, não me venha com essa, seu cara de pau. Ninguém me telefona para agradecer uma matéria.

— Bem, eu não sou tão cara de pau assim. Agora, é verdade que também estou telefonando porque preciso de um favor. Você está com o terminal ligado?

— Eu sabia. Sim, meu terminal está ligado.

— É que estou procurando uma coisa, mas não sei bem como encontrar. Daria para você fazer uma pesquisa para mim? Estou atrás de reportagens sobre um assaltante que atira nas pessoas.

Ela deu uma boa gargalhada.

— Só isso? Será que não tem ideia de quantas pessoas são baleadas em assaltos? Isto aqui é Los Angeles, sabia?

— É, eu sei que foi uma bobagem minha. Mas, e se acrescentarmos com *máscara de esqui*? E talvez só nos últimos 18 meses. Fica mais fácil?

— Pode ser.

Ele a ouviu digitar, acessando a biblioteca computadorizada de arquivos de reportagens do jornal. Com o uso de palavras-chave como *assalto*, *máscara de esqui* e *tiro*, poderia obter todas as reportagens que as contivessem.

— Para que isso, Terry? Você não estava aposentado?

— E estou.

— Não parece. Está fazendo alguma investigação?

— Mais ou menos. Estou ajudando uma amiga, e você sabe como é a polícia de Los Angeles. Fica mais difícil sem o distintivo.

— Do que se trata?

— Ainda não dá uma matéria, Keisha. Mas, se vier a dar, você será a primeira a saber.

Ela suspirou, irritada.

— É o tipo da coisa que eu detesto — protestou. — Afinal, por que haveria de ajudá-lo se você não me deixa sequer decidir se uma coisa é uma matéria ou não? A jornalista aqui sou eu, não você.

— Eu sei, eu sei. O que estou querendo dizer é que prefiro guardar a coisa só para mim até saber no que vai dar. Você vai saber de tudo, prometo. Provavelmente, não vai dar em nada, mas, de um jeito ou de outro, vai ficar sabendo. Conseguiu alguma coisa?

— Consegui — respondeu ela num tom hostil. — Seis casos nos últimos dezoito meses.

— Seis? Quais?

— São seis matérias. Vou ler os cabeçalhos e você me diz se quer que eu acesse os textos.

— Certo.

— Então, lá vai: “Dois tiros em tentativa de assalto”, depois vem “Homem assassinado, assalto em caixa eletrônico” e “Polícia pede ajuda no caso do assalto do caixa eletrônico”. Deixe-me ver, os outros três devem tratar da mesma coisa. Os cabeçalhos são “Proprietário assassinado e cliente baleada em assalto a mercearia”, “Segunda vítima morre; trabalhava no *Times*”... Que coisa! Eu não

soube disso. Preciso ler essa matéria... E a última é "Polícia procura Bom Samaritano". São essas seis.

McCaleb ficou um momento pensando. Seis reportagens, três incidentes diferentes.

— Dá para você acessar as três primeiras e lê-las para mim, se não forem muito compridas?

— Pois não.

Ele a ouviu digitar. Correu os olhos do táxi para a Sherman Way. Era uma avenida de quatro pistas, muito movimentada... mesmo à noite. Será que Arrango e Walters tinham localizado alguma testemunha da fuga do assassino, alguém além do Samaritano?

Examinando o outro lado da rua, avistou um homem num carro no estacionamento de um shopping center. No momento em que ele o notou, o homem ergueu o jornal que estava lendo, e seu rosto desapareceu. McCaleb examinou o carro. Era uma lata velha de fabricação estrangeira, o que o levou a eliminar a hipótese de que Arrango tivesse mandado alguém segui-lo. Nesse momento, Keisha começou a ler a reportagem que aparecia na tela do computador.

— Muito bem, a primeira é do dia 8 de outubro do ano passado. É curta. "Marido e mulher foram baleados, quinta-feira, por um pretenso assaltante que, pouco depois, foi dominado e capturado por um grupo de transeuntes, comunicou a polícia de Inglewood. O casal estava passeando no bulevar Manchester, às 23h, quando um homem com uma máscara de esqui se aproximou e..."

— O cara foi preso?

— É o que diz a matéria.

— Tá, pode deixar de lado. Estou procurando casos não solucionados. Acho.

— Está bem. A outra notícia é de sexta-feira, 17 de janeiro. Cabeçalho: "Homem assassinado, assalto a caixa eletrônico". Não está assinada. Também é curta. "Um homem de Lancaster, que estava tirando dinheiro num caixa eletrônico, foi mortalmente ferido na noite de quarta-feira. Os auxiliares do xerife do distrito de Los Angeles classificaram o caso como de assassinato a sangue-frio. James Cordell, 30 anos, levou um tiro na cabeça, de um assaltante não identificado, que, a seguir, roubou os 300 dólares que ele

acabava de sacar. O crime ocorreu por volta das 22h numa filial do Banco do Estado, na altura do número 1800 da Lancaster Road. A investigadora Jaye Winston informou que o assalto foi registrado em parte pela câmara de segurança do caixa eletrônico, mas não o suficiente para identificar o bandido, que estava com uma máscara preta de esqui, de tricô. No entanto, Winston disse que a gravação revela que não houve confronto, pois Cordell não ofereceu resistência. 'Foi absolutamente a sangue-frio', declarou Winston. 'Esse cara simplesmente chegou, atirou na vítima e levou o dinheiro. Um crime muito frio e brutal. O cara não estava nem aí. Queria a grana.' Cordell caiu em frente à máquina, num local bem iluminado, mas só foi encontrado quando outro cliente chegou, aproximadamente 15 minutos depois. Os paramédicos o declararam morto no local do crime." Aí está, acabou. Quer ouvir a outra?

— Quero.

McCaleb anotara no caderno alguns detalhes da reportagem. Sublinhou três vezes o nome *Winston*. Conhecia Jaye Winston e achava que ela poderia mostrar-se mais disposta a ajudá-lo do que Arrango e Walters. Afinal de contas, não era um Tango Radical. Finalmente, teve a sensação de haver encontrado em quem se apoiar.

Keisha Russell começou a ler a notícia seguinte.

— Bem, é a mesma coisa. Sem assinatura. É curta e foi publicada dois dias depois. "A polícia informou que não há suspeitos do assassinato, ocorrido esta semana, de um homem de Lancaster que estava fazendo um saque num caixa eletrônico. A investigadora Jaye Winston declarou que o departamento deseja entrevistar os motoristas e pedestres que se achavam nas proximidades do número 1800 da Lancaster Road, quarta-feira à noite, e que possam ter visto o assaltante antes do crime. James Cordell, 30 anos, foi assassinado com um tiro na cabeça por um bandido mascarado. Morreu no local do crime. Embora parte do incidente tenha sido registrado pela câmara de segurança da filial do Banco do Estado, a polícia não conseguiu identificar o criminoso devido à máscara que ele usava. 'Em algum momento, o bandido deve ter estado sem ela', disse Winston, referindo-se à máscara. 'Não andou mascarado pela

rua. Alguém deve ter visto esse cara e nós queremos falar com essa pessoa.” Pronto, acabou.

McCaleb não fez nenhuma anotação enquanto ouvia a segunda reportagem. Mas, como estava pensando no que Keisha acabava de ler, não respondeu.

— Terry, você está me ouvindo?

— Estou. Desculpe.

— Serviu de alguma coisa?

— Acho que sim. Talvez.

— E não vai me contar do que se trata?

— Ainda não, Keisha, mas, obrigado. Você será a primeira a saber.

Desligou e tirou do bolso da camisa o cartão de visita que Arrango lhe dera. Não iria esperar até o dia seguinte. Agora tinha uma pista a seguir, contasse ou não com a colaboração da polícia. Enquanto esperava que atendessem ao telefone, olhou para o outro lado da rua. O carro com o homem lendo o jornal tinha desaparecido.

Demoraram a atender e, finalmente, transferiram a ligação para Arrango. McCaleb perguntou se Buskirk já tinha voltado.

— É uma pena, amigão. O tenente já voltou, sim, mas não vai lhe entregar nada.

— É? Por quê? — perguntou McCaleb, tentando dissimular a contrariedade.

— Para falar a verdade, eu não perguntei, mas acho que ficou puto porque você não falou com ele primeiro. Bem que eu lhe disse. Você devia ter respeitado a hierarquia.

— Era meio difícil, ele não estava aí quando cheguei. E eu lhe disse que a primeira coisa que fiz foi procurá-lo. Você contou isso a ele?

— Conte, sim. Acho que ele estava de mau humor, acabava de chegar do escritório de Valley. Com certeza comeram o rabo dele por causa de alguma coisa e ele resolveu comer o meu. Aqui é assim, às vezes. A tal cadeia alimentar. Em todo caso, acho que você teve sorte. Nós lhe mostramos a fita. Já é um bom começo. Não devíamos ter feito isso.

— Um começo. Sabe, é incrível que vocês consigam solucionar alguma coisa com tanta burocracia. Pensei que fosse só no FBI. A gente costumava chamá-lo de Bureau Federal da Inércia. Mas parece que é tudo a mesma porcaria.

— Escute uma coisa, eu não preciso ouvir essa merda. Merda é o que não falta aqui. Meu chefe está pensando que eu o convidei e está puto da vida comigo. A troco de quê? Se você também está querendo ficar puto da vida antes de se despedir, o problema é seu. Contanto que se despeça logo.

— Já estou me despedindo, Arrango. Você só vai ouvir falar de mim quando eu lhe entregar o assassino. E eu vou entregá-lo nas suas mãos.

McCaleb percebeu que estava se gabando à toa assim que terminou de dizer essas palavras. Mas, desde o dia 9 de fevereiro, sabia que já não tinha a menor tolerância com os idiotas.

Arrango respondeu com um riso sarcástico:

— Tudo bem. Fico esperando.

E desligou.

CAPÍTULO 7

McCaleb fez um sinal para o taxista e continuou ao telefone. Pensou primeiramente em ligar para Jaye Winston, mas achou melhor aguardar. Discou o número da enfermaria do setor de emergência do Centro Médico Santa Cruz. Mesmo informada de que a investigação não progredira muito, Graciela Rivers concordou em almoçar com ele. Ficaram de se encontrar na sala de espera do setor, às 11h30.

O hospital ficava num lugar de Valley chamado Mission Hills. No trajeto, McCaleb foi olhando a paisagem pela janela. Não se viam senão shopping centers e postos de gasolina. O motorista estava a caminho da 405, a fim de rumar para o norte.

McCaleb só conhecia Valley por meio dos casos em que trabalhara. Houvera muitos, sendo que a maior parte deles chegara em documentos, fotografias e videoteipes. Fotos de cadáveres à margem da rodovia ou na vertente das montanhas além das planícies do norte. O Assassino do Código atacara quatro vezes em Valley antes de desaparecer feito a neblina matinal.

— O que você é? Policial?

Desviando a vista da paisagem, voltou-se para o espelho retrovisor. Deu com os olhos do taxista fitos nele.

— O que é?

— Por acaso o senhor é da polícia?

McCaleb sacudiu a cabeça.

— Não, eu não.

Tornou a olhar para fora quando o táxi subiu a rampa de acesso à autoestrada. Passaram por uma mulher com um cartaz no peito, pedindo esmola. Outra vítima em potencial.

Na sala de espera, ele se sentou numa cadeira de plástico em frente a uma mulher machucada e o marido. Com dores internas, ela

mantinha os braços cruzados no abdômen e o corpo inclinado para a frente, como para proteger seu sofrimento. O marido se mostrava solícito, perguntava-lhe reiteradamente como estava se sentindo e ia a toda hora ao balcão de recepção para saber quando ela seria atendida. McCaleb ouviu-o perguntar duas vezes em voz baixa: “Que é que você vai dizer a eles?”

E a mulher virava o rosto para o outro lado.

Às 11h45, Graciela Rivers passou pela porta dupla da enfermaria. Propôs que almoçassem na cantina do hospital, pois dispunha de apenas uma hora. Para McCaleb dava na mesma; seu gosto pela comida não voltara desde o transplante. Almoçar ali não faria a menor diferença. Em geral, ele não se importava com o que comia e, às vezes, chegava a esquecer-se das refeições até que a dor de cabeça o lembrasse que estava precisando ingerir alguma coisa.

A cantina encontrava-se quase vazia. Eles levaram as bandejas para uma mesa próxima da janela que dava para um gramado ao redor de uma enorme cruz branca.

— Esta é a única oportunidade que tenho de ver a luz do dia — disse Graciela. — Não há janelas nos quartos da enfermaria. Por isso, sempre gosto de me sentar à janela.

McCaleb concordou com um gesto.

— Antigamente, quando eu trabalhava em Quantico, os escritórios ficavam no subsolo. No porão. Não havia janelas, era tudo úmido. No inverno, a gente congelava, mesmo com a calefação ligada. Eu nunca via o sol. Com o tempo, a gente não aguenta mais.

— Foi por isso que se mudou para cá?

— Não. Não foi por isso. Mas eu imaginei que pelo menos tivesse uma janela. Estava enganado. Me enfiaram num cubículo no ER. Ficava no décimo sétimo andar, mas nada de janela. Acho que é por isso que agora estou morando num barco. Gosto de poder ver o céu o tempo todo.

— O que é o ER?

— Ah, desculpe, é o Escritório Regional. Fica em Westwood. Aquele prédio federal grande, perto do cemitério dos veteranos.

— E é verdade que foi criado em Catalina, como diz o jornal?

— Até os 16 anos. Depois, fui morar com minha mãe em Chicago... Gozado, todo o tempo que passei naquela ilha eu sonhava em ir embora de lá. E agora estou justamente tentando voltar.

— Que pretende fazer?

— Não sei. Meu pai me deixou um ancoradouro. Talvez eu não faça nada. Ou então fique dando banho em minhoca e tomando sol com uma lata de cerveja na mão.

Ele sorriu, ela também.

— Se já tem o ancoradouro, por que ainda não se mudou para lá?

— O barco não está pronto. Nem eu.

— O barco era de seu pai?

Outro detalhe do jornal. Obviamente, ele tinha falado muito de si para Keisha Russell. Mas não lhe agradava que soubessem tão facilmente de sua vida.

— Ele morava no barco. Quando morreu, deixou-o para mim. Eu o guardei em terra durante anos. Agora está precisando de uma boa restauração.

— Quem escolheu o nome? Ele ou você?

— Ele.

Graciela franziu a testa e estreitou o olhar como se tivesse comido algo azedo.

— Por que esse nome? *The Following Sea*? Quer dizer, “o mar seguinte”?

— Não. Quer dizer “a onda seguinte”, ou seja, a onda que se segue, que vem depois.

— Como assim?

— Bem, a onda seguinte é aquela que a gente precisa olhar com atenção, porque vem por trás do barco. Você não a vê chegar. Ela atinge a embarcação pela popa e a vira. Manda-a para o fundo. A regra é: se a gente está navegando em águas de ondas seguidas, precisa ser mais rápido do que elas. Ficar sempre à frente. O nome que meu pai deu ao barco é uma espécie de lembrete. Quer dizer: olhe sempre para trás. Era uma coisa que ele repetia muito quando eu era menino. Mesmo na cidade.

— Na cidade?

— Quando saíamos da ilha. Ele me dizia para olhar sempre para trás. Mesmo em terra.

Ela sorriu.

— Agora que conheço a história, estou gostando do nome. Você sente falta dele?

McCaleb fez que sim, mas não disse nada. O diálogo tomou outro rumo, e ambos se puseram a comer os sanduíches. McCaleb não viera com a intenção de ser o tema da conversa. Depois de algum tempo, começou a informá-la da falta de resultados concretos naquela manhã. Não lhe contou que vira sua irmã sendo assassinada no videoteipe, mas, baseado nos comentários de Arrango, falou de seu palpite que o assassinato de Gloria Torres e Kang tinha relação com pelo menos outro crime. Disse que, em sua opinião, esse outro crime podia ser o assalto ao caixa eletrônico que aparecia nas notícias que Keisha Russell havia lido para ele.

— Que pretende fazer agora? — Graciela perguntou.

— Tirar uma soneca.

Ela se mostrou intrigada.

— Estou quebrado. Faz muito tempo que não ando nem penso tanto assim. Vou voltar para o barco e descansar. Amanhã, começo outra vez.

— Eu lamento.

— Não, não lamenta — sorriu McCaleb. — Você procurava uma pessoa com um motivo para se envolver. Eu tenho um motivo e estou envolvido, mas preciso ir devagar no começo. Você é enfermeira, há de entender.

— Eu entendo. Não quero que se prejudique. Isto tornaria a morte de Gloria ainda mais...

— Compreendo.

Ficaram algum tempo em silêncio; ele retomou a conversa.

— Seu palpite sobre a polícia de Los Angeles estava certo. Acho que eles resolveram parar e esperar que aconteça alguma coisa... provavelmente que esse cara volte a atacar. O certo é que largaram o caso. Está congelado até que alguma coisa o esquente novamente.

— Largaram o caso, mas não querem que você trabalhe nele. Não faz muito sentido para mim.

— É uma questão territorial. A regra do jogo.

— Mas isso não é um jogo.

— Eu sei.

Ele desejou ter dito coisa melhor.

— E o que é que se pode fazer?

— Bom, amanhã cedo, quando eu estiver descansado, vou tentar verificar o outro caso no Departamento do Xerife o que eu acho que se relaciona com o de Gloria. Já tenho o canal para isso. Jaye Winston. Trabalhamos juntos num caso há muito tempo. Deu tudo certo, e eu tenho esperança de que ela me abra uma porta. Pelo menos mais do que o pessoal da polícia de Los Angeles.

Ela não conseguiu dissimular a decepção.

— Graciela — disse McCaleb — não sei se você estava esperando que eu resolvesse isso com um estalar dos dedos, mas é preciso ser mais realista. Isto aqui não é um filme. É a realidade. Em anos e anos de trabalho no FBI, a solução dos casos quase sempre dependia de um detalhe, de uma coisinha à toa à qual não se tinha dado a menor importância no começo. E que acabava sendo a chave de tudo. Às vezes demora para chegar lá, para encontrar esse detalhe.

— Eu sei. Eu sei. Só fico frustrada porque já podiam ter feito mais do que fizeram. Antes, sabe?

— É, quando o...

Ele ia dizer quando o sangue estava fresco.

— O quê?

— Nada. É que quase todos os casos vão ficando mais difíceis com o passar do tempo.

McCaleb sabia que não a ajudava muito ao contar a ela a realidade da situação. Mas era necessário que ficasse preparada para um possível fracasso. Ele fora bem naquele dia, mas nem tanto. E, agora, se dava conta de que, ao aceitar o caso, apenas a deixara à mercê de uma decepção. Seu sonho egoísta de redenção não seria mais que uma nova e dolorosa dose de realidade para Graciela Rivers.

— Esses homens não deram a menor importância — disse ela.

Ele examinou os olhos baixos. Sabia que estava se referindo a Arrango e Walters.

— Mas eu dou.

Terminaram de comer em silêncio. McCaleb empurrou o prato para o lado e a observou olhando pela janela. Mesmo com o uniforme branco de enfermeira e o cabelo preso, Graciela Rivers o perturbava muito. Havia nela um quê de melancolia que ele desejava dissipar. Era assim com a maioria das pessoas. McCaleb a havia detectado até no rosto dos bebês: uma tristeza congênita. Os fatos da vida vinham apenas confirmar a mágoa que traziam do berço.

— Ela morreu aqui? — perguntou.

Graciela fez que sim e tornou a olhar para ele.

— Primeiro foi levada a Northridge, depois a transferiram para cá. Eu estava aqui quando retiraram os aparelhos. Estava com ela.

— Deve ter sido muito duro.

— Todo dia eu vejo gente morrendo na emergência. O pessoal até faz piada para aliviar o estresse, chama esses pacientes de DDV. Dançou de Vez. Mas quando se trata de sua própria... Eu não faço mais piada com essas coisas.

Ele ficou a observá-la quando ela sacudiu a cabeça, tratou de remover aquele pensamento, engatar uma marcha e recompor-se. Algumas pessoas pareciam ter uma quinta marcha para engatar quando era preciso fugir.

— Fale um pouco dela.

— Como assim?

— Foi por isso que eu vim me encontrar com você. Fale dela. Qualquer coisa pode me ajudar. Quanto mais simpatia eu tiver por ela, melhor será o meu desempenho.

Graciela ficou um momento em silêncio, os lábios apertados, tentando resumir sua irmã em poucas palavras.

— Seu barco tem cozinha? — perguntou por fim.

— Como?

— Cozinha. Seu barco não tem cozinha?

— Tem.

— E dá para preparar uma refeição de verdade lá?

— Claro que dá. Mas por que está perguntando?

— Você não quer conhecer minha irmã?

— Quero.

— Então precisa conhecer o filho dela. Tudo que minha irmã tinha de bom ele tem. Basta conhecê-lo.

McCaleb fez um gesto lento, compreendendo.

— O que acha de eu levar Raymond ao seu barco hoje à noite e de prepararmos o jantar? Eu já falei em você, falei no barco, ele quer vê-lo.

McCaleb pensou um pouco e disse:

— Sabe de uma coisa? É melhor deixarmos para amanhã. Assim, eu posso lhe contar da minha visita ao Departamento do Xerife. Talvez tenha algo mais concreto a dizer.

— Tudo bem. Amanhã, então.

— E não se preocupe com o jantar. Eu me encarrego disso.

— Você está virando tudo pelo avesso. Eu é que queria...

— Eu sei, eu sei. Mas isso pode ficar para outra ocasião, na sua casa. Amanhã você vai me visitar, e o jantar é por minha conta, certo?

— Está certo — disse Graciela, contrariada, mas compreendendo que ele não cederia. Depois sorriu. — Amanhã à noite.

Havia muito tráfego na 405, de modo que o táxi levou mais de duas horas para deixá-lo na marina, em San Pedro. O carro não tinha ar-condicionado, e a mistura da poluição da estrada com o cheiro do corpo do motorista provocou nele uma ligeira dor de cabeça.

Ao entrar no barco, McCaleb ligou a secretária eletrônica e descobriu que a única pessoa que lhe havia telefonado desligara sem deixar mensagem. Sentia-se exausto, fazia muito tempo que não tinha tanta atividade física como naquele dia. Doíam-lhe os músculos das pernas e as costas. Foi para a cabine e mediu a temperatura: nada de febre. A pressão arterial e o pulso também estavam normais. Ele anotou tudo na prancheta, depois foi para o camarote, despiu-se e se deitou na cama desarrumada.

Apesar do cansaço, estava com insônia e ficou de olhos abertos. Sua mente se pôs a esmiuçar os acontecimentos do dia e as

imagens do videoteipe. Depois de uma hora tentando enganar-se, levantou-se e foi para a sala. Tirou o caderno do bolso do paletó, que se encontrava jogado numa cadeira e leu todas as anotações que fizera. Nada chamou sua atenção, mas ele se sentiu bem por haver começado a fazer o registro da investigação.

Anotou numa página em branco algumas ideias adicionais sobre o videoteipe e certas perguntas que queria fazer a Jaye Winston no dia seguinte. Partindo do princípio de que os investigadores haviam relacionado os casos, queria saber até que ponto esses vínculos eram sólidos e se os 300 dólares roubados de James Cordell, no primeiro caso, tinham sido realmente tirados da vítima ou do caixa eletrônico.

Largou a caderneta ao se dar conta de que estava com fome. Levantou-se, colocou numa frigideira a clara de três ovos, adicionou pimenta e molho de tomate e fez um sanduíche com pão de forma. Após a primeira mordida, acrescentou um pouco mais de pimenta.

Depois de lavar a frigideira, sentiu-se cansado novamente e com sono. Sabia que agora conseguiria dormir. Tomou um banho rápido, mediu uma vez mais a temperatura e tomou a bateria de medicamentos da noite. Olhando-se no espelho, notou que parecia não fazer a barba há dois dias, muito embora tivesse se barbeado naquela manhã. Era o efeito colateral de um dos remédios. O Prednisone ajudava a combater a rejeição orgânica, mas ao mesmo tempo estimulava o crescimento dos pelos. Ele riu consigo mesmo ao pensar que, no dia anterior, devia ter dito a Bonnie Fox que se sentia como um lobisomem, não como Frankenstein. Estava misturando os monstros. Foi para a cama.

Sonhou em preto e branco. Era sempre assim agora, mas não antes da operação. Ele não sabia o que isso significava. Tinha pedido a opinião da Dra. Fox, porém ela se limitara a dar de ombros.

Sonhou que se encontrava na mercearia. Era um personagem do videoteipe que Arrango e Walters lhe mostraram. Encontrava-se junto ao balcão, sorrindo para Kyungwon Kang. Este também sorriu, se bem que com certa hostilidade, e disse alguma coisa.

— O quê? — perguntou McCaleb.

— Você não merece isso — respondeu o Sr. Kang.

McCaleb olhou para o balcão, para o que acabava de comprar, mas antes que pudesse ver o que era, sentiu na têmpora o aço frio. Voltou-se rapidamente, e deu com o mascarado armado de pistola. Com a lógica e o conhecimento que acompanham os sonhos, McCaleb soube que o homem estava rindo por trás da máscara. Baixando a arma, ele disparou em seu peito; o tiro atingiu o círculo de dez pontos, o do coração. Atravessou-o como se seu peito fosse de papel. Mesmo assim, o impacto o obrigou a recuar um passo, e ele começou a cair em câmera lenta. Não sentiu dor, só uma sensação de alívio. Ao cair, olhou para o assassino e reconheceu os olhos que o observavam pela máscara. Eram os dele mesmo. Então, veio a piscadela.

E ele continuou caindo, caindo.

CAPÍTULO 8

O ruído insistente dos contêineres vazios descarregados no porto de Los Angeles despertou McCaleb antes do amanhecer. Ainda na cama, os olhos fechados mas já acordado, ele imaginou o processo. O guindaste a balançar delicadamente o contêiner do tamanho de um caminhão, a passá-lo do convés do navio ao cais, e o homem em terra dando um pouco mais cedo o sinal para que o soltasse, a gigantesca caixa de aço em queda livre nos últimos noventa centímetros, para enfim produzir aqueles estrondos que sacudiam e sobressaltavam as marinas vizinhas. Em sua imaginação, o homem em terra morria de rir.

— Filhos da puta! — resmungou, já desistindo de dormir e sentando-se na cama. Era a terceira vez que acontecia em menos de um mês.

Consultando o relógio, ele se deu conta de que dormira mais de dez horas. Foi lentamente para a proa e entrou embaixo do chuveiro. Depois de enxugar-se, fez a leitura matinal dos sinais vitais e tomou a infinidade de comprimidos e remédios líquidos prescritos. Anotou tudo na tabela e pegou o aparelho de barbear. Ia espalhar o creme no rosto quando olhou para o espelho e exclamou:

— Puta merda!

Chegou a raspar o pescoço para sentir-se limpo, mas parou ali. Não valia a pena passar o resto da vida — ou, pelo menos, enquanto tivesse de tomar o maldito Prednisone — barbeando-se duas ou três vezes por dia. Ele nunca tinha deixado crescer a barba. O FBI não permitia.

Depois de se vestir, pegou um copo alto de suco de laranja, a lista telefônica, o telefone sem fio, foi para a popa e, sentando-se em uma cadeira de pescador, ficou aguardando o sol. Entre um gole e outro, consultava o relógio à espera das 7h15. Em sua opinião, era a melhor hora para telefonar para Jaye Winston.

O setor de homicídios do Departamento do Xerife ficava em Whittier, do outro lado da cidade. Lá, os investigadores se ocupavam de todos os assassinatos cometidos nas áreas fora do Distrito de Los Angeles e nas diversas cidades da periferia, fornecendo o serviço policial. Uma dessas cidades era Palmdale, onde James Cordell fora assassinado.

Como o setor de homicídios ficava longe, McCaleb achou tolice empreender uma viagem de uma hora de táxi sem saber se Jaye Winston estaria lá quando chegasse. Preferia telefonar às 7h15 a aparecer de repente com uma caixa de bolinhos na mão.

— Esses grandessíssimos filhos da puta!

McCaleb olhou a sua volta e viu um dos vizinhos, Buddy Lockridge, na cabina de seu veleiro. O Hunter de 42 pés, chamado *Double-Down*, ficava a três píeres do *The Following Sea*. E Buddy, de roupão de banho, estava com uma caneca de café quente na mão e os cabelos em pé. Não era preciso perguntar a quem ele chamava de filho da puta.

— É — concordou McCaleb. — Existe maneira melhor de acordar.

— O problema é que eles não deviam ter autorização para trabalhar a noite inteira — respondeu Buddy. — Puta que pariu! É o tipo de coisa que dá para escutar lá em Nova York.

McCaleb se limitou a assentir.

— Eu já falei com eles. Ameacei reclamar na Capitania dos Portos, mas ninguém dá a mínima. Agora estou pensando em fazer um abaixo-assinado. Você assina?

— Assino.

McCaleb consultou uma vez mais o relógio.

— Já sei, está achando que é perda de tempo.

— Não. Só duvido que dê certo. O porto funciona 24 horas por dia. Não vão parar de carregar os navios durante a noite só porque meia dúzia de gatos pingados mandaram um abaixo-assinado.

— É, eu sei. Esses filhos da puta... Queria que uma caixa caísse em cima deles um dia. Para que tivessem uma ideia do que é.

Lockridge era um rato de praia. Surfista velho, vagabundo, vivia de expedientes, prestando pequenos serviços na marina, como consertar ou limpar os cascos dos barcos. Os dois haviam se

conhecido pouco tempo depois que Lockridge instalara o veleiro na marina. McCaleb acordou no meio da noite com um concerto de gaita. Levantou-se, foi investigar o barulho e deu com aquele homem estendido na cabina do *Double-Down*, tocando numa afinação que só ele era capaz de entender com os fones de ouvido. Apesar da reclamação daquela noite, acabaram ficando amigos. Em parte porque não existia vida a bordo na região da marina. Um era o único vizinho permanente do outro. Buddy se encarregou de tomar conta do *Following Sea* quando McCaleb foi para o hospital. Sempre lhe dava carona até a mercearia ou ao shopping center da região porque sabia que ele não podia dirigir. Em troca, este o convidava para jantar uma vez por semana. Geralmente conversavam sobre blues, que ambos apreciavam, discutiam as vantagens dos veleiros sobre os barcos motorizados e, às vezes, abriam uma das caixas de arquivo de McCaleb e solucionavam os casos teoricamente. Lockridge sempre ficava fascinado com os detalhes das histórias do FBI e suas investigações.

— Estou precisando telefonar agora, Bud — gritou McCaleb. — Depois a gente conversa.

— Claro. Vá em frente. Fique à vontade.

Acenou e, enfiando-se pela escotilha, desapareceu na cabina. McCaleb deu de ombros e fez a chamada depois de verificar o número de Jaye Winston na lista. Não demoraram a atender.

— Jaye, aqui é Terry McCaleb. Lembra-se de mim?

Ela tardou um instante a responder.

— Claro que me lembro. Como vai, Terry? Ouvi dizer que você está com motor novo.

— É verdade. Eu estou indo bem. E você?

— Na mesma de sempre, na mesma.

— Escute, você teria um ou dois minutos para mim, se eu passasse por aí daqui a pouco? Queria conversar sobre um caso.

— Você virou detetive particular?

— Não. Só estou fazendo um favor para uma amiga.

— Qual? Quer dizer, qual é o caso?

— James Cordell. O assalto no caixa automático no dia 22 de janeiro.

Jaye Winston deixou escapar uma espécie de grunhido, mas não disse nada.

— O que foi? — perguntou McCaleb.

— Engraçado, o caso estava quase esquecido até agora, e você é a segunda pessoa que telefona para saber dele em dois dias.

Merda, pensou McCaleb. Sabia quem havia telefonado.

— Keisha Russell, do *Times*.

— Isso.

— A culpa é minha. Eu pedi a ela as reportagens sobre Cordell. Mas não contei por quê. Foi por isso que ela telefonou. Estava jogando verde.

— Foi o que imaginei. E me fiz de boba. Mas quem é a amiga que o meteu nisso?

McCaleb explicou que lhe haviam pedido que desse uma olhada no assassinato de Gloria Torres e de que modo ele acabara chegando ao caso Cordell. Reconheceu que não estava recebendo ajuda da polícia de Los Angeles e que ela, Jaye Winston, era a sua única possibilidade de ter acesso a alguma informação. Preferiu não contar que seu novo coração era o de Gloria.

— E então? Acertei? — ele perguntou no fim. — Os casos estão relacionados?

Jaye Winston hesitou, mas acabou confirmando a suposição. Disse também que a investigação estava suspensa no momento, dependia de novos desdobramentos.

— Escute, Jaye, eu estou indo para aí. O que quero é informar-me, talvez dar uma olhada nos relatórios e em algum material que possa me mostrar, depois procurar Graciela Rivers e dizer-lhe que tudo o que era possível foi ou está sendo feito. Não pretendo bancar o herói nem deixar ninguém em situação difícil.

Jaye Winston nada disse.

— O que acha? — perguntou McCaleb enfim. — Tem tempo hoje?

— Não muito. Você pode esperar um momento?

— Claro.

McCaleb ficou aguardando. Deu alguns passos no convés e olhou para a água escura onde flutuava o barco.

— Terry?

— Oi.

— Olhe, eu tenho tribunal às 11h, no centro. Quer dizer que preciso sair daqui mais ou menos às 10h. Dá para você vir antes disso?

— Claro. Lá pelas 9h ou 9h15?

— Isso.

— Certo. E muito obrigado.

— Olhe, Terry, estou fazendo isso porque eu lhe devo uma. Mas não tenho muita coisa. É só um pé de chinelo com uma arma na mão. É a merda dos três delitos, mais nada.

— Como assim?

— Preciso atender o outro telefone. A gente conversa quando você chegar.

Antes de se aprontar para ir, McCaleb saiu à doca e foi até o *Double-Down*. O barco era o patinho feio da marina. Lockridge tinha mais coisas que a embarcação podia comportar. As três pranchas de surfe, as duas bicicletas e o Zodiac inflável ficavam guardados no deque fazendo o barco parecer um galinheiro flutuante.

A escotilha encontrava-se aberta, porém McCaleb não viu nem ouviu nenhuma atividade. Chamou e ficou esperando. Era contra a etiqueta da marina subir a bordo sem ser convidado.

Por fim, a cabeça e os ombros de Buddy Lockridge assomaram na escotilha. Estava vestido e penteado.

— Buddy, o que você vai fazer hoje?

— Como assim? A mesma coisa de sempre. Porra nenhuma. Por quê?

— Olhe, eu vou precisar de motorista durante alguns dias, talvez mais. Se quiser, o emprego é seu. Pago dez dólares a hora, fora as refeições. É bom você levar um livro ou outra coisa, porque vai passar muito tempo esperando.

Buddy saiu da cabina.

— Aonde você quer ir?

— Preciso ir a Whittier. Tenho de sair daqui a 15 minutos. Depois, não sei.

— Para quê? É uma investigação?

McCaleb viu a excitação nos olhos de Buddy. Ele vivia lendo romances policiais e gostava de lhe contar as tramas. Agora era de verdade.

— É, eu estou vendo uma coisa para uma pessoa. Mas não preciso de parceiro, Buddy, só de motorista.

— Tudo bem. Estou nessa. Em que carro?

— Se formos no seu, eu pago a gasolina. Se pegarmos a minha Cherokee, eu viajo atrás, ela tem airbag do lado do passageiro. Você decide. Por mim, tanto faz.

Bonnie Fox o havia proibido de dirigir durante pelo menos nove meses. Seu peito ainda não tinha cicatrizado. A pele já estava curada, mas, por baixo da cicatriz, o esterno continuava aberto. Um choque com a direção ou com o airbag poderia ser fatal, mesmo num acidente em baixa velocidade.

— Bom, eu bem que preferia a Cherokee, mas vamos com o meu — respondeu Buddy. — Eu vou me sentir motorista demais com você no banco de trás.

CAPÍTULO 9

No verão de 1993, encontraram o corpo de uma mulher num enorme afloramento de arenito conhecido como Vasquez Rocks, em Antelope Valley, no norte do Distrito de Los Angeles. O cadáver encontrava-se lá havia muitos dias. O adiantado estado de decomposição não permitiu determinar se houve abuso sexual, mas era de supor. Embora o corpo estivesse vestido, a calcinha estava do avesso e a blusa, mal abotoada — claro indício de que a mulher não se vestira ou o fizera sob coação. A causa mortis foi estrangulamento manual, como ocorria na maioria dos homicídios por motivos sexuais.

Jaye Winston assumiu o assassinato de Vasquez Rocks na qualidade de investigadora-chefe. Como não houve nenhuma prisão a curto prazo, preparou-se para uma investigação mais demorada. Ambiciosa, embora não possuísse um ego dilatado, uma das primeiras providências que tomou foi entrar em contato com o FBI e pedir ajuda. Encaminhada a solicitação para a unidade de criminosos em série, ela teve de preencher os formulários de exame de caso do Programa de Apreensão de Criminosos Violentos da unidade.

Fora pelo PACV que McCaleb ficara conhecendo Jaye Winston. As informações que ela enviou a Quantico chegaram a sua mesa, no Escritório Regional de Los Angeles. Como costumava acontecer no universo da burocracia, o caso atravessou todo o país para ser devolvido praticamente ao seu lugar de origem para acompanhamento.

Por intermédio do banco de dados do computador do PACV — que comparava o teste de oitenta perguntas sobre cada assassinato isolado com os já arquivados — e do estudo do local do crime e das imagens da necrópsia, McCaleb confrontou o caso de Vasquez Rocks com um homicídio ocorrido cerca de um ano antes na região de Sepulveda Pass, em Los Angeles. Os métodos semelhantes, o fato

de haverem jogado o cadáver num dique, além de outros detalhes e nuances, tudo coincidia. McCaleb acreditou que havia um novo criminoso em série em atividade na região de Los Angeles. Em ambos os casos, determinou-se que a mulher ficara dois ou três dias desaparecida antes de morrer. O que significava que o criminoso a mantivera presa e viva nesse período, provavelmente para satisfazer suas horrendas fantasias.

Vincular os casos era só o primeiro passo. Identificar e prender o assassino, a sequência óbvia. No entanto, não havia como prosseguir. McCaleb ficou intrigado com o longo intervalo entre as duas mortes. O Elemento Desconhecido, como o criminoso era oficialmente chamado nos documentos do FBI, demorara onze meses para se deixar dominar novamente por suas fantasias e raptar outra mulher. Para McCaleb, aquilo significava que o fato lhe provocara tal impacto, que sua fantasia pôde alimentar-se essencialmente dele durante quase um ano. O programa de perfis de assassinos em série do FBI mostrava que esse intervalo tendia a tornar-se cada vez menor e que o criminoso não tardaria a procurar uma nova presa.

McCaleb chegara a elaborar um perfil para Jaye Winston, muito embora ambos soubessem que não serviria para muita coisa. Branco, sexo masculino, entre 20 e 30 anos, com emprego e existência modestos. O Elemento Desconhecido também devia ter uma vida pregressa de crimes sexuais e comportamento aberrante. Se esse histórico incluísse reclusão por períodos mais ou menos longos, sua faixa etária podia ser dilatada.

Era sempre a mesma história. Embora em geral bastante precisos, os perfis do PACV raramente levavam à prisão de um suspeito. O perfil entregue a Winston ajustava-se a centenas ou milhares de homens da região da Grande Los Angeles. Portanto, uma vez examinadas e esgotadas todas as pistas, não restava senão esperar. McCaleb anotara esse caso em sua agenda e passara a ocupar-se de outros.

Em março do ano seguinte — oito meses depois do último homicídio — ele topara novamente com a anotação, relera o relatório e telefonara para Jaye Winston. Nenhuma novidade. Não

havia pistas novas nem suspeitos. Ele sugeriu à investigadora que mandasse vigiar os lugares onde haviam sido encontrados os dois corpos e os túmulos das vítimas. Explicou que o assassino estava chegando ao fim do ciclo. Sua fantasia em breve precisaria de “material” novo. A necessidade de recriar a sensação de poder sobre outro ser humano aumentaria a ponto de escapar ao controle. O fato de o Elemento Desconhecido aparentemente haver vestido os dois cadáveres após os assassinatos era um claro sinal do conflito que dilacerava sua mente. Uma parte dele se envergonhava do que fazia — inconscientemente, ele procurava esconder sua ação, tornando a vestir as vítimas. Isso sugeria que, a oito meses do último assassinato, o criminoso devia estar à mercê de uma tremenda agitação psicológica. A urgência de viver uma vez mais a sua fantasia e a vergonha que o ato haveria de trazer eram os dois lados de conflito. Um modo de aplacar provisoriamente a necessidade de matar era visitar os locais dos crimes anteriores, num esforço para nutrir a fantasia. O palpite de McCaleb era que o assassino retornaria aos lugares onde havia abandonado os corpos ou visitaria os túmulos. Isso o aproximaria das vítimas e o ajudaria a resistir ao impulso de matar outra vez.

Jaye Winston se mostrara pouco disposta a montar uma operação de vigilância múltipla com base num palpite do agente do FBI. Porém, McCaleb já tinha recebido autorização para fazer a “vigília” com dois outros agentes. E também apelou para o profissionalismo de Jaye Winston, dizendo-lhe que, se não montasse a vigilância, passaria o resto da vida sem saber se teria dado certo, sobretudo se o Elemento Desconhecido voltasse a atacar. Com semelhante ameaça na consciência, ela procurou o tenente que a chefiava e os colegas da polícia de Los Angeles também envolvidos no caso, e, com a colaboração das três instituições, formou-se uma equipe de vigilância. Ao planejarem a operação, descobriram que ambas as vítimas estavam enterradas no mesmo cemitério, o de Glendale, cerca de cem metros de distância uma da outra. Ao saber disso, McCaleb previu que, se o Elemento Desconhecido aparecesse, seria no cemitério.

E tinha razão. Na quinta noite de vigilância, McCaleb, Jaye Winston e dois outros investigadores, escondidos num mausoléu com vista para ambas as sepulturas, observaram um homem que chegou numa perua, desceu e pulou o portão trancado. Levando um volume debaixo do braço, aproximou-se do túmulo da primeira vítima, passou uns dez minutos imóvel diante dele, depois dirigiu-se ao da segunda. Seus movimentos denotavam conhecimento anterior do lugar de ambas as sepulturas. Na segunda, ele desenrolou o saco de dormir que levava debaixo do braço, estendeu-o sobre a laje e se deitou, apoiando-se na lápide. Os policiais não o perturbaram. Registraram sua visita com uma câmara de vídeo de lente infravermelha. Depois de algum tempo, ele abriu a calça e se masturbou.

Antes de voltar à perua, o homem já tinha sido identificado pelo número da placa. Luther Hatch, um jardineiro de 38 anos, de North Hollywood. Fora solto quatro anos antes, depois de cumprir pena de nove, no Presídio Folsom, por estupro.

O elemento já não era desconhecido. Hatch tornou-se o suspeito principal. Subtraindo-se os anos passados na cadeia, o perfil do PACV ajustava-se perfeitamente a ele. Passou três semanas sendo vigiado dia e noite — inclusive em duas outras visitas ao cemitério de Glendale — até que, finalmente, uma noite, os investigadores interferiram quando ele estava tentando obrigar uma moça a sair da galeria Sherman Oaks e entrar em sua perua. Lá dentro, os policiais encontraram fita adesiva e pano cortado em pedaços de um metro e vinte. Com um mandado de busca em mãos, revistaram todo o veículo, assim como o apartamento de Hatch. Colheram cabelos, fibras e outras evidências materiais mais tarde vinculadas ao DNA e a outras análises científicas das duas mulheres assassinadas. Logo apelidado de o “Homem do Cemitério” pela imprensa local, Hatch foi ocupar o seu lugar no panteão dos assassinos em série que tanto fascinavam o público.

A habilidade e os palpites de McCaleb ajudaram Jaye Winston a solucionar o caso. Era um dos sucessos de que ainda se falava em Los Angeles e em Quantico. Na noite em que prenderam Hatch, a equipe de vigilância saiu para comemorar. Num breve intervalo de

silêncio em meio à conversa animada no bar, Jaye Winston se voltou para McCaleb e disse:

— Esta eu fico lhe devendo. Nós todos ficamos.

Buddy Lockridge se vestira para o trabalho de motorista de Terry McCaleb como para ir a uma boate em Sunset Strip. De preto dos pés à cabeça e com uma pasta de couro preto na mão. Parado na doca, perto do *Double-Down*, McCaleb ficou olhando fixamente para aquele conjunto sem dizer uma palavra.

— Qual é o problema?

— Nada, vamos.

— Tudo bem?

— Tudo bem, mas eu não sabia que você iria se vestir assim para passar o dia inteiro sentado num carro. Não vai ser desconfortável?

— Claro que não.

— Então, vamos.

O carro de Lockridge era um Ford Taurus prateado de sete anos, porém bem conservado. A caminho de Whittier, ele tentou três vezes descobrir que investigação era aquela, mas ficou sem resposta. Por fim, McCaleb conseguiu cessar o interrogatório, provocando-o com a eterna discussão sobre o mérito dos veleiros contra o dos barcos a motor. Chegaram ao Departamento do Xerife em pouco mais de uma hora. Lockridge parou o Taurus numa vaga para visitantes e desligou o motor.

— Não sei quanto tempo vou demorar — disse McCaleb. — Espero que tenha trazido a gaita ou alguma coisa para ler.

— Não quer que eu entre com você?

— Olhe aqui, Bud, você está confundindo as coisas. Eu não preciso de parceiro. Só quero uma pessoa que me leve de um lugar a outro. Gastei ontem mais de cem dólares em táxi. Achei preferível dar esse dinheiro a você. Agora, se for para ficar me fazendo perguntas...

— Certo, certo — atalhou Lockridge, erguendo as mãos em sinal de capitulação. — Eu vou ficar quietinho aqui lendo o meu livro. Não pergunto mais nada.

— Ótimo. Até mais tarde.

McCaleb entrou no escritório da equipe de homicídios pontualmente e encontrou Jaye Winston a sua espera na área da recepção. Era uma bela mulher, pouco mais velha que ele. Loura, tinha os cabelos muito lisos, cortados acima dos ombros. Era magra e trajava tailleur azul-marinho e blusa branca. Fazia quase cinco anos que ele não a via, desde a noite da comemoração da prisão de Luther Hatch. Cumprimentaram-se, e Jaye Winston o levou a uma sala de reuniões com uma mesa oval e seis cadeiras. Numa mesa menor, junto à parede, via-se uma cafeteira elétrica. A sala estava vazia. Na mesa maior havia uma pilha de documentos e quatro videocassetes.

— Quer um café?

— Não, obrigado.

— Então, vamos começar. Eu só tenho vinte minutos. — Sentaram-se um em frente ao outro. Jaye Winston apontou para a pilha de papéis e os vídeos. — É seu. Mande copiar tudo quando você telefonou.

— Caramba! Você está brincando? Obrigado.

Com ambas as mãos, McCaleb puxou os papéis e os videoteipes para junto do peito como um homem que acabasse de ganhar todas as fichas num jogo de pôquer.

— Telefonei para Arrango — prosseguiu a mulher. — Ele me aconselhou a não trabalhar com você, mas eu lhe contei que você era o melhor agente que eu conhecia e que lhe devia uma. Ele não gostou, mas vai acabar se acalmando.

— Aí também há material da polícia de Los Angeles?

— Há, nós trocamos cópias de todo o material de que dispomos. Faz algumas semanas que não recebo nada de Arrango, mas deve ser porque não há novidades. Acho que isso aí é bem atual. O problema é que toda essa papelada e esses vídeos não serviram para nada até agora.

McCaleb dividiu a pilha de relatórios ao meio e começou a examiná-los. Ficou claro que cerca de dois terços do material tinham sido gerados pelos investigadores do xerife, e o resto, pela polícia de Los Angeles. Ele apontou para os videoteipes.

— E isso?

— São os dois locais e os dois crimes. Arrango me disse que já lhe mostrou o assalto à mercearia.

— É.

— Bem, no nosso há menos ainda. O bandido só aparece por alguns segundos. O suficiente para sabermos que estava de máscara. Em todo caso, está aí para você ver, se quiser.

— Uma coisa: o cara tirou o dinheiro da máquina ou da vítima?

— Da máquina, por quê?

— Talvez eu possa usar isso para conseguir a ajuda do FBI, se for necessário. Tecnicamente, significa que o dinheiro foi roubado do banco, não da vítima. É crime federal.

Jaye Winston assentiu. Havia entendido.

— Como foi que vocês vincularam os dois casos? Balística? — perguntou McCaleb, sabendo que não tinha muito tempo e procurando extrair o máximo possível.

— Eu já estava trabalhando no meu caso e, algumas semanas depois, li no jornal sobre o outro. Parecia o mesmo. Telefonei para Los Angeles e marcamos um encontro. Você vai ver se assistir aos vídeos, Terry. Não há dúvida. A mesma maneira de agir, a mesma arma, o mesmo cara. A balística só confirmou o que já sabíamos.

— Não entendo por que o cara pegou todos os cartuchos se sabia que a pista era essa. Que arma ele usou?

— Nove milímetros, reforçada, toda revestida com metal. É sempre bom recolher os cartuchos. No meu caso, o tiro atravessou a vítima e nós tivemos de extrair o projétil de uma parede de concreto. Provavelmente, ele esperava que ficasse muito deformada para a comparação balística. Por isso, fez o dever de casa e pegou os cartuchos.

McCaleb fez um gesto afirmativo, notando na voz dela o desprezo que sentia pelo criminoso.

— Em todo caso, isso não tem muita importância — continuou Jaye Winston. — Como eu disse, é só dar uma olhada nas fitas. É o mesmo cara. A gente não precisa da balística para saber.

— Quem ficou com as provas?

— Nós. A polícia de Los Angeles está um pouco mais sobrecarregada. Concordamos em ficar com todas as provas, uma vez que o nosso caso foi o primeiro. Já mandei fazer as pesquisas de rotina, sabe, procurar as semelhanças, mas não acharam nada. Parece que são só esses dois casos. Por enquanto.

Ele reparou que Jaye Winston consultou o relógio.

— Você mesma está trabalhando nisso?

— Agora estou. Fiquei com a chefia, e Dan Sistrunk é meu parceiro. Você o conhece?

— Ah, não é um dos que estavam no mausoléu aquela noite?

— É, na vigilância de Hatch. Ele estava lá. Pois é, nós trabalhamos juntos nisso, mas surgiram outras coisas. Outros casos. É todo meu agora. Muita sorte, não acha?

McCaleb sorriu para ela. Sabia como era. Se uma equipe não conseguia solucionar logo um caso, entregavam-no a um só policial.

— Você não vai ter problemas por me entregar esse material?

— Não. O capitão sabe o que você fez por nós no caso Lisa Mondrian.

Lisa Mondrian era a mulher encontrada em Vasquez Rocks. McCaleb achou curioso que Jaye Winston se referisse a ela pelo nome. Curioso porque a maior parte dos policiais que ele conhecia procurava despersonalizar as vítimas. Facilitava a vida.

— Naquele tempo, o capitão era o tenente — disse Jaye Winston.

— Sabe que devemos uma a você. Nós conversamos, e ele me mandou entregar-lhe o material. Eu só queria poder retribuir de maneira melhor. Não sei o que vai conseguir fazer com isso, Terry. Estamos esperando.

Querida dizer que estavam esperando que o criminoso atacasse outra vez. Infelizmente, era quase sempre necessário sangue fresco para se solucionar um caso.

— Bem, eu vou ver o que dá para fazer com isto. Pelo menos tenho com que me ocupar. O que você quis dizer, ao telefone, quando falou na história dos três delitos?

Jaye Winston franziu a testa.

— Está acontecendo cada vez mais. Desde que entrou em vigor a lei dos três delitos em Sacramento. Não sei se chegou a

acompanhar. A lei diz que, com três condenações por três crimes consecutivos, o cara está ferrado. Prisão perpétua automática, sem condicional.

— Sim. Eu já sabia.

— Pois bem, essa lei só serviu para que os filhos da puta ficassem mais cautelosos. Antigamente, só roubavam; agora, também eliminam as testemunhas. A ideia dos três delitos visava inibir os crimes. Pois saiba que agora temos um monte de gente morta como James Cordell e os dois da mercearia.

— Você acha que é isso o que esse cara anda fazendo?

— Parece. Você viu o videoteipe. Ele não hesitou. O sacana já sabia o que ia fazer quando entrou naquele caixa eletrônico e na mercearia. Não queria testemunhas. Esse é o meu palpite. Quando tenho tempo, fico examinando os arquivos à procura de criminosos com dois ou mais casos nas costas. Acho que o mascarado é um deles. Devia ser assaltante. Agora é assaltante e assassino. Evolução natural.

— E ainda não encontrou nada?

— Nos arquivos não. Mas se eu não o encontrar, ele me encontra. Esse sujeito não é do tipo que se regenera de uma hora para outra. E o fato de estar matando as pessoas por algumas centenas de dólares mostra que não quer voltar para a cadeia em hipótese alguma. Disso eu tenho certeza. Ele vai atacar de novo. Até me surpreende que ainda não tenha atacado... já faz dois meses que assaltou pela última vez. Mas, quando isso acontecer, pode ser que escorregue, e nós o pegamos. Cedo ou tarde, nós o pegamos. Eu garanto. A minha vítima tinha mulher e duas filhinhas. Eu vou pegar esse merda.

McCaleb concordou. Gostava daquela dedicação movida a indignação. Bem diferente de Arrango. Ele começou a juntar os documentos e fitas e disse a Jaye Winston que telefonaria depois de examinar o material. Provavelmente, dentro de alguns dias.

— Não se preocupe — disse ela. — Qualquer coisa que você fizer pode ser útil.

Ao voltar para o Taurus, McCaleb encontrou Buddy Lockridge estendido no banco do carro, praticando desleixadamente um blues na gaita e ao mesmo tempo lendo um livro aberto no colo. McCaleb abriu a porta do lado direito e esperou que o outro recolhesse as pernas. Quando finalmente entrou, viu que o amigo estava lendo um romance intitulado *O inspetor Imanishi investiga*.

— Até que não demorou — disse Buddy.

— É, não havia muito o que dizer.

Colocou a pilha de relatórios e os videocassetes no chão, entre seus pés.

— O que é isso?

— Um material que eu preciso estudar.

Lockridge se inclinou e olhou para a primeira página. Era um boletim de ocorrência.

— James Cordell — leu em voz alta. — Quem é?

— Buddy, eu estou começando a achar que...

— Já sei, já sei.

Endireitou o corpo e ligou o motor. Não fez mais nenhuma pergunta sobre os documentos.

— E agora, para onde vamos?

— Vamos voltar. San Pedro.

— Você não disse que iria precisar de mim por alguns dias? Está bem, eu prometo não fazer mais perguntas.

Havia um leve tom de protesto em sua voz.

— Não é isso. Eu ainda preciso de você. Mas, agora, preciso voltar e ler este material!

Desanimado, Buddy jogou o livro sobre o painel, guardou a gaita no porta-luvas e engatou a primeira.

CAPÍTULO 10

Na sala havia mais luz natural do que embaixo, no camarote transformado em escritório. McCaleb resolveu trabalhar ali. Havia também um televisor e um aparelho de vídeo na estante. Tirou o pó da mesa de cartas náuticas, limpou-a com uma esponja úmida, enxugou-a com um papel-toalha e sobre ela colocou a pilha de documentos que Winston lhe entregara. Tirou da gaveta um bloco de papel, um lápis bem apontado, e também os colocou sobre a mesa.

Decidiu que o melhor seria examinar o material cronologicamente, ou seja, começar pelo caso Cordell. Tendo deixado de lado os documentos referentes ao assassinato de Gloria Torres, separou o restante em pilhas menores, relativas às investigações iniciais e ao inventário das provas, às entrevistas, às pistas que não levaram a nada, aos relatórios mistos, ao levantamento de fatos e aos resumos semanais.

No tempo do FBI, McCaleb tinha o hábito de esvaziar totalmente a escrivaninha e nela espalhar a papelada que iria estudar. Os casos provinham de todos os departamentos de polícia do Oeste. Alguns enviavam verdadeiros calhamaços, outros, pastas finas com poucas folhas de papel. Ele costumava solicitar videoteipes do local do crime. Grossas ou finas, as pastas eram sempre a mesma coisa e lhe provocavam ao mesmo tempo fascínio e repulsa. A sós no escritório, o casaco pendurado atrás da porta, o revólver na gaveta, ele lia com raiva e desejo de vingança. Esquecia-se de tudo, concentrando-se unicamente no material a sua frente. Trabalhava muito bem à escrivaninha. Um dos melhores agentes nos momentos de ação, era, sem dúvida, o melhor de todos à escrivaninha. E sentia uma emoção íntima e secreta toda vez que abria uma pasta e iniciava a caçada a um malfeitor. Agora experimentava a mesma emoção.

James Cordell estava muito bem de vida. Tinha família, uma bela casa, automóveis, boa saúde e uma renda alta o bastante para que sua mulher pudesse dedicar-se integralmente às duas filhas. Engenheiro, era dono de uma firma contratada pela administração pública para manter a integridade estrutural do sistema de aquedutos que conduzia a água da neve derretida nas montanhas, no centro do estado, para os reservatórios que serviam à rede do sul da Califórnia. Morava em Lancaster, a nordeste do Distrito de Los Angeles, a cerca de uma hora e meia de carro de qualquer ponto dos aquedutos de concreto. Na noite de 22 de janeiro, estava voltando para casa após um longo dia de inspeção no segmento de Lone Pine. Como era dia de pagamento, parara na agência regional do Banco do Estado, a pouco mais de um quilômetro de casa. Seu cheque havia sido creditado automaticamente, e ele precisava de dinheiro. Mas caíra com um tiro na cabeça antes que o caixa eletrônico acabasse de expelir as notas de 20 dólares. O assassino ficara com elas.

A primeira coisa que McCaleb percebeu, ao ler os relatórios iniciais do crime, foi que a imprensa recebera uma versão mais branda do fato. As circunstâncias descritas na reportagem do *Times* que Keisha Russell havia lido para ele no dia anterior não correspondiam plenamente aos fatos no relatório. Dizia que encontraram o corpo 15 minutos após o crime. Segundo a polícia, no entanto, Cordell fora encontrado quase imediatamente depois por outro cliente do banco, que parara no estacionamento da agência bem quando um carro — provavelmente o do assassino — estava saindo em alta velocidade. A testemunha, identificada como James Noone, pedira rapidamente socorro pelo telefone celular.

Como a ligação se completara através de um celular, a telefonista da polícia não pôde localizar automaticamente a origem exata do telefonema. Tivera de colher essa informação pelo método antigo, manual, e acabara mandando o socorro a um endereço diferente do que Noone lhe dera. Em seu depoimento, este dissera que havia ficado desesperado ao ver a ambulância passar com a sirene ligada rumo a um lugar a sete quarteirões de distância. Tivera de ligar novamente e explicar tudo outra vez a outra telefonista. A

ambulância fora informada, mas Cordell já estava morto quando ela finalmente chegara.

Ao ler os relatórios iniciais, McCaleb achou difícil julgar se o atraso do socorro médico tivera consequências. Cordell sofrerá um ferimento letal na cabeça. Provavelmente, não faria diferença se houvesse sido atendido dez minutos antes. Dificilmente teriam conseguido impedir que morresse.

No entanto, um erro do serviço de emergência era o tipo da coisa que a imprensa gostava de explorar. De modo que alguém do Departamento do Xerife — provavelmente, o supervisor de Jaye Winston — preferiu omitir essa informação.

Sendo um fato secundário, o erro não despertou o interesse de McCaleb. O que interessava era que havia uma testemunha pelo menos parcial, assim como a descrição de um veículo. Conforme o depoimento, Noone quase sofreu uma colisão ao entrar no estacionamento do banco. E descrevera o veículo que estava saindo como um jipe Cherokee preto, um modelo recente, de linhas mais suaves. Ele chegara a ver o motorista, ainda que apenas por uma fração de segundo, e o descrevera como um homem branco de cabelos grisalhos, ou que estivesse com um gorro cinza.

Os relatórios iniciais não mencionavam outra testemunha. Antes de ler os suplementares e o laudo da necrópsia, McCaleb resolveu assistir aos vídeos. Ligou o televisor, o videocassete, e colocou primeiramente a fita da câmera de vigilância do caixa eletrônico.

Como no caso da gravação da mercearia Sherman, apareciam os dígitos de um relógio na parte inferior da tela. A lente convexa da câmera distorcia a imagem. O homem que McCaleb imaginou ser James Cordell apareceu na tela e inseriu na máquina o cartão do banco. Estava com o rosto muito próximo da câmera, bloqueando a visão de quase tudo o mais. Era uma falha no sistema, a não ser que seu objetivo fosse captar não os assaltos, mas o rosto dos malandros que usavam cartões de banco roubados ou falsos.

Ao digitar o código, Cordell hesitou e olhou por cima do ombro direito, ao notar alguma coisa passando atrás dele — o Cherokee que acabava de entrar no estacionamento. Sem dissimular o nervosismo, acabou completando a transação. Ninguém gostava de

usar um caixa eletrônico à noite, mesmo quando bem iluminado e situado numa região de baixos índices de criminalidade. A única máquina que McCaleb usava era a de um supermercado 24 horas, onde sempre havia segurança e muita gente. Ainda nervoso, Cordell olhou por cima do ombro esquerdo, fez um sinal com a cabeça para alguma coisa fora da tela, depois tornou a se voltar para a máquina. Nada o alarmou, a não ser a pessoa para quem acabara de olhar. O criminoso decerto ainda não havia colocado a máscara. Apesar da calma exterior, Cordell olhou para a abertura por onde saía o dinheiro, provavelmente repetindo mentalmente: *Depressa! Depressa!*

Quase ao mesmo tempo, a arma apareceu no quadro, passando por cima de seu ombro e apenas roçando-lhe a têmpora esquerda no momento em que puxaram o gatilho e lhe tiraram a vida. Um jorro de sangue manchou a lente da câmera, e Cordell foi jogado para a frente, para a direita. Deve ter se chocado com a parede e, a seguir, caiu para trás.

O assassino apareceu então no vídeo e pegou o dinheiro que saiu pela abertura. Nesse momento, McCaleb congelou a imagem. Na tela, fixou-se uma tomada direta do atirador mascarado. Usava o mesmo agasalho escuro e a mesma máscara da fita do assassinato de Gloria Torres. Como dissera Winston, não havia necessidade de teste balístico. Seria apenas a confirmação científica do que Winston já sabia e, agora, McCaleb também. Tratava-se do mesmo homem, a mesma roupa, o mesmo modo de agir, os mesmos olhos mortiços por trás da máscara.

Ele tornou a apertar o botão, e o vídeo prosseguiu. O bandido pegou o dinheiro no caixa. Ao fazê-lo, deu a impressão de dizer alguma coisa, mas seu rosto não estava enquadrado pela câmera, como no caso da mercearia Sherman. Dessa vez, parecia estar falando sozinho.

Depois, foi rapidamente para a esquerda e agachou-se a fim de apanhar alguma coisa invisível. O cartucho. A seguir, foi para a direita e desapareceu da tela. McCaleb continuou observando por mais alguns segundos. A única figura no quadro era a forma imóvel de Cordell na calçada; o único movimento, o da poça que se

alargava junto a sua cabeça. Buscando a parte mais baixa do terreno, o sangue escorreu para uma emenda da calçada e começou a avançar em linha reta rumo à sarjeta.

Decorreu um minuto. Um homem apareceu na tela e se agachou ao lado do corpo de Cordell. James Noone. Era um sujeito atarracado, calvo, de óculos de aro fino. Encostou os dedos no pescoço do ferido e olhou a sua volta, provavelmente para ver se ele próprio estava em segurança. Depois, levantando-se de um salto, desapareceu, presumivelmente para usar o telefone do carro. Meio minuto depois, retornou à tela e ficou esperando o socorro. Com o passar do tempo, olhava para todos os lados, aparentemente temendo que o assassino, se não estivesse no carro que ele vira afastar-se em alta velocidade, ainda se encontrasse nas redondezas. Por fim, algo na rua lhe chamou a atenção. Ele abriu a boca num grito mudo e agitou os braços, certamente ao ver a ambulância passar sem parar. Então, levantou-se e desapareceu novamente.

Pouco depois, a tela saltou. McCaleb consultou o relógio no vídeo e constatou que haviam-se passado sete minutos. Dois paramédicos se aproximaram depressa. Agachando-se junto a Cordell, tomaram-lhe o pulso e examinaram suas pupilas. Abriram-lhe a camisa, e um deles auscultou-lhe o peito com o estetoscópio. Um terceiro aproximou-se rapidamente empurrando uma maca. Mas um dos outros dois olhou para ele e sacudiu a cabeça. Cordell estava morto.

Poucos momentos mais tarde, a tela se apagou.

Quase num gesto de reverência, McCaleb esperou um instante para colocar a outra fita no aparelho. Era evidente que fora gravada por uma câmera manual. Começava com algumas tomadas do terreno da agência e da rua. No estacionamento, havia dois veículos, uma Chevy Suburban branca e empoeirada, tão grande que encobria quase totalmente o carro menor a seu lado. McCaleb supôs que a Suburban fosse de Cordell. Era grande, estava meio amassada e coberta da poeira da montanha e do deserto por onde passava o aqueduto. O outro devia pertencer à testemunha, James Noone.

A fita mostrava o caixa eletrônico e descia até a mancha de sangue na calçada. O corpo de Cordell continuava estendido no

lugar onde os paramédicos o haviam encontrado e deixado. Estava descoberto, a camisa aberta, o pálido peito exposto.

Nos minutos seguintes, o vídeo registrava diferentes estágios da pesquisa do local do crime. Primeiro, um criminalista tirou as medidas e fotografou o lugar; depois, os legistas examinaram o corpo, colocaram-no num saco plástico e o removeram numa maca: por fim, o criminalista e um auxiliar passaram a esquadrihar o lugar em busca de indícios e impressões digitais. Havia um trecho em que, com a ajuda de uma ponta de metal, o técnico retirava o projétil da parede próxima do caixa eletrônico.

Finalmente, surgiu um “presente” extra, com o qual McCaleb não contava. O cameraman tinha gravado o primeiro relato do que James Noone havia visto. Levada a um canto do terreno, a testemunha estava perto de um telefone público, falando com um policial fardado, quando a objetiva o focalizou. Devia ter uns 35 anos. Perto do policial, parecia ainda mais baixo e troncado. Usava agora um boné de beisebol. Mostrava-se agitado, ainda abalado pelo que presenciara e, ao que tudo indicava, frustradíssimo com a demora da ambulância. A câmera o captou em meio à conversa.

— Eu só estou dizendo que ele podia ter sido salvo.

— Está bem, senhor, eu compreendo. Pode ter certeza de que vão investigar isso.

— É o que eu acho, alguém precisa investigar como foi que... Afinal de contas, o hospital fica a menos de um quilômetro daqui.

— Nós sabemos disso, Sr. Noone — disse o policial, com paciência. — Agora vamos continuar. O senhor pode me dizer se viu alguma coisa antes de achar o corpo? Algo que lhe chamasse a atenção?

— Vi. Eu vi o cara. Pelo menos acho que era ele.

— Que cara?

— O ladrão. Eu o vi fugindo de carro.

— Pode descrevê-lo?

— Claro. Um Cherokee preto. Dos novos. Não daqueles que parecem uma caixa de sapatos.

O policial ficou um pouco confuso, mas McCaleb compreendeu que Noone se referia a um modelo do Grand Cherokee. Ele tinha um

igual.

— Eu estava entrando, e o cara saiu dali feito uma bala. Quase bateu em mim, o filho da puta! Eu meti a mão na buzina, depois entrei e topei com esse homem aí. Chamei a polícia pelo celular, mas deu tudo nessa merda.

— Eu sei. O senhor quer fazer o favor de refrear um pouco a linguagem? Terá de repetir tudo no tribunal um dia.

— Ah. Desculpe.

— Vamos voltar ao tal carro. O senhor chegou a ver o número da placa?

— Nem olhei.

— Quantas pessoas havia no veículo?

— Acho que só uma, à direção.

— Homem ou mulher?

— Homem.

— Pode descrevê-lo?

— Não deu para ver direito. Eu estava tentando evitar a batida, só isso.

— Branco? Preto? Asiático?

— Ah, era branco. Disso eu tenho certeza. Mas não conseguiria identificá-lo, reconhecê-lo.

— E a cor dos cabelos?

— Grisalhos.

— Grisalhos?

O policial ficou surpreso. Um assaltante velho? Não era comum.

— Acho que sim — disse Noone. — Foi tudo tão rápido. Não posso ter certeza.

— Ele não estava de chapéu?

— Sim, pode ser que estivesse com chapéu ou um gorro.

— Grisalho?

— É, cabelos grisalhos, gorro cinza, sei lá. Eu não tenho certeza.

— Certo. Mais alguma coisa? Ele usava óculos?

— Hum, não sei, não me lembro, ou então não vi. Eu não fiquei olhando para o cara, sabe? Além disso, o carro tinha janelas escuras. A única vez que eu olhei para ele foi pelo para-brisa e não durou nem um segundo. Foi quando ele veio para cima de mim.

— Certo, Sr. Noone. Já foi uma ajuda. Vamos precisar que o senhor preste um depoimento formal, os investigadores terão de falar com o senhor. Será uma inconveniência?

— Claro que sim, mas o que se pode fazer? Eu quero ajudar. Eu *tentei* ajudar. Não importa.

— Obrigado, senhor. Vou pedir que o levem à delegacia de Palmdale. Os investigadores o levarão. Virão o mais depressa possível, eu vou dizer que o senhor está esperando.

— Tudo bem. E o meu carro?

— Eles trarão o senhor para cá quando terminarem.

Ali cessava a gravação. McCaleb retirou a fita do aparelho e ficou pensando no que tinha visto, ouvido ou lido até então. Era curioso o fato de o Departamento do Xerife não ter falado no Cherokee preto à imprensa. Era uma coisa que ele precisava perguntar a Jaye Winston. Anotou isso no bloco de papel onde escrevera outras perguntas e passou a examinar os relatórios restantes sobre o caso Cordell.

O inventário do local do crime consistia em uma única página quase toda em branco. O material coletado limitava-se ao projétil retirado da parede, a meia dúzia de impressões digitais colhidas no caixa eletrônico e a fotografias de uma marca de pneu, possivelmente deixada pelo carro do assassino. Na lista, figurava também o vídeo da câmara do caixa eletrônico.

Anexadas ao relatório, havia cópias de fotografias da marca de pneu e uma tomada congelada do vídeo do caixa eletrônico em que a arma aparecia na mão do assaltante. Um laudo auxiliar do laboratório dizia que, na opinião dos técnicos, a marca de pneu estava havia muitos dias no asfalto e não tinha utilidade para a investigação.

O laudo da balística identificava o projétil como de uma nove milímetros Federal FMJ ligeiramente maquiada. Grampeada no relatório, havia uma fotocópia de uma página do laudo da necrópsia, mostrando o desenho de um crânio visto de cima. A trajetória do projétil no cérebro de Cordell estava marcada no desenho. O projétil entrara um pouco à frente da têmpora esquerda, fizera um desvio em linha reta, perfurando o lobo frontal e saíra pela região da

têmpera direita. O desvio da trajetória fora de dois centímetros e meio. Ainda bem que a ambulância chegou atrasada, pensou McCaleb. Se tivessem conseguido salvá-lo, Cordell provavelmente passaria o resto da vida atado a uma máquina num daqueles centros médicos que não passavam de depósitos de vegetais.

O relatório da balística continha também uma foto ampliada da arma. Mesmo estando parcialmente encoberta pela mão enluvada do assassino, os especialistas em armas de fogo do xerife a haviam identificado como uma Heckler & Koch P7, uma pistola nove milímetros, niquelada, com cano de dez centímetros.

A identificação da arma era uma curiosidade para McCaleb. A HK P7 era muito cara, custava uns mil dólares no mercado legal e raramente aparecia em crimes de rua. Ele imaginou que Jaye Winston havia partido do princípio de que a própria arma tinha sido roubada num assalto anterior. McCaleb examinou os relatórios suplementares restantes e concluiu que Jaye Winston fizera um levantamento, em todo o distrito, dos crimes em que constava o roubo de uma HK P7 semelhante. Mas não parecia ter ido muito adiante. Era verdade que boa parte das armas roubadas não era notificada, sobretudo porque as pessoas que as possuíam não deveriam possuí-las. Mesmo assim, McCaleb percorreu a lista de roubos de arma — somente cinco nos últimos dois anos — para ver se algum nome ou endereço fornecia uma pista. Não forneceu. Os cinco casos que Winston coletara ainda estavam em aberto, sem suspeito. Um beco sem saída.

Havia ainda uma lista de Grand Cherokee pretos roubados no distrito durante aquele ano. Jaye Winston aparentemente acreditara que também o carro do assaltante era uma contradição. Um veículo de luxo usado num crime de pé de chinelo. McCaleb achou sensato considerar o carro provavelmente roubado. Havia 24 Cherokee na lista, mas nenhum outro relatório indicando continuidade nesse aspecto da investigação. Talvez, pensou ele, Jaye Winston simplesmente tivesse mudado de ideia ao vincular o caso com o assassinato de Gloria Torres. Conforme a descrição do Bom Samaritano, o veículo com que o homicida fugira da mercearia podia

muito bem ser um Grand Cherokee. E se o bandido ainda não se desfizera dele, era possível que não o tivesse roubado.

A seguir, McCaleb folheou rapidamente o laudo da necrópsia. Sabia, por experiência, que noventa por cento de qualquer laudo de necrópsia se concentrava na descrição detalhada do procedimento, nas características dos órgãos internos da vítima e no estado de saúde em que se encontrava na hora da morte. Em geral, só o resumo importava. Mas, no caso Cordell, mesmo essa parte era irrelevante por ser óbvia. Mesmo assim, ele o procurou e balançou afirmativamente a cabeça ao ler o que já sabia. O grave ferimento no cérebro levara Cordell à morte poucos minutos depois que fora atingido.

McCaleb deixou de lado o laudo da necrópsia. A pilha de relatórios seguinte relacionava-se com a teoria dos três delitos de Jaye Winston. Acreditando que o bandido era um ex-presidiário que se arriscava a passar o resto da vida na cadeia caso cometesse outro delito, Jaye Winston percorreria o sistema carcerário de Van Nuys e Lancaster em busca da lista dos assaltantes à mão armada em liberdade condicional que fossem brancos e tivessem duas ou mais condenações nas costas. Pessoas que seriam punidas pelo terceiro delito, se fossem presas outra vez. Havia 81 casos registrados na região próxima dos locais onde ocorreram os dois crimes de latrocínio.

Jaye Winston e outros delegados passaram semanas percorrendo lentamente essa lista. Segundo o relatório, visitaram quase todos os que nela constavam. Dos 81, somente sete não foram encontrados. Isso indicava que haviam violado a liberdade condicional, sendo provável que tivessem deixado a região ou estivessem escondidos, possivelmente cometendo assaltos e até homicídios. Emitiram-se ordens de captura para os sete homens em todo o país. Dentre os que haviam sido localizados, noventa por cento tinham álibi e os restantes foram excluídos mediante investigação — principalmente porque sua descrição física não coincidia com a do assassino do vídeo. Dois foram eliminados porque tinham defeitos havia muito tempo documentados: eram coxos. O assaltante do vídeo não mancava.

A parte os sete desaparecidos, ficaram estagnadas as investigações referentes aos afetados pela lei dos três delitos. Tudo indicava que Jaye Winston alimentava a esperança de que um dos sete acabasse aparecendo e sendo vinculado aos assassinatos.

McCaleb passou para os últimos relatórios do caso Cordell. Havia duas entrevistas complementares com James Noone. Seu depoimento não mudou e ele também não se lembrou de mais nada do motorista do Cherokee.

Havia ainda um esboço do local do crime e os relatórios de quatro entrevistas com donos de Cherokee detidos em blitz de rua. Tinham sido detidos em Lancaster e Palmdale, no espaço de uma hora após o crime do caixa eletrônico, por policiais que haviam sido notificados pelo rádio do uso daquela marca de carro no assalto. Todos foram identificados e liberados ao se comprovar que não possuíam antecedentes criminais. Os relatórios foram entregues a Jaye Winston.

O último item, o resumo semanal mais recente preenchido por Jaye Winston, era breve e objetivo.

“Nenhuma nova pista nem suspeito até o momento. O oficial encarregado das investigações está aguardando informações adicionais que possam levar à identificação de um suspeito.”

Jaye Winston estava encurralada. Esperando. Precisava de sangue fresco.

McCaleb tamborilou os dedos na mesa, pensando em tudo que lera. Concordava com os passos que Jaye Winston tinha dado, mas tentava imaginar o que ela deixara de fazer e o que ainda podia ser feito. Gostava da teoria dos três delitos da policial e estava tão decepcionado quanto ela porque não tinham pinçado um suspeito na lista de 81 pessoas. Incomodava-o o fato de a maior parte deles contar com um álibi. Como era possível que tantos marginais com dois delitos nas costas conseguissem dizer exatamente onde se encontravam em duas noites diferentes? Ele sempre desconfiava dos álibis quando trabalhava num caso. Sabia que bastava um mentiroso para se obter um álibi.

McCaleb parou de tamborilar os dedos quando algo lhe ocorreu. Espalhou na mesa a pilha de relatórios sobre Cordell. Não precisou

olhar para a papelada, pois sabia que o que ele pensava não se encontrava ali. Notara que Jaye Winston não havia cruzado geograficamente as referências de suas várias teorias.

Levantou-se e saiu do barco. Buddy Lockridge estava sentado na cabina de sua embarcação, costurando um rasgão num terno molhado, quando McCaleb se aproximou.

— Ei, você está ocupado?

— Tem um cara, lá na fileira dos milionários, querendo que eu raspe o seu Bertram. O sessenta. Mas se estiver precisando de carona, posso deixar isso para outra hora. O cara só aparece aqui uma vez por mês.

— Não. Eu só quero saber se você tem um guia da cidade para me emprestar. O meu está no carro, e eu não quero tirar a lona de cima dele para entrar.

— Tenho, sim. Claro. Está no Taurus.

Lockridge enfiou a mão no bolso, pegou a chave do automóvel e a jogou para McCaleb. Em seu caminho para o Taurus, McCaleb olhou para a “fileira dos milionários”. Era uma doca com píeres muito mais longos e mais largos para os enormes iates que ancoravam na Cabrillo Marina. Localizou o Bertram 60. Um bonito barco. E calculou que tinha custado um milhão ou um milhão e meio ao proprietário que o usava uma vez por mês.

Tendo pego o guia da cidade no carro de Lockridge, devolvido a chave e retornado ao seu barco, ele se pôs a trabalhar nos relatórios Cordell. Passou primeiro pelos dados dos Cherokee e das pistolas HK P7 roubados. Numerou cada roubo notificado e, pelo endereço, localizou cada um deles nas páginas do guia. Passou, então, para a lista dos suspeitos com três delitos, usando o mesmo procedimento para situar na planta da cidade o local de trabalho e a residência de cada um. Por fim, localizou os lugares dos assassinatos.

O trabalho lhe tomou quase uma hora. Porém, ao terminar, ele experimentou uma cautelosa excitação. Um nome da lista de 81 se destacava por estar geograficamente próximo tanto do assalto à mercearia Sherman quanto do roubo de uma HK P7.

Chamava-se Mikail Bolotov, um imigrante russo de 30 anos que já cumprira pena duas vezes em prisões da Califórnia por assalto à

mão armada. Morava e trabalhava em Canoga Park. Sua casa ficava fora de DeSoto, perto da Sherman Avenue, cerca de um quilômetro e meio da mercearia onde Gloria Torres e Kyungwon Kang foram assassinados. Trabalhava numa fábrica de relógios em Winnetka, a apenas oito quarteirões ao sul e dois a leste da mercearia. Por fim, e foi isso o que deixou McCaleb animado, o russo trabalhava a apenas quatro quadras de uma casa, em Canoga Park, onde haviam roubado uma HK P7 durante um assalto em dezembro. Ao ler o relatório do assalto, McCaleb reparou que o ladrão levava diversos pacotes que se encontravam ao pé da árvore de Natal, inclusive a pistola, que estava embrulhada como presente do dono da casa para a esposa — o presente de Natal perfeito em Los Angeles. O assaltante não havia deixado impressões digitais nem outras pistas.

McCaleb leu toda a pasta referente à liberdade condicional, assim como o relatório do investigador. Bolotov tinha uma longa trajetória de violência, se bem que nenhuma suspeita anterior de homicídio e nenhum problema com a lei desde que saíra da prisão três anos antes. Apresentava-se com regularidade à Justiça e, aparentemente, parecia estar trilhando o bom caminho.

Ele fora entrevistado sobre o caso Cordell em seu local de trabalho por dois investigadores do xerife chamados Ritenbaugh e Aguilar. A entrevista se realizara 15 dias depois do assassinato de Cordell, mas quase três semanas antes do crime da mercearia Sherman. E tudo indicava que havia sido antes que Jaye Winston solicitasse os relatórios dos roubos de HK P7. Foi por isso, ele pensou, que não se levou em conta a importância da localização geográfica de Bolotov.

Tudo indicava que, na entrevista, as respostas do russo foram suficientes para afastar toda e qualquer suspeita, e seu empregador fornecera um alibi, afirmando que, na noite em que James Cordell fora assassinado, Bolotov havia trabalhado em seu turno normal das 14h às 22h. Mostrou aos investigadores os contracheques e o cartão de ponto com as horas trabalhadas. Isso bastou a Ritenbaugh e Aguilar. Cordell morrera por volta das 22h10. Teria sido fisicamente impossível que Bolotov fosse de Canoga Park a Lancaster em dez minutos — mesmo que tivesse usado um helicóptero. Ritenbaugh e

Aguilar passaram para o nome seguinte na lista dos candidatos aos três delitos.

— Merda! — exclamou McCaleb em voz alta.

Estava agitado. Bolotov era uma pista que devia ser reexaminada, pouco importava o que dissessem seu patrão ou os contracheques. O homem era um assaltante profissional, não um relojoeiro. Sua proximidade geográfica dos lugares relacionados com a investigação exigia que se desse mais uma olhada. McCaleb sentiu que, finalmente, havia descoberto uma coisa que merecia ser levada ao conhecimento de Jaye Winston.

Fez algumas rápidas anotações no bloco de papel e o pôs de lado. Estava cansado do trabalho e já começava a sentir a cabeça latejar. Consultou o relógio e se deu conta de que o tempo passara sem que ele notasse. Já eram quase 14h. Sabia que precisava comer alguma coisa, mas não tinha apetite por nada em particular. Preferindo tirar uma soneca, desceu ao camarote.

CAPÍTULO 11

Refeito com uma hora de sono durante o qual não teve sonhos de que se lembrasse, McCaleb preparou um sanduíche de requeijão com pão de forma, abriu uma lata de refrigerante e foi para a mesa de cartas náuticas examinar o caso Gloria Torres.

Começou pelo videotape da mercearia Sherman. Já o tinha visto duas vezes em companhia de Arrango e Walters, mas achou melhor assisti-lo novamente. Colocou a fita no aparelho e a acompanhou em velocidade normal. Ao terminar, foi deixar na pia o que restava do sanduíche. Não conseguia comer mais, estava muito tenso.

Rebobinou a fita e tornou a passá-la, dessa vez em câmera lenta. Os movimentos de Gloria pareciam lânguidos e relaxados. McCaleb quase teve vontade de retribuir o sorriso que ela mostrava. Perguntou-se no que estaria pensando. Aquele sorriso era para o Sr. Kang? Não. Era um sorriso secreto, dirigido a alguma coisa interior. Imaginou que ela devia estar pensando no filho e considerou que pelo menos se sentia feliz naquele derradeiro momento de consciência.

O vídeo não suscitou novas ideias, só renovou o ódio que sentia pelo assassino. Deixando de lado a fita do local do crime, ele passou a examinar a documentação que analisava a carnificina. Naturalmente, o corpo de Gloria não se encontrava ali, e era pouco o sangue no lugar onde caíra — graças ao Bom Samaritano. Já o cadáver do dono da mercearia aparecia jogado no chão, atrás do balcão, quase totalmente cercado de sangue. Aquilo o fez pensar na velha que vira na loja no dia anterior. Estava no lugar onde o marido caíra. Era preciso coragem, um tipo de coragem que ele achava que não tinha.

Depois de desligar o videocassete, passou a estudar os relatórios. Arrango e Walters não haviam produzido tanto material quanto Jaye Winston. Embora não o quisesse, McCaleb não pôde deixar de dar

um significado a isso. Sua experiência dizia que o tamanho do dossiê de um homicídio refletia não só a profundidade da investigação, como também o comprometimento dos investigadores. Acreditava que havia um vínculo sagrado entre a vítima e o investigador. Qualquer policial do setor de homicídios sabia disso. Uns o levavam muito a sério, outros nem tanto, por questão de sobrevivência psicológica. Mas esse vínculo encontrava-se em todos eles. Pouco importava que o policial tivesse religião ou fosse ateu, que acreditasse ou não que a alma do falecido o estava acompanhando. Mesmo os que tinham certeza de que tudo terminava com a morte falavam pelo morto. O nome do investigador fora pronunciado em seu último alento. Mas só ele o ouvia. Só ele sabia disso. Nenhum outro crime impunha um compromisso tão solene.

McCaleb deixou para o fim os grossos laudos da necrópsia de Gloria Torres e Kang. Como no caso de Cordell, sabia que eles forneciam poucos detalhes além do óbvio. Leu rapidamente os relatórios iniciais e passou para o reduzido material referente às testemunhas. Eram depoimentos de pessoas com participação mínima no todo: um frentista, um motorista que estava passando, uma funcionária do *Times* que trabalhava com Gloria. Havia também resumos, relatórios suplementares, dados, croquis do local do crime, laudos balísticos e um registro cronológico das diligências e dos telefonemas feitos pelos investigadores encarregados do caso. Por fim, essa parte do material trazia ainda a transcrição do telefonema do não identificado Bom Samaritano, que topara com as consequências do assalto e havia tentado salvar a vida de Gloria. Era a transcrição do relato apressado de um homem que mal se expressava em inglês. Mas, quando a telefonista se ofereceu para colocá-lo em contato com uma pessoa que falava espanhol, ele declinou.

TESTEMUNHA: Eu precisa ir agora. Moça muito mal. Homem fugir. Fugir de carro. Carro preto. Parece caminhão.

TELEFONISTA: Por favor, não desligue... Senhor? Senhor?

Só isso. Ele desligou. Havia mencionado o veículo, mas não descrevera o suspeito.

Após o depoimento, vinha um relatório balístico, que identificava os projéteis extraídos durante a cirurgia de Gloria Torres e a necrópsia de Kyungwon Kang como Federal FMJ nove milímetros. Também fora analisada uma fotografia tirada do vídeo e, uma vez mais, a arma HK P7.

Ao terminar a leitura inicial dos relatórios restantes, chamou a atenção de McCaleb a falta de um cronograma. Ao contrário do caso Cordell, que contava com uma única testemunha, o de Gloria Torres oferecia uma variedade de testemunhas menores e dados cronológicos. Ao que tudo indicava, os investigadores não tinham processado esses dados, para com eles elaborar um cronograma. Não refizeram a sequência de incidentes para reconstituir o ocorrido como um todo.

McCaleb se encostou na cadeira e ficou pensando nisso algum tempo. Por que não fizeram o elementar? Por outro lado, teria alguma utilidade um tal cronograma ou a sequência exata dos acontecimentos? Provavelmente, não no começo, concluiu. Em termos de identificar o criminoso, não seria de muita ajuda. E era isso o que importava, pelo menos inicialmente. Mas uma análise sequencial do fato deveria ter sido feita depois, quando a poeira assentara. McCaleb costumava aconselhar os investigadores que lhe pediam ajuda a sempre estabelecer um cronograma. Podia ser útil para desmascarar álibis, detectar brechas nos depoimentos das testemunhas ou simplesmente para dar ao investigador um maior domínio e conhecimento do que havia acontecido com exatidão.

Ele sabia muito bem que era excessivamente aplicado no trabalho. Arrango e Walters, ao contrário, jamais se dariam ao luxo de mergulhar num caso dois meses depois de ocorrido. Talvez tivessem se esquecido do cronograma. Tinham outros interesses e outros problemas com que se preocupar.

McCaleb se levantou e foi para a cozinha ligar a cafeteira elétrica. Sentia-se cansado novamente, embora fizesse apenas uma hora e meia que estava acordado. Não tomava muito café desde o transplante. A Dra. Fox recomendara evitar a cafeína, e toda vez que

ele desprezava o conselho e tomava uma xícara, sentia uma espécie de trepidação no peito. Mas queria ficar desperto e terminar o trabalho. Preferiu arriscar.

Serviu-se de uma caneca de café com leite e açúcar. Voltou a sentar-se e, em silêncio, censurou-se por haver procurado uma desculpa para Arrango e Walters. Eles deveriam ter se dedicado mais ao trabalho. McCaleb estava irritado consigo mesmo por ter pensado de outro modo.

Pegou o bloco de papel e repassou os depoimentos das testemunhas, anotando os horários significativos e escrevendo um breve resumo do que cada depoimento acrescentava ao caso. Confrontou tudo com os diferentes horários extraídos dos outros relatórios. Passou uma hora nessa atividade, tempo durante o qual voltou a encher a caneca três vezes sem perceber. Ao terminar, havia elaborado um cronograma de duas páginas. Examinando o trabalho, notou que o problema estava na inexatidão da sequência, a não ser em certas referências, e nos evidentes conflitos ou até impossibilidades.

22:01 — fim do turno B da sala de imprensa do *Los Angeles Times* em Chatsworth. Gloria encerra o expediente.

22:10 — aproximadamente — Gloria sai com a colega Annette Stapleton. Ficam uns cinco minutos conversando no estacionamento. Gloria vai embora em seu Honda Civic azul.

22:29 — Gloria no posto de gasolina Chevron, na Winnetka, em Roscoe. Pagamento com cartão de crédito: \$14,40. O frentista, Connor Davis, lembra-se dela como uma cliente noturna habitual, que costumava perguntar o resultado dos jogos porque ele sempre estava com o rádio ligado num programa esportivo. Horário marcado no recibo do cartão de crédito.

22:40 a 22:43 — aproximadamente — a motorista Ellen Taaffe, passando pela Sherman Avenue, janelas abertas, ouve disparos quando está em frente à mercearia Sherman. Olha, nada vê de

anormal. Dois carros no estacionamento. Os cartazes na vitrine da mercearia a impedem de ver o interior. Quando está olhando, ouve outro tiro, mas nada detecta de extraordinário. Hora dos disparos, segundo Taaffe, é a do começo do noticiário da KFWB, ou seja, 22:40.

22:41:03 — homem não identificado, com sotaque espanhol, telefona para o 911, diz que uma mulher foi baleada na mercearia Sherman e precisa de socorro. Não espera a polícia chegar. Imigrante ilegal?

22:41:37 — Gloria Torres é mortalmente ferida, de acordo com o relógio da câmera de segurança da mercearia.

22:42:55 — o Bom Samaritano entra na loja e socorre Gloria, de acordo com o cronômetro da câmera de segurança da mercearia.

22:43:21 — Ellen Taaffe usa o telefone de seu carro a fim de ligar para o 911 e dar parte de possíveis disparos de arma de fogo. A polícia informa que os tiros já foram notificados. Seu nome e número de telefone são entregues aos investigadores.

22:47 — chega a ambulância, Gloria é transportada ao Centro Médico Northridge. Kyungwon Kang é declarado morto.

22:49 — a polícia chega ao local do crime.

McCaleb releu tudo. Sabia que o homicídio era uma ciência inexata, mas o cronograma o incomodava. Conforme o primeiro relatório da investigação, os investigadores determinaram que os tiros foram disparados entre 22:40 e 22:41. Para chegar a tal conclusão, eles se serviram da única fonte que consideravam exata e inegavelmente correta: a tabela de horário do centro de emergência do departamento. O primeiro telefonema referente ao crime — do Bom Samaritano — foi às 22:41:03, quando ele falou com uma telefonista do 911. Esse horário e o relato da motorista Ellen Taaffe, dizendo que ouvira os tiros pouco depois do início do noticiário da

KFWB, levaram-nos à conclusão de que os disparos deviam ter sido feitos depois das 22:40, mas antes das 22:41:03, quando o Bom Samaritano telefonou.

Esse intervalo estava obviamente em contradição com o horário de 22:41:37 exibido pelo videoteipe no começo dos disparos.

McCaleb tornou a examinar os relatórios, esperando ter deixado passar alguma página que explicasse a discrepância. Não achou nada. Passou alguns momentos tamborilando os dedos na mesa e refletindo. Consultou o relógio e viu que eram quase 17h. Dificilmente encontraria um investigador ainda na delegacia.

Ele estudou uma vez mais o cronograma que fizera, procurando uma explicação para a anomalia. Deteve-se no segundo telefonema para o centro de emergência. Ellen Taaffe, a testemunha auditiva dos disparos, ligara de seu celular às 22:43:21 para dar parte dos tiros, e a polícia a informara que já tinha sido avisada.

Ficou pensando nisso. Os investigadores se basearam no telefonema dela para definir o horário dos homicídios no minuto que se seguiu às 22:40, hora em que começava o noticiário. No entanto, quando Taaffe ligou para o 911, eles já sabiam dos tiros. Por que aquela mulher tardara mais de dois minutos para telefonar? E por acaso perguntaram se ela tinha visto o Bom Samaritano?

McCaleb folheou rapidamente os relatórios, até encontrar o depoimento de Ellen Taaffe. Era uma folha datilografada e assinada por ela; no alto, havia um boxe de informação de cinco centímetros. O depoimento nada dizia sobre o tempo que ela esperara para chamar o 911, a central da polícia, depois de ouvir os tiros. Dizia, isto sim, que ela acreditava ter visto dois carros estacionados diante da mercearia, mas não pôde identificar o tipo de veículo nem se lembrava se havia alguém dentro deles.

Ele olhou para o boxe de informação. Dizia que Taaffe tinha 35 anos e era casada. Morava em Northridge e trabalhava numa empresa especializada em descobrir talentos. Estava voltando de um cinema em Topanga Plaza quando ouviu os disparos. Seus telefones residencial e comercial se encontravam no boxe de informação. McCaleb foi até o aparelho e discou o número comercial. Atendeu uma secretária que, depois de corrigir sua pronúncia do nome

Taaffe, informou que ela estava saindo justamente naquele momento.

— Aqui é Ellen Taaffe — disse uma voz.

— Sim, alô, Sra. Taaffe. A senhora não me conhece. Eu me chamo McCaleb. Sou investigador e estou trabalhando no caso do duplo homicídio da Sherman Avenue, ocorrido há alguns meses. Os tiros que a senhora ouviu e dos quais falou à polícia.

A mulher respirou fundo, parecendo desconcertada com o telefonema.

— Eu não compreendo, já falei com os investigadores. O senhor é da polícia?

— Não, eu sou... Eu estou trabalhando para a família da mulher assassinada. Prefere que telefone outra hora?

— Prefiro. Eu já estava de saída. Não quero pegar o trânsito do final da tarde e... e, francamente, não sei o que mais posso lhe dizer. Já contei tudo à polícia.

— É apenas um minuto. Só quero fazer umas perguntas rápidas. Essa moça tinha um filho pequeno. Eu só estou tentando prender o cara que o deixou sem mãe.

Ele a ouviu suspirar novamente.

— Está bem. Vou ver se posso ajudar. O que o senhor quer saber?

— Primeiro, quanto tempo a senhora esperou para ligar para o 911 depois de ouvir os tiros?

— Eu não esperei. Liguei imediatamente. Eu conheço armas desde pequena. Meu pai era da polícia, e eu ia com ele ao estande às vezes. Sabia que tinha ouvido o disparo de uma arma. Telefonei na mesma hora.

— Bem, eu estou com os relatórios da polícia aqui. Dizem que a senhora achava que tinha ouvido os tiros por volta das 22h40, mas só telefonou às 22h43. Eu não...

— O que esse relatório não diz é que eu tenho uma fita gravada. Telefonei imediatamente e tenho a gravação. Todas as linhas 911 estavam ocupadas, e eu fiquei esperando. Não sei quanto tempo. É um absurdo! Mas quando finalmente completaram a ligação, disseram que já tinham sido avisados dos tiros.

— Quanto tempo a senhora acha que ficou esperando?

— Eu já disse que não sei. Um minuto talvez. Um pouco mais, um pouco menos. Não sei.

— Certo. O relatório diz que a senhora ouviu um tiro e olhou para a mercearia pela janela. Então ouviu outro disparo. Havia dois carros no estacionamento. A pergunta é: a senhora viu alguém do lado de fora?

— Não. Não havia ninguém. Eu contei isso à polícia.

— Parece que o interior da loja estava iluminado, a senhora pode ter visto se havia alguém nos carros.

— Se havia, eu não me lembro.

— Um deles por acaso era uma perua, tipo Cherokee?

— Não sei. A polícia também me perguntou isso. Mas eu estava prestando atenção na mercearia. Não olhei bem para os carros.

— A senhora diria que eram escuros ou claros?

— Sinceramente, não sei. Eu já lhe disse isso e também à polícia. Eles estão com todo o...

— A senhora ouviu um terceiro disparo?

— Um terceiro disparo? Não, só ouvi dois.

— Mas foram três tiros. Então a senhora não sabe se ouviu os dois primeiros ou os dois últimos.

— Não, isso eu não sei.

McCaleb ficou pensando um segundo no que Ellen Taaffe acabava de dizer e concluiu que era impossível saber se ela ouvira os dois primeiros ou os dois últimos disparos.

— É isso, Sra. Taaffe. Muito obrigado. A senhora ajudou muito, e eu lamento tê-la importunado.

A breve entrevista só serviu para explicar a demora do telefonema da mulher para o 911, mas ainda restava a discrepância entre o horário da chamada do Bom Samaritano e a hora registrada no videoteipe da câmera de segurança da mercearia. McCaleb tornou a consultar o relógio. Já passava das 17h e todos os investigadores deviam ter ido embora. Mesmo assim, ele resolveu telefonar.

Para sua surpresa, ao ligar para a Divisão de West Valley, foi informado que tanto Arrango quanto Walters estavam lá e

perguntaram com qual deles queria falar. Ele decidiu tentar com Walters que, no dia anterior, mostrara mais simpatia por sua situação. O policial atendeu ao terceiro toque.

— Aqui é Terry McCaleb... Aquela história de Gloria Torres, sabe?

— Sei, sei.

— Vocês já devem estar sabendo que eu consegui todo o material com Jaye Winston, no Departamento do Xerife.

— É, e não ficamos muito contentes com isso. Também recebemos um telefonema do *Times*. Uma jornalista. Não achei legal. Não sei com quem você andou falando...

— Olhe, o seu parceiro me deixou numa situação em que eu tinha de pedir informações onde podia. Mas não precisa se preocupar com o *Times*. Não vão escrever nada porque não há o que escrever. Por enquanto.

— E é melhor que continue assim. Bem, estou meio ocupado. O que você quer?

— Um caso novo?

— É. As pastas de arquivo estão caindo feito moscas na nossa mesa aqui em Big Valley.

— Está bem, escute, eu não vou roubar muito do seu tempo. Só tenho uma pergunta, talvez possa me ajudar.

McCaleb ficou esperando. Walters não disse nada. Parecia diferente do dia anterior. Talvez Arrango estivesse por perto, escutando. Ele resolveu pressionar.

— Só estou querendo saber do horário — disse. — O vídeo da mercearia mostra o crime acontecendo às — consultou rapidamente o cronograma — deixe-me ver, às 22:41:37. Mas os registros do 911 dizem que o Bom Samaritano telefonou exatamente às 22:41:03. Você está entendendo? Como o cara pode ter telefonado 34 segundos antes que o crime acontecesse?

— Muito simples. O cronômetro do vídeo estava errado. Estava adiantado.

— Certo — disse McCaleb, como se a possibilidade não lhe houvesse ocorrido. — Vocês conferiram?

— Meu parceiro conferiu.

— É mesmo? Não vi nenhuma menção a isso nos relatórios.

— Olhe, ele telefonou para a empresa de segurança e conferiu, não pôs no relatório, está bem? Os caras instalaram o sistema há mais de um ano... pouco depois que o Sr. Kang foi assaltado pela primeira vez. Eddie falou com o técnico. Ele acertou o relógio da câmera pelo seu e nunca mais esteve lá. Ensinou o Sr. Kang a acertar o relógio da câmera, caso faltasse energia ou acontecesse alguma coisa.

— Certo — disse McCaleb sem saber ao certo aonde aquilo o levaria.

— Quer dizer, o seu palpite é tão bom quanto o nosso. Tanto faz que o relógio do cara que instalou a câmera estivesse adiantado ou que o Sr. Kang tenha mexido nela depois. O fato é que não coincide. Não podemos confiar. O relógio do técnico podia estar errado, a câmera podia estar adiantando alguns segundos por semana. Quem pode saber? O que eu estou querendo dizer é que não podemos nos orientar por isso. Mas no relógio do 911 nós podemos confiar. Esse é o horário que sabemos que está certo e pelo qual nos orientamos.

McCaleb ficou calado, e Walters pareceu tomar aquele silêncio por uma espécie de julgamento.

— Olhe, o relógio da câmera é só um detalhe, não significa nada — prosseguiu. — Se fôssemos nos preocupar com cada detalhe que não coincide, ainda estaríamos trabalhando no nosso primeiro caso. Eu estou com pressa, rapaz, que mais você quer?

— Acho que é só isso. Vocês não conferiram o relógio da câmera, certo? Quer dizer, não o compararam com o do 911?

— Não. Nós estivemos lá uns dias depois, mas havia faltado energia... um furacão derrubou o fio. A hora que estava marcando não tinha mais utilidade para nós.

— Que pena.

— É. É uma pena mesmo. Agora preciso desligar. Telefone. Apareça. Se descobrir alguma coisa, avise-nos antes de falar com Jaye Winston, do contrário vamos ficar muito tristes com você. Combinado?

— Eu telefono.

Walters desligou. McCaleb também desligou e ficou olhando fixamente para o telefone, refletindo sobre o que fazer agora. Estava

no escuro. Mas sempre tivera o costume de voltar ao começo toda vez que topava com um obstáculo. Em geral, o começo significava o local do crime. Mas aquele caso era diferente. Ele podia retornar ao próprio crime.

Voltou a colocar o videotape da mercearia Sherman no videocassete e o assistiu em câmera lenta. Ficou ali, segurando as bordas da mesa com tanta força que seus dedos começaram a doer. Só na terceira vez detectou uma coisa que passara despercebida antes, muito embora estivesse lá o tempo todo.

O relógio de Kyungwon Kang. O relógio que sua esposa estava usando. No vídeo, ele aparecia no momento em que o Sr. Kang se agarrou desesperadamente ao balcão.

McCaleb passou alguns minutos girando a fita para a frente e para trás, até conseguir congelar a imagem que oferecia a melhor visão. O máximo que obteve foi uma tomada clara do mostrador do relógio, mas a câmera, instalada no alto da parede, não chegou a captar as horas e os minutos marcados. Os números eram ilegíveis.

Ele se deixou ficar olhando para a imagem congelada, sem saber se devia continuar insistindo. Se conseguisse ler a hora no relógio de pulso da vítima, poderia confrontá-la com a da câmera e a da central da polícia. Teria a possibilidade de esclarecer a dúvida. Mas aquilo significava alguma coisa? Walters tinha razão quanto a um aspecto. Sempre havia detalhes que não levavam a nada, detalhes inúteis. E McCaleb não sabia se valia a pena perder tempo com aquele.

Seu debate interior foi interrompido. Morando num barco, ele aprendera a reconhecer os movimentos sutis de sua vivenda, a saber se se deviam à esteira de uma embarcação que estava passando pelo canal ou ao peso de uma pessoa que acabava de subir a bordo. McCaleb sentiu a embarcação afundar ligeiramente e olhou de pronto para trás, para a porta corrediça. Graciela Rivers acabava de entrar e se encontrava de costas, ajudando um garotinho a subir a bordo. Raymond. O jantar. Ele havia se esquecido completamente.

— Merda! — resmungou, ao mesmo tempo que desligava o vídeo e se levantava para recebê-los.

CAPÍTULO 12

— Você esqueceu, não é?

Ela sorria.

— Não... Quer dizer, eu me esqueci só nas últimas cinco horas. Fiquei concentrado nessa papelada. Estava pensando em dar um pulo ao supermercado e...

— Ora, não faz mal. Fica para uma outra...

— Não, não, imagine! Claro que nós vamos jantar. Esse aí é Raymond?

— É sim.

Graciela se voltou para o menino encabulado escondido atrás dela. Era pequeno para a idade, tinha cabelos e olhos escuros, pele bronzeada. Estava de bermuda, camiseta listrada, e levava um suéter nas mãos.

— Raymond, este é o Sr. McCaleb. O moço de que lhe falei. Este é o barco dele. É aqui que ele mora.

McCaleb avançou um passo, curvou-se e estendeu a mão. O garoto estava com uma radiopatrulha de brinquedo na mão direita e teve de transferi-la para a outra a fim de apertar timidamente a dele. McCaleb sentiu uma inexplicável tristeza ao conhecer o menino.

— Meu nome é Terry — disse. — Muito prazer, Raymond. Ouvi falar muito em você.

— Dá para pescar com este barco?

— Claro que dá. Qualquer dia desses nós vamos, se você quiser.

— Legal.

McCaleb endireitou o corpo e sorriu para Graciela. Ela estava linda com um vestido de verão parecido com o que usara na primeira vez em que o havia procurado. A brisa do mar colava facilmente o tecido leve em seu corpo. Também levava um suéter na mão. McCaleb estava de short, sandálias e uma camiseta com os

dizeres Robicheaux's Dock & Baitshop. Sentiu-se um pouco constrangido.

— Sabe de uma coisa? Ali, na sobreloja da marina, há um ótimo restaurante — propôs. — A comida é boa e a vista, maravilhosa ao entardecer. Que acham de jantarmos lá?

— Me parece uma boa ideia — concordou Graciela.

— Só preciso trocar de roupa. Não demoro. Raymond, eu tenho uma ideia. Que tal se a gente jogar uma linha, aí na popa? Quem sabe, você consegue pescar um peixinho enquanto eu mostro a Graciela umas coisas em que estive trabalhando hoje?

O rosto do garoto se iluminou.

— Está bem.

— Então vamos preparar o anzol.

Entrou. Na cabine, tirou da prateleira uma vara de pescar mais leve e o molinete, foi até o estojo de pesca, embaixo da mesa de cartas náuticas, e pegou um anzol número oito, um chumbo, e os atou à linha do molinete. Depois, foi até a cozinha, abriu o freezer, onde sabia que havia um pouco de lula congelada. Com uma faca bem afiada, cortou um pedaço e o colocou no anzol.

Retornando à popa, entregou o equipamento a Raymond. Agachando-se atrás dele e envolvendo-o nos braços, explicou-lhe como jogar a isca bem no meio do canal. A seguir, ensinou-lhe a manter o dedo na linha para sentir as mordidas dos peixes.

— Tudo bem? Você entendeu?

— Entendi. Tem peixe aqui, perto dos barcos?

— Claro que sim, eu vi um cardume de roncadores bem aí onde está a sua linha.

— Roncadores?

— É um peixe de listras amarelas. Às vezes a gente os vê na água. Fique de olho.

— Está bem.

— Tudo bem se eu entrar agora e oferecer uma bebida a sua mãe?

— Ela não é minha mãe.

— Ah, claro que não, eu... Desculpe, Raymond. Eu queria dizer Graciela. Tudo bem se a gente entrar?

— Tudo bem.

— Chame se conseguir fisgar um. E comece a girar o molinete!

Ele encostou a ponta do dedo no flanco do menino e o subiu por suas costelas. O pai de McCaleb costumava fazer a mesma coisa quando ele estava segurando o caniço, os flancos desprotegidos. Raymond riu e esquivou-se das cócegas, sem tirar os olhos do lugar onde sua linha desaparecia na água escura.

Graciela entrou com McCaleb e fechou a porta corrediça, para que o menino não os ouvisse. Ele ainda estava vermelho devido à gafe com Raymond. Ela percebeu e não lhe deu tempo de pedir desculpas.

— Não faz mal. Isso vai acontecer muitas vezes ainda.

McCaleb concordou.

— Ele vai morar com você?

— Vai. Eu sou sua única parente, mas não é só isso. Estou com ele desde que nasceu. Perder a mãe e depois me perder... Acho que seria demais. Quero que fique comigo.

— E o pai?

— Ninguém sabe quem é.

McCaleb achou melhor mudar de assunto.

— Ficar com você vai ser ótimo para ele — disse. — Aceita um copo de vinho?

— Isso sim vai ser ótimo.

— Branco ou tinto?

— O que você for tomar.

— Eu ainda não posso beber. Vai demorar uns meses.

— Ora, então não abra uma garrafa só para mim. Não vale a pena. Eu posso tomar...

— Por favor, eu quero. Que acha de um tinto? Eu tenho um vinho muito bom aqui e, se o abrir, pelo menos posso sentir o cheiro.

Ela sorriu.

— Isso me lembra Gloria quando estava grávida. Sentava-se ao meu lado e dizia que só queria sentir o cheiro do vinho que eu estava tomando.

O sorriso tornou-se triste.

— Ela era uma boa pessoa — disse McCaleb. — A gente vê pelo menino. Era isso que você queria que eu visse, não?

Graciela concordou com um gesto. Ele foi até a cozinha e tirou uma garrafa de vinho tinto do armário. Era um Sanford pinot noir, um dos seus favoritos. Estava abrindo a garrafa quando ela se aproximou do balcão. McCaleb sentiu seu perfume suave e teve uma estranha emoção. Não por se achar tão próximo daquela bela mulher, mas por sentir que alguma coisa despertava nele depois de um sono prolongado.

— Você tem filhos? — ela quis saber.

— Eu? Não.

— Nunca se casou?

— Já. Uma vez.

Ele lhe serviu um copo e ficou observando-a provar a bebida. Ela sorriu e fez um gesto de aprovação.

— É muito bom. Há quanto tempo?

— O quê? Que me casei? Deixe-me ver, eu me casei há uns dez anos. Durou três. Ela também era agente, nós trabalhávamos juntos em Quantico. Depois que nos divorciamos e eu ainda não tinha sido transferido para a Califórnia, continuamos trabalhando juntos e... sei lá, a gente não se perturbava com isso, mas não foi uma coisa boa, sabe? Nessa época, meu pai estava doente aqui. Foi por isso que lhes dei a ideia de mandar alguém da unidade permanentemente para cá. Convenci-os, dizendo que diminuiriam as despesas. Afinal, eu passava o tempo todo vindo para cá de avião. Muitos faziam isso. Imaginei que poderíamos montar um pequeno escritório regional e economizar. Eles concordaram e eu fiquei com o cargo.

Graciela voltou-se e olhou para fora, para Raymond. Ele estava olhando atentamente para um ponto, na água, onde esperava que estivessem os peixes.

— E você? Já foi casada?

— Só uma vez também.

— Filhos?

— Não.

Ela continuou olhando para Raymond. Ainda sorria, mas parecia um pouco tensa com a conversa. McCaleb queria perguntar mais,

porém decidiu não insistir.

— Aliás, você foi legal com ele — disse ela, fazendo um gesto na direção do menino. — É assim mesmo. A gente tem que lhes ensinar as coisas e deixá-los fazê-las por si sós. Gostei do modo como o tratou.

Fitou-o. Ele deu de ombros, indicando que tinha sido por acaso, por pura sorte. Pegou o copo de sua mão, levou-o ao nariz para sentir o aroma e o devolveu. Depois, serviu-se do café que ainda havia na cafeteira e o misturou com leite e açúcar. Brindaram com o copo e a caneca, e beberam. Ela disse que estava bom. Ele, que sua bebida tinha gosto de petróleo.

— É uma pena — lamentou Graciela. — Não acho bom tomar isto na sua frente.

— Tolice. Eu estou contente porque você gostou do vinho.

Fez-se silêncio na sala. Ela olhou para a pilha de relatórios e videocassetes sobre a mesa.

— O que estava querendo me mostrar?

— Hum, nada específico. Foi só uma desculpa para não falar diante de Raymond.

Olhou para o menino pelo vidro. Estava indo bem. Continuava totalmente concentrado na linha que cortava a maré montante. McCaleb esperava que conseguisse fisgar alguma coisa, mas achava pouco provável. Por baixo da bela superfície, a água encontrava-se infestada de poluentes. Se houvesse algum peixe sobrevivente ali, teria de ser dos que se alimentavam da sujeira do fundo e tinham a resistência de uma barata.

Tornou a olhar para Graciela.

— Mas queria que soubesse que falei com a investigadora do xerife esta manhã. Foi bem melhor que conversar com os caras da polícia de Los Angeles.

— A investigadora?

— Jaye Winston. Ela é boa. Trabalhamos juntos uma vez. Deu-me cópias de todo o material sobre ambos os casos. Passei o dia todo trabalhando nisso. É muita coisa.

— E?

Ele resumiu tudo da melhor maneira possível, tendo a delicadeza de omitir os detalhes referentes a irmã dela. Não contou que estava com o videoteipe do assassinato ali mesmo no barco.

— No FBI, a gente chamava isso de cobrir o campo todo — disse ao concluir o resumo. — Quer dizer, não deixar passar nada, nenhum detalhe. O problema aqui é que a investigação do assassinato de sua irmã não cobriu o campo todo, mas, ao mesmo tempo, eu não encontrei nenhuma lacuna, nenhuma falha, no que foi feito. Houve alguns equívocos, talvez algumas suposições apressadas antes que todos os fatos estivessem reunidos, mas não estavam necessariamente erradas. A investigação foi bastante completa.

— Bastante completa — ela repetiu olhando para o chão e dando alguns passos. McCaleb percebeu que não tinha escolhido bem as palavras.

— Quer dizer...

— Quer dizer que esse cara vai ficar impune — disse ela em tom peremptório. — Eu já devia saber que você iria me dizer isso.

— Não foi isso o que eu disse. Jaye Winston, a investigadora do Departamento do Xerife... pelo menos ela continua acompanhando ativamente o caso. E eu ainda não terminei, Graciela. Ainda estou analisando.

— Eu sei. Não quis dizer que estou descontente com você. A culpa não é sua. É que eu estou frustrada.

— Eu entendo. Não quero que fique frustrada. Vamos tratar de jantar bem, mais tarde a gente continua conversando.

— Está bem.

— Vá ficar um pouco com Raymond. Preciso trocar de roupa.

Trajando calça esporte e camisa havaiana amarela estampada de fatias voadoras de abacaxi, McCaleb os levou pelas docas até o restaurante. Não recolheu a linha de Raymond. Deixou o caniço preso nos ganchos da amurada e disse ao menino que dariam uma olhada no anzol quando voltassem.

Graciela e Raymond se sentaram do lado da mesa onde era melhor a vista do sol que estava começando a se pôr atrás da floresta de mastros de veleiros. McCaleb pediu o peixe-espada

grelhado especial para os adultos e pescada com batatas fritas para o menino. Durante o jantar, fez o possível para lhe chamar a atenção e puxar conversa, mas não teve muito êxito. Com Graciela, falou sobretudo da diferença entre morar num barco e numa casa. E contou o quanto era tranquilo e restaurador estar na água.

— E é melhor ainda quando a gente está lá — disse, apontando para o horizonte.

— Vai demorar para que o barco fique pronto?

— Não muito. Assim que o segundo motor estiver retificado, poderei partir. O resto é secundário. Pode ser feito a qualquer hora.

Na volta, Raymond foi caminhando bem à frente deles, junto aos molhes, um sorvete na mão, uma lanterna acesa na outra, vestindo o suéter azul e olhando para todos os lados em busca de caranguejos que estivessem subindo os muros. O céu estava quase totalmente escuro. Quando chegassem ao barco, já estaria na hora de Graciela ir embora com o menino. McCaleb sentiu uma saudade antecipada deles.

Quando o menino se adiantou bastante, Graciela tornou a falar no assunto.

— O que se pode fazer agora?

— No caso? Por enquanto, eu tenho uma pista que quero explorar, uma coisa que podem ter esquecido.

— O quê?

Ele explicou o cruzamento de referências geográficas que fizera durante a tarde e como chegara a Mikail Bolotov. Ao vê-la entusiasmar-se, apressou-se a esfriar-lhe os ânimos.

— Esse cara já tem um álibi. É uma pista, mas pode não dar em nada. Também estou pensando em envolver o FBI com a balística.

— Como assim?

— Esse cara pode ter feito a mesma coisa em outros lugares. Usa uma pistola muito cara. O fato de não ter-se desfeito da arma entre os dois casos significa que gosta dela, de modo que pode tê-la usado em outro lugar. A polícia tem algumas evidências balísticas, os

projéteis. Pode ser que o FBI descubra alguma coisa, se tiver acesso ao material.

Ela não fez comentários, e McCaleb teve a impressão de que achava aquilo tudo um exagero. Prosseguiu:

— Também estou pensando em procurar algumas testemunhas e entrevistá-las de modo diferente, principalmente o homem que viu parte do crime lá no deserto. Vai ser algo delicado. Isto é, eu não quero que Jaye Winston tenha a impressão de que a estou atropelando. Mas gostaria de conversar pessoalmente com esse cara. É a melhor testemunha. Quero falar com ele e talvez com algumas das testemunhas de quando sua irmã foi... você sabe.

— Eu não sabia de testemunha nenhuma. Havia alguém na mercearia?

— Não, não são testemunhas diretas. Mas há uma mulher que estava passando de carro e ouviu os tiros. E também umas pessoas, nos relatórios, com quem sua irmã trabalhou aquela noite no *Times*. Eu gostaria de falar com todas elas pessoalmente, ver se lembram de mais alguma coisa.

— Nisso eu posso ajudá-lo. Conheço quase todos os amigos dela.

— Que bom.

Caminharam algum tempo em silêncio. Raymond continuava bem à frente. Graciela falou enfim:

— Será que pode me fazer um favor?

— Claro.

— Gloria tinha uma amiga no bairro, a Sra. Otero. Ela ficava com Raymond às vezes. Mas Gloria a visitava de vez em quando para falar dos seus problemas. Não sei, talvez valesse a pena você conversar com ela.

— Hum... eu não... quer dizer, você acha que ela pode saber alguma coisa, alguma particularidade da vida de Gloria?

— Talvez possa ajudar.

— Mas como... — Ele começou a compreender. — Por acaso essa mulher é vidente?

— Espiritualista. Gloria confiava muito na Sra. Otero. Ela diz que tem contato com os anjos, e Gloria acreditava. E ela tem telefonado, quer muito falar comigo, sei lá, achei que você poderia ir também.

— Não sei. Eu não acredito nessas coisas, Graciela. Não tenho a menor ideia do que dizer a essa mulher.

Ela se limitou a fitá-lo, e ele notou a censura em seus olhos.

— Graciela... Eu já vi muita coisa ruim e muita gente ruim para acreditar nessas bobagens. Como pode haver anjos lá em cima, se as pessoas fazem o que fazem aqui embaixo?

Ela continuou calada; McCaleb compreendeu que aquele silêncio era um julgamento.

— Bem, vou pensar. Depois lhe dou uma resposta, certo?

— Está bem.

— Não fique zangada.

— Olhe, desculpe-me. Eu o envolvi nisso e sei que é uma grande intromissão. Nem sei o que estava pensando. Só achei que podia...

— Não se preocupe. Eu estou metido nisso tanto por mim quanto por você. Ok? Não perca a esperança. Como eu disse, ainda vou fazer algumas coisas, e Jaye Winston também não vai desistir. Dê-me alguns dias. Se eu não conseguir nada, talvez a gente vá conversar com a Sra. Otero, está bem?

Ela fez que sim, mas a decepção era evidente.

— Ela era uma moça tão boa — disse depois de algum tempo. — Quando Raymond nasceu, tudo mudou. Ela criou juízo, foi morar comigo e começou a estabelecer prioridades. Estava estudando na Cal State de manhã. Por isso trabalhava à noite. Era inteligente. Queria fazer carreira no jornal. Tornar-se jornalista.

Ele se manteve calado. Sabia que era bom para ela falar da irmã.

— E teria sido uma grande jornalista. Tenho certeza. Era solidária com as pessoas. Bastava conhecê-la para saber. Foi voluntária. Depois dos conflitos de rua, ajudou a reorganizar a cidade. Quando houve o terremoto, ia diariamente ao hospital e ficava na emergência simplesmente para animar e consolar as pessoas. Era doadora de órgãos. Doava sangue... a qualquer hora, para qualquer hospital, bastava saber que estavam precisando e se apresentava. Aquele sangue raro... pois ela era mais rara ainda. Às vezes penso sinceramente que poderíamos ter trocado de lugar, eu é que devia ter entrado naquela mercearia.

Ele se aproximou e colocou o braço em seu ombro num gesto consolador.

— Vamos — disse. — Pense em todas as pessoas que você ajuda no hospital. E em Raymond. Você vai ser uma ótima mãe para ele. Não deve ficar tentando saber quem valia mais, pensando em trocar os lugares. O que aconteceu a sua irmã podia ter acontecido a qualquer um.

— Mas, para Raymond, seria muito melhor ficar com a própria mãe do que comigo.

Não havia como discutir com ela. McCaleb moveu o braço e colocou a mão em seu pescoço. Graciela não estava chorando, mas era como se fosse chorar. Ele queria confortá-la, porém sabia que só havia uma maneira de fazê-lo.

Estavam chegando ao ancoradouro. Raymond já os aguardava junto ao portão de segurança que, como de costume, encontrava-se entreaberto. Com mola enferrujada, ele nunca se fechava automaticamente.

— Precisamos ir — disse ela ao se aproximarem do garoto. — Está ficando tarde, e você tem escola amanhã cedo.

— E a vara de pesca? — protestou Raymond.

— O Sr. McCaleb cuida disso para você. Agora, agradeça-lhe a pescaria, o jantar e o sorvete.

O menino estendeu a mão e McCaleb a apertou novamente. Estava fria e úmida.

— Meu nome é Terry. Olhe, nós vamos pescar de verdade em breve. Assim que o meu barco estiver funcionando. Vamos para o mar pescar um peixe bem grande. Conheço um lugar do outro lado de Catalina. Nesta época do ano, a gente pode pescar percas. Muitas. Nós vamos lá, está bem?

Raymond fez um gesto afirmativo, mas guardou silêncio, como se achasse que aquilo jamais pudesse acontecer. McCaleb sentiu muita tristeza. Voltou-se para Graciela.

— Que tal sábado? O barco não vai estar pronto, mas vocês dois poderiam vir de manhã, e nós iríamos pescar no cais. Você pode ficar aqui, se quiser. Espaço não falta.

— Legal! — gritou Raymond.

— Bem — disse Graciela —, vamos ver como vai ser esta semana.

McCaleb balançou a cabeça, percebendo o erro que acabava de cometer. Graciela abriu a porta do Rabbit conversível, e o menino entrou. Depois de fechá-la novamente, aproximou-se.

— Desculpe — disse ele em voz baixa. — Acho que fiz mal em dizer isso na frente do menino.

— Não tem importância. É que eu tenho umas coisas para fazer, não sei ainda. A menos que precise de uma confirmação agora mesmo.

— Não, não há necessidade. Avise-me quando puder.

Ela se aproximou um passo e estendeu a mão.

— Muito obrigada por tudo. Ele é meio quieto, mas tenho certeza de que gostou. E eu adorei.

McCaleb lhe apertou a mão. Ela então se acercou ainda mais e lhe beijou o rosto. Depois, levou a mão aos lábios.

— Que áspero — disse sorrindo. — Resolveu deixar crescer a barba?

— Estou pensando.

Isso a fez rir. Graciela contornou o carro, e McCaleb a acompanhou para abrir a porta. Sentando-se à direção, ela o fitou.

— Sabe de uma coisa? Você deveria acreditar.

— Em anjos?

Ela fez que sim, ligou o motor e partiu.

No barco, McCaleb foi para a popa. O caniço continuava no lugar em que Raymond o deixara, a linha mergulhada na água. Ele enrolou o molinete, e não sentiu nenhuma resistência. Quando a linha finalmente saiu da água, ali estavam o anzol e o chumbo, mas a isca havia desaparecido. Algum peixe a roubara.

CAPÍTULO 13

Na quinta-feira de manhã, McCaleb se levantou antes que os estivadores do porto tivessem chegado ao trabalho. A cafeína do dia anterior fizera efeito sem trégua: não o havia deixado dormir. E estimulara ideias inquietantes sobre a investigação, sobre as diferenças entre os muitos ângulos, sobre Graciela e o menino. Por fim, ele desistira de dormir e ficara esperando de olhos abertos que a primeira luz do dia se infiltrasse pela persiana.

Às 6h, já tinha saído do chuveiro, medido os sinais vitais e tomado os comprimidos. Levou a pilha de relatórios da polícia novamente para a mesa da sala, ligou a cafeteira e comeu uma tigela de cereais. Fez tudo consultando reiteradamente o relógio, sem saber se devia primeiro telefonar para Vernon Carruthers ou conversar com Jaye Winston.

Ela ainda não devia ter chegado. Em compensação, três horas adiantado no fuso horário, Vernon certamente já estava em seu lugar, na unidade de AFM, no laboratório de criminalística. McCaleb sabia que não convinha telefonar para ele antes que Jaye Winston lhe desse o sinal verde. Afinal, o caso era dela. Mas as três horas de diferença entre Los Angeles e Washington lhe davam muita ansiedade. E ele era um homem impaciente. Pressionava-o a urgência de ver as coisas em movimento, de não perder o dia.

Depois de comer, pôs a tigela na pia, consultou outra vez o relógio e decidiu não esperar mais. Pegou a lista telefônica e discou o número direto de Carruthers. Ele atendeu imediatamente.

- Vernon, aqui é Terry.
- Terrell McCaleb! Você está aqui? Na cidade?
- Não, em Los Angeles mesmo. Como vai, meu velho?
- E *você* como vai? Faz tempo que não tenho notícias suas.
- Eu sei, eu sei. Mas estou bem. Obrigado pelos cartões-postais que mandou ao hospital. Agradeça a Marie também. Foi muito bom

recebê-los. Sei que devia ter telefonado ou escrito. Desculpe.

— Nós tentamos ligar para você, mas o seu nome não consta da lista telefônica e ninguém no ER tinha o seu número. Nem Kate. Ela só soube dizer que você tinha saído do apartamento de Westwood. Por aqui dizem que está morando num barco. Você sumiu de verdade, rapaz.

— Bem, acho que por enquanto é melhor assim. Quer dizer, até que eu volte a ter um pouco de mobilidade, compreende? Mas está tudo bem. E você, como é que vai?

— Não posso me queixar. Quando é que você vai aparecer por aqui? Seu quarto ainda está à disposição. Não o aluguei para ninguém de Quantico. Não tive coragem.

McCaleb riu e lhe disse que, infelizmente, não tinha planos de viajar para o leste tão cedo. Fazia quase 12 anos que o conhecia. Quando ele trabalhava em Quantico, Carruthers estava na unidade de Armas de Fogo e Manutenção no laboratório de criminalística da capital, mas os dois quase sempre acabavam se ocupando dos mesmos casos. Quando Carruthers tinha reuniões em Quantico, McCaleb e Kate, sua esposa na época, o hospedavam em casa. Era melhor do que ficar no dormitório da Academia. Em retribuição, quando McCaleb ia a Washington, Carruthers e a esposa Marie deixavam à sua disposição o quarto do filho, que morrera de leucemia aos 12 anos. Carruthers fazia questão, mesmo sabendo que McCaleb estava abrindo mão de um bom quarto, pago pelo FBI, no Hotel Hilton de Dupont Circle. No começo, ele se sentia um intruso no quarto do menino. Mas Vernon e Marie fizeram tudo para que se sentisse à vontade. E o Hilton não tinha como competir com a cozinha sulista e a boa companhia dos dois.

— Bem, venha quando quiser — disse Carruthers, rindo também.
— Quando quiser.

— Obrigado, meu velho.

— Mas, pelo jeito, está acontecendo alguma coisa aí. Por que telefonou tão cedo?

— Trabalho.

— Trabalho? Você? Eu ia justamente perguntar como vai a vidinha de aposentado! É verdade que está morando num barco?

— É. Estou num barco. Mas ainda não consegui me aposentar totalmente.

— Bem, qual é o problema?

McCaleb lhe contou a história, inclusive que havia recebido o coração de Gloria Torres. Ao contrário dos outros envolvidos, queria que Carruthers soubesse de tudo. Tinha confiança nele, sabia que compreenderia o vínculo que o ligava à vítima. Era grande a empatia de Carruthers com as vítimas, principalmente as jovens. O trauma de ter acompanhado a morte lenta do filho manifestara-se na forma de uma dedicação ao trabalho que superava a dos melhores agentes que McCaleb conhecia.

Ele estava no meio ao relato quando ecoou, na marina, a primeira explosão de um contêiner sendo descarregado. Carruthers perguntou que diabo estava acontecendo e McCaleb lhe contou, ao mesmo tempo que levava o telefone para o camarote da frente e fechava a porta, a fim de abafar um pouco o barulho.

— Então você está querendo que eu dê uma olhada nisso? — perguntou o outro quando ele terminou. — Não sei, não. O Departamento do Xerife, aí, tem gente muito boa.

— Eu sei. Não estou colocando isso em dúvida. Só quero ver se consigo dados mais recentes e, principalmente, precisava que levantasse um perfil no computador, se puder. Nunca se sabe. A gente pode acabar encontrando alguma coisa. Algo me diz que vamos encontrar.

— Você e os seus pressentimentos. Disso eu me lembro. Tudo bem, mas quem é que vai me mandar o material? Você ou eles?

— Vou ver se consigo dar um jeito, se o Departamento do Xerife daqui lhe envia o material. Não quero que faça isso “por fora”. Mas já vou avisando: o cara é reincidente. Pode ser que salvemos a vida de alguém se conseguirmos fisgá-lo.

Carruthers ficou alguns momentos em silêncio, e McCaleb imaginou que estivesse repassando mentalmente sua agenda.

— Esse é o problema. Hoje é quinta-feira. Tenho até terça para fazer isso, de preferência até segunda. Quarta-feira, viajo para Kansas City para depor como testemunha. Caso da máfia. É bem possível que passe o resto da semana lá. Portanto, se está com

pressa, trate de apressar as coisas para que eu possa começar imediatamente.

— Não vai ser complicado?

— Claro que vai. Posso retroagir até dois meses, mais do que isso não é considerado coisa nova. Mas mande o material, e deixe o resto por minha conta.

— Vou mandar de qualquer maneira. No mais tardar, segunda-feira.

— Tudo bem, meu velho.

— Ah, só mais uma coisa. Anote o meu número. Como já disse, não estou trabalhando oficialmente. O certo seria você entrar em contato com o Departamento do Xerife, mas vou ficar muito agradecido se me avisar, caso tope com alguma coisa fora do normal.

— Combinado — respondeu Carruthers sem hesitar. — Me dê o número. *E* o endereço. Marie vai precisar para os cartões de Natal.

Quando McCaleb terminou de lhe dar a informação, o amigo pigarreou.

— Tem conversado com Kate ultimamente?

— Ela telefonou para o hospital uns dias depois do transplante, mas eu ainda estava meio “desligado”. Não conversamos muito.

— Hum. Não custava telefonar para ela, só para lhe dizer que está passando bem.

— Sei lá. E ela, como está?

— Acho que vai bem. Ninguém me disse o contrário. Telefone para ela.

— Melhor deixar para lá. Afinal, estamos divorciados, não é?

— Você é que sabe. Em todo caso, vou lhe mandar um e-mail só para ela saber que você continua respirando.

Depois de mais alguns minutos de conversa, McCaleb desligou e voltou à sala para tomar mais café. Tomou-o puro, pois o leite havia acabado. Era como curar a ressaca com um conhaque, mas ele não queria perder o ritmo. Se as coisas caminhassem como esperava, passaria a maior parte do dia na rua.

Já eram quase 7h, em breve poderia telefonar para Jaye Winston. Saiu ao deque para respirar. A neblina matinal estava

densa, as outras embarcações pareciam fantasmas no ancoradouro. Demoraria algumas horas para que o sol a desfizesse. Ele olhou para o barco de Buddy Lockridge, mas não viu nenhum sinal de atividade.

Às 7h10, sentou-se à mesa da sala com o bloco de papel e digitou o número de Jaye Winston no telefone sem fio. Ela acabava de sentar-se à escrivaninha quando o aparelho tocou.

— Estou acabando de chegar — disse. — E não esperava que me telefonasse tão cedo. Eu lhe entreguei muito material.

— É verdade. Mas, depois de começar, não consegui mais parar.

— O que achou?

McCaleb sabia que ela estava lhe perguntando o que tinha achado da sua investigação, pedindo-lhe um julgamento.

— Acho que você fez um ótimo trabalho, mas eu já sabia disso antes de ver o material. Gostei de tudo que fez, Jaye. Nenhuma queixa.

— Mas?

— Mas anotei umas perguntas, se tiver um pouco de tempo. Talvez algumas sugestões, se quiser. Uma ou outra dica.

Jaye Winston riu com naturalidade.

— Vocês, federais, sempre com perguntas, sugestões e uma ou outra dica.

— Acontece que eu já não sou federal.

— Deve ser uma doença incurável, então. Vá em frente.

McCaleb examinou as anotações que havia feito no dia anterior e começou diretamente por Mikail Bolotov.

— Antes de mais nada, você conhece Ritenbaugh e Aguilar?

— Não, não os conheço. Eles não são do setor de homicídios. O capitão os pediu emprestado a Assaltos e os deixou comigo uma semana. Foi quando estávamos atrás dos nomes dos caras com três delitos. Por quê?

— Bem, eu acho que um dos nomes que eles riscaram da lista merece mais uma olhada.

— Qual?

— Mikail Bolotov.

McCaleb ouviu um barulho de papéis: Jaye Winston estava procurando o relatório de Ritenbaugh e Aguilar.

— Pronto. Achei. Qual é o problema com ele? Parece que tem um bom álibi.

— Já ouviu falar em referências geográficas cruzadas?

— Referências o quê?

Ele explicou o conceito e lhe contou o que havia feito e como chegara a Bolotov. Explicou ainda que este fora entrevistado antes do assalto à mercearia Sherman, de modo que não havia sido possível relacionar o endereço e o local de trabalho de Bolotov com uma das HK P7 roubadas. Quando ele terminou, Jaye Winston concordou que o russo precisava ser reexaminado, mas não se mostrou tão entusiasmada com as perspectivas quanto McCaleb.

— Olhe, eu já disse que não conheço esses caras, portanto não posso pôr a mão no fogo por eles, mas tenho a impressão de que não são novatos. Imagino que sejam capazes de fazer uma entrevista como essa e fornecer um álibi.

McCaleb não disse nada.

— O pior é que eu tenho tribunal esta semana. Não posso ir atrás desse cara outra vez.

— Eu posso.

Dessa vez foi Jaye Winston que ficou calada.

— Não se preocupe — disse McCaleb. — Eu conheço os procedimentos.

— Sei lá, Terry. Agora você é um cidadão comum. Isso pode ir longe demais.

— Tudo bem, pense no assunto. Mas eu tenho outra coisa para lhe dizer.

— Pois diga.

McCaleb sabia que, se ela não voltasse a mencionar Bolotov na conversa, estaria lhe dando autorização extraoficial para averiguar o russo. Só não queria sancionar o que ele iria fazer.

— Hum, em primeiro lugar, eu não achei nada sobre o cartão de banco no caso Cordell. Que o cara pegou o dinheiro eu sei, mas levou o cartão também?

— Não, ficou na máquina. Foi devolvido, mas como ninguém o pegou, a máquina tornou a engoli-lo automaticamente. É um

dispositivo de segurança para o caso de alguém esquecer de pegar o cartão.

McCaleb rabiscou um sinal junto a essa pergunta no bloco de papel.

— Certo. Tenho também uma dúvida quanto ao Cherokee. Por que não contou nada aos jornais?

— Bem, nós contamos, sim, mas não imediatamente. No primeiro dia, ainda estávamos avaliando tudo e não demos a informação no primeiro press release. Achamos melhor não divulgar esse detalhe, pois o sujeito podia ler e livrar-se do carro. Dias depois, como não tinha acontecido mais nada e estávamos dando de cara com a parede, eu divulguei outro release, falando no Cherokee. O problema é que Cordell já era notícia velha e ninguém se interessou. Só um jornaleco semanal, lá no deserto, o publicou. Sei que foi um erro. Eu devia ter divulgado isso no primeiro release.

— Não necessariamente — disse McCaleb ao mesmo tempo que marcava um novo sinal no bloco de papel. — Eu compreendo o seu raciocínio. — Releu todas as anotações. — Outra coisa... Em ambos os videoteipes, o assassino diz alguma coisa... depois de atirar. Ou está falando sozinho ou com a câmera. Os relatórios não mencionam isso. Vocês fizeram alguma coisa para...

— Nós temos um cara, aqui no escritório, cujo irmão é mudo. Mostrou as fitas para ele, para que tentasse ler os lábios. O rapaz não tem certeza sobre a primeira gravação, a do caixa eletrônico, mas acha que, ao tirar o dinheiro da máquina, o cara disse algo como "Não se esqueçam da cachola". Na outra fita, teve menos certeza ainda. Acha que o bandido pode ter dito a mesma coisa ou algo parecido com "Não fodam com o" e algo mais. Em ambas as fitas a última palavra ficou incompreensível. Mas eu não dei importância a isso. Você não deixa escapar nada, hein?

— Deixo, sim, o tempo todo — disse McCaleb. — O cara que lê os lábios seria capaz de perceber, caso o criminoso estivesse falando russo?

— O quê? Ah, você está achando que foi Bolotov? Não, duvido que o irmão do nosso colega saiba russo.

McCaleb anotou a possível tradução do que o assassino disse. Depois, tamborilou a caneta no papel e se perguntou se devia queimar seu último cartucho naquele momento.

— Mais alguma coisa? — perguntou Jaye Winston depois de algum tempo.

Ele decidiu que era melhor esperar um pouco para falar em Carruthers. Pelo menos diretamente.

— A arma — disse.

— Eu sei. Também não gostei disso. A P7 não é a pistola mais usada pelos pés de chinelo. Deve ter sido roubada. Você viu que eu levantei a lista de armas roubadas. Porém, como em tudo o mais, demos de cara com a parede. Não descobrimos nada.

— Acho que a teoria é boa até certo ponto — disse McCaleb. — Mas é estranho que ele tenha ficado com a arma depois do primeiro crime. Se fosse roubada, o mais provável é que a tivesse jogado o mais longe possível, no deserto, dez minutos depois de haver matado Cordell. Na vez seguinte, roubaria outra.

— Não, não se pode dizer isso — contestou Jaye Winston, e McCaleb a imaginou balançando a cabeça. — Não há um padrão definitivo aqui. Ele pode muito bem ter preferido ficar com a arma porque sabia que era valiosa. E você precisa se lembrar de que o primeiro tiro atravessou a cabeça de Cordell. Ele pode ter imaginado que o projétil não seria encontrado ou que, uma vez que havia atingido a parede, como de fato atingiu, ficaria muito deformado para uma comparação. Lembre-se de que teve o cuidado de recolher o cartucho vazio. Provavelmente, imaginou que poderia usar a arma pelo menos mais uma vez.

— É possível que você tenha razão.

Ambos suspiraram e ficaram alguns segundos calados. McCaleb tinha ainda dois itens no papel.

— Outra coisa — disse com cautela — os projéteis.

— Que têm eles?

— Ontem você me disse que está com os laudos balísticos de ambos os casos.

— É verdade. Está tudo guardado com a relação de indícios. Por quê?

— Já ouviu falar no DRUGFIRE?

— Não.

— Pode nos ajudar. Ajudá-la. É jogar alto, mas acho que vale a pena.

— Mas o que é isso, afinal?

McCaleb explicou. O DRUGFIRE era um programa de computador do FBI, projetado com linhas de armazenamento semelhantes às do banco de dados de impressões digitais. Foi criado pelo laboratório de criminalística, no começo da década de 1980, quando irromperam guerras entre os traficantes de cocaína em quase todas as grandes cidades, particularmente em Miami, provocando um aumento sensível dos índices de homicídio em todo o país. Geralmente, os assassinatos eram cometidos com armas de fogo. No esforço para solucionar os crimes e prender os assassinos, o FBI desenvolveu o programa DRUGFIRE. As marcas características de estrias encontradas nos projéteis recolhidos durante as investigações dos crimes perpetrados pelos pistoleiros do narcotráfico eram lidas a laser, codificadas e armazenadas num sistema utilizado pela polícia de todo o país, o qual permitia a rápida comparação dos perfis dos projéteis codificados.

Pouco a pouco, à medida que se acrescentavam novos registros, o banco de dados foi crescendo. Também o programa se expandiu, muito embora continuasse mantendo o nome DRUGFIRE, e passou a abranger a totalidade dos casos notificados ao FBI. Fosse um assassinato durante um conflito de rua em Las Vegas, uma morte numa rixa de gangues no sul de Los Angeles ou um criminoso em série em Fort Lauderdale, todo caso em que alguém saísse baleado era levado ao FBI e ia parar no banco de dados. Passada mais de uma década, havia milhares de registros nos arquivos do computador.

— Mas eu já lhe contei que procuramos semelhanças. A balística não achou nada. Também enviamos teletipos e uma solicitação ao computador da Relação Nacional de Crimes. Nada.

— Entendo. Mas o método desse cara pode ter evoluído, mudado. Talvez o que ele tenha feito com essa arma, digamos, em Phoenix, não seja a mesma coisa que fez aqui. O que quero dizer é

que não é impossível que ele tenha vindo para cá de outro lugar. Nesse caso, é bem provável que tenha usado essa arma lá. E, se tivermos sorte, o dado correspondente se encontra no computador do FBI.

— Pode ser — disse Jaye Winston.

E ficou em silêncio, refletindo sobre a proposta. McCaleb sabia no que estava pensando. O DRUGFIRE era um passo arrojado, e Jaye Winston era inteligente o bastante para sabê-lo. Se aceitasse a sugestão, provocaria inevitavelmente o envolvimento federal, sem falar que estaria aceitando a orientação de McCaleb, um cara de fora, que oficialmente nada tinha a ver com o caso.

— Que acha? — perguntou ele por fim. — Basta mandar-lhes um projétil. E você tem umas quatro, dos dois casos.

— Não sei — disse ela. — Não me entusiasma muito a ideia de enviar nosso material para Washington. E duvido que entusiasme a polícia de Los Angeles.

— Los Angeles não precisa saber de nada. A depositária dos indícios é você. Pode mandar um dos projéteis, se quiser. E o terá de volta em uma semana. Arrango não precisa sequer saber que foi enviado. Eu já falei com um cara de Armas de Fogo e Manutenção. Ele disse que daria uma olhada se mandássemos o material.

McCaleb fechou os olhos. Se fosse para ela se zangar, seria naquele momento.

— Quer dizer que você andou dizendo que nós iríamos fazer isso? — perguntou Jaye Winston sem dissimular a irritação.

— Não, isso eu não disse. Disse que estava em contato com uma investigadora daqui, que era muito dedicada e competente e que provavelmente queria ter certeza de que não tinha deixado escapar nada.

— Puxa! Quanta lisonja!

McCaleb sorriu.

— Outra coisa — acrescentou —, mesmo que a gente não tenha sorte, pelo menos a arma vai para o computador. Pode ser que, no futuro, sirva para alguma coisa.

Ela ficou pensando um momento. McCaleb tinha certeza de que a encurralara, como quando a convencera a pôr vigilância no cemitério

para prender Luther Hatch. Teria de concordar, do contrário passaria o resto da vida com a pulga atrás da orelha.

— Está certo — cedeu ela, enfim. — Vou falar com o capitão. Vou lhe dizer que quero fazer isso. Se ele autorizar, mando o material. Mas só um projétil... nada mais.

— É só disso que eles precisam.

McCaleb ainda a informou de que Carruthers precisava receber o material até terça-feira de manhã e pediu-lhe que falasse com o capitão o mais cedo possível. Isso provocou um novo silêncio.

— Eu garanto que vale a pena, Jaye.

— Eu sei. É que... Bem, deixe estar. Dê o nome e o número do telefone desse cara.

McCaleb cerrou o punho e desferiu um soco no ar. Pouco importava que estivessem dando um passo ousado demais. A sorte estava lançada. Fazia-lhe bem sentir que as coisas começavam a avançar.

Depois de receber o nome e o endereço de contato de Carruthers, Jaye Winston perguntou se McCaleb tinha mais alguma coisa a dizer. Ele consultou o bloco de anotações, mas o que lhe interessava naquele momento não estava escrito.

— Só mais uma coisa. Não sei se você vai gostar.

— Ah, não! — gemeu Jaye Winston. — Ainda não acabou? Tudo isso num único telefonema? Está bem, McCaleb, desembuche.

— James Noone.

— A testemunha? O que há com esse cara?

— Ele viu o assassino. Viu o carro dele.

— Grande coisa. Há uns 100 mil Cherokees iguais no sul da Califórnia, e a descrição que deu do suspeito é tão vaga que ele não soube dizer se estava de chapéu ou não. Essa testemunha mal pode testemunhar.

— Mas ele viu o cara. Foi numa situação de estresse. Quanto maior o estresse, mais profundo é o registro. Noone seria perfeito.

— Perfeito para quê?

— Para ser hipnotizado.

CAPÍTULO 14

Buddy Lockridge parou o Taurus numa vaga do estacionamento da Video Graphic Consultores, na La Brea Avenue, em Hollywood. Não estava vestido no estilo descolado do lugar nesse segundo dia a serviço de McCaleb. Escolhera uma bermuda e uma camisa solta com ukuleles e havaianas a flutuar num fundo azulão. McCaleb disse que esperava não demorar muito e desceu.

A VGC trabalhava principalmente para a indústria de entretenimento. Alugava equipamento profissional de vídeo e também fazia trilhas sonoras e edição. Seus clientes eram sobretudo cineastas que trabalhavam quase exclusivamente com vídeo, mas a VGC também produzia os melhores efeitos de vídeo e tinha os mais modernos laboratórios de retoque de imagens de Hollywood.

McCaleb já estivera lá uma vez, emprestado para a unidade de Roubo a Bancos do Escritório Regional. Esse tinha sido o lado ruim de sua transferência de Quantico a Los Angeles: tecnicamente, ele estava sob as ordens do agente especial no comando do ER. E sempre que este achava que havia pouco trabalho na unidade de Crimes Seriais — e acaso isso acontecia? — mandava-o fazer outra coisa, geralmente algo que McCaleb achava detestável.

Da última vez que entrara na VGC ele estava com o videoteipe da câmera instalada no teto de uma agência de Beverly Hills do banco Wells Fargo. Fora assaltado por vários pistoleiros mascarados, que fugiram com 363 mil dólares. Era o quarto assalto a banco do grupo em 12 dias. A única pista de que os agentes dispunham encontrava-se no vídeo. Quando um dos ladrões estendeu a mão para pegar a sacola que a moça do caixa acabava de encher de dinheiro, sua manga ficou presa na borda do balcão de mármore e foi empurrada para trás. O bandido a colocou rapidamente no lugar, mas, por uma fração de segundo, pôde-se ver a forma de uma tatuagem em seu antebraço. A imagem saiu muito granulada, fora captada por uma

câmera a nove metros de distância. Quando o técnico do laboratório do Escritório Regional disse que nada podia fazer, acharam preferível não enviar a fita ao QG, em Washington, pois demoraria mais de um mês para ser analisada. E os assaltantes estavam atacando de três em três dias. Pareciam agitados no vídeo, à beira da violência. Havia urgência.

Foi McCaleb quem levou a fita à Video Graphic Consultores. Um técnico isolou o enquadramento que interessava e, no espaço de um dia, corrigiu-o mediante redefinição em pixel e ampliações, até que a tatuagem ficasse identificável. Era um gavião em pleno voo, com um fuzil numa das garras e uma foice na outra.

A tatuagem solucionou o caso. Sua descrição e a fotocópia foram enviadas por fax a sessenta escritórios regionais do país. O supervisor no escritório de Butte retransmitiu a informação a uma agência residente menor, em Coeur d'Alene, Idaho, onde um agente reconheceu na tatuagem uma insígnia que tinha visto numa bandeira hasteada diante da casa de um membro de um grupo local de extremistas antigovernamentais. O grupo ficara sob a suspeita e a observação intermitente do FBI porque acabava de comprar grandes extensões de terra na zona rural da cidade. O supervisor da AR conseguiu fornecer ao ER de Los Angeles a lista de nomes dos membros da organização, com os respectivos números de identidade. O FBI passou a investigar os hotéis e não tardou a localizar sete membros do grupo hospedados no Airport Hilton. Eles ficaram sob vigilância e, no dia seguinte, foram vistos assaltando um banco em Willowbrook. Trinta agentes foram colocados em pontos de observação, do lado de fora, prontos para intervir ao primeiro sinal de violência. Não houve. Os assaltantes foram seguidos até o hotel e presos nos quartos por policiais disfarçados de camareiros e garçons. Um deles acabou cooperando com o FBI e confessou que vinham assaltando bancos a fim de levantar capital para a aquisição de mais fazendas em Idaho. O grupo queria a terra para que seus membros ficassem a salvo do Armagedon^[2] que seu líder anunciara para muito em breve nos Estados Unidos.

Agora, lá estava McCaleb outra vez. Ao entrar no saguão de recepção, reparou que a carta de agradecimento com o timbre do FBI que ele enviara ao concluir as investigações dos assaltos a banco encontrava-se emoldurada na parede, atrás da recepcionista. Debruçando-se no balcão e forçando a vista, conseguiu ler o nome do homem a quem ele a havia endereçado.

— Pois não — disse a recepcionista.

McCaleb apontou para a carta:

— Eu queria falar com Tony Banks.

Ela lhe perguntou o nome e não deu mostras de reconhecê-lo, muito embora estivesse na carta pendurada atrás dela. Pegou o telefone. Pouco depois Tony Banks veio recebê-lo em pessoa. Só reconheceu McCaleb quando ele lhe contou a história do vídeo do banco.

— Claro, claro, estou me lembrando. Foi você que mandou a carta.

Ele apontou para a moldura na parede.

— Eu mesmo.

— E em que eu posso servi-lo? Outro assalto a banco?

Estava olhando para o videotape na mão de McCaleb.

— Bem, é outro caso. Não sei se você pode dar uma olhada nesta fita. Há algo nela que eu gostaria de saber se pode ficar mais nítido.

— Tudo bem, vamos ver. É sempre um prazer ajudá-lo.

Entraram por um corredor carpetado, passaram por diversas portas de que McCaleb se lembrava da visita anterior às salas de leitura. Os negócios iam bem. Em todas as portas havia sinais luminosos dizendo OCUPADO. Por trás de uma delas, ouviram-se gemidos abafados. Banks olhou para ele e virou os olhos.

— Não se preocupe — disse. — É só a fita de edição.

McCaleb havia recebido exatamente a mesma explicação da outra vez que estivera lá.

Banks abriu a última porta do corredor. Depois de olhar para ter certeza de que a sala estava vazia, entrou e fez um sinal para que McCaleb o seguisse. Havia duas cadeiras diante de uma máquina de edição de vídeo com pequenos monitores de trinta polegadas. Banks

ligou o equipamento, apertou um botão no lado esquerdo, e a bandeja da fita cassete se abriu.

— É uma cena violenta — alertou McCaleb. — Uma pessoa sendo baleada. Se preferir, pode sair, eu rodo a fita até o quadro que me interessa.

Banks refletiu um momento. Era um homenzinho magricela de cerca de 30 anos, tinha o cabelo tão louro que parecia branco: comprido no alto e raspado nos lados. Típico corte hollywoodiano.

— Eu já vi coisas feias — disse. — Pode pôr a fita.

— Acho que ninguém gosta de ver isso. Há uma diferença entre as imagens reais e as do cinema.

— Ponha a fita.

McCaleb colocou a fita cassete na bandeja, e Banks começou a rodá-lo. Sua respiração ficou mais ofegante quando ele viu Gloria Torres agarrada por trás, o cano da arma em sua cabeça, o disparo. McCaleb estendeu a mão e aproximou o dedo do botão de PAUSA. No momento em que Kyungwon Kang foi baleado e seu corpo tombou sobre o balcão e começou a escorregar para trás, ele apertou o botão e congelou a imagem. Depois, manipulando um controle que lhe permitia avançar ou retornar a fita devagar, obteve exatamente a imagem que lhe interessava. Voltou-se para Banks, que parecia estar acabando de ter a revelação de todos os males da humanidade.

— Tudo bem com você?

— Que coisa horrível!

— É. É horrível.

— Que quer que eu faça?

McCaleb tirou uma caneta do bolso da camisa, aproximou-a da tela e tamborilou no relógio de pulso de Kang.

— O relógio?

— É. Quero saber se é possível ampliar este quadro ou fazer alguma coisa que me permita ver o mostrador. Preciso saber que horas eram neste ponto do vídeo.

— A hora? Como assim? Está aqui — surpreendeu-se o outro ao mesmo tempo que apontava para o horário mostrado na borda inferior da tela.

— Não posso confiar na hora marcada aí. Por isso preciso ver o relógio.

Banks se inclinou para a frente e começou a manipular os botões do painel que controlavam o foco e a ampliação das imagens.

— Não é a original — disse depois de algum tempo.

— A fita? Não, por quê?

— Não dá para ampliar muito. Você conseguiria a original?

— Duvido.

McCaleb olhou para a tela. Banks tornara a imagem mais nítida e maior. Todo o espaço estava ocupado pela parte superior do corpo de Kang e seu braço estirado. Mas o mostrador do relógio continuava borrado e cinzento.

— Bem, neste caso, o que eu posso fazer, se você puder deixar a fita comigo, é trabalhar um pouco mais, mandar chamar alguém no laboratório. Talvez torná-la mais nítida com um pouco de redefinição em pixel. Com este equipamento não dá para fazer coisa melhor.

— Acha que vale a pena tentar mesmo sem o original? Será que sai alguma coisa?

— Não sei, mas não custa tentar. O laboratório é capaz de coisas incríveis. Você está atrás dele, não está? Desse homem do vídeo?

Apontou para a tela, embora naquele momento não estivesse aparecendo o bandido.

— É, eu estou atrás dele.

— Então vamos ver o que se pode fazer. Posso ficar com a fita cassete?

— Pode, quer dizer... hum, será que dá para tirar uma cópia? Pode ser que eu precise mostrá-la a outra pessoa.

— Claro, vou buscar uma fita.

Banks se levantou e saiu. McCaleb ficou olhando fixamente para a tela. Tinha observado como Banks usara o equipamento. Voltou a fita e ampliou o quadro que mostrava o bandido mascarado. Não adiantou. Avançou-a um pouco mais e a deteve numa tomada ampliada do rosto de Gloria. Parecia um abuso estar tão perto dela num momento como aquele, olhar para uma mulher que acabava de perder a vida. O rosto estava de perfil, seu olho esquerdo, o único que ele podia ver, continuava aberto.

McCaleb reparou nos três brincos na orelha. Um deles era minúsculo, um crescente de prata. Depois, seguindo a curva da orelha, havia uma argola que também devia ser de prata e, por fim, pendurado no lóbulo, um crucifixo. Ele sabia que as mulheres jovens usavam vários brincos numa só orelha.

Enquanto aguardava Banks, manipulou uma vez mais os botões, fazendo recuar a fita até obter uma imagem do lado direito de Gloria, bem quando ela acabava de entrar no quadro. Levava só um brinco na outra orelha, um crescente também.

Banks retornou com uma fita e a colocou rapidamente na segunda bandeja enquanto terminava de rebobinar o videoteipe. Levou uns trinta segundos para tirar uma cópia em alta velocidade. Retirou-a do aparelho, guardou-a num estojo e o entregou a McCaleb.

— Obrigado. Quanto tempo acha que vai demorar para que alguém possa cuidar disso?

— Nós estamos com muito trabalho. Mas eu vou dar uma olhada no cronograma e ver se conseguimos mandar alguém fazer isso o mais depressa possível. Talvez amanhã ou sábado. Está bem?

— Está bem. Muito obrigado, Tony, é muita gentileza.

— Não se preocupe. Não sei se ainda tenho o seu cartão. Quer que telefone?

Naquele momento, McCaleb resolveu continuar com a farsa. Não contou a Banks que havia se aposentado. Achou que ele se dedicaria mais ao projeto se pensasse que estava prestando um serviço ao FBI.

— Sabe de uma coisa? Vou lhe dar um número particular. Se telefonar e eu não atender, deixe a mensagem. Eu retorno assim que puder.

— Tudo bem. Tomara que eu consiga ajudar.

— Tomara mesmo. Só queria lhe pedir um favor, Tony, não mostre a fita a ninguém que não precise vê-la.

— Não se preocupe — respondeu o rapaz, corando um pouco. McCaleb se deu conta de que ou o havia constrangido desnecessariamente com um pedido óbvio, ou o pegara exatamente

no momento em que ele estava pensando em mostrar o videotape a alguém. Mais provável era a segunda hipótese.

McCaleb lhe deu o número, apertou-lhe a mão e foi sozinho pelo corredor. Ao passar pela porta onde ouvira os falsos gemidos de amor, notou que estava tudo em silêncio lá dentro.

Quando abriu a porta do Taurus, ouviu o rádio ligado e viu que Lockridge estava com a gaita no colo, pronto para tocá-la quando ouvisse a música que queria. Buddy fechou um livro intitulado *A morte do tenor*. Colocou o marcador mais ou menos na metade.

— O que aconteceu com o inspetor Fujigama?

— Quem?

— O livro que você estava lendo ontem.

— *O inspetor Imanishi investiga*. Já terminei.

— Ah é, Imanishi. Você lê depressa.

— Quando o livro é bom, sim. Você lê romances policiais?

— Por que eu haveria de ler coisas inventadas se conheço as reais e as detesto?

Buddy ligou o motor. Teve de tentar duas vezes antes que pegasse.

— É um mundo muito diferente. Tudo em ordem, o bem e o mal claramente definidos, o bandido sempre acaba recebendo o que merece, o herói é fantástico, tudo tem solução. É um antídoto, refresca o mundo real.

— Coisa chata.

— Não. Dá segurança na gente. Aonde vamos agora?

CAPÍTULO 15

Depois de almoçar no Musso & Frank's, um restaurante que McCaleb adorava, mas fazia dois anos que não frequentava, eles desceram a colina de Hollywood rumo a Valley, e chegaram à sede da Relógios Deltona às 13h45. Antes de sair da marina, McCaleb havia telefonado para a fábrica e fora informado de que Mikail Bolotov continuava trabalhando no turno das 14h às 22h.

A Relógios Deltona era um armazém enorme que se erguia atrás de um pequeno showroom e loja a varejo que dava diretamente para a rua. Quando Lockridge estacionou o Taurus em frente à loja, McCaleb abriu a maleta de couro que se encontrava no chão, a sua frente, e pegou a arma. Já estava no coldre de lona que ele, então, prendeu no cinto.

— Ei! Por que isso? — exclamou Lockridge.

— Por nada. É só um hábito.

Tirando um calhamaço de relatórios do Departamento do Xerife, certificou-se de que o interrogatório de Bolotov e seu patrão, um homem identificado como Arnold Toliver, estava em cima das outras folhas. Tudo pronto. Voltou-se para Lockridge.

— Muito bem, eu já volto.

Ao descer do Taurus, notou que dessa vez seu motorista improvisado não tinha se oferecido para acompanhá-lo. Talvez valesse a pena andar armado com mais frequência.

Não havia clientes na loja. O que havia era uma infinidade de relógios ordinários de quase todos os tamanhos. A maioria era mais industrial, daqueles mais facilmente encontrados em salas de aula ou em lojas de acessórios para automóveis do que numa residência. Nos fundos, na parede atrás do balcão, havia uma vitrine com oito relógios iguais, marcando as horas em diferentes cidades do mundo, e uma moça sentada em uma cadeira. McCaleb imaginou que, com a

loja vazia e em meio a todos aqueles relógios, o tempo devia passar muito devagar para ela.

— Posso falar com o Sr. Toliver? — perguntei, aproximando-me do balcão.

— Arnold ou Randy?

— Arnold.

— Vou ver. De que empresa?

— Eu não vim comprar relógios. Estou conferindo uma averiguação do Departamento do Xerife, feita no dia 3 de fevereiro.

Depositou no balcão a pilha de relatórios para que ela visse que eram documentos oficiais. Depois, colocou as mãos na cintura, abrindo um pouco o paletó, de modo que a moça notasse que estava armado. Ela tirou o fone do gancho e discou três números.

— Arnie, é Wendy. Um senhor do Departamento do Xerife está aqui por causa de uma investigação ou coisa assim.

McCaleb não a corrigiu. Não tinha mentido e não pretendia mentir quanto a sua identidade nem explicar para quem estava trabalhando. Mas se a moça preferia fazer suposições incorretas, não seria ele quem a corrigiria. Depois de ouvir o que lhe diziam durante alguns momentos, Wendy o fitou.

— Que investigação?

McCaleb apontou com o queixo para o aparelho e estendeu a mão. A recepcionista hesitou um instante, mas lhe entregou o fone.

— Sr. Toliver? Aqui é Terry McCaleb. Há alguns meses o senhor falou com dois investigadores do xerife chamados Ritenbaugh e Aguilar sobre um funcionário seu, Mikail Bolotov. Lembra-se? — Houve uma longa pausa, mas Toliver acabou confirmando. — Pois bem, eu fiquei com o caso agora. Ritenbaugh e Aguilar estão cuidando de outra coisa. Preciso lhe fazer algumas perguntas adicionais. Posso entrar?

— Bem... nós estamos com muito trabalho. Eu...

— Não vai demorar. Lembre-se, é a investigação de um homicídio, e eu espero que o senhor continue a colaborar.

— Bem, eu acho...

— Acha o quê?

— Hã... então entre. A menina lhe mostrará o caminho.

Três minutos depois, McCaleb havia percorrido o prédio, passado por várias fileiras de bancadas de montagem e embalagem, até chegar ao escritório dos fundos, perto de uma rampa de embarque e desembarque de mercadorias. Ao passar pelas bancadas, ouviu a conversa dos funcionários. E, em três ocasiões, acreditou que eles estavam falando russo.

Quando McCaleb abriu a porta do escritório, o homem que devia ser Toliver desligou o telefone e acenou para ele. Bem magro e já passando dos 60, tinha pele escura e ressecada. Os cabelos muito brancos caíam em franjas nos lados da cabeça. No bolso de sua camisa, havia uma espécie de reforço de plástico e uma grande diversidade de canetas.

— Estou com pressa — avisou. — Preciso conferir o carregamento de um caminhão que está para sair.

— Ótimo. — McCaleb olhou para o primeiro relatório da pilha. — Há dois meses, o senhor disse aos investigadores Ritenbaugh e Aguilar que Mikail Bolotov estava trabalhando na noite de 22 de janeiro.

— É verdade. Eu me lembro. É isso mesmo.

— Tem certeza, Sr. Toliver?

— Como assim? Claro que tenho certeza. Eu verifiquei para eles. Estava nos livros. Também fui ver o cartão de ponto.

— O senhor está dizendo que se baseou na folha de pagamento ou no fato de ter visto Bolotov trabalhando aquela noite?

— Ele estava aqui. Mikail não falta nunca.

— E o senhor se lembra de tê-lo visto trabalhando o tempo todo, até às 22h?

— O cartão de ponto mostra que ele...

— Não estou falando no cartão de ponto. Estou perguntando se o senhor lembra que ele ficou aqui até às 22h. — Toliver não respondeu. Pela janela do escritório, McCaleb olhou de relance para as fileiras de bancadas. — O senhor tem muita gente trabalhando aqui. Quantos são no turno das 14h às 22h?

— No momento, 88.

— E naquela época?

— Mais ou menos a mesma coisa. Por quê?

— Porque o senhor forneceu a esse homem um álibi baseado no cartão de ponto. Não acha que Bolotov pode ter saído mais cedo aquela noite, sem ser notado, e que um amigo marcou o ponto para ele? — Toliver não respondeu. — Vamos deixar Bolotov de lado. O senhor nunca teve esse tipo de problema? Sabe como é, um marca o ponto para outro e engana a firma.

— Faz 16 anos que eu estou no ramo, é claro que isso acontece.

— Pois é. Não pode ter acontecido com Bolotov? Ou o senhor fica do lado do relógio de ponto toda noite para ver se alguém marca dois cartões?

— Impossível não é. Eu não fico vigiando o relógio. Quase sempre é o meu filho que fecha a fábrica. Eu vou para casa mais cedo. Ele é que controla a saída.

McCaleb conteve a respiração um instante e sentiu crescer a agitação que estava tentando refrear. Num tribunal, aquela resposta bastaria para destruir o álibi de Bolotov.

— Seu filho é Randy?

— É, sim, Randy.

— Posso falar com ele?

— Está no México. Temos outra fábrica em Mexicali. Ele passa lá uma semana por mês. Vai voltar na semana que vem.

— Não dá para telefonar para ele?

— Posso tentar, mas é difícil encontrá-lo no escritório. Deve estar na produção. É por isso que viaja todo mês, para ver se a linha de montagem está funcionando. Além disso, como ele vai se lembrar de uma noite três meses atrás? Nós fabricamos relógios, investigador. Toda noite, os mesmos relógios. E todo dia os despachamos. Nenhuma noite é diferente da outra.

McCaleb se voltou e olhou pela janela novamente. Notou que vários operários estavam saindo e outros começavam a ocupar os seus lugares. Acompanhou a troca de turno até identificar o homem que lhe pareceu ser Bolotov. Não havia fotografias nos relatórios, só uma rápida descrição. Mas o homem que McCaleb detectou usava uma camiseta preta, as mangas muito justas nos fortes braços tatuados. Todas as tatuagens tinham sido feitas com a mesma tinta: azul penitenciária. Só podia ser Bolotov.

— É ele, não?

Fez um gesto na direção do homem que acabava de se sentar a uma bancada. McCaleb teve a impressão de que o trabalho de Bolotov consistia em colocar os mecanismos prontos em invólucros de plástico e, depois, empilhá-los num carrinho de quatro rodas.

— Qual?

Toliver se aproximou da janela.

— Aquele todo tatuado.

— É ele mesmo.

McCaleb ficou um momento pensando.

— O senhor contou a Ritenbaugh e Aguilar que o álibi que estava fornecendo a esse homem se baseava no que tinha lido na folha de pagamento e nos cartões de ponto, não no que o senhor ou o seu filho de fato viram naquela noite?

— Conte, conte, sim. Eles disseram que estava tudo bem e foram embora. Mais nada. E agora o senhor aparece aqui com mais perguntas. Por que não se coordenam? Para o meu filho, teria sido bem mais fácil lembrar-se 15 ou vinte dias depois do que aconteceu, não agora.

McCaleb ficou calado, pensando em Ritenbaugh e Aguilar. Os dois tinham saído com uma lista de 25 nomes para averiguar na semana em que foram designados para o caso. Trabalho malfeito, sem dúvida, mas ele entendia por quê.

— Olhe, agora preciso ir para a rampa — disse Toliver. — Vai ficar me esperando aqui ou...

— Posso pedir um favor? Mande Bolotov para cá, quando passar por lá. Preciso falar com ele.

— Aqui?

— Se o senhor permitir. Tenho certeza de que o senhor quer nos ajudar e vai continuar colaborando, não é verdade?

Olhou fixamente para o fabricante a fim de pôr um ponto final em sua muda objeção.

— Como quiser — disse o velho com um gesto de contrariedade. E foi para a porta. — Só espero que isso não dure o dia todo.

— Ah, Sr. Toliver?

O homem parou à soleira e se voltou.

— Eu ouvi muitos operários falando russo. Onde é que o senhor arranja tantos russos?

— Eles trabalham bem e não se queixam. Também se conformam com o salário ruim que recebem. Quando precisamos de funcionários, anunciamos no jornal da comunidade russa local.

Saiu, deixando a porta aberta. McCaleb afastou as duas cadeiras em frente à escrivaninha e as dispôs de modo que ficassem uma de frente para outra, a cerca de um metro e meio de distância. Sentou-se na mais próxima da porta e ficou aguardando. Pensando rapidamente em como conduzir o interrogatório, decidiu jogar pesado com o russo. Queria provocar uma reação que lhe permitisse avaliá-lo bem.

Sentiu uma presença na sala e se voltou. Lá estava o homem que ele adivinhara ser Bolotov. Tinha mais ou menos 1,75m de altura, cabelos pretos e pele muito clara. Porém, os músculos poderosos e as tatuagens — uma serpente enrolada num, uma teia de aranha a cobrir o outro — faziam de seus braços o ponto focal de sua imagem. McCaleb apontou para a cadeira vazia.

— Sente-se.

Sem hesitar, Bolotov se aproximou e sentou-se. McCaleb reparou que a teia de aranha parecia continuar por baixo da camiseta e subir por ambos os lados do pescoço do operário. Havia uma aranha negra sob sua orelha direita.

— O que é?

— A mesma coisa de antes, Bolotov. Meu nome é McCaleb. A noite de 17 de janeiro. Conte como foi.

— Eu já contar para outros dois. Eu trabalhando aqui. Não era eu que vocês procurar.

— Isso foi o que você contou. Mas agora é diferente. Agora, nós sabemos coisas que não sabíamos.

— Que coisas?

McCaleb se levantou, trancou a porta e voltou ao seu lugar. Era só um pequeno show, um modo de sublinhar que estava no controle da situação. E de dar o que pensar a Bolotov.

— Que coisas? — o russo tornou a perguntar.

— Como o assalto àquela casa, em Mason, a poucas quadras daqui. Você se lembra, aquela com a árvore de Natal e os presentes. Foi ali que você conseguiu a arma, não foi, Bolotov?

— Não, eu estar limpo dessa coisa.

— Porra, foi você que entrou naquela casa e pegou a arma novinha em folha. Depois resolveu usá-la. Usou-a em Lancaster e, depois, ali na esquina, na mercearia. Você é um assassino, Bolotov, um assassino.

O russo não se moveu na cadeira, mas McCaleb notou que contraiu os bíceps, definindo melhor a obra de arte em seus braços. E tratou de pressioná-lo mais.

— E no dia 7 de fevereiro? Tem um álibi para essa noite também?

— Essa noite eu não saber. Precisar...

— Você entrou na mercearia Sherman e matou duas pessoas nessa noite. Devia saber.

Bolotov se levantou de súbito.

— Quem é você? Você não polícia.

McCaleb ergueu os olhos para ele, mas continuou sentado, procurando dissimular sua surpresa.

— Polícia sempre vem dois. Quem é você?

— Eu sou o que vai te ferrar. Foi você, Bolotov, e eu vou provar.

— Que...

Ouviu-se uma batida irritada na porta e McCaleb se voltou instintivamente para olhar. Foi um erro mínimo, mas era do que Bolotov precisava. McCaleb percebeu a mancha negra que se aproximava na periferia de seu campo visual. Por instinto, ergueu os braços para proteger o peito. Mas não com a rapidez necessária. E, repentinamente atingido pelo impacto do peso do outro homem, caiu da cadeira.

Bolotov o subjugou no chão enquanto Toliver ou quem quer que fosse continuava esmurrando a porta. Sendo maior e mais forte, imobilizou-o facilmente e se pôs a vasculhar-lhe os bolsos. Achou logo a arma, arrancou-a do cinto e a jogou longe. Por fim, encontrou a carteira de McCaleb no bolso interno do paletó. Rasgando-lhe a roupa, tirou-a e a abriu.

— Não ter distintivo. Ver? Não polícia!

Leu o nome na licença de motorista que estava num compartimento de plástico transparente da carteira.

— Terr... ell... Mack... Cow... leeb.

Depois, leu o endereço. McCaleb se sentiu aliviado porque era o do escritório da Capitania dos Portos, onde ele possuía uma caixa postal.

— Eu visitar você um dia.

McCaleb não respondeu nem se mexeu. Sabia que não tinha a menor chance de dominar aquele brutamontes. Estava avaliando a situação quando, num gesto súbito, Bolotov jogou a carteira em seu peito e se levantou de um salto. Puxou com violência a cadeira sobre a qual ele tombara e a ergueu acima da cabeça. McCaleb ergueu os braços para proteger o rosto, percebendo, no mesmo instante, que estava deixando o peito descoberto.

Ouviu um barulho de vidro estilhaçado e, olhando por entre os braços, ainda teve tempo de ver a cadeira atravessando a janela do escritório. Bolotov seguiu-a, saltando com facilidade pela abertura para cair no chão da fábrica. E fugiu.

McCaleb se colocou de lado, dobrando os braços sobre o peito e erguendo os joelhos. Espalmou a mão no tórax, procurando sentir as batidas do coração. Respirou fundo duas vezes e, colocando-se lentamente de joelhos, conseguiu levantar-se. As pancadas na porta continuavam, acompanhadas dos gritos apavorados de Toliver, exigindo que ele abrisse.

Ao estender o braço para destrancar a porta, McCaleb teve uma vertigem. Foi como precipitar-se em pleno mar, numa depressão entre duas ondas de quatro metros de altura. Toliver irrompeu no escritório e se pôs a gritar com ele, mas McCaleb não entendeu uma palavra. Apoiando-se no chão, fechou os olhos e tentou recuperar-se.

— Merda... — foi o que conseguiu articular num sussurro.

Buddy Lockridge saltou rapidamente do Taurus ao vê-lo aproximar-se. Correndo, contornou a frente do carro e foi ao seu encontro.

- Meu Deus, o que aconteceu?
- Nada. Eu cometi um erro, só isso.
- Você está caindo aos pedaços.
- Já estou bem. Vamos embora.

Lockridge abriu a porta para ele, correu para o outro lado e se colocou à direção.

- Você está bem mesmo?
- Ande logo. Vamos embora.
- Para onde?
- Procurar um telefone.
- Tem um logo ali.

Apontou para o restaurante Jack In The Box, ao lado. Havia um telefone público na parede próxima das portas. McCaleb desceu do carro e foi devagar para lá. Tratou de caminhar com cuidado, olhando atentamente para a calçada. Não queria levar um tombo se sentisse tontura novamente.

Ligou para o telefone direto de Jaye Winston, pensando em deixar recado, mas ela mesma atendeu.

- Aqui é Terry. Você não tinha tribunal?
- Eu tenho. Mas estamos na hora do almoço. Vou voltar para lá às 15h. Aliás, ia telefonar para você neste instante.
- Por quê?
- Porque vamos fazer o que você sugeriu.
- Fazer o quê?
- Hipnotizar o Sr. Noone. O capitão concordou e eu já falei com Noone, que topou na hora. Mas tem de ser hoje, porque ele já está com as malas prontas para viajar... Acho que vai voltar a Las Vegas. Estará aqui às 18h. Você pode vir, não pode?

- Tudo bem. Às 18h.
- Combinado então. Mas por que telefonou?

McCaleb hesitou. O que ele tinha a dizer podia alterar todos os planos, mas sabia que não podia adiar.

- Consegue uma fotografia de Bolotov até a noite?
- Eu já estou com uma aqui. Quer mostrá-la a Noone?
- Quero. Eu acabo de fazer uma visitinha a Bolotov e ele não reagiu muito bem.

— O que aconteceu?

— Antes que eu tivesse tempo de lhe fazer três perguntas, me deu uma porrada e fugiu.

— Está brincando?

— Antes fosse.

— E o álibi dele?

— É sólido como uma gelatina.

McCaleb resumiu sua entrevista com Toliver e o encontro com Bolotov. Disse que Jaye Winston devia mandar procurá-lo.

— Por quê? Você ou Toliver fizeram um boletim de ocorrência?

— Eu não, mas Toliver disse que iria fazer por causa da janela quebrada.

— Ótimo, vou mandar capturá-lo. Tudo bem com você? Sua voz não está boa.

— Tudo bem. Isso vai mudar alguma coisa? Ou continua marcado para hoje às 18h?

— No que depender de mim, continua marcado.

— Até lá então.

— Escute, Terry, não aposte muito em Bolotov, ok?

— Ele leva jeito.

— Não sei. Lancaster fica longe do lugar onde mora. E não se esqueça de que ele está em liberdade condicional. O que fez com você ele teria feito estando envolvido com o caso ou não. Mesmo porque, se não está envolvido com isso, com alguma outra coisa há de estar.

— Pode ser. Mas eu ainda não gosto desse cara.

— Bem, quem sabe Noone o reconhece e resolve o nosso problema de uma vez?

— Deus a ouça.

McCaleb desligou e voltou para o Taurus sem problemas. No carro, tirou da maleta o equipamento de viagem que sempre levava consigo. Continha todos os remédios do dia e uma dúzia de termômetros descartáveis. Desembrulhou um deles e o colocou na boca. Enquanto esperava, fez um sinal para que Lockridge desse a partida. Com o motor funcionando, McCaleb ligou o ar-condicionado.

— Está com falta de ar? — quis saber Buddy.

Ele fez que sim e aumentou a velocidade do ventilador.

Três minutos depois, tirou o termômetro da boca e o examinou. Sentiu um frio no estômago ao ver que a linha vermelha tinha ultrapassado a marca dos 38 graus.

— Vamos para casa.

— Tem certeza?

— Tenho. Para a marina.

Quando Lockridge entrou na rodovia 101 e tomou o rumo sul, McCaleb virou os ventiladores para o seu lado, de modo que o ar frio o atingisse diretamente no rosto. Abriu outro termômetro e o colocou sob a língua. Para acalmar-se, ligou o rádio e procurou se distrair com a paisagem. Dois minutos depois, a segunda leitura da temperatura foi um pouco melhor que a primeira, mas ainda estava febril. O medo diminuiu e ele se sentiu mais relaxado. Apoiou as mãos abertas no painel e sacudiu a cabeça, tentando convencer-se de que aquela febre só podia ser uma aberração. Estivera bem até então. O único motivo da elevação da temperatura devia ser o embate com Bolotov.

Resolveu voltar ao barco, tomar uma aspirina e tirar uma soneca antes de se preparar para a sessão de hipnose com James Noone. A alternativa seria telefonar para Bonnie Fox. Mas isso significava que ele acabaria passando vários dias numa cama de hospital, submetido a exames e em observação. A Dra. Fox era tão rigorosa em sua profissão quanto ele gostava de acreditar que era em suas investigações. Não pensaria duas vezes para interná-lo. E ele passaria no mínimo uma semana trancado no Cedars. Perderia a sessão com Noone e, sobretudo, o ímpeto, que era a única coisa que ainda tinha a seu favor naquela investigação.

CAPÍTULO 16

Para os não informados — e entre estes achava-se um bom número de policiais e agentes com que McCaleb trabalhara durante anos —, a hipnose era muitas vezes encarada como uma espécie de macumba policial, o último recurso daqueles que não tinham coragem de consultar uma vidente ou uma cartomante. Era considerada sinal de uma investigação paralisada ou fracassada. McCaleb não pensava assim. Acreditava que a hipnose era um meio eficaz de perscrutar os recessos da mente. Sempre que ouvira falar de uma sessão que não tinha dado certo, tinha sido por culpa do hipnotizador, não da ciência em si.

Ficou surpreso quando Winston lhe disse que era favorável a uma nova entrevista com Noone sob hipnose. Ela chegou a contar que haviam sugerido mais de uma vez o hipnotismo nas reuniões semanais do setor de homicídios, quando se discutiam as investigações estagnadas do caso Cordell. Mas a sugestão não fora acolhida por dois motivos. O primeiro era o mais importante. O hipnotismo fora empregado com bastante frequência pela polícia até o começo da década de 1980, quando a Corte Suprema da Califórnia determinou que os depoimentos obtidos mediante esse recurso não tinham validade nos processos penais. Significava que toda vez que decidiam hipnotizar uma testemunha, os investigadores eram obrigados a avaliar se a vantagem obtida compensava a perda do depoimento daquela pessoa na Justiça. A discussão levou a que se excluísse o uso do hipnotismo no caso Cordell, pois Winston e o capitão não queriam abrir mão da única testemunha com que contavam.

A segunda razão era que, com a decisão da Corte Suprema, o Departamento do Xerife cessou de treinar detetives para o emprego da hipnose. Consequentemente, nos 15 anos que se seguiram à determinação, os policiais que conheciam hipnose foram se

aposentando. Não sobrou nenhum no departamento em condições de aplicar a técnica em Noone, de modo que seria necessário procurar um profissional de fora. O que complicaria mais as coisas e, naturalmente, teria um custo.

Quando McCaleb lhe contou que durante mais de dez anos aplicara o hipnotismo em casos do FBI e estava disposto a fazê-lo agora, Winston ficou animadíssima. E naquela mesma manhã conseguiu fazer com que aprovassem a sessão.

McCaleb chegou meia hora mais cedo ao setor de homicídios do Departamento do Xerife. Disse a Lockridge que ia demorar um pouco e o aconselhou a ir jantar.

A febre tinha baixado mais de meio grau durante o sono da tarde. Ele estava se sentindo descansado e bem-disposto. Sentia-se animado com a perspectiva de extrair uma pista concreta da mente de James Noone e, quem sabe, avançar um pouco na investigação do caso.

Jaye Winston o recebeu junto ao balcão e o acompanhou ao gabinete do capitão. Falava muito depressa e sem parar.

— Mandei prender Bolotov. Foram buscá-lo em seu apartamento, mas ele já tinha fugido. Você deve ter posto o dedo em alguma ferida.

— É, acho que foi quando eu o chamei de assassino.

— Eu ainda não estou convencida, mas ele é a única coisa que temos por enquanto. Para variar, Arrango não gostou nada do que você fez. Preciso confessar, eu não lhe contei que nós já tínhamos conversado sobre isso. Ele acha que você está bancando o franco-atirador.

— Não se preocupe. Eu não me importo com a opinião dele.

— Está preocupado com Bolotov? Você disse que ele pegou o seu endereço.

— Não. Pegou o endereço da marina, não o do barco. Aquilo é muito grande.

Ela abriu a porta e o fez entrar primeiro. Havia três homens e uma mulher aguardando no pequeno escritório. McCaleb reconheceu Arrango e Walters, da polícia de Los Angeles. Winston o apresentou ao capitão Al Hitchens e à mulher, uma desenhista chamada Donna

Gross. Ficaria à disposição caso fosse necessário fazer um retrato falado do suspeito se Noone não reconhecesse Bolotov.

— Que bom que você chegou mais cedo — disse Hitchens. — O Sr. Noone já está aqui. Acho que podemos começar.

McCaleb concordou com um gesto e olhou para os demais. Com um palito entre os dentes, Arrango mostrou-lhe um sorriso cético.

— É muita gente — reclamou McCaleb. — Vai dispersar a testemunha. Preciso que ele esteja relaxado. É impossível com um público deste tamanho.

— Não vamos entrar todos — tranquilizou-o Hitchens. — Só você e Jaye. Mandem chamar Donna quando acharem conveniente. Estamos gravando tudo e vamos acompanhar pelo monitor instalado aqui. Está bom assim?

Apontou para um monitor numa estante no canto. McCaleb olhou para a tela e viu um homem sentado a uma mesa, os braços cruzados. Era Noone. Apesar do boné de beisebol, McCaleb reconheceu o homem do videoteipe do caixa eletrônico.

— Está ótimo. — Voltou-se para Winston. — Já arrumou as seis fotografias com a de Bolotov no meio?

— Já. Estão na minha escrivaninha. Vamos mostrá-las primeiro. Se tivermos sorte e ele reconhecer, não precisaremos hipnotizá-lo e poderemos usá-lo no tribunal.

McCaleb concordou com um gesto.

— Teria sido bem melhor se tivéssemos mostrado as fotografias a ele há mais tempo — comentou Arrango.

Olhou para McCaleb. Este pensou numa resposta, mas preferiu guardá-la para si. Limitou-se a dizer:

— Quer que eu lhe pergunte alguma coisa em particular?

Arrango olhou para o parceiro e piscou.

— Quero sim. O número da placa do carro. Seria útil.

Sorriu com alegria, o palito de dentes oscilando entre os lábios. McCaleb também sorriu.

— Pois já aconteceu uma coisa parecida. Uma vez, a vítima de um estuprador me deu a descrição detalhada da tatuagem do cara que a atacou. Antes da hipnose, não se lembrava sequer de que ele tinha tatuagem.

— Legal. Então faça isso outra vez. Consiga o número da placa. E uma tatuagem. Seu amigo Bolotov tem várias.

Foi claro o tom de desafio em sua voz. Aquele homem parecia fazer questão de levar tudo para o lado pessoal, como se o desejo de McCaleb de prender um assassino em série fosse uma falta de respeito com ele. Era ridículo, mas estava se sentindo questionado simplesmente porque outra pessoa entrara no caso.

— Muito bem, rapazes — interveio Hitchens, tentando diluir a tensão. — É apenas uma tentativa. Vale a pena. Talvez consigamos alguma coisa, talvez não.

— Em compensação, perdemos o cara no tribunal — resmungou Arrango.

— Que tribunal? — sorriu McCaleb. — Vocês não vão passar nem perto do tribunal com o que conseguiram até agora. É a sua única chance, Arrango. A única.

Arrango se levantou de pronto. Não para ameaçar McCaleb fisicamente, mas para enfatizar o que ia dizer:

— Olhe aqui, seu filho da puta, eu não preciso de nenhum federal inválido para me ensinar a...

— Certo, já chega! — atalhou Hitchens, levantando-se também. — Vamos começar agora mesmo. Jaye, acho que já pode levar Terry à sala de entrevistas. Nós ficamos aqui.

Winston conduziu McCaleb até a porta. Ele se voltou e olhou para Arrango, que estava com o rosto sombrio de raiva. *En passant*, notou o sorriso intrigado de Donna Gross. Parecia ter gostado do show de testosterona.

Ao percorrerem a chefatura, passando por fileiras de escrivaninhas vazias, McCaleb sacudiu a cabeça, constrangido.

— Desculpe. Não sei como fui deixar que ele me levasse a tanto.

— Tudo bem. Esse cara não presta mesmo. Ia acontecer cedo ou tarde.

Depois de se deter à escrivaninha de Winston para apanhar a pasta com as fotografias, seguiram por um corredor e ela parou diante de uma porta fechada. Pôs a mão na maçaneta, mas olhou para McCaleb antes de girá-la.

— Alguma coisa em particular que você queira fazer?

— Funcionará melhor se você deixar que só eu fale quando a sessão começar. Só eu vou me comunicar verbalmente. Para que não fique confuso, para que sempre saiba com quem estou falando. Se nós dois precisarmos nos comunicar, ou trocamos bilhetes ou apontamos para a porta e saímos para conversar aqui fora.

— Combinado. Tudo bem com você? Está com uma péssima aparência.

— Tudo bem.

Ela abriu a porta e James Noone se voltou para os dois.

— Sr. Noone, este é Terry McCaleb, o especialista em hipnotismo de que lhe falei — anunciou Winston. — Era do FBI. Vamos ver se ele pode hipnotizar o senhor.

McCaleb sorriu e lhe apertou a mão.

— Muito prazer, Sr. Noone. Não vai demorar e a experiência é muito relaxante. Posso chamá-lo de James?

— Claro, James está ótimo.

McCaleb olhou a sua volta, examinou a sala, a mesa e as cadeiras. Estas últimas eram do tipo padrão adotado pelas repartições públicas, com uma almofada de espuma de um centímetro no assento. Voltou-se para Winston.

— Jaye, será que você arranja uma cadeira mais confortável para James? Uma que tenha braços, talvez. Como a do capitão Hitchens.

— Claro. Espere um pouco.

— Ah, e também vou precisar de uma tesoura.

Winston olhou intrigada para ele, mas saiu sem dizer uma palavra. McCaleb tornou a examinar a sala. Tinha luzes fluorescentes no teto. Nenhuma outra iluminação. O clarão que vinha do alto se intensificava com a janela espelhada na parede do lado esquerdo. Ele sabia que a câmera de vídeo estava instalada do outro lado do vidro, de modo que precisava manter a testemunha de frente para ele.

— Vamos ver — disse a Noone. — Vou precisar subir na mesa para alcançar aquelas lâmpadas.

— À vontade.

Com o auxílio de uma cadeira, McCaleb subiu na mesa e ergueu as mãos para alcançar as lâmpadas. Fez tudo com cuidado,

procurando evitar uma nova vertigem. Abriu o lustre e começou a remover os longos tubos brancos, entregando-os a Noone, um a um, e conversando despreocupadamente com ele. Queria deixá-lo à vontade em sua companhia.

— Me disseram que você está indo para Las Vegas. A passeio ou a trabalho?

— Hum, mais a trabalho.

— O que você faz?

— Trabalho com softwares de computador. Estou projetando um novo sistema de contabilidade e segurança para a El Rio. Vamos fazer uns testes na semana que vem.

— Uma semana em Las Vegas? Rapaz, eu sou capaz de perder muito dinheiro lá em uma semana.

— Eu não jogo.

— Ainda bem.

Havia tirado três lâmpadas, deixando a sala na penumbra. Imaginou que era iluminação suficiente para o vídeo. Estava descendo da mesa quando Winston voltou com uma cadeira que realmente parecia ser a de Hitchens.

— É a do capitão?

— É a melhor que nós temos.

— Ótimo.

Ele olhou para o espelho e piscou para a câmera. Nesse momento, reparou nas próprias olheiras e desviou logo a vista.

Winston tirou uma tesoura do bolso do blazer. McCaleb a pegou e a colocou sobre a mesa que, a seguir, empurrou para junto da parede, bem abaixo do espelho. Tendo encostado a poltrona do capitão na parede oposta, pôs diante dela duas das cadeiras que já estavam na sala, mas tomou o cuidado de separá-las bem, de modo que não obstruíssem a câmera. Conduziu Noone à poltrona e sentou-se com Winston diante dele. Consultou o relógio: faltavam três minutos para as 18h.

— Muito bem. Vamos ver se fazemos tudo depressa para que você possa voltar para casa, James. Antes de mais nada, quer perguntar alguma coisa sobre o que vamos fazer?

Noone pensou um momento.

— Bom, eu não sei muito sobre isso. O que vai acontecer comigo?

— Com você, nada. A hipnose é apenas um estado alterado de consciência. Só estamos querendo que você passe por estágios progressivos de relaxamento, até alcançar um ponto em que possa atingir facilmente os recessos de sua mente e resgatar algumas informações armazenadas. É como vasculhar um arquivo e retirar a ficha de que está precisando.

McCaleb esperou, mas Noone não perguntou mais nada.

— Vamos começar com um exercício? Queria que você inclinasse a cabeça um pouco para trás e olhasse para o alto. Tente voltar os olhos para cima o máximo que puder. É melhor tirar os óculos.

Noone tirou os óculos e os guardou no bolso. Inclinou a cabeça para trás e ergueu as pupilas. McCaleb o examinou. Era capaz de erguer as pupilas até que ficasse visível meio centímetro de branco sob elas. Um bom indicador da receptividade do paciente à hipnose.

— Está muito bom. Agora, procure relaxar ao máximo, respire fundo e conte-nos o que lembra do incidente da noite de 22 de janeiro. O que se lembra agora.

Noone passou os dez minutos seguintes relatando a sua chegada nos momentos finais do homicídio e do roubo ao caixa eletrônico de Lancaster. Sua versão não era diferente da que tinha oferecido nas várias entrevistas a que fora submetido desde a noite em que tudo aconteceu. Não acrescentou nenhum detalhe que McCaleb tivesse detectado nem omitiu nada dos relatos anteriores. Foi inusitado e animador. As lembranças da maioria das testemunhas costumavam já estar apagadas dois meses depois. Elas inventavam detalhes. O fato de Noone aparentemente lembrar-se de cada minúcia deu a McCaleb a esperança de que a memória inconsciente do programador de computadores fosse igualmente boa. Quando Noone terminou de relatar o evento, McCaleb fez um sinal para Winston, que lhe entregou a pasta com as seis fotografias.

— James, eu queria que você abra a pasta e olhasse as fotografias. Diga-nos se uma delas é do homem que você viu fugindo de carro em alta velocidade.

Noone tornou a pôr os óculos e pegou a pasta, mas disse:

— Eu não sei. A verdade é que não consegui...

— Eu sei — disse Winston. — Mas dê uma olhada.

Noone abriu a pasta. Nela havia um papelão com duas fileiras de três fotografias quadradas recortadas. Em cada uma delas, a imagem de um homem. A de Bolotov era a terceira da fileira superior. Noone as examinou uma a uma, depois sacudiu a cabeça.

— Sinto muito. Acontece que eu não o vi.

— Está bem — apressou-se a dizer McCaleb antes que Winston tivesse tempo de articular alguma coisa que Noone pudesse interpretar como negativa. — Acho que podemos continuar então.

Tirou a pasta de suas mãos e a jogou na mesa.

— James, você pode nos contar o que costuma fazer quando quer relaxar?

Noone olhou para ele sem entender.

— Sabe como é, para se sentir bem mesmo. Ficar completamente relaxado e em paz. Eu, por exemplo, gosto de trabalhar no meu barco e de ir pescar. Pouco importa se pego um peixe ou não. O que gosto é de molhar o anzol. E você, James? Gosta de passear, de jogar golfe. De quê?

— Hum, sei lá. Acho que gosto de mexer com computadores.

— Mas, James, isso não relaxa mentalmente, relaxa? Não estou me referindo a uma coisa que o obrigue a pensar muito. Estou falando de quando você resolve jogar tudo para o alto, de quando está cansado de pensar e quer esquecer da vida durante algum tempo.

— Bem... eu não sei. Gosto de ir à praia. Há um lugar que eu conheço. Gosto de ir lá.

— Como é esse lugar?

— A areia é muito branca e é tudo uma imensidão. A gente pode alugar um cavalo e cavalgar à beira-mar, perto das colinas. A água entra por baixo dos penhascos, é como se houvesse uma saliência na rocha lá em cima, uma espécie de toldo. As pessoas ficam lá, na sombra.

— Nossa, isso é legal. Muito legal, James. Agora, eu queria que você fechasse os olhos, relaxasse os braços no colo e pensasse

nesse lugar. Imagine que está passeando nessa praia. Relaxe bem e caminhe na areia.

Ficou meio minuto calado, apenas observando o rosto de Noone. A pele dos cantos de seus olhos fechados começou a relaxar e McCaleb o conduziu numa série de exercícios sensoriais, durante os quais pediu-lhe que se concentrasse no contato das meias em seus pés, de suas mãos no tecido da calça, dos óculos no nariz, até do cabelo — do que restava deles — em sua cabeça.

Cinco minutos depois, prosseguiu com exercícios musculares, pedindo-lhe que juntasse os dedos dos pés o máximo possível e assim os mantivesse, depois, que os soltasse.

O foco dos exercícios foi subindo lentamente por seu corpo, passando enfim para cada agrupamento de músculos. Então, McCaleb recomeçou pelos dedos dos pés e tornou a subir. O método consistia em cansar os músculos e tornar a mente mais suscetível a sugestões de relaxamento e descanso. Ele notou que a respiração da testemunha se tornava funda e prolongada. Estava indo bem. Consultou o relógio e viu que eram 18h30.

— Muito bem, James, agora, sem abrir os olhos, levante a mão esquerda e procure mantê-la diante do rosto. A uns trinta centímetros.

Noone obedeceu e McCaleb o deixou quase um minuto com o braço erguido, sempre aconselhando-o a relaxar e continuar pensando no passeio na praia.

— Muito bem, agora aproxime a mão do rosto, muito devagar. Muito devagar.

Noone começou a aproximar a mão do nariz.

— Mais devagar agora — disse McCaleb com voz mansa, suave. — Isso, James. Devagarinho. E quando sua mão roçar o rosto, você vai estar completamente relaxado e vai mergulhar num profundo estado hipnótico.

Calou-se, então, e ficou observando o lento movimento de Noone até roçar no nariz a palma da mão. Nesse momento de contato, ele inclinou a cabeça para a frente e ficou com os ombros caídos. Deixou as mãos repousarem no colo. McCaleb olhou para Winston. Ela ergueu as sobrancelhas e fez um gesto afirmativo. Ele sabia que

era apenas o começo, mas tudo estava indo bem. Resolveu fazer um pequeno teste.

— James, agora você está totalmente relaxado, totalmente solto. Tão relaxado que seus braços são leves como plumas. Não pesam nada, não têm peso nenhum.

Ficou observando, mas Noone não se moveu, o que era bom.

— Agora eu vou pegar um balão cheio de hélio e amarrá-lo em sua mão esquerda. Estou amarrando agora. Pronto, James, o balão está preso a seu pulso e eu vou soltá-lo.

Imediatamente, o braço esquerdo da testemunha começou a erguer-se pouco a pouco até ficar estirado no alto, a mão bem acima da cabeça. McCaleb se limitou a observar. Passado meio minuto, o braço de Noone não dava sinais de cansaço.

— Muito bem, James, eu tenho uma tesoura aqui e vou cortar a linha.

McCaleb se voltou para a mesa e pegou a tesoura. Abriu-a e a fechou com força, cortando uma linha imaginária. O braço de Noone caiu em seu colo. McCaleb olhou para Winston.

— James, você está muito relaxado e nada o perturba. Agora imagine que está caminhando na praia e chega a um jardim. Um jardim verde, exuberante, lindo, com muitas flores e passarinhos cantando. É tão bonito, tão tranquilo... Você nunca esteve num lugar assim, com tanta placidez. Agora... você atravessa o jardim e chega a um pequeno edifício com uma porta. Uma porta de elevador, James. De madeira, com as bordas douradas, é linda. Tudo aqui é lindo. A porta se abre, e você entra porque sabe que o elevador vai levá-lo a uma sala especial, onde ninguém pode entrar. Só você é capaz de ir até lá embaixo e ficar totalmente em paz quando está lá.

McCaleb se levantou e colocou-se diante de Noone, a menos de um metro de distância. Este não deu sinal de haver percebido a proximidade de outra pessoa.

— Os botões do elevador mostram que você está no número dez e precisa descer até sua sala, no número um. Você aperta o botão, James, e o elevador começa a descer. Você se sente mais relaxado a cada andar.

McCaleb ergueu o braço paralelamente ao chão e a uns trinta centímetros do rosto de Noone, passou a mão várias vezes diante de seu rosto. Sabia que o movimento, ao interceptar a luz, provocava uma perturbação nas pálpebras do paciente, intensificando-lhe a sensação de descida.

— Você está descendo, James. Cada vez mais, cada vez mais. É o nono andar... agora o oitavo, o sétimo... Você está cada vez mais embaixo, cada vez mais relaxado. Passou o sexto andar... o quinto agora... quatro... três... dois... e um. A porta está se abrindo e você vai entrar em sua sala especial. Pronto, James, você está aí, em perfeita paz.

McCaleb voltou a sentar-se. Pediu a Noone que entrasse na sala: a poltrona mais confortável do mundo estava a sua espera. Mandou-o sentar-se e simplesmente fundir-se com a poltrona. Que imaginasse um pedaço de manteiga derretendo numa frigideira, a fogo lento.

— Sem queimar, derretendo devagar, fundindo. É você, James. Fundindo-se com a poltrona.

Esperou alguns momentos para falar no televisor que estava bem a sua frente.

— Você pegou o controle remoto. E esse é um televisor especial, com um controle remoto especial. Nele você pode ver o que quiser. Pode recuar a imagem, avançá-la, aproximá-la com o zoom, afastá-la. Pode fazer o que quiser com ele. Ligue-o, James. Agora nós vamos assistir, nesse televisor especial, ao que você viu na noite de 22 de janeiro, quando estava indo ao banco de Lancaster sacar dinheiro.

Esperou um pouco.

— Ligue o televisor, James. Está ligado?

— Está — disse Noone, falando pela primeira vez em meia hora.

— Ótimo, muito bom. Agora nós vamos voltar àquela noite, James. Conte-nos o que viu.

CAPÍTULO 17

James Noone contou a história como se McCaleb e Jaye Winston estivessem com ele no carro, ou melhor, em sua mente.

— Eu ligo o pisca-pisca e estou entrando. E ele aparece! Eu piso no freio! Ele vai... porra, o filho da puta quase bateu em mim! Foi por um triz, podia ter...

Noone ergueu a mão esquerda, cerrou-a e mostrou o dedo médio esticado, um gesto impotente para o motorista do carro que quase o atingiu. Nesse momento, McCaleb fitou-lhe o rosto bem de perto, notando o rápido movimento dos olhos por baixo das pálpebras cerradas. Era um dos indicadores que costumava procurar, sinal de que o paciente se encontrava em profundo transe hipnótico.

— Ele se foi e eu estou entrando agora. E vejo... vejo o homem. Há um homem no chão, sob a luz. No caixa eletrônico. Está caído... Eu desço e vou ver... há sangue. Ele foi baleado... alguém meteu uma bala na cabeça dele. Preciso chamar alguém... vou voltar para o carro, telefonar. Telefonar e pedir socorro. Ele levou um tiro. Está saindo muito sangue... há sangue por toda parte.

— Isso, James, muito bem — disse McCaleb, interrompendo-o pela primeira vez. — Está bem. Agora, eu quero que você pegue o controle remoto especial e retorne a imagem, no televisor, até o ponto em que viu o carro saindo do estacionamento da agência. Pode fazer isso?

— Posso.

— Certo, chegou?

— Cheguei.

— Muito bem, agora comece de novo, mas dessa vez em câmera lenta. Muito lenta, para que possa ver tudo. Começou?

— Sim.

— Muito bem, então congele a imagem quando tiver a melhor visão do carro que está vindo ao seu encontro.

McCaleb aguardou.

— Pronto, consegui.

— Ótimo. Pode nos dizer que carro é?

— Posso. É uma Cherokee preta. Está muito empoeirada.

— Saberia dizer de que ano é?

— Não, mas é um modelo recente. A Grand Cherokee.

— Dá para ver a lateral da Cherokee?

— Dá.

— Quantas portas?

Era apenas um teste para ter certeza de que Noone estava relatando o que vira, não o que lhe haviam contado. McCaleb lembrou-se de que, no videoteipe do local do crime, o policial que primeiro havia entrevistado Noone lhe dissera que, a julgar pelo estilo, devia tratar-se de um modelo novo, a Grand Cherokee. McCaleb precisava confirmar a identificação do veículo, e sabia que a Grand Cherokee recém-lançada tinha quatro portas.

— São duas na lateral — disse Noone. — É um modelo quatro portas.

— Muito bem. Agora dê uma olhada na frente. Há alguma avaria no carro? Amassados ou arranhões?

— Não.

— Marcas de massa de funilaria?

— Hum... não.

— E o para-choque? Consegue ver o para-choque?

— Consigo, sim.

— Certo, pegue o controle remoto e dê um zoom no para-choque. Consegue ler o número da placa?

— Não.

— Por que não, James?

— Está coberto.

— Como coberto?

— Hã... com uma camiseta. Está enrolada no para-choque, cobrindo a placa. Acho que é uma camiseta.

McCaleb olhou para Jaye Winston e viu o desapontamento estampado em seu rosto. Prosseguiu:

— Muito bem, James. Leve o zoom para o interior do carro. Consegue?

— Sim.

— Quantas pessoas estão no carro?

— Uma, o motorista.

— Ótimo. Faça um close dele. Diga o que está vendo.

— Não dá.

— Por que não? Qual é o problema?

— Os faróis. Ele acendeu o farol alto. Há muita luz. Eu não consigo...

— Não tem problema, James. Eu quero que você pegue o controle remoto e movimente a imagem. Para a frente e para trás, até encontrar a melhor visão do motorista. Diga quando tiver conseguido.

McCaleb tornou a olhar para Jaye Winston. Ela o fitou com as sobrelhas erguidas. Ambos sabiam que em breve constatariam se tinha valido a pena ou não.

— Pronto — disse James.

— E então? Está vendo o motorista?

— Estou.

— Conte como ele é. A cor da pele.

— É branco, mas está de boné, com a aba caída. Está olhando para baixo, e a aba lhe cobre o rosto.

— Todo o rosto?

— Não. Dá para ver a boca.

— Tem barba ou bigode?

— Não.

— Dá para ver os dentes?

— Não, está de boca fechada.

— E os olhos, consegue enxergar?

— Não. O boné não deixa.

McCaleb se encostou no respaldo da cadeira e soltou um longo suspiro de frustração. Não podia acreditar. Noone era um paciente perfeito. Estava em transe profundo, era possível obter dele o que era necessário, uma visão direta do criminoso.

— Tem certeza de que é essa a melhor visão dele?

— Tenho.
— Consegue ver os cabelos dele?
— Sim.
— De que cor são?
— Escuros, castanho-escuros ou pretos.
— De que comprimento?
— Devem ser curtos.
— E o boné? Descreva o boné.
— É um boné de beisebol, cinzento. De um cinza desbotado.
— Ótimo, tem alguma coisa escrita? O logotipo de um time?
— Tem um desenho. Uma espécie de símbolo.
— Pode descrevê-lo?
— São como letras, uma por cima da outra.
— Que letras?
— Parece um *C* atravessado por uma linha. O número um ou um *I* maiúsculo ou um *L* minúsculo. E há também um círculo... quer dizer, uma forma oval... envolvendo tudo.

McCaleb ficou um instante calado, pensando no que acabava de ouvir.

— James — disse então. — Se eu lhe der lápis e papel, acha que conseguiria abrir os olhos e fazer o desenho para a gente?

— Sim.

— Muito bem, então abra os olhos.

McCaleb se levantou. Jaye Winston já havia colocado uma página em branco na prancheta que levava consigo. McCaleb a entregou à testemunha juntamente com uma caneta.

Noone fez o desenho olhando fixamente para o papel, um olhar ausente. Depois devolveu-o. O desenho era como ele havia descrito, uma linha vertical que cortava a letra *C*. Tudo no interior de uma forma oval. McCaleb entregou a prancheta a Jaye Winston, que a ergueu rapidamente diante da janela espelhada, para que os que estavam assistindo ao vídeo pudessem ver.

— Muito bem, James. Foi excelente. Agora feche os olhos e olhe novamente para a imagem do motorista. Conseguiu?

— Consegui.

— Dá para ver suas orelhas?

- Uma delas. A direita.
- Alguma coisa anormal?
- Não.
- Brinco?
- Não.
- E abaixo da orelha? O pescoço, consegue ver o pescoço?
- Sim.
- Alguma coisa esquisita aí? O que está vendo?
- Hum... nada. Ah... o pescoço. Só o pescoço.
- É o lado direito?
- É, o direito.
- Não tem nenhuma tatuagem?
- Não. Nenhuma tatuagem.

McCaleb suspirou uma vez mais. Acabava de eliminar Bolotov depois de passar o dia concentrado nele como suspeito.

— Certo — disse com resignação na voz. — E as mãos? Consegue ver as mãos do cara?

- Na direção. Estão segurando a direção.
- Não vê nada fora do comum? Alguma coisa em seus dedos?
- Não.
- Está de anel?
- Não.
- De relógio?
- Sim, está de relógio.
- De que tipo?
- Não dá para ver. Só a pulseira.
- Como é? De que cor?
- Preta.
- Em que pulso está, no esquerdo ou no direito?
- No... direito. No pulso direito.
- Muito bem, pode ver ou descrever a sua roupa?
- Só a camisa. É escura. Um agasalho de moletom azul-marinho.

McCaleb ficou pensando no que perguntar. A decepção de não conseguir obter uma pista substancial o estava perturbando. Por fim, ocorreu-lhe algo que ele havia deixado passar.

— O para-brisa, James. Há alguma coisa no vidro?

— Hum... não. Não estou vendo nada.

— Tudo bem. Dê uma olhada no espelho retrovisor. Não tem nada? Nada pendurado?

— Não que eu veja.

McCaleb afundou na cadeira. Fora um desastre. Havia perdido aquele homem como testemunha potencial na Justiça, eliminaram um possível suspeito e não obtiveram mais do que uma descrição detalhada de um boné de beisebol e de uma Cherokee sem nenhuma marca especial. Ele sabia que o derradeiro passo consistia em levá-lo de volta à última visão da Cherokee que se afastava em alta velocidade, mas, se a placa dianteira estava coberta, o mais provável era que a traseira também estivesse.

— Muito bem, James, vamos avançar rapidamente a imagem até o ponto em que a Cherokee passou e você a acompanhou com o olhar.

— Tudo bem.

— Zoom na placa traseira. Consegue vê-la?

— Não.

— Por quê?

— Está coberta.

— Com o quê?

— Com uma toalha ou uma camiseta. Não sei. Como a da frente.

— Recue o zoom. Vê alguma coisa estranha na traseira da perua?

— Hã... não.

— Algum adesivo no para-choque? Quem sabe o nome da concessionária?

— Não. Nada disso.

— E na janela? Algum adesivo?

McCaleb notou o desespero em sua própria voz.

— Não. Nada.

McCaleb olhou para Jaye Winston e sacudiu a cabeça.

— Mais alguma coisa?

Jaye fez que não.

— Quer mandar chamar a desenhista?

Ela tornou a sacudir a cabeça.

— Tem certeza?

Pela terceira vez ela repetiu o gesto negativo. McCaleb voltou a prestar atenção em Noone, muito embora não se conformasse com a tremenda frustração que estava experimentando.

— James, quero que você passe os próximos dias pensando no que viu na noite de 22 de janeiro e, se lembrar de alguma coisa nova, de algum outro detalhe, por favor, telefone para a investigadora Jaye Winston, está bem?

— Sim.

— Ótimo. Agora eu vou fazer uma contagem regressiva, a partir de cinco. Você vai começar a sentir o corpo rejuvenescendo, vai ficar cada vez mais desperto, e, quando eu disser “um”, vai acordar completamente. Sentirá muita energia, terá a impressão de haver dormido oito horas seguidas. Ficaré acordado durante toda a viagem até Las Vegas, mas, quando for para a cama hoje, não terá nenhuma dificuldade para dormir. Tudo bem?

— Tudo bem.

Noone saiu do transe e olhou para Jaye Winston cheio de expectativa.

— Olá. Seja bem-vindo — disse McCaleb. — Como está se sentindo?

— Muito bem, acho. Como foi?

— Você foi ótimo. Lembra-se do que conversamos?

— Sim, acho que sim.

— Ótimo. É assim mesmo. Não se esqueça, se lhe ocorrer alguma coisa, telefone para a investigadora Jaye Winston.

— Certo.

— Bem, não vamos retê-lo aqui. Você ainda tem uma longa viagem pela frente.

— Tudo bem. Eu não esperava sair daqui antes das 19h.

McCaleb consultou o relógio, depois olhou para ele.

— São quase 19h30.

— O quê?! — exclamou a testemunha, consultando também o relógio e enchendo-se de surpresa.

— Em transe hipnótico, a gente perde a noção do tempo — explicou McCaleb.

- Para mim, foi como se tivessem passado apenas dez minutos.
- É normal.

McCaleb se levantou e lhe apertou a mão. Jaye Winston o acompanhou à saída. McCaleb se sentou e entrelaçou as mãos no alto da cabeça. Estava exausto. Também queria se sentir como se tivesse dormido oito horas.

A porta da sala de interrogatórios se abriu e o capitão Hitchens entrou. Sua expressão era sombria, e não era difícil saber por quê.

- Bem, o que você acha? — perguntou, sentando-se na mesa.

— O mesmo que você. Foi um fracasso. Obtivemos uma descrição melhor do carro, mas continua sendo um entre 10 mil. E conseguimos o boné, o qual também existe aos milhares.

- Do Cleveland Indians?

— O quê? Ah, o CI? Pode ser, mas eu acho que eles têm a figura de um índio no boné.

- Está certo, está certo. E... e Molotov?

- Bolotov.

- Tanto faz. Parece que está excluído agora.

- Parece.

Hitchens uniu as mãos e ficou calado. Passados alguns minutos de desagradável silêncio, Jaye Winston voltou e se colocou diante deles, as mãos nos bolsos do blazer.

- Onde estão Arrango e Walters? — quis saber McCaleb.

- Foram embora. Não gostaram muito.

McCaleb pediu a Hitchens que se levantasse para que ele pudesse recolocar a mesa no lugar e as lâmpadas no teto. O capitão respondeu que não era necessário, que ele já tinha feito o suficiente aquela noite. Isso podia ser interpretado de mais de uma maneira.

— Então, acho que vou indo — anunciou McCaleb. Apontou para o espelho. — Será que posso ficar com uma cópia do videotape? Queria examinar alguns pontos. Pode me dar algumas ideias para continuar.

— Ora, Jaye pode tirar uma cópia para você. Mas, para continuar a investigação, não vejo no que isso pode nos ajudar. É óbvio que o cara não viu o rosto do criminoso e as placas estavam cobertas. Que mais se pode tirar daí?

McCaleb não respondeu. Todos saíram então, Hitchens empurrando sua cadeira de volta ao gabinete e Jaye Winston acompanhando-o à sala de vídeo. Pegou uma fita virgem na estante e a colocou no aparelho ao lado do que havia gravado a sessão de hipnotismo.

— Olhe, eu continuo achando que valeu a pena — disse McCaleb quando ela apertou os botões para tirar uma cópia.

— Não se preocupe, valeu mesmo. Fiquei decepcionada com a falta de resultados e porque perdemos o russo, não pelo fato de termos feito a hipnose. Não sei o que o capitão acha e não dou a mínima para os caras da polícia de Los Angeles.

McCaleb concordou com um gesto. Era gentil da parte dela colocar as coisas daquele modo, procurando deixá-lo mais à vontade. Afinal, ele havia insistido no emprego do hipnotismo e não tinha dado certo. Ela poderia tê-lo culpado por tudo.

— Bem, se Hitchens se zangar, pode pôr a culpa em mim. Diga que fui eu que insisti.

Jaye Winston não respondeu. Tirou do aparelho a cópia do videoteipe, colocou-a num estojo de papelão e a entregou.

— Eu o acompanho até a porta — ofereceu-se.

— Não, não precisa. Conheço o caminho.

— Certo, Terry. Telefone.

— Claro. — Já estavam no corredor quando se lembrou de uma coisa. — Ei, você conversou com o capitão sobre o DRUGFIRE?

— Ah, sim, ele concordou. O material vai ser enviado amanhã. Já avisei aquele cara na capital.

— Ótimo. Contou para Arrango?

Jaye Winston franziu a testa.

— Eu acho que Arrango, basicamente, rejeitaria qualquer ideia sua.

McCaleb concordou, despediu-se com um gesto e se dirigiu à saída. Estava percorrendo o estacionamento à procura do Taurus de Buddy Lockridge quando sentiu a presença de outro carro a seu lado, acompanhando-o. Voltou-se e deu com Arrango no banco do lado direito, olhando fixamente para ele.

McCaleb engoliu em seco ante o olhar evidentemente satisfeito do policial.

— O que é? — perguntou sem parar de procurar o Taurus.

— Nada — respondeu o outro. — Só queria lhe dizer que foi um espetáculo e tanto. Quatro estrelas. A primeira coisa que vamos fazer amanhã é mandar um fax à polícia de todo o país.

— Muito engraçado, Arrango.

— Sem falar que o seu número de circo nos custou uma testemunha, um suspeito que provavelmente nunca deveria ter sido suspeito, e não serviu para porra nenhuma.

— Temos mais do que tínhamos antes... Eu não prometi que o cara iria nos dar o endereço e o telefone do assassino.

— É, nós já descobrimos o que significa o CI no boné: Completamente Idiotas. Deve ser o que o criminoso pensa de nós.

— Se for assim, ele já tinha essa opinião há mais tempo. — Arrango não achou resposta para dar. — Sabe de uma coisa? — prosseguiu McCaleb. — Você devia começar a pensar na sua testemunha, Ellen Taaffe.

— Está querendo hipnotizá-la também?

— Exatamente.

Com um grunhido, Arrango mandou Walters parar o carro. Abriu a porta e saltou. Aproximou-se de McCaleb até que seus rostos ficassem a poucos centímetros de distância, tanto que McCaleb sentiu a respiração do outro. Teve certeza de que o investigador devia ter uma garrafa de uísque no porta-luvas.

— Escute uma coisa, federal, acho bom você não chegar perto da minha testemunha. É bom não chegar perto da merda desse caso.

Não recuou ao acabar de falar. Continuou onde estava, o hálito de uísque a queimar o nariz de McCaleb. Este sorriu e fez um lento gesto afirmativo, como se acabasse de desvendar um grande segredo:

— Você está mesmo preocupado, não? Cagando de medo de que eu solucione o caso. E o pior é que não é o caso em si que interessa, pouco importa que outras pessoas acabem morrendo ou saindo feridas. A única coisa que o assusta é que eu resolva um problema que você não consegue resolver. — Esperou a resposta,

mas o outro nada disse. — Pois pode ficar preocupado mesmo, Arrango.

— É? Por quê? Porque você vai resolvê-lo?

Simulou uma gargalhada na qual se detectava mais maldade que humor.

— Porque eu vou lhe contar um segredo. Sabe Gloria Torres? A vítima para a qual você não dá a mínima? Pois eu estou com o coração dela aqui. — Bateu no peito e olhou para ele. — É o coração dela, sabia? Estou vivo porque ela morreu. E isso é muito mais importante para mim do que você imagina. Portanto, saiba que eu estou cagando para os seus sentimentos, Arrango. Não tenho o menor pudor em pisar no seu calo. Você é um filho da puta e isso é bom, continue assim. Não me assusta. Eu não vou desistir enquanto esse cara não estiver na cadeia. Tanto faz quem o prenda, você, eu ou quem quer que seja. Mas vou ficar nisso até o fim.

Passaram um longo momento encarando-se, desafiando-se. Depois, McCaleb ergueu a mão direita e empurrou calmamente o policial.

— Agora, saia da frente, Arrango. A gente se vê por aí.

CAPÍTULO 18

Sonhou com a escuridão. Uma escuridão em movimento, como sangue na água, e imagens agitadas ao redor, cuja verdadeira natureza ou significado seus olhos não conseguiam captar. E que logo desapareciam.

Uma espécie de alarme interior o acordou três vezes durante a noite. Ele se erguia tão precipitadamente que chegava a sentir tontura e ficava esperando na cama, escutando com atenção, mas só ouvia o ruído do vento entre as dezenas de mastros da marina. Levantava-se e percorria o barco, olhava para fora à procura de Bolotov, muito embora achasse improvável que ele fosse aparecer. Depois ia ao banheiro e examinava os sinais vitais. Tudo normal. Então retornava às águas escuras do mesmo sonho indecifrável.

Às 9h de sexta-feira o telefone o despertou. Era Jaye Winston.

— Já estava acordado?

— Já. Eu hoje quero ir mais devagar nas investigações. Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu. Eu falei com Arrango e ele me contou uma coisa que está me preocupando muito.

— Ah, é? O que foi que ele contou?

— Falou do seu coração. De quem o doou.

McCaleb passou a mão no rosto. Tinha-se esquecido da conversa com Arrango no dia anterior.

— Por que isso a incomoda, Jaye?

— Porque eu preferia que você tivesse me contado tudo. Não gosto de segredos, Terry. O filho da puta me telefona e faz com que eu me sinta uma merda porque sou a última a saber.

— Que diferença faz saber ou não?

— É uma espécie de conflito de interesses, não acha?

— Não. Não há nenhum conflito de interesses. Se quer saber, é um estímulo. Faz com que eu queira pôr esse cara na cadeia mais do

que vocês da polícia. Há mais alguma coisa incomodando você? Tem a ver com Noone?

— Não, não tem nada com ele. Eu lhe disse ontem, acho que fizemos bem. O capitão já se queixou hoje, mas eu continuo pensando a mesma coisa.

— Bem, então o que é?

Jaye Winston se calou. McCaleb continuava achando que ela queria dizer alguma coisa e aguardou.

— Olhe, não queira bancar o caubói solitário nessa história, está bem?

— Como assim?

— Não sei. Eu não tenho a menor ideia dos seus planos. E não quero ter de me preocupar com o que você ainda pode fazer por conta desse seu "estímulo".

— Compreendo. Não vale a pena discutir isso, Jaye. Eu já disse muitas vezes que, se descobrir alguma coisa, passo a vocês. Esse é o meu plano.

— Então está bem.

— Claro que está.

Estava prestes a colocar o fone no gancho quando ouviu a voz dela.

— A propósito, já mandei o projétil ao seu amigo. Se ele trabalha aos sábados, vai recebê-la amanhã. Do contrário, segunda-feira.

— Que bom.

— Você me avisa, se descobrirem alguma coisa?

— Ele vai avisá-la primeiro. Foi você que mandou o material.

— Não me enrole, Terry. O cara é da sua turma, vai telefonar para você. Só espero que depois disso não demore muito a entrar em contato comigo.

— Pode deixar, eu peço a ele.

Ia desligar quando a ouviu novamente.

— O que vai fazer hoje?

McCaleb ainda não tinha pensado nisso.

— Bem... não sei. Não decidi. Gostaria de interrogar uma vez mais as testemunhas do caso Gloria Torres, mas Arrango praticamente me ameaçou de morte se eu me aproximar delas.

— O que vai fazer, então?

— Sei lá. Estava pensando em passar o dia descansando no barco, talvez dar mais uma olhada nos relatórios e nas fitas, para ver se acho alguma coisa. Eu li tudo muito depressa, posso ter deixado escapar algo importante.

— Então, vai ser um dia bem chato. Quase como o meu.

— Tribunal outra vez?

— Antes fosse. O tribunal entra em recesso às sextas-feiras. Significa que vou passar o dia fazendo trabalho burocrático, pondo os papéis em ordem. E acho bom começar logo. A gente se vê, Terry. Não se esqueça da promessa, vai me telefonar assim que tiver novidades, certo?

— Eu telefono.

Jaye Winston finalmente desligou e McCaleb voltou a se deitar, com o telefone sobre o ventre. Depois de passar alguns minutos tentando se lembrar dos sonhos que tivera, ligou para a telefonista e pediu o número do setor de emergência do Santa Cruz.

Discou, mandou chamar Graciela e esperou cerca de um minuto para que ela atendesse. Sua voz estava entrecortada, nervosa. Ele sempre telefonava na hora errada! Pensou em desligar, mas imaginou que ela acabaria descobrindo quem era.

— Alô!

— Desculpe. Aposto que estou importunando.

— Quem é?

— Terry.

— Olá, Terry. Como vai? Não, você não está importunando. Pensei que fosse algum problema com Raymond. Quase ninguém me telefona aqui.

— Então, desculpe por tê-la assustado.

— Tudo bem. Você está doente? Está com a voz diferente. Mal a reconheci — deu um riso forçado, decerto constrangida por não haver reconhecido a voz dele.

— É que eu estou deitado — explicou McCaleb. — Você sempre diz isso quando fala com um paciente? Sabe? Assim, a gente acaba acreditando que está mesmo passando mal.

Dessa vez Graciela riu com espontaneidade.

— Não, eu não faço isso. Mas vou prestar mais atenção.

— Claro. É uma dica. Pode ser útil.

— Alguma novidade? Como vão as coisas?

— Bem, o caso não vai indo tão bem assim. Ontem, pensei que tivesse descoberto uma coisa, mas não deu em nada. Vou ter de repensar tudo hoje.

— Certo.

— Telefonei por causa de amanhã. Você vai mesmo trazer Raymond para que eu o leve às rochas?

— Às rochas? Que rochas?

— Ao quebra-mar. É onde há boa pesca. Passo por lá quase todas as manhãs e sempre vejo gente pescando.

— Bem, Raymond não para de falar nisso desde aquele dia. Eu estava pensando em ir. Se você estiver de acordo.

McCaleb hesitou, lembrando-se de Bolotov, da ameaça que podia representar. Mas queria ver Graciela e o menino. Tinha necessidade de estar com eles.

— É claro que a gente pode deixar isso para uma outra vez — propôs ela.

— Não — disse McCaleb, esquecendo-se instantaneamente do russo. — Eu só estava pensando. Quero que vocês venham. Vai ser divertido. E posso preparar o jantar que deveria ter preparado da vez passada.

— Então, está bem.

— E vocês vão dormir aqui. Lugar não falta. Tenho dois camarotes; além disso, a mesa de cartas náuticas também pode ser desmontada e transformada em cama.

— Bem, vamos ver. Eu procuro manter certas rotinas na vida de Raymond. Sua cama é uma delas.

— Entendo.

Conversaram mais um pouco e ficou combinado que ela e o garoto iriam à marina na manhã seguinte. Depois de desligar, McCaleb continuou deitado, o aparelho sobre a barriga. Pensava em Graciela. Gostava de estar com ela e a ideia de passar todo o sábado em sua companhia o fez sorrir. Mas logo tornou a lembrar-se de Bolotov. Avaliou bem a situação e concluiu que não devia levar o

russo a sério. Os que faziam muitas ameaças raramente as cumpriam. E mesmo que ele quisesse chegar a tanto, teria dificuldade para achar o *The Following Sea*. Além disso, já não era suspeito de nada.

Tais ideias o levaram a outra questão: se o tal russo não era suspeito, por que tinha fugido? McCaleb pensou na explicação de Jaye Winston na noite anterior. Bolotov podia não ter nada a ver com os crimes, mas devia ser culpado de alguma coisa. Do contrário, não teria fugido.

McCaleb resolveu parar de pensar, rolou na cama e, finalmente, levantou-se.

Depois de tomar uma xícara de café, desceu ao escritório e pegou todos os relatórios e videotipes. Abriu a porta corrediça para ventilar o barco, sentou-se e começou a examinar metodicamente as fitas associadas aos casos.

Vinte minutos mais tarde, estava assistindo pela terceira vez seguida ao assassinato de Gloria Torres quando ouviu uma voz às suas costas.

— Que merda é essa?

McCaleb se voltou e deu com Buddy Lockridge parado junto à porta aberta. Não havia percebido quando ele subira a bordo. Pegou o controle remoto e desligou o televisor.

— Uma fita. O que está fazendo aqui?

— Apresentando-me ao trabalho. — McCaleb ficou olhando para ele. — Ontem você disse que iria precisar de mim hoje de manhã.

— Ah, é verdade. Bem, eu acho que não vou... Quer dizer, acho que hoje vou ficar trabalhando aqui mesmo. Vai estar por aí, caso apareça alguma coisa?

— Acho que sim.

— Certo. Então, obrigado. — McCaleb ficou esperando que ele se fosse, mas Lockridge não saiu do lugar. — O que é?

— É nisso que você está trabalhando? — perguntou o outro, apontando para o televisor.

— É, Buddy, é nisso. Mas não posso falar no assunto. É coisa particular.

— Legal.

— O que mais?

— Hã... Quando é o dia do pagamento?

— Pagamento? Como assim? Ah! Você está falando do seu pagamento? Ora, tanto faz. Está precisando de dinheiro?

— Um pouco. Hoje não seria um dia ruim.

McCaleb foi até o balcão da cozinha, onde havia deixado a carteira e as chaves. Ao pegar o dinheiro, calculou que não tinha usado Buddy mais de oito horas. Entregou-lhe seis notas de vinte. Abanando-se com o dinheiro como se fosse um leque, Lockridge disse que era muito.

— Uma parte é para a gasolina — explicou McCaleb. — E o extra é por ter ficado a minha disposição o tempo todo. Está bem assim?

— Para mim está ótimo. Obrigado, Terror.

McCaleb sorriu. Era assim que Lockridge o chamava desde a noite em que ele se irritara com o barulho da gaita.

Por fim, foi embora e McCaleb pôde retomar o trabalho. Nada chamou particularmente a atenção dele nos videotapes, e ele passou aos documentos. Queria absorver cada detalhe de cada página.

Começou de trás para a frente, a partir do caso Kang-Torres. Mas ao examinar os relatórios e os sumários, nada encontrou, exceto o conflito cronológico já detectado antes e que precisava ser mais bem investigado. Apesar de sua repulsa pela personalidade de Arrango e pela complacência de Walters, não achou nada errado no trabalho que tinham feito.

Por fim, passou ao laudo da necrópsia e às fotografias granuladas do corpo de Gloria Torres. Não as havia visto ainda. E tinha suas razões. As fotos da morte eram a maneira pela qual sempre se lembrava das vítimas. Via-as mortas, nunca vivas. Via o que fora feito com elas. Ao examinar pela primeira vez o material, achou que não tinha necessidade de ver as fotografias de Gloria. Não era o que ele queria ou precisava saber dela.

Agora, porém, sem ter mais onde procurar, resolveu estudá-las. A péssima reprodução da fotocopadora embaçava os detalhes e abrandava o impacto. Folheou-as rapidamente, depois voltou à primeira. Era o corpo nu de Gloria numa mesa de aço inoxidável; a foto tinha sido tirada antes da necrópsia. Uma longa incisão feita pelo cirurgião que lhe retirara os órgãos corria entre os seios e descia pelo esterno. McCaleb segurou a fotografia com ambas as mãos e ficou um bom tempo olhando para aquele corpo profanado, experimentando uma mistura de tristeza e culpa.

O telefone o sobressaltou. Ele tratou de atender antes que tocasse pela segunda vez.

— Alô?

— Terry? É a Dra. Fox.

Inexplicavelmente, McCaleb colocou a fotografia na mesa.

— Está me ouvindo?

— Estou. Olá. Como vai?

— Bem. E você, como vai?

— Muito bem, doutora.

— O que anda fazendo?

— Fazendo? Nada, estou aqui sem fazer nada especial.

— Terry, você sabe muito bem o que eu estou dizendo. O que resolveu quanto ao pedido daquela mulher? A irmã.

— Eu, hã... — Ele tornou a apanhar a fotografia e a examinou. — Resolvi que preciso dar uma olhada.

A médica não disse nada, porém McCaleb a imaginou à escrivania, fechando os olhos e balançando a cabeça negativamente.

— Sinto muito...

— Quem sente sou eu — retrucou ela. — Terry, eu acho que você não entendeu os riscos que corre com o que está fazendo.

— Acho que sim, doutora. Mas não tenho escolha.

— Muito menos eu.

— Como assim?

— É simples: eu acho que não vou poder continuar sendo sua médica se você for adiante com isso. É óbvio que não dá valor aos meus conselhos nem acha que deve acatar as minhas

recomendações. Esse seu caso é mais importante para você do que a própria saúde. Sendo assim, não posso fazer nada.

Ele riu, constrangido.

— Está me mandando embora, doutora? Não quer mais que eu seja seu cliente?

— Não é brincadeira. Talvez seja esse o seu problema. Acha que é tudo brincadeira, que é invencível.

— Não, eu não me sinto invencível em nada.

— O problema é que as suas palavras não coincidem muito com os seus atos. Segunda-feira eu vou mandar um assistente pegar o seu prontuário e entregá-lo a um dos dois ou três cardiologistas que posso recomendar.

McCaleb fechou os olhos.

— Escute, doutora, eu... eu não sei o que dizer. Faz tanto tempo que estamos juntos. Não se sente obrigada a pensar melhor?

— Está bem. Se não me procurar até segunda-feira, é porque resolveu continuar com isso. Nesse caso, pode mandar buscar o seu prontuário.

E desligou. Imóvel, atônito, McCaleb ficou com o fone encostado no ouvido.

Levantou-se, foi para fora e ficou observando a marina e o estacionamento. Não viu sinais de Buddy Lockridge nem de ninguém. O ar estava parado. Debruçando-se no parapeito da proa, olhou para a água. Estava muito escura para ver o fundo. Cuspiu na superfície, uma tentativa de se desfazer da apreensão que lhe provocara o ultimato da Dra. Fox. E decidiu não se deixar abalar.

Ao voltar, deu com a fotografia à sua espera na mesa. Tornou a pegá-la e a examiná-la, dessa vez percorrendo o corpo de Gloria até o rosto. Havia uma espécie de pomada escura em seus olhos, o que o levou a pensar que estes, provavelmente, haviam sido retirados junto com os órgãos internos.

McCaleb reparou nas três minúsculas perfurações que desciam pela borda da orelha esquerda até o lóbulo. Na direita, havia apenas uma.

Ia guardar a foto quando se deu conta de que apenas corraera os olhos pela lista de objetos de propriedade da vítima retirados no hospital e entregues à polícia.

Para ter certeza de que todos os detalhes haviam sido conferidos, voltou à pilha de documentos e pegou a lista. Percorreu-a até chegar ao subtítulo correspondente às joias.

JOIAS

1. Um relógio Timex
2. Três brincos (2 crescentes, um aro de prata)
3. Dois anéis (ametista, prata)

Ficou um bom tempo pensando nisso, lembrando que no vídeo do assassinato era visível que Gloria estava com um total de quatro brincos. O aro, os crescentes e o crucifixo que pendia de sua orelha esquerda. Mas não era o que dizia a lista: lá estavam registrados apenas três brincos. Ela tampouco coincidia com as perfurações claramente visíveis nas orelhas de Gloria na fotografia.

Voltou-se para o televisor, pensando em assistir uma vez mais ao videoteipe, mas desistiu. Ele tinha certeza. Não teria inventado uma coisa assim. Mas, por algum motivo, o crucifixo não fora incluído na lista.

Era uma pergunta sem resposta. McCaleb tamborilou os dedos no relatório, querendo saber se se tratava de um detalhe importante ou não. O que teria acontecido com o brinco? Por que não constava da lista?

Consultou o relógio: 12h10. Graciela devia estar almoçando. Tomou uma decisão: telefonou para o hospital e pediu que transferissem a ligação para a cantina principal. Ao ser atendido por uma mulher, perguntou-lhe se poderia fazer o favor de dar um recado à enfermeira que se encontrava à mesa junto à janela. A mulher hesitou, mas ele descreveu Graciela e lhe disse seu nome. Ainda relutante, a mulher ao telefone perguntou qual era o recado.

— Diga-lhe que telefone para o Dr. McCaleb o mais depressa possível.

Cerca de cinco minutos depois recebeu o telefonema dela.

— Dr. McCaleb?

— Desculpe, precisei fazer isso para ter certeza de que ela daria o recado.

— O que aconteceu?

— É que eu estou examinando os arquivos do caso novamente e encontrei uma coisa estranha. A lista de objetos de propriedade da vítima diz que, no hospital, tiraram da orelha de sua irmã dois brincos em forma de crescente e um aro.

— É verdade. Tiveram de tirá-los para a tomografia computadorizada. Queriam ver a trajetória da bala.

— Certo, mas e o crucifixo que ela usava na orelha esquerda? Não aparece na lista...

— Ela não estava com ele naquela noite. Aliás, eu fiquei impressionada com isso. Ela o usava praticamente todos os dias. E, na única vez em que resolveu não usá-lo, teve o azar de...

— Era uma espécie de marca pessoal — atalhou McCaleb. — Por que você tem tanta certeza de que ela não estava com o brinco aquela noite?

— Porque quando a polícia me entregou as coisas dela... sabe, o relógio, os anéis e os brincos... o crucifixo não veio. Ela não estava com ele naquele dia.

— Tem certeza? No vídeo ele aparece.

— Em que vídeo?

— No da mercearia.

Ela ficou um momento calada.

— Não, não pode ser. Eu achei esse brinco no estojo de joias de Gloria. Entreguei-o à agência funerária para que ela fosse enterrada com ele.

Agora foi McCaleb quem ficou calado, refletindo.

— Mas não eram dois? Eu não entendo nada de crucifixos, mas vocês não costumam comprar brincos aos pares?

— É... tem razão. Eu não tinha pensado nisso.

McCaleb sentiu uma agitação interior que há muito tempo não experimentava.

— Então, o que você achou foi o segundo brinco.

— Creio que sim... — respondeu Graciela. — Neste caso, o que terá acontecido com o que ela estava usando na mercearia?

— É o que eu gostaria de descobrir.

— Mas que importância tem isso, afinal?

Ele ficou alguns momentos em silêncio, pensando em como responder. Concluiu que o que tinha em mente era por demais especulativo para contar.

— É só uma incógnita que precisa ser esclarecida. Quero lhe perguntar uma coisa. Esse brinco era daqueles que simplesmente ficam pendurados na orelha por um pequeno gancho ou dos que têm uma tarraxa que não o deixa cair com facilidade? Sabe o que estou querendo dizer? Pelo vídeo não dá para ver.

— Sei, hã... acho que era dos que vêm com tarraxa. Duvido que tenha caído.

Enquanto ela falava, McCaleb examinou o relatório dos paramédicos na pilha de documentos. Percorreu as linhas com o dedo até encontrar o boxe com os nomes e os números de registro dos dois paramédicos que socorreram e transportaram Gloria.

— Certo, preciso desligar — disse. — A gente se vê amanhã?

— Claro... Terry?

— O quê?

— Você viu o vídeo da mercearia? Quer dizer, viu tudo? Você viu Gloria...

— Vi — respondeu ele com calma. — Foi preciso.

— Ela... ela sentiu muito medo?

— Não, Graciela. Foi muito rápido. Ela nem percebeu.

— Acho que foi melhor assim.

— Eu também... Escute, está tudo bem com você?

— Está.

— Certo. A gente se vê amanhã, então.

Os paramédicos que transportaram Gloria trabalhavam na Unidade de Resgate 76. McCaleb telefonou para lá, mas a equipe que estava de plantão na noite de 22 de janeiro ficaria de folga até domingo. No entanto, o capitão da unidade o informou de que, conforme a

prática do departamento no que eles chamavam de “transporte criminal”, qualquer objeto que tivesse caído na maca ou fosse encontrado na ambulância teria sido entregue à polícia. Significava que, se isso tivesse acontecido quando estavam transportando Gloria, haveria um registro no livro. Mas não havia. O brinco em forma de crucifixo não figurava em lugar algum.

O irônico era que, além do coração de outra pessoa, McCaleb levava consigo a secreta convicção de que não era a ele que deveriam ter salvado. Tinham escolhido o cara errado. Deveria ter sido outro. Nos dias e nas semanas anteriores ao transplante, ele se preparara para o pior. Aceitara a morte como inevitável. Fazia tempo que já não acreditava em Deus — os horrores que havia visto e documentado foram pouco a pouco minando suas reservas de fé — e a única coisa em que acreditava agora era que a maldade humana não tinha limite. E naqueles dias aparentemente derradeiros, quando seu coração começou a falhar e palpitar na cadência da morte, ele não procurou desesperadamente resgatar a fé perdida para enfrentar o desconhecido. Aceitou que estava chegando ao fim, que iria empreender a iminente viagem para o nada. Estava pronto.

Não era difícil. No tempo do FBI, ele se deixara levar e consumir por uma missão, uma vocação. E quando a cumpria com sucesso, sabia que fazia muita diferença. Melhor do que qualquer cirurgião, estava salvando muita gente de uma morte horrível. Pois ele se confrontava com os piores males, os cânceres mais malignos, e a batalha, embora sempre cansativa e dolorosa, dava um sentido a sua vida.

Mas isso desaparecera no momento em que seu coração parara de funcionar e ele caíra no escritório regional com a impressão de que acabava de levar uma punhalada no peito. E continuou assim quando o pager tocou e lhe disseram que havia um coração para ele.

Agora estava com um coração novo, mas não sentia que iniciara uma vida nova. McCaleb não passava de um homem num barco que nunca se afastava do porto. Não tinham a menor importância os

tantos ditados sobre uma segunda chance que ele citara à jornalista. A existência já não tinha sentido. Esse era o conflito que estava vivendo no dia em que Graciela Rivers subira a bordo e entrara em sua vida.

A investigação que ela lhe oferecera havia sido um meio de evitar a própria luta interior. Mas, agora, as coisas tinham ficado subitamente diferentes. O crucifixo desaparecido agitava algo adormecido nas profundezas de seu ser. A longa experiência proporcionara um conhecimento amplo e uma verdadeira intuição sobre o mal. McCaleb conhecia bem os seus vestígios.

E aquele era um deles.

CAPÍTULO 19

Naquela semana, McCaleb tinha ido com tanta frequência ao setor de homicídios do Departamento do Xerife que a recepcionista se limitou a recebê-lo com um aceno; não fez menção de anunciá-lo pelo telefone nem de acompanhá-lo. Jaye Winston encontrava-se à sua escrivaninha, perfurando um maço de papéis para, em seguida, guardá-lo num classificador. Interrompendo o trabalho, olhou para o visitante.

— Resolveu se mudar para cá?

— Quase. E o serviço burocrático vai bem?

— Vai. Em vez de quatro, estou só com dois meses de atraso. O que aconteceu? Não esperava vê-lo aqui hoje.

— Ainda está zangada por eu não ter contado aquilo?

— Águas passadas.

Jaye Winston se encostou na cadeira, encarou-o e ficou esperando ele explicar o motivo de estar ali.

— Acho que descobri uma coisa que vale a pena verificar — anunciou McCaleb.

— Tem a ver com Bolotov de novo?

— Não. É outra coisa.

Ela sorriu.

— Só espero que não seja mais um tiro no pé, Terry.

— Não é.

— Então, diga.

Ele espalmou as mãos no tampo da escrivaninha e se inclinou para a frente, a fim de falar num tom mais confidencial. Ainda havia muitos colegas de Jaye Winston no escritório, todos ocupados em concluir suas tarefas antes do fim de semana.

— Arrango e Walters deixaram escapar uma coisa. Eu também, no meu primeiro exame. Mas acabei descobrindo hoje, quando estava assistindo aos vídeos pela segunda vez e estudando os

relatórios. Uma coisa que precisa ser avaliada com muita seriedade. Pode mudar tudo.

Jaye Winston franziu o cenho e o fitou seriamente.

— Pare com tantos rodeios. O que foi que eles deixaram escapar?

— Prefiro mostrar a falar. — Ele pegou uma pasta de couro no chão e dela retirou uma cópia do videoteipe da mercearia. — Podemos dar uma olhada nisto?

— Por que não?

Jaye Winston se levantou e o conduziu à sala de vídeo. Ligou os aparelhos e colocou a fita depois de examiná-la e constatar que era uma cópia da que ela mesma havia fornecido a McCaleb na quarta-feira.

— O que é isso?

— A fita da mercearia.

— Não a que eu lhe dei.

— É uma cópia. Mandei examinarem a outra.

— Como assim? Quem está com a outra?

— Um técnico que eu conhecia no tempo do FBI. Só estou tentando ampliar algumas imagens. Nada importante.

— E o que vai me mostrar?

Ele colocou a fita em movimento.

— Como se congela a imagem?

Jaye Winston apontou para o botão no painel, e McCaleb ficou com o dedo sobre ele, esperando o momento certo. Na gravação, Gloria Torres estava se aproximando e sorrindo para Kang. Então, apareceu o bandido e disparou, jogando o corpo dela de encontro ao balcão. McCaleb congelou a imagem e, com a caneta que tirou do bolso, apontou para a orelha esquerda de Gloria.

— Não se vê com muita nitidez, mas, numa ampliação, dá para perceber que ela estava com três brincos — disse. E batendo com a caneta em cada ponto da orelha, prosseguiu: — Um crescente, um aro e este pendurado no lóbulo, um crucifixo.

— Sim. Não estou conseguindo ver muito bem, mas acredito no que você está dizendo.

McCaleb tornou a apertar o botão para continuar o vídeo. Deteve-o no momento em que o corpo de Gloria voltava para trás e sua cabeça virava para a esquerda.

— A orelha direita — disse, usando novamente a caneta para apontar. — Só o outro par do crescente.

— Certo. Que significa isso?

Sem fazer caso da pergunta, ele tornou a apertar o botão. Viu-se o disparo. Gloria foi arremessada contra o balcão, depois voltou na direção do atirador. Segurando-a diante de si, ele baleou o Sr. Kang, ao mesmo tempo que recuava, saindo da área de enquadramento da câmera e deixando Gloria escorregar até o chão.

— A vítima foi colocada no chão fora da área de enquadramento da câmera.

— O quê? Você está querendo dizer que foi intencional?

— Exatamente.

— Por quê?

Ele abriu a pasta outra vez, tirou a lista de objetos e a entregou a Jaye Winston.

— É o relatório da polícia sobre os pertences da vítima. Foi preenchido no hospital. Não se esqueça: Gloria ainda estava viva. Pegaram as coisas dela e as entregaram ao policial. Foi ele quem fez o relatório. Está faltando alguma coisa?

Jaye Winston examinou a folha de papel.

— Não sei. É só a lista de... O brinco em forma de crucifixo?

— Isso. Não aparece aí. Ele o roubou.

— O policial?

— Não. O bandido. O assassino ficou com o brinco.

Jaye Winston não dissimulou a expressão intrigada. Não conseguia acompanhar o raciocínio. Não tivera as mesmas experiências nem vira o que McCaleb tinha visto.

— Espere aí — disse. — Como você sabe que foi ele quem o roubou? Pode ter caído, vai ver que o perderam.

— Não. Eu falei com a irmã da vítima, com o hospital e com os paramédicos.

Ele sabia que estava exagerando a investigação naquele aspecto, mas precisava convencer Jaye Winston. Não podia deixar-lhe uma

saída ou permitir que ela chegasse a qualquer outra conclusão que não a dele.

— A irmã diz que o brinco tinha uma tarraxa de segurança. É difícil que ele tenha caído. E mesmo que tivesse, os paramédicos não o encontraram na maca nem na ambulância. Também não o acharam no hospital. Ele o roubou, Jaye. O assassino. Além disso, se tivesse caído, apesar da tarraxa, teria sido no momento em que ele disparou. Você viu o impacto da bala na cabeça dela. Só nesse momento o brinco podia ter se soltado. Mas não foi o que aconteceu. Tiraram-no dela.

— Tudo bem. Digamos que ele o roubou. Não estou afirmando que acredito nisso, mas, supondo que o bandido o tenha roubado, o que acha que isso significa?

— Significa que muda tudo. Significa que não foi um mero assalto. Gloria não era simplesmente uma desconhecida inocente que teve o azar de entrar no lugar errado na hora errada. Significa que ela era um alvo. Estava sendo visada.

— Ora, Terry, vamos com calma. Ela... Mas, afinal, o que é que você está querendo fazer? Transformar isto num crime em série ou coisa que o valha?

— Eu não estou querendo transformar isto em nada. A coisa é o que é. E sempre foi. Só que vocês... quer dizer, nós... nós não percebemos do que se tratava.

Jaye Winston se afastou, foi até o canto da sala e voltou.

— Tudo bem, então me diga direitinho o que você está vendo aí. Porque eu não estou vendo nada disso. Eu adoraria ir à polícia de Los Angeles e jogar na cara daqueles dois cretinos que eles meteram os pés pelas mãos, mas não consigo ver o que você diz estar vendo.

— Muito bem, vamos começar pelo próprio brinco. Como eu disse, já conversei com a irmã da vítima. Ela jura de pés juntos que Gloria Torres usava todos os dias esse brinco. Os outros ela trocava, fazia diferentes combinações, mas o crucifixo não tirava nunca. Andava sempre com ele. Todo santo dia. As implicações religiosas são óbvias, mas, na falta de uma descrição melhor, digamos que era o seu talismã, uma espécie de amuleto, para dar sorte. Certo? Acompanhou até aqui?

— Até aqui, sim.

— Muito bem, agora vamos supor que o assassino o roubou. Como eu disse, estive conversando com o hospital e com o pessoal do resgate: o brinco não apareceu em lugar nenhum. Então, vamos imaginar que ele o tenha roubado.

McCaleb ergueu as mãos e as manteve assim, aguardando. Embora relutante, Jaye Winston fez um gesto afirmativo: concordava.

— Podemos examinar isso a partir de dois ângulos: como e por quê. O primeiro é fácil. Basta ver o vídeo. O cara atirou nela, deixou-a chocar-se com o balcão, cair para trás, por cima dele, e depois no chão, fora da área de enquadramento da câmera. Pode ter tirado o brinco sem ser visto.

— Você está esquecendo uma coisa.

— O quê?

— O Bom Samaritano. Ele a socorreu. Pode ter pegado a joia.

— Eu já pensei nisso. Não é impossível. Mas é menos provável que o assassino. O Bom Samaritano apareceu ali por acaso. Por que roubaria o brinco?

— Não sei. Por que o assassino o roubaria?

— Bem, como eu disse, essa é a questão. Veja que item foi roubado. Um ícone religioso, um amuleto. Ela o usava diariamente. Era como a assinatura da sua personalidade, e o significado pessoal tinha muito mais importância do que o valor monetário.

Esperou um pouco. Acabava de oferecer-lhe o quadro geral. Agora fecharia com chave de ouro. Jaye Winston relutava em acreditar em sua teoria, mas McCaleb não perdera de vista o seu talento de investigadora. Ela compreenderia o que ele estava dizendo. Ficaria convencida.

— Uma pessoa que conhecesse Gloria saberia do significado do brinco. Do mesmo modo, qualquer um próximo dela, qualquer um que a tivesse estudado durante alguns dias ou algumas semanas perceberia isso.

— Alguém que a estivesse seguindo?

McCaleb fez que sim.

— No começo, ele a observa, fica conhecendo seus hábitos, faz os planos. E também procura alguma coisa. Um símbolo. Um objeto que possa pegar e guardar de lembrança.

— O brinco.

Ele balançou a cabeça novamente. Jaye Winston se pôs a andar de um lado para o outro na pequena sala, sem olhar para McCaleb.

— Eu preciso pensar nisso, preciso... Vamos a um lugar onde a gente possa se sentar.

E, sem esperar resposta, abriu a porta e saiu. McCaleb tirou rapidamente a fita do aparelho, pegou sua pasta e a seguiu. Jaye Winston o levou à sala de reuniões na qual tinham conversado no primeiro dia em que ele a procurou para falar no caso. Embora vazio, o lugar estava com cheiro de lanchonete. Jaye Winston pegou o cesto de lixo, a um canto, e o levou para fora, para o corredor.

— Não sei por que o pessoal insiste em comer aqui — resmungou ao fechar a porta e sentar-se.

McCaleb escolheu uma cadeira diante dela.

— Tudo bem, e o nosso rapaz? Como entra James Cordell nessa história? Primeiro: ele é homem. A outra é mulher. Segundo: não houve sexo. Ninguém tocou na moça.

— Isso não tem a menor importância — McCaleb se apressou em dizer. Já havia antecipado a pergunta. Não fizera nada além de pensar nas perguntas e em suas possíveis respostas durante a viagem da marina até lá com Buddy Lockridge. — Se eu estiver com a razão, este caso se encaixaria no modelo que chamamos assassinato pelo poder. Basicamente, trata-se de um sujeito que faz isso porque consegue escapar impunemente. É o que o satisfaz. É a sua maneira de desafiar a autoridade. Transfere os seus problemas decorrentes de uma situação particular, seja o trabalho, a autoestima, sejam as mulheres em geral ou a sua mãe em particular, seja o que for, ele os transfere à polícia, aos investigadores. Fustigando-os, obtém a dose de autoestima de que necessita. Deriva disso uma forma de poder. E pode ser poder sexual, mesmo que não haja nenhuma manifestação sexual óbvia ou física no crime. Lembra-se do Assassino do Código? Ou de Berkowitz, o homicida Filho de Sam, de Nova York?

— Claro.

— Foi a mesma coisa em ambos os casos. Não havia propriamente sexo nos crimes, mas tudo ali era sexo. Veja o caso de Berkowitz. Ele atirava nas pessoas, homens ou mulheres, e fugia. Mas voltava dias depois para se masturbar no local do crime. Nós imaginamos que o Assassino do Código fazia o mesmo, mas, se fazia, a nossa vigilância não o detectou. O que estou dizendo é que não precisa ser uma coisa óbvia, Jaye, só isso. Nem sempre a gente topa com um maluco que faz questão de gravar o próprio nome na pele das vítimas.

McCaleb observou Jaye Winston atentamente, consciente de que a estava persuadindo, de que ela começava a compreender sua teoria.

— Mas não é só isso — prosseguiu. — Há uma segunda parte. Há a câmera também.

— Ele quer que a gente o veja cometendo o crime?

McCaleb fez um gesto, concordando.

— Essa é a provocação. Eu acho que ele quer a câmera. Quer que o seu trabalho fique documentado, que seja visto e admirado. Aumenta o perigo para ele e, assim, sua sensação de poder. E, para obter essa situação, o que ele faz? Acho que escolhe um alvo... escolhe a sua presa... e a observa até conhecer sua rotina, até saber os lugares que frequenta em que haja uma câmera. Como Berkowitz. Não lhe importava quem matar. Ele simplesmente saía por aí e matava.

— Mas Berkowitz não guardava lembranças.

McCaleb fez que sim.

— O brinco? Isso é o que torna a coisa pessoal. Acho que essas vítimas foram escolhidas. Tenho certeza disso.

— Você pensou em tudo, não?

— Em tudo, não. Não sei como ele escolhe as vítimas nem por quê. Mas estive pensando. Muito. Durante a hora e meia que demoramos para chegar aqui. O trânsito estava péssimo.

— Demoramos?

— É que eu tenho um motorista. Ainda não posso dirigir.

Ela não disse nada. McCaleb se arrependeu de haver mencionado o motorista. Estava revelando uma fraqueza.

— Temos de começar de novo — disse. — Porque até agora vínhamos pensando que essas pessoas tinham sido escolhidas ao acaso. Pensamos que o que importava eram os locais, não as vítimas. Mas eram pessoas visadas. Presas. Alvos específicos que foram seguidos, estudados. Temos de examinar tudo novamente. Deve haver uma interseção. Algo em comum. Uma pessoa, um lugar... um determinado momento... algo que as vincule entre si ou com o nosso personagem desconhecido. Se acharmos...

— Um momento, um momento.

McCaleb se interrompeu, notando que, em seu entusiasmo, erguera muito a voz.

— Que lembrança ele tirou de James Cordell? Está querendo dizer que o dinheiro roubado do caixa eletrônico era um símbolo?

— Eu não sei o que ele pegou, mas é claro que não se trata do dinheiro. Ele foi apenas parte da simulação de assalto. Não era um objeto simbólico. Mesmo porque ele o tirou da máquina, não de Cordell.

— Neste caso, será que você não está se precipitando?

— Não. Tenho certeza de que ele pegou algo.

— Nós teríamos descoberto. Estamos com o crime todo no vídeo.

— Ninguém percebeu nada no caso de Gloria Torres, mas também estava no vídeo.

Jaye Winston girou a cadeira.

— Não sei, não. Ainda está me parecendo... Deixe-me perguntar uma coisa. E tenha a bondade de não se ofender. Não é possível que você esteja simplesmente procurando aquilo que sempre procurou quando trabalhava no FBI?

— Acha que estou forçando as coisas? Exagerando? Como se quisesse voltar ao que fazia antes?

Jaye Winston deu de ombros. Não queria dizê-lo.

— Eu não estou procurando nada, Jaye. A coisa está aí. E é o que é. É claro que o brinco pode significar outra coisa. E também pode ser que não signifique nada. Mas se existe algo que eu conheço bem neste mundo, é isso. Essa gente. Eu conheço esses

caras. Sei como pensam e agem. Estou sentindo isso, Jaye. Sentindo a presença do mal. Ele está aqui.

Jaye Winston olhou estranhamente para McCaleb, fazendo-o pensar que talvez não devesse ter-se entusiasmado tanto ao reagir às suas dúvidas.

— A caminhonete de Cordell, a Chevy Suburban, não aparece no vídeo — prosseguiu McCaleb. — Vocês a examinaram? Na pilha de relatórios, eu não achei nada sobre...

— Não, não tocamos nela. Ele deixou a carteira aberta no assento, só levou o cartão do banco até a máquina. Se o assassino tivesse se aproximado da caminhonete, teria levado a carteira. Como a encontramos lá, descartamos essa possibilidade.

McCaleb sacudiu a cabeça e disse:

— Você continua encarando o crime do ponto de vista do assalto. A decisão de não examinar a caminhonete teria sido acertada... se se tratasse de um assalto de verdade. Mas, e se não tiver sido? Ele não levaria um objeto óbvio como uma carteira.

— Levaria o quê?

— Não sei. Qualquer outra coisa. Cordell usava muito aquela caminhonete. Passava o dia percorrendo o aqueduto. Era o seu segundo lar. Devia haver um monte de coisas de natureza pessoal que o criminoso pode ter levado. Fotografias, objetos pendurados no espelho retrovisor, talvez um diário de viagem, sei lá. Onde está a caminhonete? Me dê uma alegria e diga que ainda se encontra sob a custódia da polícia.

— Que ilusão! Nós a devolvemos à esposa dele alguns dias depois do homicídio.

— Provavelmente foi lavada e vendida.

— Não, isso não. Da última vez que falei com a mulher de Cordell, e foi há algumas semanas, ela disse que não sabia o que fazer com a Suburban. Era muito grande para ela e, agora, em todo caso, estava lhe transmitindo vibrações negativas. Não foram estas as palavras que ela usou, mas o sentido era este.

McCaleb ficou subitamente animado.

— Então, vamos até lá dar uma olhada na Suburban. Podemos conversar com a viúva e imaginar o que pode ter sido roubado.

— Se é que alguma coisa foi roubada.

Jaye Winston franziu a testa. McCaleb compreendeu por quê. Já devia estar negociando mentalmente com o capitão, que, após os fracassos da hipnose e de Bolotov, provavelmente achava que sua comandada se deixava controlar muito facilmente por um cara de fora. Ela não queria lhe falar na nova teoria de McCaleb enquanto não tivesse certeza de que era sólida e perfeita. E ele sabia que não era. Nunca era.

— O que vai fazer? — perguntou McCaleb. — É como se eu estivesse num carro, pronto para partir. Vai subir e vir comigo ou prefere ficar na calçada?

Ocorreu-lhe que não se sentia pressionado por preocupações como emprego, função, inércia ou o que fosse. Jaye Winston podia entrar no carro, porém McCaleb também podia viajar sem ela. Coisa que ambos compreenderam.

— Não — disse Jaye Winston. — A questão é o que *você* vai fazer. Afinal, não tem nenhuma obrigação de se envolver com esta merda como eu. Depois da hipnose, Hitchens tem estado...

— Sabe de uma coisa, Jaye? Eu não dou a mínima para isso. A única coisa que me interessa é pegar esse cara. Olhe. Fique sossegada aí e me dê alguns dias. Eu acho alguma coisa. Vou até o deserto conversar com a viúva de Cordell e dar uma olhada na caminhonete. Se encontrar uma pista ou o que for, você pode ir falar com o capitão. Do contrário, eu engulo a minha teoria. Você pode me mandar para o inferno e eu prometo não voltar a incomodá-la.

— Olhe, não é que você seja...

— Você sabe o que eu estou dizendo. Você tem o tribunal, tem outras investigações. Seria absurdo revirar um caso antigo. Eu sei como é. Talvez a minha visita de hoje tenha sido prematura. Mas como o caso é seu e você me tratou como um ser humano, preferi avisá-la primeiro. Agora, se me der a sua bênção e um pouco de tempo, eu me viro sozinho. Se descobrir alguma coisa, será a primeira a saber.

Jaye Winston ficou um longo tempo em silêncio, por fim concordou:

— Está bem. Vá em frente, Terry.

CAPÍTULO 20

Lockridge e McCaleb percorreram uma série de estradas, a partir de Whittier, até chegar à rodovia Antelope Valley, que finalmente os levaria ao extremo nordeste do distrito. Lockridge ia dirigindo com uma das mãos no volante. A outra segurava a gaita na boca. Não chegava a dar a McCaleb uma sensação de segurança, mas era melhor do que ir ouvindo piadinhas sem sentido.

Ao passarem por Vasquez Rocks, ele estudou a formação e identificou o lugar onde fora encontrado o cadáver que o levava a conhecer Jaye Winston. À luz do entardecer, era bonita aquela formação escarpada e denteada resultante da elevação tectônica. O sol, inclinado, atingia a face frontal das rochas, mergulhando as fendas numa escuridão profunda. Era ao mesmo tempo belo e ameaçador. Teria sido aquilo que atraía Luther Hatch?

— Já esteve aqui em Vasquez Rocks? — perguntou Buddy, colocando a gaita entre as pernas.

— Já.

— Bonito lugar. O nome vem de um bandoleiro mexicano que se escondeu nessas grutas há uns cem anos, depois de assaltar um banco ou coisa assim. Tanto lugar para se esconder... Nunca mais o encontraram e ele se tornou uma lenda.

McCaleb gostava daquela história. E como eram diferentes as histórias que o ligavam aos lugares. Sempre incluíam cadáveres e sangue. Nenhuma lenda. Nenhum herói.

Viajaram sem problemas à frente do rush e do tráfego dos que iam passar o fim de semana fora da cidade, chegando a Lancaster pouco depois das 17h. Percorreram um condomínio chamado Granja Flor do Deserto, em busca da casa onde vivera James Cordell. McCaleb viu muitas áreas desérticas, mas pouquíssimas flores e muito menos casas que se ajustassem à definição de granja. O condomínio fora construído numa terra tão plana e quase sempre

tão quente quanto o fundo de uma frigideira. As casas, em estilo mexicano, tinham telhados de cerâmica e janelas e portas em arco. Aquelas construções parecidas se espalhavam às dezenas em Antelope Valley. Residências espaçosas e razoavelmente bonitas. Em quase todas moravam famílias que fugiam da criminalidade e da superpopulação de Los Angeles.

Ao que tudo indicava, a Granja Flor do Deserto oferecera três projetos aos compradores. Consequentemente, como McCaleb notou ao longo do percurso, a cada quatro casas, duas eram iguais, sendo que às vezes havia construções idênticas lado a lado. Coisa que lembrava os conjuntos habitacionais de San Fernando Valley do pós-guerra.

A ideia de morar num lugar assim o deprimia. Não pelo que se via. O problema era a distância que ficava do oceano e da sensação de renovação que o mar lhe dava. Ele sabia que não aguentaria passar muito tempo ali. Acabaria morto e esturricado como o mato que crescia nas ruas.

— É aqui — disse Buddy.

Apontou para o número de uma casa e estacionou em frente. McCaleb reparou que a Chevy Suburban branca que ele vira no vídeo do local do crime encontrava-se estacionada perto da garagem, sob um cesto de basquete. A porta estava aberta; a um lado havia uma perua e, do outro, um amontoado de bicicletas, caixas e ferramentas, além de uma bancada de carpintaria. Na parede do fundo, via-se uma prancha de surfe. Era velha e comprida, coisa que o levou a pensar que talvez um dia James Cordell tivesse conhecido algo parecido com o mar.

— Não sei quanto tempo vou demorar — disse.

— Está fazendo muito calor aqui fora. Eu bem que podia entrar com você. Prometo não falar nada.

— Já está refrescando, Buddy. Mas, se ficar com calor, ligue o ar. Dê umas voltas. Vai acabar encontrando um garoto vendendo limonada por aí.

McCaleb desceu sem dar tempo a nenhuma discussão. Não tinha a menor intenção de envolver Lockridge na investigação e transformá-la num passatempo de amadores. A caminho da casa,

parou e olhou dentro da Suburban. A parte de trás estava repleta de ferramentas e havia um monte de coisas nos bancos dianteiros. Ele sentiu um arrepio. Talvez tivesse sorte. A caminhonete parecia intacta.

A viúva de James Cordell se chamava Amelia. Ele tinha lido seu nome nos relatórios. Uma mulher, que McCaleb supôs ser ela, abriu a porta arqueada da frente quando ele estava se aproximando. Jaye Winston dissera que iria telefonar antes para facilitar as coisas.

— Sra. Cordell?

— Pois não.

— Meu nome é Terry McCaleb. A investigadora Jaye Winston lhe telefonou?

— Sim, telefonou.

— Cheguei numa má hora?

— Em oposição a uma boa hora?

— Triste escolha de palavras. Desculpe. A senhora tem um pouco de tempo para conversarmos?

Era uma mulher baixa, de cabelos castanhos e traços miúdos. A julgar pelo nariz vermelho, McCaleb imaginou que ou estava resfriada, ou tinha chorado. Talvez o telefonema de Jaye Winston a tivesse feito chorar.

Ela assentiu e o convidou a entrar, conduzindo-o a uma sala de estar arrumada com capricho; sentou-se no sofá e ele, na poltrona em frente. Havia uma caixa de lenços de papel na mesa de centro. Chegava de outro cômodo o som de um televisor: deviam estar assistindo a desenhos animados.

— É o seu parceiro que está esperando no carro? — ela perguntou.

— Hã, meu motorista.

— Ele não quer entrar? Está fazendo muito calor.

— Não, ele está bem.

— O senhor é detetive particular?

— Tecnicamente, não. Sou amigo da família da mulher que foi assassinada em Canoga Park. Não sei o que a investigadora Jaye Winston lhe disse, mas eu trabalhava no FBI, de modo que tenho alguma experiência nesse tipo de coisa. Como a senhora deve saber,

o Departamento do Xerife e a polícia de Los Angeles não conseguiram, hã, avançar muito nas investigações ultimamente. Estou fazendo o possível para ajudar.

Ela concordou com um movimento da cabeça.

— Antes de mais nada, meus pêsames pelo que aconteceu a seu marido e a sua família.

A mulher enrugou a testa.

— Eu sei que não importa o que um estranho pensa, mas saiba que conta com a minha simpatia. Pelo que li nos arquivos do xerife, James era um homem bom.

Amelia sorriu e disse:

— Obrigada. É engraçado que o senhor o chame de James. Todos o chamavam de Jim ou Jimmy. E o senhor tem razão, era um bom homem.

McCaleb fez um gesto afirmativo.

— Que perguntas quer que eu responda, Sr. McCaleb? A verdade é que eu não sei nada do que aconteceu. Foi o que me deixou confusa quando Jaye telefonou.

— Bem, primeiro... — Pegou a pasta de couro, abriu-a e tirou a foto Polaroid que Graciela lhe dera na primeira vez em que havia estado no barco. Entregou-a a Amelia Cordell. — Pode olhar essa fotografia e me dizer se reconhece a mulher ou se acha que seu marido pode tê-la conhecido?

Ela pegou e examinou a foto; estava muito séria, os olhos atentos, estudando cada detalhe. Por fim, balançou a cabeça negativamente.

— Não. Acho que não. Foi ela que...

— Foi. A vítima do segundo assalto.

— Esse é o filho dela?

— É.

— Eu não entendo. Por que meu marido haveria de conhecer essa mulher? O senhor... está sugerindo que ele podia...

— Não. Não, eu não estou sugerindo nada, Sra. Cordell. Só estou tentando verificar... Olhe, para ser franco, surgiram algumas coisas na investigação que possivelmente indicam... E eu sublinho:

possivelmente indicam que o que aconteceu é diferente do que parece.

— O que quer dizer com isso?

— Quero dizer que, *possivelmente*, o motivo do crime não foi o roubo. Pelo menos não o único motivo.

Ela ficou olhando atônita para ele e McCaleb percebeu que ainda estava compreendendo mal a situação.

— Sra. Cordell, eu não estou sugerindo de modo algum que seu marido e essa mulher tiveram algum tipo de relacionamento. O que estou dizendo é que em algum lugar e em algum momento, tanto o seu marido quanto ela atravessaram o caminho do assassino. Portanto, *há* uma relação. Mas uma relação entre as vítimas e o assassino. É bem provável que seu marido e as outras vítimas tenham atravessado o caminho do criminoso em lugares diferentes, mas eu preciso averiguar tudo, é por isso que estou lhe mostrando a fotografia. A senhora tem certeza de que não a reconhece?

— Absoluta.

— Seu marido tinha algum motivo para ter passado algum tempo em Canoga Park nas semanas que antecederam o crime?

— Que eu saiba, não.

— Ele tinha algum contato com o *Los Angeles Times*? Mais especificamente, algum motivo para ir à sede do jornal em Chatsworth?

— Motivo como?

— Eu não sei.

— Ela era jornalista?

— Não, mas trabalhava onde havia jornalistas. Talvez os passos deles tenham cruzado com os do assassino lá.

— Bem, eu acho que não. Se alguma coisa o estivesse incomodando, Jimmy teria me dito. Ele sempre fazia isso.

— Certo. Eu entendo.

McCaleb passou os 15 minutos seguintes fazendo-lhe perguntas sobre a rotina cotidiana do marido e suas atividades nas semanas anteriores ao assassinato. Anotou três páginas completas que, em todo caso, não lhe pareceram de grande ajuda. Jimmy Cordell dava a impressão de ser um homem que trabalhava muito e passava a

maior parte do tempo livre com a família. Nas semanas que precederam sua morte, estivera trabalhando exclusivamente nos setores do aqueduto da parte central do estado e sua esposa não acreditava que houvesse ido para o sul. Duvidava que tivesse estado em Valley ou em outras partes da cidade depois do Natal.

McCaleb fechou o caderno.

— Fico-lhe muito agradecido, Sra. Cordell. A última coisa que eu queria lhe perguntar é se não deu pela falta de algum pertence de seu marido.

— Pertence? Como assim?

Amelia Cordell levou McCaleb à Chevy Suburban. Já havia falado da roupa e das joias do falecido. Garantira que nada tinha sido roubado, como parecia atestar o vídeo do caixa eletrônico. Só restava a Suburban.

— Ninguém entrou aí? — ele perguntou quando ela estava destravando a porta.

— Eu a trouxe do escritório do xerife para cá. Foi a única vez que a dirigi. Jimmy a comprou só para trabalhar. Ele dizia que se a usássemos fora do trabalho, não poderia pedir o reembolso das despesas. Eu não a uso porque é muito alta para mim, é incômodo subir e descer toda hora.

McCaleb concordou e enfiou a cabeça na caminhonete pela porta aberta do motorista. O banco traseiro estava dobrado e o compartimento de carga, cheio de equipamento de inspeção, uma mesa dobrável e outras ferramentas. Não valia a pena ocupar-se daquilo. Era equipamento de trabalho, nada de natureza pessoal.

Concentrou-se na parte dianteira do veículo. Tudo estava coberto por uma pátina de poeira da estrada. Cordell devia ter viajado pelo deserto com as janelas abertas. Com o dedo, ele abriu uma bolsa na porta e viu um monte de recibos de postos de gasolina e uma caderneta com espiral para quilometragens, datas e destinos. Folheou-a para ver se havia alguma viagem a West Valley, particularmente a Chatsworth ou Canoga Park. Não encontrou

nenhum registro. Tudo indicava que Amelia Cordell tinha razão quanto ao marido.

Baixando o para-sol do lado do motorista, McCaleb achou dois mapas dobrados. Foi até a frente da caminhonete e os abriu no capô. Um deles era um mapa de postos de gasolina da Califórnia Central, o outro, um mapa de inspeção que mostrava as muitas vias de acesso ao aqueduto. Procurou alguma anotação inusitada que Cordell pudesse ter feito nos mapas, mas nada encontrou. Dobrou-os e os recolocou no lugar.

Sentando-se à direção, olhou a sua volta. Reparou no espelho retrovisor e perguntou a Amelia Cordell se seu marido não tinha nada pendurado ali, algum enfeite ou algo assim. Ela disse que não se lembrava.

Examinou o porta-luvas e o painel. Achou mais papéis e várias fitas cassetes, um conjunto de canetas e lapiseiras e um maço de envelopes abertos. Cordell gostava de música country. Nada parecia fora do lugar. Nada chamava a atenção.

— A senhora sabe se ele tinha algum tipo particular de caneta ou lapiseira de que gostava mais? Por exemplo, uma que tivesse ganhado de presente ou algo assim?

— Acho que não. Não me lembro.

McCaleb tirou o plástico que prendia os envelopes e os examinou. Parecia ser correspondência oficial, avisos de reuniões, relatórios de problemas no aqueduto que Cordell devia examinar. Ele recolocou o elástico no maço e tornou a guardar os envelopes no porta-luvas. Amelia Cordell o observava em silêncio.

Num compartimento entre os bancos, havia um pager e um par de óculos de sol. Cordell estava voltando para casa, à noite, quando parou no caixa eletrônico. Isso explicava por que não estava com os óculos, mas não por que deixara o bipe no carro.

— Sra. Cordell, sabe por que o pager dele está aqui? Por que não o estava usando?

Ela pensou um momento e respondeu:

— Geralmente, ele não o levava no cinto nas viagens longas, achava desconfortável. Dizia que lhe espetava os rins. Chegou a

esquecê-lo algumas vezes, ou deixou-o no carro e perdeu os recados. Deve ter sido por isso.

McCaleb balançou lentamente a cabeça. Estava sentado, pensando no que examinar a seguir, quando a porta do lado do passageiro se abriu subitamente e Buddy Lockridge olhou para dentro.

— O que houve?

McCaleb teve de comprimir os olhos a fim de olhar para ele, pois o sol estava batendo pouco acima de seus ombros.

— Estou quase terminando, Buddy. Espere-me lá no carro.

— Estou com dor na bunda. — Olhou para a Sra. Cordell e fez um gesto vago. — Desculpe, dona.

Embora irritado com a intromissão, McCaleb o apresentou a Amelia Cordell.

— Mas o que é que estamos procurando, afinal? — quis saber Buddy.

— Estamos? Eu estou procurando uma coisa que não está aqui. Vá me esperar no carro.

— Alguma coisa que roubaram. Entendo.

Baixou o para-sol do lado do passageiro, o que McCaleb já tinha examinado, e nada encontrou.

— Tudo bem, Buddy. Vá me esperar...

— O que havia ali, um retrato?

Apontou para o painel. McCaleb acompanhou a linha de seu dedo, mas nada viu.

— Do que você está falando?

— Ali. Está vendo a poeira? Parece a marca de uma fotografia ou algo assim. Talvez ele guardasse uma guia de estacionamento para quando precisasse.

McCaleb tornou a olhar, mas não conseguiu ver o que Lockridge tentava mostrar. Inclinou-se para a direita, na direção de Buddy, e virou a cabeça a fim de olhar o painel.

Então enxergou.

Uma camada de poeira se havia depositado no plástico transparente que protegia o velocímetro e outros indicadores no painel. A um lado do plástico havia um quadrado claramente

definido, onde não se via sinal de poeira. Alguma coisa ficara recentemente sobre o protetor de plástico. McCaleb se deu conta da sorte que tivera. Provavelmente, não teria notado aquilo. Só era visível do lado do passageiro, com o sol incidindo num ângulo muito inclinado.

— Sra. Cordell — disse. — A senhora pode dar a volta e olhar pela outra porta?

Aguardou. Lockridge se afastou para que ela pudesse ver. McCaleb apontou para o contorno no protetor de plástico. Tinha cerca de 12 centímetros de altura por nove de largura.

— Seu marido tinha uma fotografia da senhora ou das meninas aqui?

— Sinceramente, eu não sei. Ele tinha fotografias nossas, mas não sei onde as colocava. Pode ser que fosse aí, mas eu não sei. Nunca viajei nessa caminhonete. A gente sempre usava a Caravan... mesmo quando só saíamos Jimmy e eu. Como já expliquei, eu não gostava de subir aí.

McCaleb concordou com um gesto.

— Há alguém que trabalhava com ele e que possa saber? Alguém que viajasse com ele a trabalho ou na hora do almoço ou sei lá quando?

Na rodovia Antelope Valley, durante a viagem de volta à cidade, eles passaram por uma fila aparentemente infinita de carros parados nas pistas no sentido oposto. Gente voltando do trabalho ou que ia passar o fim de semana fora. McCaleb mal reparou. Estava profundamente mergulhado em pensamentos. Só ouviu Lockridge quando este se repetiu pela segunda vez.

— Ah, desculpe. O que você disse?

— Eu disse que espero tê-lo ajudado lá, ao reparar naquilo.

— Ajudou, sim, Buddy. Eu podia não ter notado. Mas continuo achando que você devia ter ficado no carro. Eu o pago para que dirija, só isso.

E num gesto com ambas as mãos, McCaleb imitou um motorista à direção.

— É, só que você ainda estaria lá, procurando, se eu tivesse ficado no carro.

— Isso nós nunca vamos saber.

— Não vai me contar o que descobriu?

— Nada, Buddy. Eu não descobri nada.

Estava mentindo. Amelia Cordell o levava para dentro e o deixava telefonar para o escritório do marido. Buddy teve de voltar e esperar no carro. Lá dentro, McCaleb conversou com o supervisor de James Cordell, que lhe deu os nomes e os números de alguns supervisores de manutenção do aqueduto com os quais Cordell trabalhara no começo de janeiro. Depois, telefonou para a estação do aqueduto de Lone Pine e falou com Maggie Mason, uma das supervisoras. Ela contou que havia almoçado duas vezes com Cordell na semana anterior ao assassinato. Em ambas as ocasiões, ele dirigira.

Evitando a pergunta principal, McCaleb indagou se ela havia reparado em alguma coisa de natureza pessoal no painel da Suburban. Maggie Mason respondeu sem hesitar que havia uma fotografia de família no painel. Disse que chegou a se inclinar para vê-la melhor. Lembrava-se de que era a esposa de Cordell com as duas filhas no colo.

McCaleb voltou para casa sentindo um misto de receio e excitação crescer dentro dele. Em algum lugar, alguém estava com o brinco de Gloria Torres e a fotografia da família de James Cordell. Agora ele tinha certeza de que o mal, nesses dois crimes, tinha a forma de uma pessoa que matava não por dinheiro, não por medo, não por vingança. Esse mal ia muito além. Essa pessoa matava por prazer, para satisfazer uma fantasia que lhe ardia como um vírus dentro do cérebro.

O mal estava em toda parte. Ele sabia disso melhor do que ninguém. Mas também sabia que não podia enfrentá-lo quando ainda era abstrato. O mal precisava adquirir corpo, sangue e respiração, tornar-se uma pessoa que pudesse ser caçada e destruída. McCaleb tinha isso agora. Sentiu o coração inundado de ódio e de uma horrível alegria.

CAPÍTULO 21

A densa neblina matinal pousou feito uma mão gentil em sua nuca. McCaleb se levantara por volta das 7h e tinha ido à lavanderia, nas dependências comuns da marina, para usar várias máquinas e lavar toda a roupa de cama ao mesmo tempo. Depois, tratou de limpar o barco e prepará-lo para os hóspedes. Mas trabalhou sem conseguir concentrar-se.

Tinha conversado com Jaye Winston ao chegar do deserto na noite anterior. Quando lhe falou da fotografia que desaparecera da Suburban de Cordell, ela concordou, embora um tanto ressentida, que McCaleb podia ter encontrado uma nova pista. Uma hora depois, tornou a ligar para ele, avisando que haviam marcado uma reunião para as 8h de segunda-feira, na sede do departamento. Participariam: ela, o capitão e alguns investigadores do xerife, assim como Arrango e Walters, além de Maggie Griffin, do FBI. Esta última era a agente que o sucedera no PACV do Escritório Regional de Los Angeles. McCaleb só lhe conhecia a reputação, que era das melhores.

E esse era o problema. Antes de mais nada, ele sabia que ficaria na berlinda segunda-feira e seria objeto de intenso escrutínio. A maioria dos que participariam da reunião, senão todos, seria de céticos. Mas, em vez de se preparar para o encontro e eventualmente fazer alguma investigação adicional, McCaleb ia pescar no quebra-mar com uma mulher e um menino. Aquilo não tinha sentido e ele chegou a pensar em cancelar a visita de Graciela e Raymond. Mas acabou não cancelando nada. Era bem verdade que precisava conversar com ela, porém, mais do que isso, achava que simplesmente queria estar em sua companhia. Isso levou seus incômodos pensamentos a uma encruzilhada: culpa por estar negligenciando a investigação e culpa por desejar uma mulher que viera pedir-lhe ajuda.

Terminadas a lavagem da roupa e a faxina geral, foi ao centro da marina. Depois de comprar o necessário para o jantar, entrou na loja de artigos de pesca e escolheu um balde de iscas vivas de camarão e lula, além de um caniço pequeno, equipado com molinete, que pretendia dar de presente a Raymond. De volta ao barco, prendeu o caniço nos ganchos do parapeito e mergulhou o balde no aquário. A seguir, foi guardar a comida na cozinha.

Por volta das 10h, havia terminado os afazeres, estava tudo pronto. Não tendo visto sinal do conversível de Graciela no estacionamento, resolveu ir perguntar se Buddy Lockridge estaria disponível na segunda-feira de manhã. Antes, tomou o cuidado de deixar o portão entreaberto, de modo que ela e Raymond pudessem entrar na marina.

Respeitando os hábitos locais, não subiu a bordo ao se aproximar do *Double-Down*. Gritou o nome de Lockridge e ficou esperando na doca. A escotilha principal do barco encontrava-se aberta, o que significava que ele já estava acordado. Meio minuto depois, viu aparecerem os cabelos desgrehados e o rosto sonolento e inchado do vizinho. Tudo indicava que havia passado boa parte da noite bebendo.

— Oi, Terry.

— Oi. Tudo bem com você?

— Estou ótimo, como sempre. O que é, vamos a algum lugar?

— Não, hoje não. Mas vou precisar de você na segunda-feira bem cedo. Pode me levar ao Departamento do Xerife? Temos de sair lá pelas 7h.

Buddy refletiu um instante, verificando se aquilo se ajustava a sua agenda lotada, e fez que sim com a cabeça.

— Combinado.

— Vai estar em condições de dirigir?

— Pode apostar. O que vai fazer no departamento?

— É só uma reunião. Mas não posso me atrasar.

— Fique frio. A gente sai daqui às 7h. Eu ponho o despertador para tocar.

— Ótimo. Outra coisa: fique de olho para mim.

— Por causa do cara da fábrica de relógios?

— É. Duvido que apareça, mas a gente nunca sabe. Ele tem os braços tatuados. Braços de halterofilista. Você vai reconhecer, se o vir.

— Pode deixar, Terry. Parece que você está com visita.

McCaleb se voltou e olhou para o *The Following Sea*. Avistou Graciela na popa, ajudando Raymond a subir a bordo.

— Preciso ir, Buddy. Até segunda.

Graciela trajava jeans desbotado, camiseta dos Dodgers e estava com os cabelos presos num boné de beisebol da mesma equipe. Trazia uma sacola a tiracolo e um saco de supermercado. Raymond também usava jeans e boné, além do agasalho do time de hóquei dos Kings. Levava um carro de bombeiros de brinquedo e um velho bicho de pelúcia, provavelmente um carneiro.

McCaleb abraçou Graciela timidamente e apertou a mão de Raymond quando este conseguiu colocar o carneiro debaixo do outro braço.

— Que bom que vocês chegaram — disse. — Vamos pegar muitos peixes hoje, Raymond?

O garoto ficou com vergonha de responder. Graciela lhe cutucou o ombro, e ele balançou a cabeça afirmativamente.

McCaleb pegou a sacola e o saco de supermercado, levou os visitantes para dentro e mostrou-lhes todo o barco, coisa que não tinha feito ainda. Aproveitou para deixar o saco na cozinha e a sacola na cama do camarote principal. Disse a Graciela que aquele era o seu quarto e que os lençóis estavam limpos. Depois, mostrou a Raymond o beliche do camarote da proa. McCaleb tinha colocado quase todas as caixas de arquivos debaixo da escrivaninha, e o camarote ficara bastante arrumado para o menino. O beliche tinha uma grade, de modo que ele não corria o perigo de cair da cama. Quando McCaleb lhe contou que aquilo se chamava tarimba, o garoto se mostrou confuso.

— É assim que se chamam as camas dos barcos, Raymond.

— Por quê?

— Quer saber? Isso eu nunca perguntei.

No banheiro, ensinou-lhes a usar o pedal para abrir a torneira e dar a descarga. Ao notar que Graciela olhava para a tabela de temperatura pendurada na parede, explicou-lhe para que servia. Ela colocou o dedo na linha correspondente a terça-feira.

— Você teve febre?

— Um pouco. Mas já passou.

— Que disse o seu médico?

— Minha médica. Não disse nada. Eu não contei a ela. A febre passou e eu estou em forma.

Ela o fitou com um misto de preocupação e, ele pensou, irritação. Então, ocorreu a McCaleb que devia ser muito importante para Graciela que ele sobrevivesse. Não iria querer que a última doação de sua irmã tivesse sido em vão.

— Não se preocupe. Eu estou perfeitamente bem. É que tinha corrido muito naquele dia. Bastou uma soneca para que a febre passasse. E não voltou mais.

Apontou para os registros seguintes da tomada de temperatura. Raymond lhe puxou a perna da calça e perguntou:

— Onde você dorme?

McCaleb olhou rapidamente para Graciela e, sentindo o rosto arder, voltou-se para a escada.

— Vamos subir, eu lhe mostro.

Quando estavam na sala, explicou a Raymond que podia transformar a mesa de cartas náuticas numa cama de solteiro. O garoto ficou satisfeito.

— Bem, vamos ver o que vocês trouxeram.

Começou a esvaziar o saco de supermercado, separando as coisas. Haviam combinado que ela se encarregaria do almoço e ele, do jantar. Graciela tinha feito compras numa delicatessen e tudo indicava que almoçariam sanduíche de baguete.

— Como sabia que eu adoro sanduíche de baguete?

— Eu não sabia. Mas Raymond também adora.

McCaleb estendeu o braço e fez cócegas nas costelas do menino, que se encolheu todo e riu.

— Muito bem, enquanto Graciela faz os sanduíches que vamos levar à pescaria, por que você não vem me ajudar a preparar o

equipamento? Os peixes estão esperando!

— Legal!

Ao sair com o menino, voltou-se e piscou para Graciela. No convés, deu a ele a vara e o molinete que havia comprado. Quando Raymond compreendeu que era um presente, agarrou-o como um náufrago agarraria a corda jogada pela equipe de resgate. Gesto que provocou mais tristeza que alegria em McCaleb. Aquele garoto parecia nunca haver tido um companheiro em sua vida.

Erguendo os olhos, ele viu Graciela à porta da sala. Seu olhar também parecia triste, muito embora ela estivesse sorrindo para eles. McCaleb concluiu que o melhor era procurar evitar aquelas emoções.

— Muito bem — disse. — A isca. Acho bom a gente levar um balde cheio, porque eu tenho a impressão de que vão morder muito hoje.

Tirou do compartimento próximo do aquário o balde flutuante e a rede e mostrou a Raymond como mergulhá-la e pegar a isca. Colocou no balde algumas lulas e camarões. Em seguida, transferiu a tarefa para o menino e foi buscar a caixa de anzóis e duas outras varas para ele e Graciela.

Lá dentro, onde Raymond não os podia ouvir, ela se aproximou e o abraçou.

— Você foi muito gentil — disse. — Muito gentil mesmo.

McCaleb a fitou um momento nos olhos antes de responder:

— Acho que isso faz mais bem para mim do que para ele.

— Raymond não cabe em si de contente. Isso eu posso dizer. Não vê a hora de pescar alguma coisa. Tomara que consiga.

Foram pela doca central, passando pelas lojas e o restaurante, atravessaram um estacionamento e, finalmente, chegaram ao canal principal das marinas da cidade. Ali, havia um caminho coberto de pedriscos que dava na entrada do canal, onde ficava o quebra-mar, uma barreira de pedras que se estendia uns cem metros Pacífico adentro. Subiram com cuidado de uma laje de granito a outra, até chegar à metade do quebra-mar.

— Raymond, este é o meu lugar secreto. Acho que é aqui que devemos tentar.

Não houve objeção. McCaleb colocou o equipamento no chão e iniciou os preparativos para a pesca. As rochas ainda estavam molhadas da maré alta na noite anterior. Ele se pôs a procurar pedras achatadas que servissem de assento. Estendeu nelas as toalhas que levava para que Graciela e Raymond se sentassem. Abriu a caixa de anzóis, tirou um frasco de filtro solar e o entregou a ela. Então começou a colocar as iscas nos anzóis. Decidiu dar a lula à Raymond, que, em sua opinião, era a melhor isca; queria que o menino fisgasse o primeiro peixe.

Quinze minutos depois, estavam com três linhas na água. McCaleb havia ensinado ao garoto como jogar a linha e deixar o carretel aberto, deixando a lula nadar com a corrente.

— O que eu vou pescar?

— Não sei, Raymond. Aqui tem muito peixe.

Sentou-se ao lado de Graciela. O menino, ao contrário, estava muito nervoso para ficar sentado. Saltitava com o caniço de uma pedra a outra, aguardando, cheio de esperança e ansiedade.

— Eu devia ter trazido a câmera — sussurrou ela.

— Da próxima vez — sorriu McCaleb. — Está vendo? Lá?

Apontou para o horizonte, onde, em meio à neblina distante, delineava-se o contorno azulado de uma ilha.

— É Catalina?

— Ela mesma.

— Estranho. Não consigo me acostumar à ideia de que você morou numa ilha.

— Pois eu morei.

— E como a sua família foi parar lá?

— Eles eram de Chicago. Meu pai era jogador de beisebol. Em... acho que em 1951, ele passou uma temporada experimental com os Cubs. Eles costumavam ir treinar em Catalina na primavera. Os Wrigley eram os donos dos Cubs e da maior parte da ilha. Foi assim que nós fomos parar lá. Meu pai e minha mãe eram namorados desde o tempo de colégio. Tinham acabado de se casar quando surgiu essa oportunidade de jogar para os Cubs. Ele era *short-stop* e

segundo *baseman*. Enfim, veio para cá, mas acabou não ficando no time. Em compensação, se apaixonou pelo lugar. Arranjou um emprego com os Wrigley. E mandou buscar minha mãe.

McCaleb pretendia terminar a história ali, mas Graciela quis saber mais.

— Então, você chegou.

— Alguns anos depois.

— Mas seus pais não ficaram em Catalina?

— Minha mãe não. Ela não suportava a ilha. Passou dez anos lá e não aguentou mais. Aquilo pode ser claustrofóbico para algumas pessoas... Eles acabaram se separando. Meu pai ficou e quis que eu ficasse com ele. Eu fiquei. Minha mãe voltou para Chicago.

— O que seu pai fazia para os Wrigley?

— Um monte de coisas. Trabalhou na fazenda deles, depois na casa. Encarregou-se de um Chris-Craft de 63 pés no porto. Começou como marinheiro e acabou capitão. Finalmente, comprou o seu próprio barco e passou a fazer transporte. Também era bombeiro voluntário.

McCaleb sorriu, Graciela também.

— E o *Following Sea* era o barco dele?

— O barco, a casa, o negócio, tudo. Os Wrigley o financiaram. Ele morou uns 12 anos no barco, até ficar doente. Então, eles... quer dizer, eu, fui eu que fiz isso... eu o levei ao hospital. Ele morreu lá. Em Long Beach.

— Que pena.

— Já faz tempo.

— Não para você.

Ele a encarou.

— No fim, chega uma hora em que todo mundo sabe. Ele sabia que não tinha chance e só queria voltar para lá. Para o barco. Para a ilha. Eu não deixei. Queria tentar tudo, esperava um milagre da ciência e da medicina. Além disso, se ele estivesse lá, seria muito difícil para mim ir visitá-lo. Teria de tomar a balsa. Obriguei-o a ficar no hospital. E ele morreu sozinho no quarto. Eu estava em San Diego, na ocasião. — McCaleb olhou para o mar. Viu a balsa a caminho da ilha. — Devia ter feito a vontade dele.

Graciela pousou a mão em seu braço.

— Não se deve ter remorso das boas intenções.

Ele olhou para Raymond. Continuava de pé, olhando para baixo, para o molinete, enquanto uma torrente retesava a linha. McCaleb sabia que uma lula não tinha tanta força.

— Ei, espere aí, Raymond, eu acho que você fisgou alguma coisa.

Colocou no chão o caniço que estava segurando e se aproximou do garoto. Deu um puxão na vara e sentiu a resistência da linha. Quase no mesmo instante o caniço vergou e quase foi arrancado das mãos do menino. McCaleb o agarrou a tempo.

— Rapaz, você pegou um peixe!

— Oba! Eu peguei um! Eu peguei um!

— Não se esqueça do que eu lhe disse, Raymond, puxe e dê linha, puxe e dê linha. Eu o ajudo com o caniço, até que esse peixão fique cansado. Acho que é dos grandes. Tudo bem com você?

— Tudo bem!

Ambos se puseram a lutar com o peixe, McCaleb encarregando-se da maior parte do esforço com o caniço. Lembrou-se de pedir a Graciela que recolhesse as outras linhas, para evitar que se enroscassem com a de Raymond. Lutaram por uns dez minutos com o peixe. Pela tensão da vara, McCaleb percebeu que o animal estava ficando cansado. Por fim, pôde entregá-la novamente ao garoto, para que ele mesmo terminasse o trabalho.

McCaleb tirou um par de luvas da caixa e desceu pelas pedras até a beira da água. Poucos centímetros abaixo da superfície, avistou um peixe prateado batendo-se debilmente para escapar. Ajoelhando-se, já com os sapatos e a calça molhados, inclinou-se até conseguir segurar a linha de Raymond. Puxou o peixe para a frente e o ergueu pela boca. Mergulhando a mão enluvada, segurou-lhe a cauda pouco à frente das barbatanas traseiras. E, assim, tirou-o da água e tornou a subir as pedras até onde se encontrava o deslumbrado menino.

O peixe brilhava ao sol feito metal polido.

— É uma barracuda, Raymond — disse, mostrando-a. — Olhe só os dentes que ela tem.

CAPÍTULO 22

O dia valeu a pena. Raymond pescou duas barracudas e uma perca branca. O primeiro peixe foi o maior e o mais excitante, se bem que o segundo, fisgado quando estavam almoçando, quase conseguiu puxar o caniço para a água. Ao voltarem, no meio da tarde, Graciela levou o menino ao camarote da proa, a fim de que dormisse um pouco. McCaleb aproveitou a ocasião para lavar o equipamento de pesca com a mangueira da popa. Quando ela voltou e os dois se sentaram no convés, ele sentiu um desejo enorme de saborear uma cerveja gelada.

— Foi maravilhoso — disse Graciela, referindo-se ao passeio no quebra-mar.

— Que bom. Vocês vão ficar para o jantar?

— Claro. Ele também quer dormir aqui. Adora barcos. E acho que quer ir pescar amanhã de novo. Você criou um monstro.

McCaleb fez um gesto afirmativo, pensando na noite que os esperava. Ficaram alguns minutos em silêncio, observando tranquilamente as atividades na marina. Os sábados eram sempre movimentados. McCaleb percorreu tudo com os olhos. Estar com hóspedes o tornava mais alerta quanto ao russo, muito embora tivesse concluído que eram remotas as chances de ele aparecer. Afinal, Bolotov estivera com a faca e o queijo na mão no escritório de Toliver. Se quisesse de fato, teria acabado com ele lá mesmo. Mas a preocupação o fez pensar em seu envolvimento no caso. E lhe ocorreu uma dúvida que gostaria de esclarecer com Graciela.

— Queria perguntar uma coisa. Você esteve aqui pela primeira vez sábado passado. Mas a reportagem sobre mim foi publicada uma semana antes. Por que esperou tanto tempo?

— Não é que eu tenha esperado. Na verdade, não li a matéria quando foi publicada. Uma amiga de Gloria, do jornal, telefonou dizendo que a tinha lido e que acreditava que você, bem, que você

podia ser a pessoa que havia recebido o coração dela. Então, eu fui à biblioteca e li a matéria. E vim aqui no dia seguinte.

Ele balançou a cabeça. Graciela decidiu que era a sua vez de fazer uma pergunta.

— Aquelas caixas lá embaixo.

— Que caixas?

— Na escrivaninha. São casos seus?

— Sim, são arquivos antigos.

— Eu reconheci alguns dos nomes escritos. Aparecem na matéria também. De Luther Hatch eu me lembro. E do Assassino do Código. Aliás, por que vocês o chamavam assim?

— Porque ele, se é que era um homem, deixava ou enviava recados para nós, sempre com um número embaixo.

— O que ele significava?

— Não descobrimos. Nem os melhores profissionais do FBI nem o pessoal da decodificação da Agência Nacional de Segurança conseguiu decifrar. Eu, pessoalmente, duvido que tivesse um significado. Não era um código. O ED só estava querendo nos confundir, fazer com que ficássemos mordendo o nosso próprio rabo... Nove, zero, três; quatro, sete, dois; cinco, seis, oito.

— Era esse o código?

— Esse era o número. Mas eu duvido que fosse realmente um código.

— Foi isso o que concluíram em Washington também?

— Não. Eles nunca desistiram. Tinham certeza de que significava alguma coisa. Chegaram a pensar que podia ser o número do seguro social do sujeito. Pura especulação, sabe? Com ajuda do computador, imprimiram todas as combinações possíveis e, depois, levantaram todos os nomes no seguro social. Milhares. Investigaram um por um nos computadores.

— Procurando o quê?

— Antecedentes criminais, perfis... Mas o ED não estava na lista.

— O que é ED?

— Elemento Desconhecido. Era assim que chamávamos os criminosos antes de identificá-los ou prendê-los. Não conseguimos pegar o Assassino do Código.

McCaleb ouviu os acordes distantes de uma gaita e olhou para o *Double-Down*. Lockridge se encontrava lá embaixo, ensaiando *Spoonful*.

— Foi o único caso em que isso aconteceu?

— Em que não conseguimos prender o sujeito? Não. Infelizmente, muitos conseguiram escapar. Mas eu acho que o caso do Código era pessoal. Ele mandava as cartas para mim. Tinha raiva de mim, não sei por quê.

— O que ele fazia com as pessoas quando...

— O Assassino do Código era uma exceção. Cada vez matava de um modo diferente, não seguia um padrão discernível. Homens, mulheres, até crianças. Tiros, facadas, estrangulamento. Era imprevisível.

— E como vocês sabiam que se tratava da mesma pessoa?

— Ele mesmo contava. As cartas, os códigos deixados no local do crime. Compreende? As vítimas, quem elas eram, isso não importava. Eram apenas objetos por intermédio dos quais ele exercia o poder, e jogava isso na cara das autoridades. Era um assassino com complexo de autoridade. Houve outro homicida assim há alguns anos, o Poeta. Esse viajava, agia em todo o país.

— Eu me lembro. Ele fugiu aqui, em Los Angeles, certo?

— Isso mesmo. Esse também tinha complexo de autoridade. Basta a gente descobrir as suas fantasias e os seus métodos para ver que são todos muito parecidos. O Poeta escapou e ficou nos observando procurar às cegas. O Assassino do Código era a mesma coisa. Não perdia uma oportunidade de nos provocar e confundir.

— E parou de repente?

— Deve ter morrido ou foi preso por algum outro delito. Ou, quem sabe, mudou-se para outro lugar e iniciou uma nova rotina. Mas matar não é algo que esses caras consigam simplesmente parar de fazer.

— E o que você fez no caso Luther Hatch?

— Fiz o meu trabalho. Olhe, a gente bem que podia mudar de assunto, não acha?

— Desculpe.

— Não precisa se desculpar. É que... sei lá, eu não gosto dessas histórias antigas.

Ele queria falar sobre a irmã dela e os últimos desenvolvimentos, mas aquele não parecia ser o momento adequado. Deixara escapar a oportunidade.

McCaleb serviu hambúrgueres e filés de barracuda grelhados. Raymond estava muito entusiasmado com a ideia de comer o peixe que ele mesmo havia pescado, mas ficou decepcionado com o sabor forte. Graciela também não gostou, porém McCaleb achou que não estava ruim.

Depois da refeição, fizeram uma incursão à sorveteria e foram olhar as vitrines de Cabrillo Way. Já era tarde da noite quando retornaram ao barco. A marina estava tranquila novamente. Foi Graciela quem deu a má notícia ao menino:

— Raymond, foi um longo dia, agora você precisa dormir — disse com ternura. — Se for obediente, pode pescar mais um pouco amanhã, antes de irmos embora.

O garoto olhou para McCaleb em busca de um possível aliado. Não adiantou.

— Ela tem razão, Raymond. Amanhã cedo eu o levo novamente ao quebra-mar. Vamos fisgar mais alguns peixes, está bem?

Ele concordou de má vontade e Graciela o conduziu ao camarote. Sua última reivindicação foi levar o caniço novo consigo. Não houve objeções. McCaleb havia prendido bem o anzol, para que o garoto não se machucasse. Aproveitou também para ligar nos quartos os dois aquecedores portáteis que possuía. Sabia que de noite fazia frio na embarcação, só os cobertores não bastavam.

— E você? — perguntou Graciela.

— Não se preocupe. Eu tenho o saco de dormir. Provavelmente vou ficar mais aquecido do que vocês.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Deixou-os no camarote da proa e subiu para esperá-la. Serviu-lhe um cálice do que restava do Sanford pinot noir que abrira por

ocasião de sua visita anterior.

Pegou uma lata de refrigerante e levou tudo para a popa. Dez minutos depois, Graciela foi ao seu encontro.

— Faz frio aqui — comentou.

— É. Você acha que Raymond ficará bem com o aquecedor?

— Claro que sim, ele está ótimo. Pegou no sono assim que se deitou.

Ele lhe entregou o cálice de vinho e ergueu a lata de refrigerante para brindar.

— Obrigada. Raymond teve um dia e tanto hoje.

— Que bom.

Ficou olhando para ela. Sabia que em breve teriam de conversar sobre a investigação, mas não queria estragar aquele momento. E, uma vez mais, deixou escapar a oportunidade.

— Quem é a menina na fotografia lá embaixo, na sua escrivaninha?

— Que menina?

— Parece a foto de um anuário de colégio ou coisa assim. Está colada na parede perto da escrivaninha, no camarote de Raymond.

— Ah... é... é só uma pessoa de quem eu gosto de me lembrar. Ela morreu.

— Foi um caso ou era uma pessoa que você conhecia?

— Um caso.

— O Assassino do Código?

— Não. Foi bem antes disso.

— Como ela se chamava?

— Aubrey-Lynn.

— O que aconteceu?

— Uma coisa que não devia acontecer a ninguém. Mas eu prefiro não falar nisso agora.

— Está bem. Desculpe.

— Eu é que peço desculpas. Devia ter tirado aquilo da parede antes que Raymond chegasse.

McCaleb não entrou no saco de dormir. Simplesmente cobriu-se com ele e ficou deitado de costas, as mãos entrelaçadas sob a nuca. Sabia que devia estar cansado, mas não estava. Os pensamentos, dos mais frívolos aos mais terríveis, passavam vertiginosamente por sua mente. Ele pensou no aquecedor no quarto do menino. Sabia que era seguro; mesmo assim, achou motivo para preocupar-se. A conversa durante o dia também trouxera à tona a lembrança de seu pai na cama de hospital. Uma vez mais arrependeu-se de não tê-lo deixado morrer em casa. Lembrou-se de ter pegado o barco, após a cerimônia em Descanso Beach, e circundado Catalina, espalhando aos poucos as cinzas no mar. Só terminou depois de haver completado a volta ao redor da ilha.

Mas essas lembranças e preocupações não passavam de subterfúgios para evitar que pensasse em Graciela. A noite não terminara bem porque ela havia mencionado Aubrey-Lynn Showitz. A recordação o perturbou e ele não conseguiu continuar a conversa. Estava deslumbrado com aquela mulher. Desejava-a e tinha nutrido a esperança de terminar a noite com ela. Os dois juntos. Mas se deixara levar pelas lembranças tristes e arruinara tudo.

Sentiu o barco balançar suavemente ao sabor da maré. Deixou escapar um longo suspiro para, quem sabe, afugentar os demônios. Tentou acomodar-se no colchão fino, mas havia uma emenda incômoda no meio da cama improvisada. Pensou em levantar-se e ir tomar um copo de suco de laranja, mas achou melhor não fazê-lo, pois poderia faltar para Raymond e Graciela na manhã seguinte.

Por fim, decidiu descer e medir os sinais vitais, velho expediente para matar o tempo. Teria o que fazer, talvez se cansasse um pouco e, finalmente, conseguisse pegar no sono.

Ele havia plugado uma lâmpada noturna na tomada acima da pia, para que o menino encontrasse facilmente o banheiro, caso precisasse. Preferindo não acender a luz do teto, ficou na penumbra com o termômetro sob a língua. Olhou para o seu reflexo no espelho e notou que as olheiras estavam ficando mais pronunciadas.

Teve de inclinar-se para a frente e segurar o termômetro bem perto da lâmpada fraca para lê-lo. Tinha um pouco de febre. Pegou a prancheta e anotou a data, a hora e 37,2 em vez do mero rabisco.

Estava prestes a pendurar a prancheta quando ouviu abrir-se a porta do camarote principal, do outro lado do corredor escuro.

Ele não havia fechado a do banheiro. Olhando para fora, distinguiu o lindo rosto de Graciela junto ao batente. O rosto, o ombro e o braço nus. O resto do corpo achava-se escondido atrás da porta. Falaram aos sussurros.

— Tudo bem?

— Sim. E você?

— Tudo bem. O que está fazendo?

— Não consigo dormir. Vim medir a temperatura.

— Está com febre?

— Não... Tudo normal.

Balançou a cabeça ao dizê-lo. Lembrando-se de que trajava apenas calção, cruzou os braços e ergueu a mão para coçar a barba: na verdade, estava tentando esconder a feia cicatriz no peito.

Ficaram assim um momento, entreolhando-se calados. McCaleb se deu conta de que estava segurando o queixo fazia muito tempo. Descruzou os braços e ficou observando quando ela dirigiu o olhar para o seu peito.

— Graciela...

Não concluiu. Ela abriu a porta lentamente, usava uma camisola muito curta, de seda. Durante alguns segundos, os dois se limitaram a ficar ali, parados, olhando um para o outro. Graciela continuou segurando a porta como para firmar-se no doce balanço da embarcação. Depois, deu um passo rumo ao corredor e ele avançou em sua direção. Estendeu a mão e lhe roçou o lado, envolveu-lhe a cintura. Com a outra, acariciou-lhe a garganta, o pescoço, e lhe segurou a nuca. Abraçou-a.

— Você pode? — ela sussurrou, encostando o rosto no dele.

— Nada vai me impedir — respondeu McCaleb.

Entraram no camarote e fecharam a porta. Ele deixou o calção no chão e foi para a cama, onde ela começava a desabotoar a camisola. Os lençóis e o cobertor já estavam impregnados de seu cheiro, o mesmo perfume que o impressionara na vez anterior. Colocou-se por cima dela e Graciela o puxou para si num longo beijo. Ele baixou a cabeça e lhe beijou os seios. Encontrou o lugar, pouco abaixo do

pescoço, onde ela passara o perfume. Envolto naquela fragrância penetrante, buscou novamente os seus lábios.

Graciela colocou a mão quente entre os dois corpos, espalmado-a em seu peito. Sentindo-a tensa, McCaleb abriu os olhos. Ela murmurou:

— Espere, Terry. Espere.

Surpreso, ele ergueu o corpo, apoiando-se em um braço.

— O que houve? — cochichou.

— Eu acho que... Acho que não está certo. Desculpe.

— O que não está certo?

— Não sei. É que eu não tenho certeza.

Virou o corpo, não lhe deixando escolha senão afastar-se.

— Graciela...

— Não é nada com você, Terry. É comigo. Sou eu...
Simplesmente não queria tanta pressa. Queria pensar mais.

Ficou de lado, sem olhar para ele.

— É por causa de sua irmã? É porque eu estou com o...

— Não, não é isso... Bem, talvez seja um pouco. Só acho que a gente devia pensar melhor. — Acariciou-lhe o rosto. — Desculpe. Eu sei que fiz mal em convidá-lo a entrar e depois... E depois isto.

— Tudo bem. Não quero que faça nada de que possa se arrepender depois. Acho melhor eu voltar lá para cima.

Fez menção de levantar-se, mas ela lhe agarrou o braço.

— Não, não vá. Ainda não. Fique comigo. Não quero que vá embora.

Ele se aproximou novamente e deitou a cabeça no travesseiro ao lado dela. Era estranho. Embora tivesse sido evidentemente rejeitado, não estava ansioso. Sentia que ainda chegaria o momento deles, podia esperar. E se perguntou quanto tempo poderia ficar com ela antes de ter de voltar para o saco de dormir.

— Fale da menina — pediu Graciela.

— O quê? — disse ele, confuso.

— A menina da fotografia na sua escrivaninha.

— Não é uma história bonita. Por que quer saber?

— Porque eu quero conhecer você.

Foi tudo o que ela respondeu. Porém, McCaleb compreendeu. Sabia que, para se tornarem amantes, teriam de compartilhar segredos. Fazia parte do ritual. Lembrou-se da noite, muitos anos antes, em que fizera amor pela primeira vez com a mulher que se tornaria sua esposa, a noite em que ela lhe contou que havia sofrido abuso sexual quando menina. O fato de ela revelar um segredo tão cuidadosamente guardado tocou-o mais profundamente que o próprio ato de fazer amor. McCaleb nunca se esqueceu daquele momento, que continuou sendo importante para ele, mesmo depois do fim do casamento.

— Tudo foi reconstituído a partir de testemunhos, de provas materiais... e do vídeo — ele começou.

— Que vídeo?

— Eu chego lá. Foi um caso na Flórida. Aconteceu antes de eu ser transferido para cá. Uma família inteira... assassinada. A mãe, o pai e duas filhas. A família Showitz. Aubrey-Lynn, a menina da fotografia, era a mais nova.

— Que idade tinha?

— Acabara de completar 15 anos. Eles eram do Meio-Oeste, de uma cidadezinha de Ohio. E aquelas foram as primeiras férias que tiraram. A família era pobre. O pai tinha uma pequena oficina mecânica... Ainda estava com as unhas sujas de graxa quando o encontraram.

McCaleb esboçou um riso nervoso, típico de quem não acha graça numa coisa, mas quer achar.

— Pagaram a viagem à prestação. Visitaram o Disney World e tudo o que havia para visitar; depois, foram a Fort Lauderdale, onde ficaram todos num quarto daquele hotelzinho ordinário da rodovia I-95. Fizeram a reserva por telefone, quando ainda estavam em Ohio, e, como o hotel se chamava Brisa do Mar, acreditaram que ficasse perto da praia.

A voz dele falhou porque nunca tinha contado aquela história a ninguém. Todos os detalhes eram dolorosos para ele, torturavam-no por dentro.

— Em todo caso, quando chegaram, resolveram ficar. Tinham intenção de passar apenas alguns dias lá e perderiam o depósito, caso se hospedassem em outro lugar. Ficaram. E, logo na primeira noite, uma das meninas viu uma caminhonete no estacionamento, à qual estava preso um trailer com um *airboat*. Você sabe o que é um *airboat*?

— Uma espécie de avião que sobrevoa o pântano?

— Exatamente, no caso, o Parque Nacional Everglades.

— Eu vi na televisão quando aquele avião caiu no pântano e desapareceu.

— Isso mesmo. Acontece que a família nunca tinha visto um *airboat*, só na televisão ou em revistas, e estavam olhando quando um homem, o proprietário, foi falar com eles. Era um cara simpático e se ofereceu para levar a família toda a passeio.

Graciela pousou a cabeça em seu ombro e a mão em seu peito. Sabia como terminaria a história.

— Eles concordaram. Quer dizer, eram de uma cidadezinha do interior de Ohio, não conheciam o mundo de verdade. Não hesitaram em aceitar o convite daquele homem, daquele desconhecido.

— E ele os matou?

— A todos — respondeu McCaleb, balançando a cabeça na escuridão. — Saíram com ele e nunca mais voltaram. O pai foi o primeiro. Alguns dias depois, um criador de rãs encontrou o corpo. Não estava muito longe da rampa de onde partem os *airboats*. Levou um tiro na nuca e foi jogado para fora.

— E as meninas?

— A polícia local demorou alguns dias para identificar o pai e chegar até o Brisa do Mar. Não encontrando sinal da esposa nem das filhas e tendo verificado que elas não se encontravam em Ohio, o xerife voltou ao pântano com helicópteros e outros *airboats*. Acharam os outros três cadáveres a uns dez quilômetros de distância, num lugar perdido que o povo da região chama de Morada do Diabo. Os corpos estavam lá. Ele abusou das três. Depois, amarrou-as a blocos de concreto e as jogou no pântano. Vivas. Elas se afogaram.

— Santo Deus...

— Deus não estava lá naquele dia. Os gases da decomposição fizeram com que os cadáveres acabassem flutuando, apesar dos blocos de concreto. — Ele se calou e fez uma longa pausa antes de prosseguir: — Mandaram chamar o FBI e eu fui para lá com uma agente chamada Walling. Não havia muito o que fazer. Traçamos um perfil; era evidente que o criminoso conhecia muito bem aquele pântano. Ele tem cerca de um metro de profundidade em quase todos os lugares, mas as mulheres foram jogadas num trecho mais fundo. O cara não queria que fossem encontradas. Ele tinha de conhecer bem a Morada do Diabo. Era uma depressão, talvez uma cratera aberta por um meteorito. O bandido deveria ter estado lá antes e sabia dessa particularidade.

Embora McCaleb estivesse olhando fixamente para a escuridão do teto, o que via era sua versão particular e terrível do que acontecera na Morada do Diabo. Uma visão que nunca se apagaria de sua lembrança, que ficaria gravada para sempre em sua mente.

— Ele as havia despido, roubado as joias e tudo que pudesse identificá-las. Mas, quando conseguiram abrir a mão de Aubrey-Lynn, acharam uma corrente de prata com um crucifixo. Não se sabe como, ela conseguiu escondê-lo. Provavelmente, estava rezando.

McCaleb pensou na história, no que significava para ele. Continuava a ressoar em sua vida muitos anos depois, como a maré alta que ergue suavemente o barco. A história sempre estava presente. Ele sabia que não precisava da fotografia na escrivaninha. Nunca se esqueceria do rosto daquela menina. Sabia que seu coração começara a morrer no dia em que o vira.

— Prenderam o homem? — quis saber Graciela.

Era a primeira vez que ouvia a história, mas já tinha necessidade de saber se o culpado pagara pelo crime horrível. Precisava de um final. Não compreendia, como McCaleb, que isso não importava. Aquele tipo de história nunca tinha fim.

— Não. Não o prenderam. Fizeram o levantamento dos hóspedes do Brisa do Mar e os averiguaram todos. Um deles nunca foi encontrado. Estava registrado como Earl Hanford, mas era um nome falso. A pista terminava ali... até que ele mandou o vídeo. — Houve

um silêncio. — Mandou-o ao investigador encarregado do caso. A família tinha levado uma câmera no passeio de *airboat*. A fita começa com muitas cenas felizes e sorrisos. O Disney World, a praia, algumas tomadas do pântano. Então, o assassino começou a gravar... tudo. Usava um capuz preto no rosto, de modo que não foi possível identificá-lo. Tampouco se via muito do avião. Ele sabia o que estava fazendo.

— Você viu o videoteipe?

McCaleb assentiu. Afastou-se de Graciela e, dando-lhe as costas, sentou-se na beira da cama.

— O sujeito portava um fuzil. As três fizeram tudo o que ele queria. Todo tipo de coisa... as duas irmãs juntas. E outras coisas ainda. Mesmo assim, foram mortas. Ele... ah, que merda!

Sacudiu a cabeça e esfregou as mãos no rosto. Sentiu uma carícia nas costas.

— Os blocos que ele amarrou nelas não eram pesados a ponto de fazê-las afundar imediatamente. Elas ficaram se debatendo, sabe? Na superfície. Ele se pôs a observar e a filmar tudo. Aquilo o excitava. Ele se masturbou vendo-as se afogar.

McCaleb ouviu Graciela chorar baixinho. Deitou-se novamente e a abraçou.

— O videoteipe foi a última coisa que soubemos desse bandido. Ainda está solto. Mais um.

Olhou para Graciela na escuridão, sem saber se ela o estava vendo.

— Essa é a história.

— Lamento que não consiga esquecê-la.

— Não, não consigo. Eu também lamento.

Ela enxugou as lágrimas.

— Foi então que você deixou de acreditar em anjos, não?

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

Cerca de uma hora antes do amanhecer, McCaleb se levantou e retornou a sua cama desconfortável na sala. Tinham passado a noite conversando aos sussurros, abraçando-se e beijando-se, mas não

fizeram amor. De volta ao saco de dormir, ele não conseguiu pegar no sono. Ficou pensando nos detalhes das horas passadas com Graciela, no contato de suas mãos quentes, na maciez de seus seios, no sabor de seus lábios. E, às vezes, quando se distraía dessas lembranças sensuais, pensava também na história que havia contado e no modo como ela reagira.

De manhã, não conversaram sobre o que acontecera no camarote nem sobre o que fora dito, mesmo quando Raymond saiu à popa para ver o aquário com as iscas. Graciela comportou-se como se o encontro, consumado ou não, não tivesse acontecido; McCaleb tratou de fazer o mesmo. A primeira coisa que ele falou, quando estava preparando ovos mexidos para os três, foi sobre o caso.

— Queria que você me fizesse um favor, quando chegar em casa hoje — disse, olhando por cima do ombro, para se assegurar de que Raymond não os podia ouvir. — Pense em sua irmã e escreva tudo o que souber sobre a rotina dela. Quer dizer, os lugares que frequentava, os amigos que visitava. Tudo que você conseguir lembrar que ela tenha feito entre 1º de janeiro e a noite em que entrou na mercearia. Também quero conversar com os amigos e o chefe dela no *Times*. Seria bom se você arranjasse essas entrevistas.

— Tudo bem. Por quê?

— Porque as coisas estão mudando. Lembra quando lhe perguntei sobre o brinco?

McCaleb lhe contou que acreditava que o assassino havia ficado com o brinco. Contou também que na sexta-feira descobrira que um objeto de natureza pessoal fora roubado da vítima do primeiro crime.

— O que era?

— Uma fotografia da mulher e das filhas dele.

— O que você acha que isso significa?

— Que talvez não tenham sido assaltos. Que talvez o homem do caixa eletrônico, e depois sua irmã, foram escolhidos por motivos definidos. É possível que eles tenham tido uma relação anterior com o homem que os matou. Quem sabe, houve um momento em que

os caminhos deles se cruzaram. Por isso, quero averiguar. A esposa da primeira vítima está fazendo a mesma coisa, levantando a rotina do marido para mim. Quero comparar as duas e ver se acho algo em comum.

Graciela cruzou os braços e se debruçou no balcão da cozinha.

— Você acha que eles fizeram alguma coisa para esse homem e ele resolveu matá-los?

— Não. Acho que se encontraram e algo neles o atraiu. Não há um motivo concreto. Na minha opinião, trata-se de um psicopata. Não há como saber o que o atraiu. Por que teria escolhido justamente essas duas pessoas em meio aos 9 milhões que moram nesta cidade?

Incrédula, ela fez um lento gesto negativo.

— O que a polícia acha disso?

— A polícia de Los Angeles ainda nem deve saber. E a investigadora do xerife não está totalmente convencida do meu ponto de vista. Amanhã de manhã, todos vamos conversar sobre isso.

— E o homem?

— Que homem?

— O dono da loja. Talvez tenha sido ele que atravessou o caminho do bandido. Talvez Gloria não tivesse nada a ver com a história.

— Não. Se o alvo fosse ele, o assassino teria simplesmente entrado e esperado para matá-lo quando não houvesse ninguém na mercearia. Era sua irmã, sem dúvida. Ela e o cara que morreu em Lancaster. Tem de haver uma conexão. Preciso descobrir qual é.

McCaleb tirou do bolso do jeans uma fotografia que Amelia Cordell lhe dera. Era um close de James Cordell sorrindo. Mostrou-a a Graciela.

— Você conhece este homem? Sua irmã o conhecia?

Ela pegou e examinou a fotografia.

— Nunca vi. É o homem de Lancaster?

McCaleb confirmou com um gesto, pegou a fotografia e tornou a guardá-la no bolso. Depois, pediu a Graciela que chamasse

Raymond, para que tomassem o café da manhã. Quando ela estava saindo, deteve-a.

— Graciela, você confia em mim?

Ela o encarou.

— Claro que sim.

— Precisa confiar. Pouco importa que a polícia de Los Angeles e o pessoal do xerife não acreditem na minha teoria, eu sei o que estou fazendo. Com ou sem eles, vou seguir adiante.

Ela assentiu e foi chamar o menino na popa.

CAPÍTULO 23

O escritório dos investigadores no Departamento do Xerife estava repleto de gente quando McCaleb chegou às 8h de segunda-feira. No entanto, a recepcionista, que apenas três dias antes o havia deixado entrar livremente no setor de homicídios, pediu-lhe que esperasse o capitão. Aquilo o deixou intrigado, mas antes que ele pudesse fazer uma pergunta, a moça começou a falar ao telefone. Assim que ela desligou, McCaleb viu o capitão Hitchens sair da mesma sala de reuniões na qual ele estivera conversando com Jaye Winston na sexta-feira. Fechou a porta atrás de si e se aproximou. McCaleb notou que a persiana da janela de vidro da sala se encontrava fechada. Hitchens pediu que o acompanhasse.

— Venha comigo, Terry.

Conduziu-o ao seu escritório e convidou-o a sentar-se. McCaleb teve um mau pressentimento diante daquele tratamento excessivamente cordial. Hitchens sentou-se à escrivaninha, cruzou os braços e sorriu.

— E então, por onde andou?

McCaleb consultou o relógio.

— Como assim? Jaye Winston marcou a reunião para as 8h. São 8h02.

— Estou me referindo a domingo, a sábado. Jaye tentou falar com você.

McCaleb compreendeu imediatamente o que havia acontecido. No sábado, quando estava limpando o barco, tirara o telefone e a secretária eletrônica e os guardara no armário próximo da mesa de cartas náuticas. E se esquecera de tornar a ligá-los. Nos dois dias, perderam-se as chamadas e as mensagens deixadas quando eles foram pescar. O telefone e a secretária continuavam no armário.

— Droga! Eu não peguei os recados.

— Pois é, mas nós telefonamos. Você não teria perdido a viagem.

— A reunião foi cancelada? Mas Jaye não queria...

— A reunião não foi cancelada, Terry. O que acontece é que surgiram coisas novas e nós achamos melhor conduzir a investigação sem complicações externas.

McCaleb o examinou durante um longo momento.

— Complicações? É por causa do transplante? Jaye lhe contou?

— Não precisou me contar nada. Mas é por causa de várias coisas. Olhe, você veio aqui e agitou tudo. Deu-nos boas pistas para seguir. Vamos fazer isso, e pode ter certeza de que seremos diligentes na investigação. Mas agora é preciso pôr um ponto final no seu envolvimento. Sinto muito.

Havia alguma coisa não dita no discurso do capitão, pensou McCaleb. Estava acontecendo algo que ele não podia entender. Se Winston não conseguira entrar em contato com ele no fim de semana, tampouco Vernon Carruthers, de Washington, teria conseguido.

— O meu amigo da AFM descobriu alguma coisa?

— AFM?

— Da Armas de Fogo e Manutenção. O que foi que ele descobriu, capitão?

Hitchens ergueu as mãos.

— Prefiro não falar nisso. Eu já disse, fico muito agradecido pelo empurrãozinho. Mas, daqui por diante, queremos trabalhar. Você será informado de tudo que acontecer e, se der certo, receberá o devido crédito nos nossos registros e na mídia.

— Eu não preciso de crédito algum. Só quero participar.

— Lamento. Não é possível.

— E Jaye concorda com isso?

— Ela não precisa concordar nem discordar de nada. Se não me engano, quem está no comando aqui sou eu, não Jaye Winston.

Pela irritação em sua voz, não foi difícil concluir que Jaye Winston não concordava com Hitchens. Era bom saber. McCaleb ainda poderia precisar dela. Mesmo porque não estava disposto a voltar para o barco e simplesmente deixar tudo daquele jeito. Em hipótese alguma. O capitão foi inteligente o bastante para perceber isso.

— Sei o que está pensando. O que posso lhe aconselhar é que não se meta em confusão. Se toparmos com você na investigação, haverá problemas.

— Muito legal de sua parte.

— Você está avisado.

McCaleb pediu a Lockridge que desse uma volta no estacionamento de visitantes. Tinha pressa em achar um telefone, mas antes queria ver se conseguia ter uma ideia de quem iria participar da reunião. Sabia que, obviamente, Jaye Winston se encontrava lá, e também Arrango e Walters. Mas se, como ele acreditava, Vernon Carruthers tinha enviado o resultado da comparação balística com a ajuda do programa DRUGFIRE, era bem possível que alguém do FBI também estivesse presente.

Passando lentamente pelo estacionamento, examinou a janela traseira do lado do motorista de cada carro. Por fim, na terceira fila, encontrou o que procurava.

— Pare aqui, Bud.

Era um Ford LTD azul metálico. Na janela traseira do lado do motorista, ele viu o adesivo com o código de barra. O carro era do FBI. À entrada da garagem do edifício federal de Westwood, um sensor a laser lia o código e erguia a cancela, permitindo a entrada, mesmo fora do horário normal.

McCaleb desceu e se aproximou do automóvel. Não havia nenhuma outra marca exterior que permitisse identificar o agente que o dirigia. Mas este tinha feito o favor de facilitar as coisas. Tendo viajado para o leste, contra o sol nascente, havia baixado o para-sol do carro e assim o deixara. E todo agente do FBI que McCaleb conhecia costumava prender no para-sol os vales de combustível do governo correspondentes ao seu veículo. Facilitava o uso. E esse não era exceção.

McCaleb olhou para o vale e leu o número de série. Depois voltou para o Taurus.

— Qual é o problema? — quis saber Lockridge.

— Nada. Vamos.

- Aonde?
- Procurar um telefone.
- Eu devia ter adivinhado.

Cinco minutos depois, estavam num posto de gasolina. Havia uma série de telefones numa parede lateral. Lockridge se aproximou, desligou o motor e baixou o vidro da janela a fim de escutar a conversa. McCaleb abriu a carteira e lhe deu uma nota de 20 dólares.

- Encha o tanque. Acho que vamos ter de voltar ao deserto.
- Mas que merda!
- Você não disse que tinha o dia todo livre?
- E tenho mesmo, mas quem tem vontade de ir ao deserto? Não dá para você achar uma pista que aponte para a praia?

McCaleb deu uma boa gargalhada e saiu do carro com o caderno de endereços na mão.

Ligou para o Escritório Regional de Westwood e pediu para falar com a garagem. Demoraram a atender.

- Garagem.
- Oi. Quem está falando?
- Rufus.
- Ah, Rufus — disse McCaleb, lembrando-se do homem. — Aqui é Convey, do décimo quinto. Talvez você possa me responder uma pergunta.

— É só falar.

A familiaridade que McCaleb tinha colocado na voz parecia ter surtido efeito. Lembrava-se bem de Rufus: nunca o achara excessivamente inteligente. Coisa que se refletia na péssima manutenção da frota federal.

— Achei um vale de combustível no chão, aqui em cima. Deve ser do carro de alguém. De quem é o vale número 81? Pode dar uma olhada para mim?

- Hã... 81?
- Isso mesmo, Rufus, 81.

Houve um intervalo durante o qual o encarregado da garagem devia estar verificando a tabela.

— Hã... É do Sr. Spencer. É o número dele.

McCaleb não respondeu. Gilbert Spencer ocupava o segundo lugar na hierarquia de Los Angeles, muito embora McCaleb nunca o tivesse considerado um bom chefe da equipe de investigações. Mas o fato de ele estar na reunião com Jaye Winston, o capitão e sabe-se lá quem mais do Departamento do Xerife foi um choque. E permitiu-lhe ter uma ideia de por que fora excluído.

— Alô!

— Hã, tudo bem, Rufus, muito obrigado. É o 81 mesmo?

— É. É o carro do agente Spencer.

— Então está bem. Vou entregar o vale a ele.

— Não sei não. O carro dele não está aqui.

— Não faz mal. Eu resolvo isso. Obrigado, Rufus.

McCaleb desligou e, a seguir, valendo-se do cartão de crédito, discou o número de Vernon Carruthers, em Washington. Já era hora do almoço lá, ele só esperava que seu amigo ainda não tivesse saído.

— Vernon falando.

McCaleb suspirou, aliviado.

— Aqui é Terry.

— Rapaz, onde você esteve? Fiz o que pude para lhe dar um retorno no sábado e você só me telefona dois dias depois!

— Eu sei, eu sei. Mas ouvi dizer que você descobriu alguma coisa.

— Descobri mesmo.

— O que, Vernon, o quê?

— Vamos com calma. Parece que há uma lista de pessoas que podem saber, mas o seu nome...

— Não consta nela. Eu sei disso. Acabo de descobrir. Mas o carro é meu, Vernon, ninguém vai passear com ele sem mim. E você vai me contar. Que diabo você descobriu que fez até o agente especial-assistente encarregado do escritório de Los Angeles sair do seu lindo escritorzinho pela primeira vez em um ano?

— Mas é claro que eu vou lhe contar. Já tenho 25 anos de casa. O que eles podem fazer comigo? Exonerar-me e, então, ter de pagar o dobro dos honorários de uma testemunha para que eu deponha nos casos que acompanhei até agora?

— Então desembuche de uma vez.

— Bem, meu velho, eu acho que você pôs o dedo na ferida. Analisei o projétil que essa tal de Jaye Winston me mandou e descobri uma coincidência de 83 por cento com um fragmento retirado da cabeça de Donald Kenyon em novembro passado.

McCaleb ficou sem fôlego.

— Você está brincando!

— Não estou.

— O projétil que matou Kenyon... não era uma Federal FMJ?

— Não. Na verdade, era um projétil explosivo. Um Devastator. Sabe o que é isso?

— Claro. O mesmo que usaram no atentado contra Reagan no Hilton, não?

— Exatamente. Só que com uma carga pequena. Esse projétil se fragmenta no corpo da vítima. Mas isso não aconteceu com Reagan. Ele teve sorte. Kenyon, nem tanto.

McCaleb tentou imaginar o significado daquilo. A mesma arma, a HK P7, fora usada nos assassinatos de Kenyon, Cordell e Gloria Torres. Mas entre Kenyon e Cordell, a munição explosiva tinha sido substituída por uma revestida com aço. Por quê?

— Não se esqueça — disse Carruthers. — Eu não lhe contei nada, hein?

— Eu sei. Mas, me diga uma coisa. Depois da comparação, o que você fez? Falou com Lewin ou continuou pesquisando?

Joel Lewin era o chefe de Carruthers.

— O que você está querendo saber é se eu tenho algum material para te mandar, certo?

— Certíssimo. Preciso de tudo que você puder me enviar.

— Já está a caminho. Coloquei na Mala Postal Prioritária sábado, antes que começassem a jogar merda no ventilador por aqui. Imprimi tudo que apareceu no computador. Deve estar chegando hoje ou amanhã. Você fica me devendo uma boa pescaria por isso, rapaz.

— Quantas você quiser.

— E, pelo amor de Deus, não foi de mim que recebeu esse material, certo?

— Fique frio, Vernon. Nem precisava me pedir isso.

— Eu sei. Mas eu me sinto melhor falando.

— O que mais tem para me contar?

— Só isso. Os caras levaram tudo embora. Lewin pegou o material e o mandou para a instância superior aí. Eu fui obrigado a contar por que havia feito a pesquisa. Portanto, eles sabem que você estava interessado. Mas eu não disse por quê.

McCaleb se arrependeu amargamente de haver perdido a paciência com Arrango após a sessão de hipnotismo. Se não tivesse revelado o verdadeiro motivo de seu envolvimento na investigação, ainda poderia estar participando dela. Carruthers não contara o segredo, mas Arrango sim, com toda certeza.

— Alô! Terry?

— Oi. Escute, se você souber de mais alguma coisa, não deixe de me contar.

— Não se preocupe. Mas dê um jeito de atender a essa merda de telefone. E tome cuidado.

— Claro que sim.

Ao desligar, McCaleb girou o corpo para voltar ao automóvel e quase colidiu com Buddy Lockridge.

— Porra, Buddy, saia daí! Vamos embora.

Foram para o carro ainda estacionado junto a uma das bombas de gasolina.

— Para o deserto?

— Isso mesmo. Preciso falar com a Sra. Cordell outra vez. Se ela ainda se dispor a falar comigo.

— E por que ela não haveria de... Ah! Pode deixar. Não precisa responder. Eu sou o motorista. Um reles motorista, nada mais.

— Aleluia! Finalmente você entendeu!

A caminho do deserto, Buddy foi tirando acordes da gaita, enquanto McCaleb usava uma técnica de auto-hipnose para relaxar a mente, de modo a recordar melhor o que sabia do caso Donald Kenyon. Esse tinha sido o último de uma longa série de embaraços que atingira o FBI nos últimos anos.

Kenyon era presidente do Washington Guaranty, um banco de poupança e seguro de previdência privada, com filiais nos distritos de Los Angeles, Orange e San Diego. Carreirista de cabelos dourados e língua afiada, soube conquistar a simpatia de grandes investidores; manipulando informações de dentro da bolsa de valores, ascendeu à presidência da instituição à tenra idade de 29 anos. E passou a aparecer em todas as revistas especializadas: homem que inspirava confiança nos investidores, nos empregados e na imprensa. Tanto que bastaram três anos na presidência do banco de investimentos para ele, com pouco mais que um gesto, conseguir desviar 35 milhões de dólares por meio de falsos empréstimos a empresas-fantasmas. Só quando o Washington Guaranty faliu, totalmente desfalcado, e Kenyon desapareceu foi que descobriram o que havia acontecido — inclusive os cães de guarda da auditoria federal.

McCaleb se lembrava de que a história fora comentada durante meses, senão anos, nos jornais. Eram várias reportagens a respeito dos aposentados que ficaram sem um centavo, do efeito dominó sobre outras empresas, que acabaram falindo também, do suposto paradeiro de Kenyon em Paris, em Zurique, no Taiti e em outros lugares.

Cinco anos depois, o ladrão foi localizado na Costa Rica pela unidade de buscas do FBI. Estava morando numa opulenta mansão com nada menos que duas piscinas, duas quadras de tênis e um haras, além de outras comodidades. Aos 36 anos, acabou sendo extraditado para Los Angeles, a fim de enfrentar as acusações na corte federal.

Enquanto ele aguardava julgamento num presídio federal, uma equipe de auditores trabalhou durante seis meses para localizar o dinheiro. Só conseguiu recuperar meros 2 milhões, nem um centavo a mais.

Era um enigma. A defesa de Kenyon dizia que ele não estava com o dinheiro porque não o havia roubado, limitara-se a transferi-lo para terceiros sob ameaça de morte — a dele e a de toda sua família. Por intermédio dos advogados, ele declarou que fora obrigado a levantar empréstimos de milhões e entregá-los aos

chantagistas. Porém, mesmo com a perspectiva de passar anos numa penitenciária federal, recusou-se a dar o nome dos extorsionários que ficaram com o dinheiro.

Os investigadores e os promotores preferiram não acreditar em Kenyon. Alegando seu estilo de vida suntuoso, tanto quando era presidente da empresa como quando estava foragido, e o fato de ele, evidentemente, estar com parte do dinheiro desviado — se bem que com uma pequena fração do total — na Costa Rica, decidiram processá-lo.

Em quatro meses de julgamento, num tribunal federal diariamente lotado de vítimas que haviam perdido as economias de uma vida inteira com a falência do Washington Guaranty, Kenyon foi considerado culpado de vultosa fraude. A juíza, Dorothy Windsor, o sentenciou a 48 anos de reclusão.

O que se passou a seguir resultaria num novo golpe na reputação do FBI.

Após a condenação, a juíza Windsor acolheu uma solicitação da defesa para que o réu ficasse provisoriamente em casa, com a família, preparando-se para a prisão e aguardando o recurso impetrado por seus advogados. Apesar das veementes objeções da promotoria, a juíza concedeu sessenta dias ao réu para pôr a casa em ordem. Imediatamente a seguir, fosse o recurso acatado ou não, teria de se apresentar na penitenciária. Dorothy Windsor determinou ainda que ele passaria a usar uma espécie de argola monitorada no tornozelo, para garantir que não tornaria a evadir-se da Justiça.

Não era incomum conceder semelhantes privilégios a um condenado. Incomuns eram tais regalias no caso de um preso que já se mostrara inclinado a fugir das autoridades do país.

Em todo caso, nunca se soube se ele havia conseguido influenciar de algum modo uma juíza federal a fim de obter tais privilégios, nem se tinha planos de escapar. Na terça-feira seguinte ao Dia de Ação de Graças, quando Kenyon gozava o vigésimo quinto dia de seus dois meses de liberdade provisória, entraram na casa que ele havia alugado em Maple Drive, Beverly Hills. O invasor o encontrou a sós na cozinha, pois sua esposa havia levado as crianças para a escola. Ameaçando-o com uma arma, obrigou-o a ir

para o saguão de entrada revestido de mármore. E o matou exatamente quando sua mulher estava estacionando o automóvel na entrada de veículos diante da casa. A seguir, fugiu pela porta dos fundos e desapareceu na alameda povoada de palacetes de Maple Drive.

A parte a investigação do crime e a perseguição do assassino, a história teria terminado ali, ou pelo menos iria assumir o tédio mundano de um processo que não resultaria em nada. Contudo, o FBI havia grampeado Kenyon, ou seja, sujeitara-o a uma vigilância ilegal, até mesmo com aparelhos de escuta “plantados” em sua casa, em seu carro e no escritório de seus advogados. No momento em que ele estava sendo baleado, havia um furgão técnico, com quatro agentes, estacionado a uma distância de nada mais que dois quarteirões. O assassinato foi gravado.

Conscientes da ilegalidade daquela vigilância, os agentes se abstiveram de correr para lá, socorrer a vítima e muito menos de perseguir o criminoso, que conseguiu escapar. E Kenyon chegou morto ao hospital Cedars-Sinai.

Nunca se encontraram os milhões de dólares do Washington Guaranty, cujo desfalque valeu a condenação de Kenyon. Mas o detalhe foi relegado ao esquecimento quando se descobriu a ação do FBI, que não só foi censurado por empreender operações ilegais, como também ficou publicamente estigmatizado por permitir que um homicídio ocorresse debaixo de seu nariz, deixando escapar a oportunidade de intervir, evitar o assassinato e capturar o pistoleiro.

McCaleb acompanhara tudo de longe. Já estava aposentado e, à época do assassinato de Kenyon, preparava-se para a sua própria morte. Mas se lembrava de haver lido no *Times*. Lembrava-se de que o jornal informara que todos os agentes envolvidos tinham sido rebaixados e que muitos políticos de Washington exigiram uma comissão parlamentar de inquérito para investigar as escutas e outras ações ilegais do FBI. E, para piorar, lembrava-se de que a viúva de Kenyon havia processado o FBI por invasão de privacidade, cobrando milhões pelo dano.

A pergunta a que McCaleb tinha de responder agora era se o bandido que liquidara Kenyon em novembro era o mesmo que havia

matado Cordell e Gloria Torres dois e três meses depois. E, se fosse o mesmo homem, quais seriam os vínculos entre o presidente de um banco de investimentos falido, um engenheiro de aquedutos e uma funcionária subalterna de jornal.

Finalmente, ele se dignou a olhar a sua volta e reparar a paisagem. Já tinham passado por Vasquez Rocks. Em poucos minutos estariam na casa de Amelia Cordell.

CAPÍTULO 24

Conforme o prometido, Amelia Cordell havia dedicado boa parte do fim de semana a repassar lembranças. Colocou em quatro folhas de papel sulfite tudo o recordava das viagens do marido nos dois meses anteriores a sua morte, em 17 de janeiro. Já estava com tudo pronto na mesa de centro quando McCaleb chegou.

— Agradeço muito o tempo que a senhora perdeu com isso — sorriu ele.

— Bem, talvez sirva para alguma coisa. Espero que sirva.

— Eu também. — Ele ficou alguns segundos em silêncio. — Ah, a propósito, a senhora falou com Jaye Winston ou alguma outra pessoa do Departamento do Xerife?

— Não. Só sexta-feira, quando ela me telefonou pedindo que eu o recebesse.

McCaleb refletiu um pouco. Ainda bem que Jaye não havia telefonado para cancelar o pedido, o que o levou a pensar uma vez mais que ela não concordava com a decisão do capitão de excluí-lo do caso.

— Mais alguém?

— Não... Quem, por exemplo?

— Não sei. Tenho curiosidade de saber se eles estão averiguando as informações que lhes passei. — Achou melhor mudar de assunto. — Sra. Cordell, seu marido não tinha escritório em casa?

— Tinha, ele usava uma saleta. Por quê?

— Será que eu poderia dar uma olhada?

— Bem, poderia, mas não sei o que vai encontrar lá. Ele só guardava os arquivos do trabalho, as contas, os recibos.

— Pois é, se a senhora tiver recibos de cartão de crédito relativos aos períodos de janeiro e dezembro, pode ser que descubramos onde ele esteve.

— Não sei se é conveniente que o senhor fique com os nossos recibos de cartão de crédito.

— Olhe, eu só estou interessado nos lugares onde ele fez compras e, eventualmente, no que comprou. Não no número do cartão.

— Eu sei, desculpe. Que tolice a minha. O senhor é a única pessoa que ainda se mostra interessada em Jim. Não tenho por que desconfiar.

A resposta provocou um desconforto em McCaleb por não estar sendo totalmente sincero com a mulher, por não lhe haver contado que perdera a sanção oficial. Mas, preferindo não pensar muito naquilo, tratou de levantar-se depressa e trabalhar.

Boa parte do pequeno escritório era usada como depósito de equipamento de esqui e caixas de papelão. Mas, numa extremidade da sala, havia uma escrivaninha de duas gavetas, além de dois arquivos.

— Não repare na desordem. Ainda não me acostumei a lidar com as contas. Era Jim que se encarregava disso.

— Não se preocupe. A senhora se importa se eu me sentar e olhar um pouco essas coisas?

— Não, fique à vontade.

— Hum, eu não queria abusar, mas posso tomar um copo de água?

— Claro, vou buscar. — Ela foi para a porta, porém se deteve. — Não, o senhor não está com sede. O que quer é ficar sozinho.

McCaleb sorriu e olhou para o carpete verde já muito usado.

— Em todo caso, eu vou lhe trazer um copo de água. Depois, deixo-o a sós.

— Obrigado, Sra. Cordell.

— Pode me chamar de Amelia.

— Amelia.

McCaleb passou meia hora vasculhando as gavetas e a papelada em cima da escrivaninha. Trabalhava depressa, pensando na encomenda de Carruthers, que provavelmente se encontrava à sua espera na caixa postal da Capitania dos Portos. Também pensou em Graciela, com quem se encontraria novamente naquela noite. Antes

de ir embora com Raymond, ela prometera voltar segunda-feira com os recibos de cartão de crédito da irmã e suas próprias lembranças anotadas. Ele não sabia como seria o encontro, depois do que se passara na madrugada do dia anterior.

À escrivania, McCaleb acrescentou algumas anotações às que Amelia Cordell já havia feito e juntou os documentos e recibos de cartão de crédito que pretendia estudar mais tarde. Preparou também uma lista para que a viúva tivesse o controle das coisas que ele iria levar.

A última gaveta que revistou foi a de um dos arquivos. Estava quase vazia e era onde Cordell guardava fichas do trabalho, documentos do seguro e do projeto da casa. Havia uma pasta grossa, do convênio médico, com recibos relativos ao nascimento de suas filhas e ao tratamento de uma perna fraturada. Um dos médicos tinha um consultório em Vail, Colorado, o que o levou a imaginar que o falecido devia ter quebrado a perna num acidente de esqui.

Havia um fichário preto com uma bela capa de couro. McCaleb o abriu e descobriu que continha documentos referentes aos testamentos do marido e da esposa. Nada viu de extraordinário ali. Um cônjuge era o beneficiário do outro, seguindo-se as filhas, em caso de morte dos pais. Não perdeu muito tempo com isso.

A última pasta que examinou, com uma etiqueta em que se lia simplesmente TRABALHO, continha vários documentos e registros, inclusive avaliações de desempenho, além de diversos comunicados internos da firma. Ao ler as avaliações, McCaleb descobriu que Cordell era muito bem-visto pelos empregadores. Tomou nota dos nomes dos supervisores que as haviam assinado; conversaria com eles depois. Verificou também outra correspondência, mas nada encontrou que interessasse. Havia cópias de memorandos e cartas elogiando sua atividade na campanha anual de doação de sangue da empresa e seu trabalho voluntário num programa que distribuía almoço aos necessitados no Dia de Ação de Graças. Achou ainda uma carta, escrita dois anos antes por um supervisor, que elogiava Cordell por haver parado e socorrido as vítimas de um acidente de carro em Lone Pine. Mas não havia detalhes do que ele fizera.

McCaleb tornou a guardar na pasta as cartas e avaliações e recolocou tudo na gaveta do arquivo.

Levantando-se, olhou a sua volta. Não havia mais nada que lhe despertasse o interesse. Então, reparou numa fotografia emoldurada na escrivaninha. Era a família Cordell. Pegou-a e a examinou durante alguns segundos, pensando no quanto o projétil havia destruído. Isso o lembrou de Raymond e Graciela. Imaginou uma fotografia parecida, em que os dois estivessem com ele, sorrindo.

Levou o copo vazio à cozinha e o deixou no balcão. Depois, foi para a sala de estar, onde encontrou Amelia Cordell na mesma poltrona de antes. Estava ali, fazendo nada. O televisor desligado, nenhum livro nem jornal nas mãos. Parecia simplesmente olhar para o tampo de vidro da mesa de centro. McCaleb hesitou.

— Sra. Cordell.

Ela voltou os olhos para ele sem mover a cabeça.

— Sim?

— Acho que terminei. — Aproximou-se e colocou a lista na mesa.

— Aqui está o que vou levar. Devolvo tudo dentro de alguns dias. Ou mando pelo correio ou trago pessoalmente.

Ela olhou para a lista, tentando lê-la a um metro de distância.

— Achou alguma coisa?

— Ainda não sei. Nesse tipo de trabalho, a gente só fica sabendo que algo é importante quando ela se torna importante, compreende?

— Acho que não.

— Bem, são os detalhes. Eu estou procurando um detalhe revelador. Havia um brinquedo quando eu era menino. Não me lembro do nome, mas ele deve existir ainda. É um tubo de plástico transparente, que fica de pé. Há um punhado de canudos de plástico espetados em buracos ao redor do centro do tubo. A gente coloca um monte de bolinhas de gude lá dentro e elas ficam presas nos canudos. O objetivo do jogo é ir retirando os canudos, um a um, sem que as bolinhas caiam. Mas sempre há um canudo decisivo, basta puxá-lo e todas as bolinhas caem numa avalanche. É isso o que estou procurando. O problema é que só depois de tirá-lo, a gente sabe qual é o canudo decisivo.

Amelia pousou nele um olhar ausente, como quando estava olhando para o tampo da mesa.

— Bem, eu sei que lhe roubei muito tempo. Preciso ir agora, e, como prometi, devolvo tudo dentro de alguns dias. E telefono se descobrir alguma coisa. O meu número está anotado na lista. Se lhe ocorrer alguma coisa ou se a senhora quiser falar comigo, é só telefonar. — Fez um gesto com a cabeça e se despediu. Voltou-se para a porta, mas, lembrando-se de uma coisa, tornou a olhar para ela. — Ah, eu ia me esquecendo. Numa das pastas, há uma carta elogiando seu marido por ter parado na estrada para socorrer as vítimas de um acidente em Lone Pine. A senhora se lembra disso?

— Claro. Em novembro fez dois anos.

— O que aconteceu?

— Jimmy estava voltando para casa e topou com um acidente de carro. Acabava de acontecer e havia pessoas e objetos espalhados pela estrada. Ele telefonou para a ambulância pelo celular e foi socorrer os feridos. Um garotinho morreu nos seus braços aquela noite. Foi muito duro para ele.

McCaleb balançou a cabeça.

— Ele era assim, investigador. Ele era assim.

Tudo o que McCaleb conseguiu fazer foi balançar a cabeça novamente.

Teve de esperar uns dez minutos na frente da casa até que Buddy Lockridge por fim aparecesse. Estava com uma fita de Howlin' Wolf em alto volume no rádio do carro. McCaleb baixou o volume assim que entrou no veículo.

— Onde você se meteu?

— Estava dando uma volta. Aonde vamos agora?

— E eu plantado aqui, esperando! Vamos para a marina.

Buddy fez o retorno e tomou o rumo da estrada.

— Ué, foi você mesmo quem disse que eu não precisava ficar mofando no carro. Mandou-me dar uma volta, e eu dei. Como posso saber quanto tempo vai demorar, se você não me diz?

Por mais que ele tivesse razão, McCaleb continuava irritado. Não pediu desculpa.

— Se essa história durar muito, acho que vou ter de arranjar um celular para você.

— Se essa história durar muito, eu vou querer é um aumento.

McCaleb não respondeu. Lockridge tornou a aumentar o volume da fita, tirou a gaita da bolsa do console da porta e se pôs a acompanhar a gravação de *Wang Dang Doodle*. McCaleb olhou para fora e ficou pensando em Amelia Cordell. Um único projétil tinha acabado com duas vidas.

CAPÍTULO 25

A encomenda de Carruthers estava à espera de McCaleb na caixa postal. Tinha o volume de uma lista telefônica. Ele a levou ao barco, abriu-a e espalhou os documentos sobre a mesa. Encontrando o resumo mais recente da investigação do caso Kenyon, começou imediatamente a lê-lo, pois queria informar-se primeiro dos últimos desenvolvimentos para depois começar do início.

A investigação do assassinato de Donald Kenyon era uma operação conjunta do FBI e da polícia de Beverly Hills. Mas o caso continuava em aberto. Os agentes do FBI, uma dupla da unidade de investigações especiais de Los Angeles — Nevins e Uhlig — concluíam, nesse último relatório datado de dezembro, que Kenyon provavelmente fora executado por um pistoleiro profissional. Havia duas teorias sobre quem o havia contratado. A primeira dizia que podia ter sido uma das 2 mil vítimas da falência do banco de investimentos, alguém insatisfeito com a sentença de Kenyon ou, possivelmente, com medo de que ele acabasse fugindo outra vez. A segunda hipótese era de que o pistoleiro estava a serviço do sócio que, segundo o depoimento de Kenyon durante o processo, o obrigara a dar o desfalque. Esse sócio, que o réu se recusara a identificar, continuava anônimo, não tinha sido identificado pelo FBI nem pela polícia.

McCaleb achou interessante o conteúdo da segunda teoria, porque indicava que agora o governo federal podia dar crédito à alegação de Kenyon de que ele tinha sido obrigado por um terceiro a desviar o dinheiro do banco. Durante o julgamento, essa alegação foi ridicularizada pela promotoria, que se referiu reiteradamente ao suposto sócio como o Fantasma de Kenyon. No entanto, eis que um documento do próprio FBI vinha sugerir que o tal fantasma talvez existisse.

Nevins e Uhlig concluíam o relatório com um breve perfil do elemento desconhecido que contratara o pistoleiro. Ambas as teorias o descreviam como uma pessoa rica, astuciosa o bastante para agir sem deixar pistas e conseguir permanecer anônima; além disso, era provável que tivesse vínculos ou até mesmo participação direta no crime organizado.

À parte o fato de emprestar vida ao Fantasma de Kenyon, a segunda coisa interessante no relatório era a sugestão de que o contratante, ou seja, o verdadeiro assassino, tivesse ligações com a Máfia, pois, na linguagem do FBI, o crime organizado não tinha outro significado senão esse. Embora os tentáculos de tal organização secreta se achassem praticamente em toda parte, a verdade era que ela não tinha grande influência no sul da Califórnia. Existia ali muito crime organizado, mas, fora das telas do cinema, ele nada tinha a ver com a Máfia tradicional. Muito mais numerosos e ativos na região eram os gângsteres asiáticos ou russos.

McCaleb ordenou cronologicamente os documentos e voltou ao começo. Tratava-se, em sua maior parte, de sínteses rotineiras e atualizações de determinados aspectos da investigação enviadas aos supervisores de Washington. Examinando-as rapidamente, ele encontrou e leu, fascinado, um relatório sobre as atividades da equipe de vigilância no dia do assassinato.

Quatro agentes se encontravam no furgão de “campana”, no momento do crime — às 8h de uma terça-feira —, procedendo à troca de turno: dois acabavam de chegar, dois preparavam-se para sair. O que monitorava o aparelho de escuta tirou o fone do ouvido para entregá-lo ao que vinha rendê-lo. No entanto, este último era uma personalidade singular, que se queixava de certa vez ter ficado com a cabeça infestada de piolhos por ter colocado o fone usado por outro agente. E gastou um bom tempo pondo a sua própria espuma de látex no aparelho e borrifando-a com desinfetante. Ao fazê-lo, não poupou os três colegas de farpas insultuosas. Quando, finalmente, se dispôs a colocar o equipamento na cabeça, ouviu apenas o silêncio durante alguns minutos, depois uma conversa

abafada e, finalmente, um disparo. O som estava abafado porque não havia dispositivo de escuta na entrada da casa: imaginava-se que, se Kenyon tentasse fugir, não seria pela porta da frente. Os microfones estavam instalados nos cômodos internos.

A equipe do turno da noite ainda não tinha ido embora, continuava no furgão, ridicularizando o colega hipocondríaco. Ao ouvir o tiro, o agente na escuta gritou aos outros que fizessem silêncio. E ficou escutando atentamente, enquanto um dos companheiros fazia o mesmo com o segundo fone. O que ambos ouviram, na casa de Kenyon, foi uma voz dizer claramente, perto de um dos microfones: “Não se esqueça dos cannoli.”

Os dois agentes se entreolharam e concordaram que aquela não era a voz de Kenyon. Diante da situação de emergência, os quatro abandonaram a vigilância e correram para a casa, tendo chegado pouco depois de Donna Kenyon, que abriu a porta da rua e deu com o marido estendido no mármore do saguão, a cabeça banhada de sangue. Depois de pedir reforço ao FBI e chamar a polícia local e a ambulância, os agentes revistaram a casa e seus arredores. O pistoleiro tinha fugido.

McCaleb passou para a transcrição da última hora de gravação na casa de Kenyon. Embora a fita tivesse sido filtrada no laboratório do FBI, algumas palavras continuavam obscuras. Ouvia-se o ruído das meninas tomando o café da manhã e a corriqueira conversa matinal da família. Então, às 7h40, as crianças saíram com a mãe.

A transcrição registrava nove minutos de silêncio, depois do qual Kenyon telefonou para a casa de seu advogado, Stanley LaGrossa.

LAGROSSA: Alô.

KENYON: Aqui é Donald.

LAGROSSA: Donald!

KENYON: A coisa continua de pé?

LAGROSSA: Continua, se você estiver disposto a levá-la a sério.

KENYON: Eu estou. Então a gente se encontra no seu escritório.

LAGROSSA: Você já sabe dos riscos. A gente se encontra lá.

Passaram-se outros oito minutos; então, detectou-se uma voz desconhecida na casa. Perdeu-se parte do breve diálogo porque Kenyon e o desconhecido passavam de um cômodo a outro, afastando-se dos dispositivos de escuta. Tudo indicava que a conversa ocorrera durante a demorada troca de turno no furgão do FBI.

KENYON: Mas o que...

DESCONHECIDO: Cale a boca! Faça o que estou mandando, se quiser que a sua família continue viva. Entendeu bem?

KENYON: Você não pode ir entrando assim na casa dos outros e...

DESCONHECIDO: Eu já mandei calar a boca! Vamos. Por ali.

KENYON: Por favor, não faça mal a minha família. Por favor, eu...

DESCONHECIDO: (ininteligível)

KENYON: ... faria isso. Ele sabe que eu não faria uma coisa dessas. Eu não entendo. Ele...

DESCONHECIDO: Cale essa boca, porra! Eu não quero saber.

KENYON: (ininteligível)

DESCONHECIDO: (ininteligível)

O relatório registrava que decorreram dois minutos de silêncio; depois, veio o diálogo final.

DESCONHECIDO: Ande logo, vá ver quem...

KENYON: Não... Ela não tem nada a ver com isso. Ela...

Ouviu-se então o disparo. Pouco depois, o microfone 4, escondido numa saleta dos fundos cuja porta dava para o quintal, captou as últimas palavras do homem.

DESCONHECIDO: Não se esqueça dos cannoli.

Encontraram a porta da saleta aberta. Tinha sido usada na rota de fuga do assassino.

McCaleb leu uma vez mais a transcrição. Estava particularmente interessado, pois eram os últimos momentos e as últimas palavras

de um homem. Lamentou não ter uma cópia da fita gravada, talvez pudesse verificar melhor o que havia acontecido.

O documento seguinte explicava por que os investigadores suspeitavam do envolvimento da Máfia. Tratava-se de um relatório da criptologia. A fita da casa de Kenyon fora enviada ao laboratório de criminalística para filtragem, e sua transcrição, ao setor de decodificação. O analista incumbido do trabalho concentrou-se na última frase do assassino, aparentemente sem sentido e proferida quando Kenyon já tinha sido baleado. A frase, “Não se esqueça dos cannoli”, foi submetida ao computador de criptologia para verificar se coincidia com algum código conhecido, com algum uso anterior em relatórios do FBI ou com alguma referência literária ou da área de entretenimento. Coincidia plenamente.

No filme *O poderoso chefão*, que havia inspirado uma legião de imitadores da Máfia na vida real, Peter Clemenza, um importante capo da família Corleone, foi incumbido de levar um traidor a um lugar retirado de Nova Jersey e matá-lo. Na manhã em que estava saindo de casa para cumprir a missão, sua esposa pediu que comprasse doces para a sobremesa do almoço. No momento em que o corpulento Clemenza entrava no carro em que se achava o homem que iria abater, a mulher lhe gritou da porta: “Não se esqueça dos cannoli.”

McCaleb, que adorava aquele filme, lembrou-se imediatamente da cena. Expressava com muita clareza a essência da vida dos gângsteres de cinema: a brutalidade implacável e sem remorso convivendo com os valores da família e da lealdade. Era compreensível que o FBI concluísse que o assassinato de Kenyon tinha relação com a Máfia. A frase retratava a audácia e a ferocidade da vida dos gângsteres. Ele imaginou um matador frio e cruel adotando-a como marca registrada de seu trabalho.

— Não se esqueça dos cannoli — disse em voz alta.

Mas, de repente, ocorreu-lhe algo que lhe provocou um verdadeiro choque elétrico na espinha.

— Não se esqueça dos cannoli — repetiu.

Pegando rapidamente a pasta de couro, vasculhou-a até encontrar o videotape do assassinato de James Cordell. Foi ao

televisor, colocou a fita, avançou-a até o ponto que lhe interessava — o momento do tiro — e se pôs a assistir, os olhos presos na boca do mascarado quando ele começou a falar diante da câmera. E com ele disse em voz alta:

— Não se esqueça dos cannoli.

Voltou a fita e repetiu a operação, falando ao mesmo tempo que o bandido. As palavras se ajustavam perfeitamente aos movimentos de seus lábios. Sincronia perfeita! McCaleb sentiu a excitação resultante de uma forte descarga de adrenalina. Uma sensação unicamente possível quando se acertava o passo, quando se fazia uma descoberta importante. Quando se sente próximo da verdade oculta.

Pegou imediatamente a fita do assassinato de Gloria Torres, colocou-a no aparelho e repetiu o processo: pronunciou as palavras na boca do assaltante. E uma vez mais coincidiram em tudo com os movimentos de seus lábios. Não havia a menor dúvida.

— Não se esqueça dos cannoli — tornou a repetir.

Foi até o armário perto da mesa de cartas náuticas e pegou o telefone. Ainda não tinha ouvido as mensagens acumuladas durante o fim de semana, mas estava agitado demais para fazê-lo agora. Digitou o número de Jaye Winston.

— Por onde diabo você andou? Será que nunca ouve a secretária eletrônica? — perguntou ela. — Passei todo o fim de semana e hoje o dia inteiro tentando falar com você, tentando explicar. Não foi minha...

— Eu sei. Não foi você. Foi Hitchens. Mas não é por isso que estou telefonando. Eu sei o que o FBI descobriu. Sei o que vocês têm em mãos... a conexão com Donald Kenyon. Você precisa dar um jeito de me colocar na investigação novamente.

— É impossível. Hitchens me proibiu até de falar com você. Como é que eu posso...

— Eu a ajudo.

— Como? Com quê?

— Basta você me responder uma coisa, veja se eu tenho razão. Hoje de manhã, Gilbert Spencer e dois agentes regionais, provavelmente Nevins e Uhlig, foram lhe contar que o projétil que

— Você mandou a Washington coincidia com o que matou Kenyon. Certo?

— Sim, mas isso não é grande...

— Eu ainda não terminei. Ele disse que gostaria de dar uma olhada no seu caso e no da polícia de Los Angeles, mas que, inicialmente, parece não haver nenhuma outra conexão provável, só a arma. Mesmo porque Kenyon foi executado por um profissional e vocês, aí, estão às voltas com um ladrãozinho pé de chinelo. Além disso, o pistoleiro usou uma Devastator para matar Kenyon, enquanto o assaltante se serviu de um projétil diferente, o Federal. Isso reforça a teoria do FBI, segundo a qual o matador profissional do caso Kenyon se desfez da arma em algum lugar e o assassino dos dois casos que vocês estão investigando acabou ficando com ela. Fim da conexão. Como estou indo até agora?

— Na mosca.

— Muito bem. Então você pediu a Spencer informações sobre o assassinato de Kenyon, para que pudesse fazer suas próprias averiguações, mas ele não mostrou nenhuma boa vontade.

— Ele disse que o caso Kenyon era, citando suas próprias palavras, um ponto particularmente sensível e que nós, reles policiais locais, não tínhamos base para acompanhá-lo.

— E Hitchens engoliu isso?

— Engoliu tudo.

— E chegaram a servir os cannoli?

— O quê?

McCaleb passou os cinco minutos seguintes explicando o que acabava de descobrir e lendo para ela a transcrição da escuta na casa de Kenyon e as conclusões do relatório da criptologia. Jaye Winston contou que Gilbert Spencer omitira todos esses fatos na reunião da manhã. McCaleb não esperava outra coisa. Tinha trabalhado muitos anos no FBI. Sabia perfeitamente como funcionava. Dada a oportunidade, eles deixavam as polícias locais de lado e diziam que, dali por diante, os federais se encarregariam de tudo.

— Portanto, a conexão cannoli deixa claro que não se trata de uma arma descartada que acabou indo parar nas mãos do nosso

assaltante — prosseguiu McCaleb. — Foi o mesmo assassino nos três casos. Kenyon, Cordell e Gloria Torres. Se o pessoal do FBI tinha conhecimento disso ao chegar à reunião esta manhã, eu não sei. Mas, se vocês lhes entregaram cópias dos arquivos e dos videotapes dos dois casos, agora eles têm. A questão é: que ligação existe entre esses três crimes?

Jaye Winston ficou algum tempo em silêncio, depois expressiu sua confusão:

— Rapaz, eu não tenho a menor... bem, pode ser que não haja ligação alguma. Veja bem, se é um pistoleiro profissional, como afirma o FBI, pode ser que tenham sido três contratos diferentes, compreende? Talvez não haja *nenhuma* ligação, a não ser o fato de o mesmo assassino ter matado os três em três serviços diferentes.

McCaleb concordou.

— É possível, mas não faz sentido. Quer dizer, por que contratariam um pistoleiro profissional para matar Gloria Torres? Ela não passava de uma funcionária da gráfica do jornal.

— Ela pode ter visto alguma coisa. Sexta-feira você me disse que devia haver algum vínculo entre os dois, entre Gloria Torres e Cordell, lembra? Pois bem, talvez seja isso, talvez tanto um quanto o outro tenham visto ou sabido de alguma coisa.

McCaleb fez um gesto afirmativo.

— E as “lembrancinhas”, as coisas roubadas de Cordell e Gloria Torres? — perguntou mais para si mesmo do que para Jaye Winston.

— Não sei. Vai ver o matador gosta de guardar lembranças. Talvez tivesse de provar a quem o contratou que havia liquidado a pessoa certa. Os relatórios mencionam alguma coisa que tenha sido roubada de Kenyon?

— Não que eu tenha visto até agora.

Sua mente era um emaranhado de possibilidades. A pergunta de Jaye Winston o fez perceber que, em sua excitação, telefonara cedo demais. Ainda faltava ler uma pilha de documentos sobre Kenyon. A conexão que ele procurava podia estar ali.

— Terry?

— Oi, desculpe, eu estava pensando. Olha, eu telefono mais tarde. Ainda tenho muito material para estudar e pode ser que...

- Que material?
- Acho que tenho tudo ou quase tudo que Spencer não lhes contou.
- E eu não estaria muito errada se dissesse que é com isso que você pretende comprar as boas graças do capitão novamente, estaria?
- Não conte nada a ele por enquanto. Preciso formar uma ideia melhor da situação. Depois eu telefono.
- Promete?
- Claro.
- Não quero que você bandeie para o lado do FBI.
- Ei, eu estou aposentado, esqueceu? Prometo, sim.

Uma hora e meia mais tarde, McCaleb acabou de examinar os documentos. A adrenalina que antes o agitara tinha se dissipado por completo. Ele colheira muitas informações novas ao ler os relatórios, mas nenhuma sugeria qualquer ligação entre Kenyon, Cordell e Gloria Torres.

Os outros documentos do FBI continham uma longa lista impressa com os nomes, os endereços e os históricos das aplicações das 2 mil vítimas do desfalque. Nem Cordell nem Gloria Torres figuravam nela.

O FBI devia considerar suspeita do assassinato de Kenyon toda e qualquer vítima da falência do Washington Guaranty. E investigou os antecedentes de cada um, além de outros indícios que os pudessem tornar suspeitos viáveis. Os investidores elevados a esse status não tardaram a serem eliminados com as minuciosas apurações do Escritório Regional.

A investigação concentrou-se então na segunda teoria, a de que o Fantasma de Kenyon era real e tinha mandado matar o homem que roubara milhões para ele.

Essa teoria foi reforçada quando se soube que Kenyon estava disposto a revelar a quem entregara o dinheiro roubado do Washington Guaranty. Conforme o depoimento de seu advogado, Stanley LaGrossa, ele decidiu colaborar com as autoridades, na

esperança de que a Promotoria Pública solicitasse a redução da pena à juíza que o condenou. LaGrossa declarou que, na manhã em que foi assassinado, seu cliente tinha planos de discutir com ele as negociações de tal colaboração.

McCaleb folheou os relatórios e releu a breve transcrição do telefonema de Kenyon ao advogado poucos minutos antes de morrer. O curto diálogo parecia confirmar a versão segundo a qual o estelionatário estava disposto a cooperar.

De acordo com a teoria esboçada pelo FBI num relatório suplementar ao depoimento de LaGrossa, o sócio anônimo de Kenyon o eliminara ou porque não queria correr nenhum risco, ou porque tomara conhecimento específico de que o condenado tinha planos de colaborar com os investigadores do governo. O mesmo relatório acrescentava que nem os agentes federais nem a promotoria foram notificados de sua intenção de colaborar. O que significava que, se algo vazou ao sócio de Kenyon, só podia ter sido por intermédio de pessoas ligadas a ele, talvez do próprio LaGrossa.

McCaleb se levantou e se serviu de um copo de suco de laranja, esvaziando a garrafa de litro e meio que comprara na manhã de sábado. Bebeu pensando em tudo que o caso Kenyon podia significar para a investigação. Na verdade, complicava as coisas. Apesar da descarga de adrenalina que havia experimentado, agora ele se dava conta de que voltara basicamente à estaca zero. Não se encontrava nem um milímetro mais perto de saber quem matara Gloria Torres do que antes de abrir o pacote enviado por Carruthers.

Quando estava lavando o copo reparou em dois homens que vinham pela passagem principal das docas. Ambos com ternos azuis-marinhos quase iguais. Em geral, quem aparecia de terno na marina costumava ser um funcionário de banco que vinha reclamar a integração da posse de um barco dado como garantia de algum empréstimo. Mas dessa vez McCaleb sabia que não se tratava disso. Estavam à sua procura. Vernon Carruthers devia ter sido descoberto.

Sem perda de tempo, ele foi para a mesa e juntou os documentos do FBI. Rasgou as páginas que listavam os nomes e

endereços dos investidores do banco falido. Guardou o volumoso pacote num armário da cozinha. O resto dos documentos, colocou na pasta de couro e a guardou no compartimento debaixo da mesa de cartas náuticas.

Abriu a porta de vidro da sala e foi para fora receber os dois agentes. Teve o cuidado de fechar e trancar a porta ao sair.

— Sr. McCaleb? — perguntou o mais jovem. Tinha bigode, coisa bastante ousada para os padrões do FBI.

— Vamos ver se eu adivinho: Nevins e Uhlig.

Eles não se mostraram satisfeitos por ser identificados.

— Podemos subir a bordo?

— Claro.

O mais moço se apresentou como Nevins. Mas foi o outro, Uhlig, que se encarregou da maior parte da conversa.

— Se sabe quem somos, deve saber por que viemos até aqui. Não queremos que a coisa fique pior do que já está. Especialmente levando em conta o seu serviço para o FBI. Portanto, se nos entregar os arquivos roubados, o assunto fica encerrado agora mesmo.

— Caramba! — exclamou McCaleb. — Arquivos roubados?

— Sr. McCaleb — disse Uhlig —, nós sabemos que o senhor está com arquivos confidenciais do FBI. Já não é agente. Não deveria estar com esses documentos. Como acabo de dizer, se quiser que isso se torne um problema para o senhor, nós podemos fazer com que seja assim. Mas o que nós queremos é simplesmente que devolva os arquivos.

McCaleb deu um passo à frente e se sentou na amurada. Tentava imaginar como eles sabiam daquilo, e a única resposta que lhe ocorria era Carruthers. Não havia outra hipótese. Vernon devia ter se complicado em Washington e fora obrigado a entregá-lo. Mas era pouco provável que seu velho amigo fizesse tal coisa, por mais que o pressionassem.

Decidiu confiar em sua intuição e blefar. Nevins e Uhlig sabiam que Carruthers fizera a comparação a laser a pedido dele. Não era segredo. Portanto, deviam ter imaginado que Carruthers havia mandado cópias dos arquivos do computador.

— Desistam, rapazes. Eu não estou com nenhum arquivo, roubado ou não. Vocês se enganaram.

— E como sabia quem éramos? — indagou Nevins.

— Nada mais fácil. Descobri hoje de manhã quando vocês estiveram no Departamento do Xerife e pediram que me excluíssem do caso.

McCaleb cruzou os braços e olhou para o barco de Buddy Lockridge. Este se encontrava sentado no convés, com uma lata de cerveja na mão, observando os dois sujeitos de terno no *Following Sea*.

— Bem, vamos ter de dar uma olhada aí dentro para ter certeza — anunciou Uhlig.

— Só se tiverem um mandado de busca, coisa que eu duvido.

— Não é preciso, pois você nos deu autorização para entrar e procurar.

Nevins se aproximou da porta da sala e tentou abri-la. Estava trancada. McCaleb sorriu.

— Aí você só entra se arrombar a porta, Nevins. Mas acho que isso não dará a impressão de que você estava autorizado a entrar. Além disso, duvido que queiram fazer uma coisa dessas diante de uma testemunha neutra.

Os dois agentes olharam a sua volta. Logo deram com Lockridge, que ergueu a lata de cerveja como a cumprimentá-los. McCaleb reparou na mandíbula contraída de raiva do agente mais velho.

— Tudo bem, espertinho. Pode ficar com os documentos. Mas vou avisando desde já: não se meta conosco. O FBI está assumindo o caso e a última coisa de que precisamos é de um amador de merda, sem credencial e com o coração de outra pessoa no peito, que venha nos encher o saco.

McCaleb sentiu a própria mandíbula tensa de raiva.

— Fora do meu barco, seus filhos da puta!

— Claro. Já estamos de saída.

Os dois voltaram para a doca. Quando estavam se dirigindo à passagem, Nevins se voltou e disse:

— A gente se vê, amador de merda.

McCaleb ficou observando-os até que saíssem pelo portão.

- O que aconteceu? — gritou Lockridge.
- McCaleb fez um gesto para ele sem tirar os olhos dos agentes.
- Uns amigos que vieram me visitar.

Eram quase 20h na costa leste. McCaleb telefonou para Carruthers em casa. Seu amigo disse que já havia passado pelo espremedor.

— Eu contei a eles, disse-lhes: “A informação que eu tinha foi entregue a Lewin. É verdade que fiz a pesquisa a pedido de um ex-agente do FBI, mas não forneci nenhuma cópia nem desse nem de nenhum relatório. Agora, se não acreditam em mim, o problema é de vocês. Eu estou limpo. Se quiserem que eu saia, eu saio. É só me pagarem o dobro cada vez que eu tiver de testemunhar num dos meus casos. E os meus casos são dos mais volumosos, vocês sabem”.

Falava como se houvesse uma terceira pessoa a ouvi-los. E, tratando-se do FBI, ninguém podia saber se não havia. McCaleb fez o mesmo jogo.

— Comigo aconteceu a mesma coisa. Apareceram aqui e queriam que eu entregasse uns arquivos que eu nunca vi na vida. Eu os expulsei do barco.

— É. Você fez muito bem.

— Você também, Vernon. Bem, vou desligar. Cuidado com a onda seguinte, garoto.

— Cuidado com o quê?

— Com a retaguarda.

— Ah. Certo. Você também.

Jaye Winston atendeu ao primeiro toque.

— Onde esteve?

— Ocupado. Nevins e Uhlig vieram me fazer uma visitinha. Você deu a eles as mesmas cópias que me entregou na semana passada?

— Os relatórios, as fitas, Hitchens lhes deu tudo.

— Então devem ter feito a conexão cannoli. Eles vão assumir o caso, Jaye. Você vai ter de aguentar.

— Como assim? O FBI não pode simplesmente assumir uma investigação de homicídio.

— Eles dão um jeito. Podem não afastá-los, mas vão se encarregar do caso. Eu acho que sabem que há mais que a coincidência da arma a vincular os casos. Eles podem ser uns bons filhos da puta, mas burros não são. Acho que imaginaram a mesma coisa que eu quando viram os videoteipes que vocês lhes entregaram. Sabem que é o mesmo assassino e que alguma coisa liga os três casos. Vieram aqui para me intimidar, para me deixar de fora. Agora é a sua vez.

— Se eles acham que vou entregar tudo de mão beijada e...

— Não é você. Vão pegar Hitchens. E, se ele não concordar, subirão mais um degrau na hierarquia. Não se esqueça de que eu já fui federal. Sei como a coisa funciona. Quanto mais alto você for, maior é a pressão.

— Merda!

— Bem-vinda ao clube.

— O que você vai fazer?

— Eu? Amanhã vou voltar a trabalhar. Não devo satisfações ao FBI, nem a Hitchens, nem a ninguém. Ninguém manda em mim.

— É. Talvez você seja o único com liberdade nessa história. Boa sorte.

— Obrigado. Acho que vou mesmo precisar.

CAPÍTULO 26

Só no fim do dia McCaleb pôde ocupar-se dos recibos e anotações que Amelia Cordell lhe entregara. Cansado de examinar tantos documentos, leu rapidamente as anotações, mas nada achou nas lembranças da viúva que despertasse qualquer interesse. Pelos extratos, foi fácil concluir que o salário de Cordell era creditado toda quarta-feira diretamente em sua conta corrente. Durante os três meses dos quais McCaleb tinha extratos, Cordell sempre fez saques nos dias de pagamento e no mesmo caixa eletrônico, o da agência bancária na qual o mataram. Isso confirmava que, assim como Gloria Torres, que toda noite fazia compras na mercearia Sherman, ele estava seguindo uma rotina na ocasião em que foi assassinado. Isso reforçava a ideia de que o criminoso vinha observando as vítimas — no caso de Cordell, no mínimo desde uma semana antes, mas provavelmente havia mais tempo.

McCaleb estava examinando os recibos de cartão de crédito quando sentiu o barco afundar ligeiramente. Voltando-se, avistou Graciela, que acabava de pisar na popa. Uma agradável surpresa.

— Graciela! — disse indo ao seu encontro. — O que está fazendo aqui?

— Não recebeu o meu recado?

— Não, eu... Puxa, ainda não escutei os recados.

— Pois eu telefonei avisando que viria para cá. Já reuni tudo sobre Gloria, como me pediu.

McCaleb teve de reprimir um gemido. Mais coisas para ler! Mas agradeceu a presteza com que Graciela atendera ao seu pedido.

Notando que ela trazia uma sacola de lona, tratou de ajudá-la.

— O que é isso? Não me diga que escreveu tanto assim!

Ela o fitou e sorriu.

— É a minha bagagem. Estou pensando em passar a noite aqui.

McCaleb sentiu uma doce emoção, muito embora soubesse que o fato de ela passar a noite ali não significava necessariamente que dormiriam juntos.

— E Raymond?

— Está com a Sra. Otero. Ela o levará à escola amanhã. E eu não vou trabalhar, tirei o dia livre.

— Por quê?

— Para ser sua motorista.

— Eu já tenho motorista. Não precisava ter...

— Eu sei, mas eu quero. Mesmo porque marquei um encontro com o patrão de Gloria, no *Times*, para você. E quero estar lá quando conversarem.

— Tudo bem, está contratada.

Graciela sorriu. McCaleb a levou à sala.

Depois de guardar a bagagem no camarote principal e servir a ela um cálice do vinho tinto de uma nova garrafa, ele a levou à popa e se pôs a relatar os novos desenvolvimentos do caso. Ao ouvi-lo falar de Kenyon, ela arregalou os olhos, recusando-se a aceitar que houvesse algum tipo de ligação entre sua irmã e o estelionatário assassinado.

— Parece absurdo, não é?

— Claro. Não posso imaginar como eles teriam...

Não concluiu.

McCaleb sacudiu a cabeça e afundou o corpo na cadeira. Ela abriu a bolsa e retirou um caderno no qual havia anotado as atividades da irmã. Examinaram juntos as anotações. Nada do que escrevera chamava a atenção, nada parecia significativo. Mas ele disse que aquelas informações ainda poderiam ser úteis, conforme a evolução do caso.

— É assombroso como as coisas mudaram. Há uma semana, tratava-se apenas de um assalto. Agora, pode ter sido motivação patológica ou até mesmo um pistoleiro contratado. A possibilidade mais maluca é a terceira.

Graciela sorveu o vinho antes de falar.

— Ficou tudo mais difícil, não?

— Não. Significa apenas que estamos chegando mais perto. É preciso estarmos abertos a todas as possibilidades. Depois, basta peneirar os dados... A verdade é que estamos chegando mais perto.

Depois de contemplar o pôr do sol, foram a um pequeno restaurante italiano na praia Belmont, em Long Beach. McCaleb gostava da comida de lá e da privacidade dos compartimentos circulares que dividiam o estabelecimento. Durante o jantar, percebendo que Graciela ainda se sentia deprimida com os rumos tomados pela investigação, procurou mudar de assunto. Contou algumas anedotas tolas do tempo do FBI, mas obteve apenas um ou outro sorriso fraco.

— Devia ser difícil quando você fazia esse trabalho 24 horas por dia — comentou ela empurrando o prato de nhoque que deixara pela metade. — Quer dizer, passar dia e noite lidando com esse tipo de gente. Devia ser...

Não concluiu. Ele se limitou a balançar a cabeça. Não era necessário insistir.

— Você acha que consegue superar?

— O quê? O trabalho que fiz?

— Não, o que o trabalho fez com você. Como aquela história que me contou. Da Morada do Diabo. Tudo que aconteceu. Acha que consegue superar?

Ele pensou um momento. Sabia que sua resposta significava muito. Graciela queria saber de sua fé, de sua confiança na vida, e decerto estava tomando uma decisão com relação a ele. Era importante que a resposta fosse sincera, mas tinha de ser também a mais acertada.

— Graciela, o que posso dizer é que espero superar tudo isso. Preciso me restaurar. Para quê, eu não sei ao certo. Mas passei muito tempo em meio ao vazio, e não quero mais isso. Acho esquisito falar nisso agora, mas é assim. Quero que você saiba. Não sei se é essa a resposta que gostaria de ouvir. Mas eu espero um dia também ter o que acredito que você tem.

Sem saber se o que acabava de dizer fazia sentido, ele deslocou o corpo no banco estofado até ficar bem perto dela. Inclinou-se e beijou o rosto dela. Por baixo da toalha xadrez, pôs a mão em seu joelho, acariciando-a docemente até o alto de sua coxa. O tipo de carícia que um amante teria feito. Mas estava desesperado para retê-la, para não perdê-la, e não tinha confiança em suas próprias palavras. Precisava tocá-la.

— Vamos embora? — propôs Graciela.

McCaleb a fitou.

— Para onde?

— Para o barco.

Ele concordou.

Ao retornarem, Graciela o conduziu ao camarote e fez amor com ele sem hesitação. Movendo-se num ritmo lento, McCaleb sentiu o coração bater com tanta força que as pulsações pareciam ecoar-lhe nas têmporas, uma sensação de trepidação que o obrigava a continuar, continuar. Tinha certeza de que ela também estava sentindo: a cadência da vida a lhe palpitar junto ao peito.

No fim, McCaleb sentiu o corpo todo trêmulo e pressionou o rosto com força na curva do pescoço dela. Um riso breve escapou involuntariamente da garganta, um som entrecortado, um quase ofegar, e só restou a ele esperar que Graciela pensasse que havia sido uma tosse ou que ele estava tomando fôlego. Soltou sobre ela um pouco mais do peso do corpo e mergulhou o rosto no doce ninho de seus cabelos. Graciela passou as mãos em suas costas, depois subiu-as novamente, deixando-lhe na nuca uma sensação de ternura e calor.

— Do que você achou graça? — murmurou.

— De nada... Só estou feliz. — Ele apertou o rosto no dela e, inebriado com seu perfume, o coração inundado de esperança, sussurrou-lhe ao ouvido: — Você está me trazendo de volta. Você é a minha sorte.

Ela envolveu o pescoço dele com ambos os braços e o estreitou contra si. Não disse uma palavra.

McCaleb acordou de madrugada. Tinha sonhado que era capaz de nadar debaixo da água sem necessidade de subir à superfície para respirar.

Estava de bruços, o braço nas costas nuas de Graciela. Sentiu o calor daquele contato. Pensou em erguer o corpo para consultar o relógio, mas preferiu não quebrar o encanto do momento. Quando fechou os olhos para tornar a dormir, foi despertado pelo ruído inconfundível da porta corrediça lá em cima. Ele compreendeu que alguma coisa, um barulho, o arrancara do sonho. Sentindo um frio no peito, ficou totalmente alerta. Havia gente no barco.

O russo, pensou. Bolotov o tinha encontrado e viera cumprir a ameaça. Mas não tardou a eliminar essa possibilidade, recobrando a instintiva certeza de que aquele homem não podia ser tão idiota.

Rolou até a beira da cama e pegou o telefone no chão. Apertou a tecla que armazenava o número do telefone do barco de Buddy Lockridge e ficou esperando. Queria que o vizinho olhasse para o *The Following Sea* e lhe dissesse se conseguia ver alguém ou algo anormal. Pensou em Donald Kenyon sendo levado até a porta da rua para receber um projétil explosivo na cabeça. E concluiu que a pessoa que se encontrava lá em cima, fosse quem fosse, não devia saber da presença de Graciela a bordo. Decidiu que, independente do que acontecesse, o intruso não podia e não haveria de se aproximar dela.

O telefone tocou quatro vezes; como Lockridge não atendia, McCaleb resolveu que não podia perder mais tempo. Saiu rapidamente da cama e foi para a porta fechada do camarote. Viu os dígitos vermelhos do relógio; eram 3h10.

Ao abrir silenciosamente a porta, lembrou-se de sua arma guardada na última gaveta da mesa de cartas náuticas. O intruso se encontrava mais perto dela do que ele. E era bem possível que já a tivesse encontrado.

Vasculhou mentalmente o convés inferior em busca de uma arma, mas continuou de mãos vazias. Estava com a porta escancarada agora.

— O que houve? — sussurrou Graciela às suas costas.

Ele se voltou rápida e silenciosamente e foi para a cama. Tapando-lhe a boca com a mão, cochichou:

— Tem gente no barco.

Sentiu o corpo dela enrijecer-se sob o dele.

— Não sabem que você está aqui. Quero que vá bem devagar para o outro lado e fique deitada no chão até eu voltar.

Ela não se mexeu.

— Faça isso, Graciela.

Ela começou a afastar-se, mas ele a deteve.

— Você tem um spray lacrimogêneo ou alguma outra arma na bolsa?

Graciela negou e ele a empurrou para o outro lado da cama, o mais próximo da parede. Voltou para a porta.

Ao subir lentamente pela escada, viu a porta corrediça aberta pela metade. Havia mais luz no convés superior do que lá embaixo, o que lhe favoreceu a visão. De súbito, McCaleb divisou a silhueta de um homem projetada na luz exterior que entrava pela porta. Era impossível saber se o intruso estava olhando para ele ou, ao contrário, de costas, voltado para a marina.

McCaleb sabia que o saca-rolhas com que abrira a garrafa de vinho para Graciela no final da tarde se encontrava no balcão da cozinha, bem a sua direita, no alto da escada. Não seria difícil alcançá-lo. Restava saber se valia a pena usá-lo contra um homem mais bem armado.

Concluiu que não tinha escolha. Chegando ao alto da escada, estendeu a mão e pegou o saca-rolhas. Nesse momento, o degrau rangeu e ele viu a silhueta ficar tensa. O elemento surpresa estava perdido.

— Não se mexa, filho da puta! — gritou, empunhando o saca-rolhas e avançando para o vulto escuro.

O intruso foi rapidamente até a entrada e, pondo-se de lado, saiu pela pequena abertura e fechou a porta atrás de si. Tendo de abri-la novamente, McCaleb perdeu alguns segundos, de modo que o desconhecido já corria pela doca antes mesmo que ele tivesse saído do barco.

McCaleb sabia perfeitamente que não tinha condições de alcançá-lo: mesmo assim, saltou para a doca e se pôs a persegui-lo, o frio da noite a lhe maltratar a pele, a aspereza das tábuas do cais a lhe ferir os pés descalços.

Estava subindo a rampa da saída quando ouviu ligarem o motor de um carro. Abriu o portão e saiu apressadamente para o estacionamento, mas só teve tempo de ver um carro afastar-se em alta velocidade, os pneus guinchando no asfalto gelado. Ficou olhando para o veículo que se distanciava na noite. Longe demais para ler o número da placa.

— Merda!

Ele fechou os olhos e pinçou o nariz entre os dedos. Era uma técnica de auto-hipnose. Tentou transferir para a memória ativa o máximo de detalhes do que acabava de ver. Carro vermelho, pequeno, suspensão arriada... Ocorreu-lhe que conhecia aquele automóvel de algum lugar. Não se lembrava de onde.

Com uma sensação de enjoo e o coração disparado, McCaleb curvou o corpo e apoiou as mãos nos joelhos. Respirou fundo várias vezes, até que diminuísse a intensidade das batidas cardíacas.

Sentiu luz nas pálpebras cerradas. Abrindo os olhos, percebeu o clarão de uma lanterna que se aproximava. Era o guarda-noturno da marina em seu carrinho de golfe.

— Sr. McCaleb? — perguntou a voz atrás da luz. — É o senhor?
Só então ele se deu conta de que estava completamente nu.

Não faltava nada, nada estava fora do lugar. Pelo menos nada que McCaleb percebesse. Tudo parecia em ordem. O conteúdo da pasta de couro, que ele deixara na mesa da cozinha, achava-se intacto. Também o grosso volume de documentos continuava inalterado no armário. Examinando a porta, ele encontrou marcas de chave de fenda. Sabia quanto era fácil arrombar uma porta corrediça com uma chave de fenda. Também sabia que o barulho era sempre mais alto do lado de fora do que no interior do barco. Ele tivera sorte, pois, mesmo assim, o barulho ou alguma outra coisa o havia despertado.

Sob o olhar de Shel Newbie, o guarda-noturno, McCaleb terminou de revistar todas as gavetas e o armário da sala sem dar pela falta de nada.

— E lá embaixo? — perguntou o homem.

— Ele não teve tempo. Eu o ouvi assim que arrombou a porta. Acho que o assustei antes que pudesse fazer o que pretendia.

McCaleb calou-se, considerando que o homem podia não ter vindo com a intenção de roubar. Pensou em Bolotov, mas logo descartou a ideia. O vulto que vira passar de lado pela porta era muito pequeno e magro para ser o do russo.

— Posso subir? Quer que eu faça um café?

McCaleb olhou para a escada e viu Graciela. Ao voltar ao camarote para se vestir, havia lhe dito que era melhor que ficasse lá embaixo. Mas lá estava ela com o penhoar cor-de-rosa por cima da calça cinzenta de moletom, enorme em seu corpo, que devia ter encontrado no guarda-roupa. Os cabelos estavam um pouco despenteados e não podia parecer mais sexy. Ele a fitou um momento, por fim respondeu:

— Bem, acho que já terminou.

— Quer que eu chame a Polícia Marítima? — perguntou Newbie.

McCaleb sacudiu a cabeça.

— Bobagem. Deve ter sido um punk do porto querendo roubar o meu equipamento de navegação ou algo assim — mentiu. — A polícia não pode fazer nada. E nós vamos acabar ficando acordados o resto da noite.

— Tem certeza?

— Tenho. Obrigado pela ajuda, Shel. Muito obrigado.

— Não há de quê. Vou indo, então. Preciso escrever um boletim de ocorrência. Pode ser que amanhã cedo eles comuniquem o fato à polícia de Los Angeles.

— É melhor assim. Não estou disposto a ficar esperando que eles venham para cá. A corrida me deixou exausto. Vamos deixar isso para amanhã.

— Tudo bem.

Newbie se despediu e foi embora. McCaleb esperou alguns instantes, depois olhou para Graciela, que continuava junto à

escada.

— Você está bem?

— Estou. Só um pouco assustada.

— Por que não volta para baixo? Eu já desço.

Ela regressou ao camarote. McCaleb fechou a porta corrediça e experimentou a fechadura. Ainda funcionava. Erguendo os braços, alcançou o compartimento dos remos e pegou o cabo de madeira de um arpão. Colocou-o no trilho da porta, improvisando uma tranca que a mantivesse fechada. Resolveria o problema naquela noite. Mas ele sabia que tinha de repensar a segurança do barco.

Terminado o serviço e tendo se certificado uma vez mais de que se achavam em relativa segurança, ele olhou para os pés descalços no tapete oriental da sala. Só então se deu conta de que estava molhado. E se lembrou de que, quando o invasor se aproximara da porta, as luzes da marina foram refletidas no corpo dele.

CAPÍTULO 27

McCaleb viajou a maior parte do tempo calado no Volkswagen de Graciela. Estavam a caminho da gráfica do *Times*, em Valley. Seus pensamentos esquadrihavam os acontecimentos da noite anterior como uma sonda num solo arenoso, mas sem nada encontrar.

Ao ver o tapete da sala molhado, ele tornara a percorrer o caminho até o estacionamento e havia encontrado a doca igualmente molhada. A noite estava fria, seca, e era cedo demais para que já houvesse orvalho. Evidentemente, o intruso estava molhado quando invadiu a embarcação. O brilho da luz em seu corpo indicava que devia estar com roupa de mergulho. A pergunta que mais atormentava McCaleb agora era: *por quê?*

Antes de sair, ele resolveu dar um pulo ao barco de Buddy Lockridge. Encontrou o vizinho no convés, desganhado como de costume, lendo um livro intitulado *Trapaça*. McCaleb perguntou a ele se havia passado a noite na embarcação e ele respondeu que sim. Quando quis saber por que não havia atendido o telefone, o outro insistiu que o aparelho não tinha tocado uma única vez. McCaleb desistiu, pensando que ou Lockridge estava bêbado e não ouvira o telefone ou ele havia apertado a tecla errada.

Disse-lhe que não precisaria de motorista naquele dia, mas que iria precisar de outro serviço.

— Quer que eu limpe o seu casco?

— Não. Quero que o reviste. O fundo também. E todos os píeres próximos do barco.

— Revistar? Para quê?

— Não sei. Você saberá, se achar alguma coisa.

— O senhor é quem manda, capitão. Mas eu rasguei a minha roupa de mergulho quando estava trabalhando para Bertram. Assim que terminar de costurá-la, eu dou uma olhada.

— Obrigado. Ponha na minha conta.

— Ponho, sim. Ei, é a sua amiga que vai levá-lo agora?

Estava olhando para Graciela na popa do *Following Sea*. McCaleb também olhou para ela, depois voltou-se novamente para Lockridge.

— Não, Buddy. É só por hoje. Ela vai me apresentar a uma pessoa. Tudo bem?

— Claro. Tudo bem.

No carro, McCaleb foi tomando o café da caneca que resolvera levar consigo e olhando pela janela. Ainda estava aborrecido com o fato de Lockridge não haver atendido seu pedido de socorro. Encontravam-se agora em Sepulveda Pass, seguindo rumo a Santa Monica Mountains. Na 405, a maior parte do tráfego ia em sentido contrário.

— Em que está pensando? — quis saber Graciela.

— Em ontem. Tentando imaginar. Hoje Buddy vai mergulhar e dar uma olhada por baixo do barco. Talvez descubra o que o cara estava querendo.

— Bem, você quer mesmo falar com o supervisor do *Times* agora? Podemos marcar uma outra hora.

— Não, já estamos a caminho. Precisamos conversar com o máximo de pessoas possível. Ainda não sabemos o que significa o que aconteceu ontem. Até lá, temos de procurar pistas em toda parte.

— É bom. Ele disse que nós poderíamos falar com alguns amigos dela que trabalham lá.

McCaleb pegou a pasta de couro no chão. Estava gorda com os diversos documentos e fitas que ele acumulara. Tinha decidido não deixar nada no barco. E sua arma, uma Sig-Sauer P-228, aumentava ainda mais o peso da maleta. Não a levava consigo desde que se aposentara no FBI, mas, quando Graciela havia ido para o chuveiro, tirara-a da gaveta e colocara um carregador cheio. Seguindo a norma de segurança que sempre adotara em seus tempos de agente federal, não colocou nenhuma bala na agulha. Abriu espaço para ela na pasta de couro, livrando-se dos remédios. Seu plano era voltar ao barco antes da hora de tomar os comprimidos.

Vasculhou a papelada até encontrar o bloco de anotações. Abriu-o no cronograma que montara com a ajuda dos relatórios da polícia de Los Angeles. Não tardou a achar o que procurava.

— Annette Stapleton — disse.

— Que tem ela?

— Você a conhece? Preciso falar com essa moça.

— Era amiga de Gloria. Esteve lá em casa uma vez para conhecer Raymond. E foi ao enterro também. Como sabe dela?

— O nome dela aparece no material da polícia. Tinha conversado com sua irmã no estacionamento aquela noite. Quero falar com ela sobre as outras noites, compreende? Saber se Gloria andava preocupada com alguma coisa. A polícia de Los Angeles não deu muita importância a Annette Stapleton. Eles estavam convencidos de que o assassinato tinha sido casual.

— Que cretinos!

— Não sei. Não podemos culpá-los. Eles têm muitos casos e tudo foi montado para que parecesse um mero latrocínio.

— Isso não é desculpa.

McCaleb preferiu não discutir e calou-se. Não tinha a menor necessidade de defender Arrango e Walters. Retornou às suas reflexões sobre os eventos da madrugada e chegou a uma conclusão positiva: ele estava mexendo em alguma coisa que provocara a reação de alguém, muito embora não soubesse exatamente que reação era essa.

Chegaram à gráfica do *Los Angeles Times* dez minutos antes do encontro marcado com o supervisor de Gloria, um sujeito chamado Clint Neff. A gráfica ficava num prédio gigantesco na esquina da Winnetka com a Prairie, em Chatsworth, na extremidade noroeste da cidade. Era um bairro de elegantes edifícios comerciais, lojas de departamentos e residências de classe média alta. O prédio do *Times* parecia todo construído com vidro fumê e plástico branco. Pararam à cabine de segurança e precisaram esperar que o homem uniformizado interfonasse para confirmar o encontro. Só então ergueu a cancela. Quando estacionaram, McCaleb decidiu levar o bloco de papel, preferindo deixar a volumosa pasta no carro. Mas pediu a Graciela que travasse as portas antes de se afastarem.

Passaram por uma porta automática e entraram num saguão de dois andares todo revestido com mármore preto e cerâmica. Seus passos ecoavam no piso. Tudo lá era frio e austero, bem no espírito da cobertura que o jornal costumava fazer, diriam certos críticos.

Um homem de cabelos brancos, envergando um uniforme azul, veio cumprimentá-los. O crachá oval no bolso da camisa denunciou que se chamava Clint antes que ele tivesse tempo de dizê-lo. Trazia no pescoço um protetor de ouvidos parecido com os utilizados pelo pessoal que trabalha nas pistas dos aeroportos. Graciela e McCaleb se apresentaram.

— Sra. Rivers, eu só posso dizer que lamento muito o que aconteceu — disse Neff. — Meus pêsames. Sua irmã era uma excelente colega. Uma ótima funcionária e uma grande amiga nossa.

— Obrigada.

— Se tiverem a bondade de me acompanhar, poderemos nos sentar um momento. Vou fazer o possível para ajudá-los.

Conduziu-os por um corredor; ia à frente deles, falando por cima do ombro.

— Sua irmã deve ter lhe contado que é aqui que imprimimos todos os jornais das edições de Valley e quase todos os encartes especiais. Sabem, a programação da televisão e tudo o mais.

— Sim, eu sei — confirmou Graciela.

— Olhe, eu não sei até que ponto poderei ajudá-los. Disse ao pessoal que pode ser que vocês queiram falar com eles. Estão todos avisados.

Chegaram a uma escada e subiram.

— Annette Stapleton continua no turno da noite? — perguntou McCaleb.

— Hã... não, agora não — respondeu Neff. Estava ofegante devido à subida. — Nettie... ficou assustada com o que aconteceu a Gloria. Eu a compreendo. Uma coisa dessas! Agora ela passou a trabalhar de dia.

Neff entrou por outro corredor e seguiu rumo a uma porta de duas folhas.

— Ela está aqui hoje?

— Está, sim. Pode falar com ela se... A única coisa que peço é que deixem para conversar com eles nos intervalos. O intervalo de Nettie, por exemplo, é às 10h30. Talvez até lá já tenhamos terminado, de modo que vocês poderão conversar à vontade.

— Tudo bem — concordou McCaleb.

Após alguns passos em silêncio, Neff se voltou e o encarou.

— Quer dizer que você era do FBI?

— Isso mesmo.

— Deve ter sido muito interessante.

— Às vezes.

— Por que desistiu? Para mim, você ainda é muito jovem.

— Acho que foi porque ficou interessante demais.

Olhou para Graciela e piscou. Ela sorriu. E o barulho infernal da sala de impressão o poupou de um novo interrogatório. Chegaram à grossa porta dupla que mal retinha o ruído das impressoras. Numa caixa presa à parede, Neff pegou duas embalagens plásticas contendo pequenos protetores de ouvido descartáveis, e as entregou a McCaleb e a Graciela.

— É melhor usar isto para passar por aqui. Estamos em pleno funcionamento agora. Imprimindo o *Caderno Literário*, 1 milhão e 200 mil exemplares. Esses protetores eliminam uns trinta decibéis. Mesmo assim, a gente não consegue sequer ouvir os próprios pensamentos.

Quando eles rasgaram as embalagens e puseram os protetores, Neff também colocou o seu. Abriu uma das portas e conduziu-os por entre as fileiras de impressoras. O impacto sensorial era tanto auditivo quanto tátil. O chão vibrava como se estivesse havendo um pequeno terremoto. Os protetores de ouvido mal abafavam o barulho estridente das impressoras. Um ruído de violentas pancadas produzia um surdo acompanhamento. Neff entrou por uma porta e os levou para o que só podia ser a sala de descanso. Havia longas mesas em toda parte e uma infinidade de máquinas que vendiam de tudo. Os espaços livres nas paredes estavam ocupados por quadros de cortiça repletos de avisos internos, do sindicato e de normas de segurança. O barulho diminuiu muito no instante em que a porta se fechou. Eles atravessaram a sala rumo a outra porta. Entraram no

pequeno escritório de Neff. Quando este empurrou os protetores de ouvido para o pescoço novamente, McCaleb e Graciela também tiraram os seus.

— É melhor guardá-los. Vocês vão sair pelo caminho por onde entraram. Dependendo do horário, é possível que ainda precisem deles.

McCaleb tirou a embalagem de plástico do bolso e guardou o equipamento. Neff se sentou à escrivaninha e lhes ofereceu duas cadeiras em frente. O revestimento de vinil do assento de McCaleb estava manchado de tinta. Ele hesitou em sentar-se.

— Não se preocupe — sorriu Neff. — Está seca.

Passaram os 15 minutos seguintes conversando sobre Gloria Torres, mas foram poucas as informações úteis que obtiveram. Ficou claro que Neff gostava dela, mas também ficou claro que seu relacionamento era como o de qualquer supervisor com o funcionário. Concentrava-se sobretudo no trabalho e pouco tinha de pessoal. Quando McCaleb lhe perguntou se ele sabia de alguma coisa que pudesse estar perturbando Gloria, Neff sacudiu a cabeça e disse que queria muito saber de algo que pudesse ajudar. Brigas com os colegas? O mesmo movimento da cabeça.

De repente, McCaleb indagou se ele conhecia James Cordell.

— Quem é esse?

— E Donald Kenyon, você conhece?

— Kenyon? O sujeito que deu o desfalque no banco? — Neff sorriu. — Ah, claro, éramos muito amigos. No Country Club, sabe? Milken e aquele outro, Boesky, também tomavam chope com a gente.

McCaleb devolveu o sorriso. Era evidente que aquele homem não seria de grande ajuda. Graciela começou a fazer perguntas sobre os amigos de Gloria. McCaleb se distraiu da conversa e pensou na cadeira manchada de tinta na qual estava sentado. Sabia de onde vinha aquela tinta. Provavelmente, todos os que haviam se sentado ali antes dele vinham diretamente da linha de produção. Era por isso que usavam uniformes azuis-marinhos, para que a tinta não aparecesse.

Ocorreu-lhe uma ideia. Gloria voltava do trabalho para casa quando foi assassinada. Porém não trajava uniforme. Tinha trocado de roupa. Ali. Mas os relatórios da polícia de Los Angeles não diziam que haviam encontrado a roupa de trabalho em seu carro nem que verificaram o conteúdo de seu armário.

— Desculpe — disse McCaleb, interrompendo Neff, que estava contando a Graciela como Gloria dirigia bem a empilhadeira que levava às impressoras os rolos gigantescos de papel-jornal. — Vocês têm um vestiário aqui? Gloria tinha um armário?

— Claro que temos vestiário. Quem quer voltar para casa coberto de tinta? Temos um vestiário comp...

— O armário de Gloria já foi esvaziado e limpo?

Neff se encostou na cadeira e refletiu um momento.

— Sabe, nós estamos mais uma vez proibidos de fazer novas contratações. Ainda não autorizaram a substituição de Gloria. Assim, duvido que tenham mexido no armário dela.

McCaleb teve um pequeno sobressalto. Talvez encontrasse alguma coisa lá.

— E a chave? Será que podemos dar uma olhada?

— Ah, claro, eu acho que sim. É só pedir a chave mestra ao chefe da manutenção.

Neff os deixou a sós no escritório e foi procurar o chefe da manutenção e Nettie Stapleton. Como o armário de Gloria ficava obviamente no vestiário feminino, decidiu-se que Nettie acompanharia Graciela para verificar seu conteúdo. McCaleb teria de ficar esperando no corredor com Neff. Não era bem o que ele queria. Não que considerasse Graciela incapaz de vasculhar um armário. Mas ele o examinaria por inteiro, atento a todas as sutilezas, como quando examinava o local de um crime ou um videoteipe.

Neff não tardou a voltar com Nettie Stapleton e fazer as apresentações. Ela reconheceu Graciela e exprimiu suas condolências. Depois, Neff levou o grupo ao andar inferior e ao corredor que dava no vestiário. McCaleb estava disposto a fazer uma proposta derradeira: que o deixassem entrar se o vestiário feminino estivesse vazio. Mas quando se aproximaram da porta, eles ouviram os chuveiros ligados. Era inevitável que ficasse do lado de fora.

Ele, porém, não tinha mais nada a perguntar a Neff e não tinha a menor disposição de manter uma conversa inútil. Enquanto esperavam, tratou de afastar-se, de modo a evitar qualquer bate-papo e quaisquer perguntas pessoais. Como havia outros quadros de aviso na parede entre as portas do vestiário, tratou de fingir que lia os comunicados.

Decorreram quatro minutos de silêncio. McCaleb passara de uma extremidade a outra dos quadros de aviso. Quando Graciela e Nettie finalmente saíram, ele estava olhando para um desenho a lápis em que aparecia uma gota num pôster afixado no quadro. A gota fora pintada de vermelho até a metade, indicando que os empregados se encontravam a meio caminho da meta estabelecida para a campanha de doação de sangue daquele ano. Graciela se aproximou.

— Nada — disse. — Só umas roupas, um vidro de perfume e o fone de ouvido. Havia quatro fotografias de Raymond e uma minha coladas na porta.

— Fone de ouvido?

— O protetor. Mais nada.

McCaleb falou sem tirar os olhos do cartaz:

— Que tipo de roupa?

— Um par de uniformes limpos, uma blusa e um jeans.

— Você revistou todos os bolsos?

— Revistei. Nada.

Então ele foi atingido como que por um projétil de aço. Inclinando-se para a frente, apoiou a mão no quadro de aviso.

— Terry! — alarmou-se Graciela. — Que aconteceu? Está passando mal?

McCaleb não respondeu. Seu pensamento voava. Ela pôs a mão em sua testa para saber se estava com febre. Ele a empurrou.

— Não, Graciela, não é nada disso.

— Algum problema? — interferiu Neff.

— Não — ele falou num tom um tanto elevado. — Nós precisamos ir embora. Tenho de ir para o carro.

— Mas está tudo bem?

— Está — respondeu McCaleb, erguendo uma vez mais a voz. — Desculpem-me, está tudo em ordem. Mas eu preciso ir.

Fez um gesto de agradecimento a Annette Stapleton e saiu pelo corredor na direção que imaginou ser a do saguão de entrada. Graciela o seguiu e Neff saiu correndo atrás deles, gritando-lhes que entrassem na primeira porta à direita.

CAPÍTULO 28

— Mas o que aconteceu, afinal?

McCaleb caminhava rapidamente para o carro. Era como se a velocidade fosse capaz de impedir o medo terrível que sentia dominar por completo os seus pensamentos. Graciela teve de correr para acompanhá-lo.

— O sangue.

— Que sangue?

— Os dois doaram sangue. Sua irmã e Cordell. Estava na nossa frente o tempo todo... Eu vi aquele cartaz e me lembrei de uma carta que achei na casa de Cordell... e compreendi. Pegue as chaves.

— Escute, vá mais devagar, Terry. Devagar.

Ele diminuiu o passo com relutância e ela o alcançou, já tirando as chaves da bolsa.

— Agora me diga o que você está pensando.

— Abra o carro e eu lhe mostro.

Chegaram ao automóvel. Graciela destravou primeiro a porta do lado direito e contornou o carro pela frente para abrir a dela. McCaleb se inclinou no banco e estendeu a mão para ajudá-la por dentro. A seguir, começou a vasculhar a pasta de couro no chão. Estava tão atulhada de papéis que ele foi obrigado a tirar a arma e colocá-la no tapete, a fim de abrir espaço para procurar. Graciela entrou e ficou observando.

— Pode ligar o carro — pediu ele, sem desviar a atenção dos documentos.

— O que está fazendo?

McCaleb pegou o laudo da necrópsia de Cordell.

— Estou procurando... Droga, este é o relatório preliminar. Não serve.

Leu o protocolo para ter certeza. Estava incompleto. Tornou a pôr o laudo da necrópsia na pasta e a guardar a arma. Endireitou o corpo no banco.

— Um telefone. Onde há um telefone? Eu preciso falar imediatamente com a mulher de Cordell.

Graciela ligou o carro.

— Tudo bem. Vamos... vamos para a minha casa. Mas você tem que me contar o que está pensando, Terry.

— Está bem, mas primeiro me dê um minuto para organizar os pensamentos.

McCaleb tentou controlar o turbilhão de ideias desencontradas que fluía em sua mente e analisar o salto que acabava de dar.

— Estou pensando na coincidência. Na ligação.

— Que ligação?

— O que nos falta? O que estamos procurando? A ligação entre os casos. Primeiro, a conexão era apenas o crime fortuito. Foi o que a polícia pensou a princípio. Foi o que eu pensei ao começar a examinar isso. Tínhamos duas vítimas de assalto à mão armada: nenhum outro vínculo, a não ser o assassino e a casualidade de esses dois indivíduos haverem topado com ele. Estamos em Los Angeles, não é mesmo? Esse tipo de coisa acontece o tempo todo. Aqui é a capital da criminalidade, certo?

Graciela entrou na Sherman Avenue. Encontravam-se a poucos minutos de sua casa.

— Certo.

— Errado. Porque depois acabamos descobrindo outra coisa. Descobrimos que o criminoso rouba objetos pessoais, e isso sugere um envolvimento maior que o encontro casual do assassino com a vítima. Sugere uma relação mais profunda... um alvo determinado, escolhido e seguido de perto pelo criminoso.

McCaleb calou-se. Estavam passando pela mercearia Sherman e, sem dizer palavra, os dois olharam para lá. Esperou ainda um momento antes de prosseguir:

— Então, de repente, achamos outra coisa, outra camada na casca da cebola. Chega o laudo da balística, que muda completamente o jogo. Agora temos outro homicídio, que parece

trabalho de profissional. De um matador. Por quê? Que ligação podia haver entre sua irmã, James Cordell e Donald Kenyon?

Graciela não respondeu. Entrou na Alabama Avenue e alinhou-se na faixa da esquerda para fazer a curva.

— O sangue — disse ele. — A ligação só pode ser o sangue.

Ela estacionou na entrada de sua casa. Desligou o motor.

— O sangue — murmurou.

McCaleb ficou olhando fixamente para a frente, para a porta fechada da garagem. Falou devagar, o medo dominando-o.

— Durante todo o tempo eu estive pensando: “o que foi que ela viu? O que ela sabia? Ela cruzou o caminho de quem para ser assassinada?” Você viu, eu esmiucei a vida de Gloria e fiz um julgamento. Decidi que sua irmã não possuía nada que alguém quisesse possuir, de modo que o motivo devia ser outro. Mas me enganei. Me enganei redondamente. Sua irmã era uma boa mãe, uma boa profissional, uma boa amiga. Mas a coisa que a tornava quase única era o seu sangue. O sangue que corria nas suas veias a tornava valiosíssima... para alguém.

Esperou um pouco. Não olhou para Graciela.

— Para uma pessoa como eu.

Ele a ouviu respirar fundo e sentiu que a esperança acabava de abandoná-lo. A esperança de redenção.

— Você está querendo dizer que ela foi... morta por causa dos órgãos. Olhou para aquele cartaz, lá no *Times*, e chegou a essa conclusão?

McCaleb finalmente a fitou.

— Eu soube. Naquele momento eu fiquei sabendo. Só isso. — Abriu a porta. — Vamos telefonar para a Sra. Cordell. Ela vai nos dizer o tipo sanguíneo de seu marido. Vai ser AB com CMV negativo. A combinação perfeita. Depois vamos ver o sangue de Kenyon. Também vai ser do mesmo tipo. Aposto.

Virou o corpo para sair do carro.

— Não faz sentido — ela se apressou a dizer. — Você me disse que ele morreu lá mesmo. No caixa eletrônico. Não tiraram o coração dele. Os órgãos. Não foi a mesma coisa. E Kenyon? Kenyon morreu dentro de casa.

Ele saiu e se curvou a fim de encará-la. Graciela estava olhando para fora pelo para-brisa.

— Com Cordell e Kenyon não deu certo. O assassino aprendeu com eles. E finalmente teve êxito com sua irmã.

Bateu a porta e foi para a entrada da casa. Graciela o alcançou.

Lá dentro, mandou-o sentar-se no sofá da sala de estar e foi buscar o telefone na cozinha. Ele se lembrou de que deixara na pasta o número de Amelia Cordell. E também de que o carro estava aberto e a arma ficara lá.

Ao sair e aproximar-se do automóvel, percorreu a rua com os olhos, procurando o carro da noite anterior, na marina. Não viu nada que se parecesse remotamente com ele e não havia nenhum outro veículo com ocupantes estacionado junto ao meio-fio.

Ao voltar para a casa, sentou-se e digitou o número de Amelia Cordell. Na outra extremidade do sofá, Graciela observava-o com olhar ausente. Depois que o telefone tocou cinco vezes, a secretária eletrônica atendeu. McCaleb deixou seu nome, o número e um recado dizendo que precisava saber o tipo sanguíneo de James Cordell o mais depressa possível. Desligou e olhou para Graciela.

— Será que ela trabalha? — perguntou ela.

— Não, não trabalha. Deve ter saído.

Pegou o telefone novamente, ligou para o barco e acionou sua própria secretária eletrônica. Ouviu nove mensagens, inclusive as acumuladas desde o sábado: quatro de Jaye Winston e duas de Vernon Carruthers, todas já superadas pelos fatos; depois, veio o recado de Graciela, anunciando que iria ao barco na segunda-feira. Os dois restantes eram o de Tony Banks, o técnico de vídeo, dizendo que havia feito o trabalho na fita que ele deixara, e mais um de Jaye Winston. Ela havia telefonado aquela manhã para dizer que a previsão de McCaleb estava certa. O FBI vinha aumentando seu envolvimento na investigação dos assassinatos. Hitchens não só prometera colaborar, como abdicara do status de chefe em favor de Nevins e Uhlig. Ela sentia-se frustrada. Sua voz não o dissimulava. McCaleb também se sentia assim. Desligou o aparelho e deu um longo suspiro.

— E agora? — quis saber Graciela.

— Sei lá. Preciso confirmar isso... essa ideia... antes de dar um novo passo.

— E a investigadora do xerife? Talvez ela tenha a necrópsia completa. Deve saber o tipo sanguíneo.

— Não.

Não disse mais nada à guisa de explicação. Olhou ao redor, examinando o que podia ver da casa ali do sofá. Era pequena, muito bem mobiliada e cuidada. Havia uma grande fotografia emoldurada de Gloria Torres na estante superior de um armário chinês na sala de jantar contígua.

— Por que não quer telefonar para ela? — perguntou Graciela.

— Ainda não tenho certeza. Eu só... eu quero pensar melhor antes de falar com ela. Acho preferível esperar um pouco, quem sabe a Sra. Cordell telefona.

— E se ligasse diretamente para o escritório do legista?

— Não, acho que também não daria certo.

O fato que ele estava omitindo era que, uma vez confirmada a sua teoria, todas as pessoas beneficiadas com a morte de Gloria passariam automaticamente a ser consideradas suspeitas. Inclusive ele. Por isso, não queria fazer nenhuma pergunta às autoridades que pudesse despertar essa suspeita. Não enquanto não obtivesse mais algumas respostas com que se defender.

— Já sei! — disse Graciela, de repente. — O computador do laboratório de hematologia... É provável que eu consiga confirmar isso lá. A menos que o seu nome já tenha sido apagado. Mas duvido. Lembro-me de ter topado com o nome de um doador que tinha morrido quatro anos antes. E ainda estava lá.

O que ela acabava de dizer não pareceu ter muita lógica para McCaleb.

— Do que está falando?

Graciela consultou o relógio e se levantou num salto.

— Vou trocar de roupa. Temos de nos apressar. Eu explico tudo no caminho.

E desapareceu no corredor. McCaleb ouviu-a fechar a porta do banheiro.

CAPÍTULO 29

Chegaram ao Santa Cruz pouco depois do meio-dia. Graciela estacionou no pátio da frente e os dois entraram no hospital pela porta principal. Ela não queria passar pelo setor de emergência, uma vez que era lá que trabalhava. No caminho, tinha explicado que, desde a morte de Gloria, pedira licença diversas vezes para ficar com Raymond. Mas a paciência de sua supervisora estava se esgotando. Não parecia nada sensato ser vista passeando no setor de emergência depois de haver solicitado mais um dia de folga. Além disso, o que iriam fazer podia resultar em sua demissão. Quanto menos pessoas a vissem, melhor.

Uma vez no hospital, com o uniforme de enfermeira e sendo conhecida, Graciela não teve dificuldade para ir com McCaleb aonde queriam. Ela era como uma embaixadora para a qual todas as portas se abriam. Ninguém os deteve. Ninguém perguntou nada. Tomaram o elevador de serviço e subiram para o quarto andar alguns minutos depois do meio-dia.

No caminho, Graciela contara seu plano a McCaleb. Imaginava que teriam uns 15 minutos para fazer o que pretendiam. Era o máximo — o tempo que a coordenadora da hematologia demoraria para descer à cantina, pegar o almoço e subir novamente ao laboratório de patologia. Na verdade, o intervalo de almoço era de uma hora, mas ela costumava almoçar no próprio local de trabalho porque não tinha substituta. Embora também fosse enfermeira, ninguém vinha rendê-la nos intervalos, pois sua atividade não envolvia o cuidado direto dos pacientes.

Como Graciela esperava, chegaram ao laboratório às 12h05 e o encontraram vazio. McCaleb sentiu o pulso acelerar-se um pouco ao ver as torradeiras voadoras, como descanso de tela, flutuando no visor do computador instalado na escrivaninha da enfermeira-chefe. Mas o laboratório era amplo e aberto. A uns três metros do

computador, havia outra escrivadinha, à qual se achava uma mulher de uniforme branco, fato que de modo algum perturbou Graciela.

— Oi, Patrice — disse alegremente —, tudo bem?

A outra ergueu os olhos dos papéis que estava examinando e sorriu. Olhou sem muito interesse para McCaleb, depois novamente para a recém-chegada.

— Oi, Graciela! — Arrastava as sílabas, exagerando o sotaque espanhol como um âncora de televisão. — Comigo está tudo em paz, garota. E você, como vai?

— Tudo bem. Quem está na chefia e onde ela está agora?

— Por ora, é Patty Kirk. Desceu para comprar um sanduíche faz alguns minutos.

— Hum... — fez Graciela, fingindo-se decepcionada. — Bem, eu vou fazer uma consulta rápida, certo? — Contornou o balcão e foi para o computador. — Estamos com um paciente com sangue raro na emergência. Tenho a impressão de que vai ser preciso mobilizar tudo que temos e eu quero ver o que aparece aqui.

— Poderia ter telefonado. Eu faria isso para você.

— Eu sei, mas é que estou mostrando o hospital ao meu namorado, Terry. Terry, esta é Patrice. Patrice, Terry. Ele começou a estudar medicina na Universidade de Los Angeles. Estou vendo se consigo fazê-lo desistir.

Patrice tornou a sorrir para McCaleb e se pôs a avaliá-lo com o olhar. Ele adivinhou o que se passava pela cabeça da outra.

— Um pouco tarde, não? — disse. — Sabe o que é? Uma espécie de crise da meia-idade.

— Deve ser uma crise e tanto. Só espero que tenha sorte na residência. Já vi garotos de 25 anos saírem de lá parecendo ter mais de 50.

— Eu sei. Estou preparado.

Trocaram mais um sorriso e encerraram a conversa. Patrice voltou a se ocupar com seus papéis e McCaleb olhou para Graciela, que já se instalara diante do computador. As torradeiras tinham desaparecido e a tela se acendera. Havia uma espécie de *template* com boxes brancos.

— Pode dar a volta. Patrice não vai mordê-lo.

A enfermeira riu, mas não disse nada. McCaleb contornou o balcão e se colocou atrás da cadeira de Graciela. Ela lhe endereçou uma piscadela, sabendo que ele estava encobrendo toda a visão da mulher. McCaleb também piscou e sorriu. A frieza dela era impressionante. Ele consultou o relógio e baixou o braço para mostrar-lhe que já era 12h07. Graciela se concentrou no computador.

— Bem, nós estamos procurando sangue tipo AB, certo? O que temos de fazer é entrar na conexão com a ABSSO, a sigla da Agência de Busca e Solicitação de Sangue e Órgãos. É o grande banco de sangue regional com o qual trabalhamos. Quase todos os hospitais daqui trabalham com ele.

— Certo.

Estendeu a mão e percorreu com o dedo um pedaço de papel colado no monitor, acima da tela, onde estava escrito um número de seis dígitos. McCaleb sabia que se tratava do código de acesso. No percurso até o hospital, Graciela explicara o quanto era precário o sistema de segurança da ABSSO. O código de acesso ao computador mudava todo mês. Mas o cargo de chefia do laboratório do Santa Cruz não era fixo, sendo que as enfermeiras eram designadas para ocupá-lo rotativamente. E mesmo esse rodízio era interrompido com muita frequência, pois as enfermeiras resfriadas, com alguma virose ou qualquer outra enfermidade que não as impedisse de trabalhar, mas proibisse o contato com os pacientes, acabavam sendo mandadas para lá. Com o grande número de pessoas trabalhando ali, o código da ABSSO era simplesmente colado ao monitor toda vez que mudava. Em oito anos de enfermagem, Graciela trabalhara em dois outros hospitais de Los Angeles e tinha reparado que neles se fazia exatamente a mesma coisa. O mais provável era que o sistema de segurança da ABSSO fosse burlado por todos os hospitais aos quais prestava serviço.

Graciela digitou o número do código e um comando de modem; McCaleb ouviu o computador disar e fazer a conexão com o da ABSSO.

— É a conexão com a estação-mãe — explicou Graciela.

McCaleb consultou o relógio. Restavam-lhes no máximo oito minutos. A tela mostrou alguns *templates* de boas-vindas, antes de pedir a identificação e uma guia de solicitação. Graciela digitou as informações necessárias e continuou a descrever o que estava fazendo:

— Agora, nós vamos para a página de solicitação de sangue. Digitamos o que estamos procurando e então... pronto, é só esperar.

Colocou a mão diante da tela e fez uma figa.

— Como vai Raymond, Graciela? — perguntou Patrice às costas deles. McCaleb se voltou, mas ela continuava trabalhando, também de costas para ambos.

— Vai bem. Ainda está sofrendo muito, pobrezinho, mas vai bem.

— Ah, que bom. Você precisa trazê-lo aqui novamente.

— Vou trazer. Só que agora ele tem o colégio. Talvez nas férias da primavera...

A tela começou a exibir o inventário de disponibilidade de sangue tipo AB, assim como os nomes dos hospitais e bancos de sangue onde podia ser obtido. Embora fosse um banco de sangue, a ABSSO também funcionava como central coordenadora dos bancos e hospitais menores de todo o Oeste.

— Muito bem — disse Graciela —, você está vendo que sangue não falta. O médico quer reservar pelo menos seis unidades para o caso de o nosso paciente com ferimento no peito precisar de outra cirurgia. Então, a gente clica nesta segunda janela e faz as seis reservas. Cada uma dura apenas 24 horas. Se não estiver desatualizada agora, amanhã o sangue ficará a nossa disposição.

— Certo — disse McCaleb, tentando comportar-se como o estudante que se supunha que era.

— Não posso esquecer de pedir a Patty que atualize isto amanhã.

— E se abrisse a tela e não houvesse sangue?

No caminho, ela lhe havia pedido que fizesse essa pergunta se houvesse alguém no laboratório quando fizessem a conexão.

— Boa pergunta! — disse ao mesmo tempo que movia o mouse do computador. — Nós fazemos o seguinte: clicamos neste ícone com a gotinha de sangue para baixar o arquivo de doadores. É só esperar um pouco.

Alguns segundos depois, a tela começou a encher-se de nomes, endereços, números de telefone e outras informações.

— Todos esses são doadores de sangue tipo AB. A lista mostra onde se encontram e como podem ser contatados. Esta outra informação diz quando doaram pela última vez. A gente não pode procurar a mesma pessoa o tempo todo. É preciso variar os doadores e procurar um que esteja por perto, que possa vir facilmente, ou que more perto de um banco de sangue. A doação não pode ser um inconveniente para eles.

Enquanto falava, ia percorrendo a lista de nomes com a ponta do dedo. Havia uns 25 em todo o Oeste. Ela parou no da irmã e bateu com a unha na tela. Continuou. Seu dedo chegou ao fim sem passar pelo nome de James Cordell.

McCaleb deixou escapar um suspiro de decepção, mas Graciela ergueu o dedo pedindo paciência. Apertou a tecla PAGE DOWN, fazendo aparecer uma nova lista. Percorreu-a novamente com o dedo e encontrou o nome de Donald Kenyon. Estava logo no começo.

Dessa vez, McCaleb reteve a respiração, limitando-se a balançar a cabeça. Graciela lançou um olhar sombrio de confirmação. Ele aproximou o rosto da tela e leu a informação que se seguia. Cordell não doava sangue havia nove meses e Kenyon, há seis anos. Reparou também que havia uma anotação no final da linha de cada um deles, a letra *D* acompanhada de um asterisco. Outros tinham uma ou outra coisa, mas só uns poucos exibiam as duas combinadas. Ele estendeu a mão e apontou para o lugar.

— O que significa isso? Decesso?

— Não — respondeu Graciela em voz baixa. — O *D* significa doador. Doador de órgãos. Eles assinaram um documento e a informação consta na carteira de motorista etc., de modo que, se acontecer de serem internados num hospital e morrerem, seus órgãos podem ser retirados.

Disse tudo isso olhando para ele, e McCaleb achou difícil sustentar aquele olhar. Sabia o que a confirmação significava.

— E o asterisco?

— Não tenho certeza. — Moveu a tela até voltar à legenda no alto. Percorreu os símbolos com o dedo e achou o asterisco. — Significa CMV negativo. A maioria das pessoas é portadora de um vírus inofensivo no sangue chamado CMV. É a abreviação de um nome pomposo. Cerca de um quarto da população não o tem. É uma coisa que precisa ser notificada, para que haja compatibilidade perfeita entre o doador e o receptor.

Ele assentiu. Já tinha essa informação.

— Terminou a aula por hoje — anunciou Graciela, movimentando o mouse.

Vendo o cursor ir para o ícone que desfazia a conexão no alto da tela, McCaleb lhe segurou a mão antes que ela tivesse tempo de clicar o botão e sair do sistema da ABSSO.

Graciela ergueu os olhos, intrigada. Ele olhou para Patrice. Não podia falar. Mas, no balcão, avistou uma prancheta com formulários e um lápis preso por um cordão. Por intermédio de uma série de sinais com os dedos, pediu a ela que falasse com a enfermeira. Enquanto isso, pegou a prancheta e se pôs a escrever.

— Hã... Patrice, como vai Charlie? — perguntou Graciela.

— Ah, ele está bem. Continua um chato.

— Caramba, vocês se dão tãããã bem!

— É, somos dois pombinhos.

McCaleb colocou a prancheta diante de Graciela. Tinha escrito três perguntas:

1. *Dá para imprimir essa lista?*
2. *Consegue abrir o arquivo de sua irmã?*
3. *Quem recebeu os órgãos dela?*

Graciela encolheu os ombros e articulou em silêncio as palavras *Eu não sei* para ele. Depois voltou-se para o computador e começou a trabalhar. Primeiro, imprimiu a lista de doadores de sangue tipo AB. Por sorte, a impressora a laser trabalhava em silêncio quase absoluto, de modo que Patrice não notou nada. McCaleb dobrou rapidamente o papel impresso e o guardou no bolso interno do casaco. A seguir, Graciela retornou à tela de boas-vindas e apareceu

uma janela de comando. Clicou o botão do mouse num ícone que mostrava um coração vermelho. Apareceu uma janela que dizia SERVIÇO DE BUSCA DE ÓRGÃOS e, logo, um *template* pedindo o código de acesso. Dando de ombros, ela consultou uma vez mais o código colado no monitor e o digitou.

Nada.

O cursor se transformou numa ampulheta e nada aconteceu. McCaleb olhou para o relógio. Era 12h15: fim do prazo estabelecido. Patty Kirk podia aparecer a qualquer momento e eles seriam descobertos.

— Acho que o computador travou — disse Graciela.

Frustrada, deu um tapa na lateral do monitor. McCaleb achava assombroso que certas pessoas acreditassem que aquilo podia funcionar como um computador. Ia lhe dizer que deixasse aquilo de lado, quando ouviu girarem as rodas da cadeira de Patrice. Voltou-se; ela estava se levantando. Talvez também quisesse dar uma olhada no computador.

— Pronto! — disse Graciela.

McCaleb continuou encobrindo o computador com o corpo.

— Isso aí é uma droga — resmungou Patrice. — Acontece toda hora. Vou subir ao terraço para tomar um refrigerante e fumar um cigarro. Até mais tarde, Graciela. — Sorriu para McCaleb. — Prazer em conhecê-lo.

Ele retribuiu o sorriso.

— O prazer foi todo meu.

— Tchau, Patrice — despediu-se Graciela.

A mulher contornou o balcão e saiu para o corredor. Não olhou para o monitor. Quando ela se afastou, McCaleb fitou a tela. Havia uma mensagem piscando:

ACESSO APENAS AO NÍVEL 1
TENTE OUTRA VEZ

— O que significa isso?

— Que eu não tenho o código para acessar esse arquivo. Que horas são?

— Hora de ir embora. Vamos.

Graciela clicou o botão de desconexão e se ouviu o chiado da ligação telefônica interrompida.

— O que vai fazer? O que estava querendo?

— Depois eu conto. Vamos dar o fora daqui.

Ela se levantou, colocou a cadeira no lugar onde a havia encontrado e os dois contornaram apressadamente o balcão. No corredor, entraram à direita e foram para o elevador. Caminhavam depressa feito ladrões. Uma mulher vinha em sua direção com uma lata de refrigerante e uma caixinha de sanduíche nas mãos. Estava a uns dois metros e meio de distância, sorrindo para Graciela.

— Merda! — murmurou McCaleb. — Essa é...

— É. Fique frio.

— Não, detenha-a.

— Por quê? Não há mais problema.

Ele ergueu a mão como para coçar o nariz e, tapando a boca, falou sem que a mulher visse.

— O descanso da tela. Geralmente demora um minuto ou mais para ser acionado.

— Não faz mal. Afinal, nós não estávamos roubando documentos confidenciais do governo.

Graciela não teve de deter ninguém. Patty Kirk se deteve espontaneamente.

— Graciela, o que está fazendo aqui? — perguntou ao se aproximar. — Acabo de falar com Jane Tompkins, na cantina, e ela estava se queixando porque você não veio trabalhar novamente.

Eles pararam, Patty Kirk também.

— Pelo amor de Deus, não vá lhe contar que me viu aqui!

A mulher apontou para o uniforme de Graciela.

— Mas o que está fazendo, então?

— Este é Terry, meu namorado. Vai se formar em medicina. Universidade de Los Angeles. Eu prometi lhe mostrar o hospital hoje, porque pode ser que ele transfira a sua residência para cá. Achei que seria mais fácil entrar de uniforme. Terry, esta é Patty Kirk.

Apertaram-se as mãos e sorriram. McCaleb perguntou como ela estava e ela respondeu que muito bem. Ele imaginou que as

torradeiras voadoras finalmente tinham voltado à tela do computador.

Patty Kirk virou-se novamente para Graciela e sacudiu a cabeça.

— Jane é capaz de matá-la, se descobrir. Está pensando que é por causa de Raymond outra vez.

— Eu sei, eu sei. Não conte nada, por favor. Todos estão loucos da vida comigo lá em cima. Ela é a única amiga que me resta.

Despediram-se. McCaleb e Graciela foram para o elevador. Quando Patty Kirk já se encontrava longe para ouvi-los, ela perguntou se teria dado tempo para que o computador acionasse o descanso da tela.

— Depende de como foi programado. Mas é bem provável que sim. Vamos dar o fora.

De volta ao Golf. Graciela saiu do estacionamento do hospital e foi para a 405, rumo sul.

— Para onde, agora? — perguntou.

— Não sei. Temos de dar um jeito de entrar na ABSSO. Precisamos da lista de receptores. Mas duvido que se possa simplesmente ir até lá e pedir a lista. Aliás, onde fica a ABSSO?

— Oeste de Los Angeles, perto do aeroporto. Mas você tem razão. Não vão nos dar a lista sem mais nem menos. O sistema é confidencial. Eu só consegui chegar até você porque me contaram da reportagem no jornal.

— Certo — disse ele.

Já tinha parado de pensar nisso. Sua mente estava trabalhando a mil e finalmente lhe ocorreu uma ideia. Acabavam de chegar à entrada da rodovia.

— Vamos subir. Ao Cedars. Acho que conheço uma pessoa capaz de nos ajudar.

CAPÍTULO 30

Foram diretamente ao consultório de Bonnie Fox, na torre oeste do Cedars. A sala de espera estava vazia e a recepcionista da médica, uma mulher chamada Gladys e que jamais sorria, confirmou que ela não se encontrava.

— Está na torre norte e não deve voltar hoje — disse, com a testa franzida. — O senhor veio buscar o seu prontuário?

— Não, ainda não.

McCaleb agradeceu e os dois saíram. Ele sabia que as palavras de Gladys significavam que Bonnie Fox estava fazendo sua visita ao sexto andar da torre norte do hospital. Passaram para a ala norte pela passarela do terceiro andar e, então, subiram ao sexto de elevador, onde ficava a enfermaria de cardiologia e transplantes.

McCaleb já estivera lá tantas vezes que já não se sentia deslocado. Com o uniforme de enfermeira, Graciela parecia ainda mais em casa. Ele a conduziu, pelo corredor à esquerda dos elevadores, ao setor onde ficavam os quartos de espera e convalescença dos transplantes, assim como a enfermaria. Era bem possível que encontrassem a médica ali.

McCaleb percorreu o longo corredor olhando pelas portas abertas. Não encontrou Bonnie Fox, mas viu as formas frágeis dos homens nos leitos, quase todos velhos. Eram os quartos dos que aguardavam um transplante ligados a máquinas, o tempo se escoando, as chances diminuindo, os corações parando aos poucos. Num deles, reconheceu o menino que vira antes. Encontrava-se sentado na cama, assistindo à televisão. Parecia sozinho. Os fios e tubos saíam tortuosos das mangas do camisolão de hospital e se estendiam até os aparelhos e monitores. Constatando que Bonnie Fox não estava lá, McCaleb tratou de desviar rapidamente o olhar. Nos jovens, aquilo era mais difícil de aceitar ou compreender. Seus órgãos tão novos já falhavam inexplicavelmente: uma lição de vida

terrível e muitas vezes fatal que tinham de aprender sem nada ter feito. Por um instante, sua mente viu o Parque Everglades, o grupo de investigadores em *airboats* na Morada do Diabo, o buraco negro em que desaparecera para sempre a crença de que havia um motivo bom e válido para todas as coisas.

Tiveram sorte. Ao entrarem na enfermaria, McCaleb avistou Bonnie Fox debruçada no balcão examinando a ficha de um paciente. Endireitando o corpo, ela se voltou e os viu.

— Terry!

— Oi, doutora!

— O que houve? Você está...

— Não, não. — Ele ergueu as mãos num gesto que pedia calma.

— Tudo na mais perfeita ordem.

— O que veio fazer aqui em cima, então? Seu prontuário está no consultório.

Ela reparou em Graciela, mas, evidentemente, não a reconheceu. Isso só aumentou a confusão que já se estampava em seu rosto.

— Não vim buscar nenhum prontuário — disse McCaleb. — Não há um lugar, um quarto vazio, onde possamos conversar um minuto? Precisamos muito falar com você.

— Terry, eu estou em meio à visita. Não é justo que entre aqui esperando que...

— É importante, doutora. Importantíssimo. Me dê cinco minutos, tenho certeza de que vai compreender. Do contrário, prometo que damos o fora. Eu pego o meu prontuário e vou embora.

Irritada, ela se voltou para uma das enfermeiras atrás do balcão.

— Anne, que quarto está vago?

A enfermeira se inclinou para a esquerda e consultou uma prancheta.

— O dez, o 18 e o 36. Pode escolher.

— Eu vou para o 18, que fica perto do quarto do senhor Koslow. Se ele tocar a campainha, diga que estarei lá em cinco minutos.

Olhou seriamente para McCaleb ao proferir as últimas palavras.

Caminhando depressa, conduziu-os de volta pelo corredor rumo ao quarto 18. Último a entrar, McCaleb fechou a porta atrás de si. Bonnie Fox apoiou os quadris na cama vazia, colocou a ficha a seu

lado e cruzou os braços. Ele sentiu claramente a raiva que emanava dela e o atingia em cheio.

— Você tem cinco minutos. Quem é essa moça?

— Graciela Rivers. Eu lhe falei dela.

Bonnie Fox a estudou com olhos implacáveis.

— Foi você que o meteu nisso? Sabe de uma coisa? Ele não me dá ouvidos, mas você, sendo enfermeira, não podia ter feito uma coisa dessas. Olhe para este homem. Veja a sua cor, veja as rugas sob os olhos. Há uma semana ele estava muito bem. Estava perfeito, droga! Eu já mandei separar o seu prontuário e devolvê-lo. Tinha certeza de que era isso que iria acontecer. Agora olhe só...

Apontou para ele, exibindo sua aparência como prova de que estava coberta de razão.

— Eu só fiz o que achei que devia fazer — defendeu-se Graciela. — Precisava pedir...

— A escolha foi minha — atalhou McCaleb. — Foi tudo uma decisão minha.

Bonnie Fox dispensou as explicações de ambos com um gesto irritado de desprezo. Afastou-se da cama e mandou-o sentar-se.

— Tire a camisa e sente-se aqui. E fale logo. Só tem quatro minutos agora.

— Eu não vou tirar camisa nenhuma, doutora. Quero que ouça o que tenho a lhe dizer, não que ausculte o meu coração.

— Ótimo. Então fale de uma vez. Está querendo me afastar dos pacientes que preciso examinar, pois bem. Ótimo. Fale, vamos! — Bateu os nós dos dedos na ficha do paciente em cima da cama. — O senhor Koslow, aqui, está no mesmo barco em que você estava há dois meses. Depois, eu tenho um menino de 13 anos que...

— Quer fazer o favor de me deixar dizer por que vim até aqui?

— Não dá. Estou com muita *raiva* de você!

— Tudo bem. Mas me escute, talvez sinta menos raiva depois.

— Essa é boa! Pode tirar o cavalo da chuva, Terry.

— Vai me deixar falar ou não?

Bonnie Fox ergueu as mãos, capitulando, apertou os lábios e esboçou uma mesura diante dele. Por fim, McCaleb começou o relato. Levou dez minutos para resumir a história da investigação,

mas isso não teve importância. Quando chegara ao limite de cinco minutos, a médica já estava de tal modo interessada que perdera totalmente a noção do tempo. Deixou-o falar até o fim sem uma única interrupção.

— É isso — disse ele ao concluir. — Por isso estou aqui.

Bonnie Fox ficou algum tempo olhando ora para um, ora para outro, tentando compreender o que McCaleb acabava de lhe contar. A seguir, se pôs a andar ao mesmo tempo que repetia a história tal qual a havia entendido. Não estava passeando. Era mais como se precisasse digerir o relato em sua mente e manifestasse essa necessidade andando de um lado para outro.

— Você está dizendo que tem como ponto de partida uma pessoa que precisa de um órgão, o coração, o pulmão, o fígado, um rim, o que for. Mas, como você, ela pertence a um grupo sanguíneo raro, ou seja, do tipo AB com CMV negativo. O que significa uma longa e possivelmente malsucedida espera, porque talvez só uma em cada duzentas pessoas pertença a esse grupo e, portanto, só um em cada duzentos, digamos, fígados que aparecem seria compatível com ela. Eu entendi bem? Você está afirmando que essa pessoa decidiu resolver a sua situação saindo por aí e matando gente desse grupo a fim de que os seus órgãos ficassem disponíveis para transplante?

Disse-o com demasiado sarcasmo, coisa que irritou McCaleb. Porém ele não protestou, limitou-se a balançar a cabeça.

— E que esse indivíduo conseguiu os nomes das pessoas desse grupo na lista de doadores de sangue do computador da ABSSO?

— Exatamente.

— Mas vocês não sabem como os conseguiu?

— Não temos certeza. Mas sabemos que o sistema de segurança da ABSSO é altamente vulnerável.

McCaleb tirou do bolso a lista que Graciela havia imprimido no Santa Cruz. Desdobrou-a e a entregou a Bonnie Fox.

— Eu mesmo consegui isso hoje e não tenho a menor vocação para hacker.

A médica pegou o papel e apontou para Graciela.

— Mas ela o ajudou.

— Nós não sabemos quem é essa pessoa nem quem a ajuda. Temos de partir do princípio de que, se ela tem contatos e a possibilidade de contratar um pistoleiro profissional, é claro que dispõe de meios para entrar no sistema da ABSSO. O que importa é que isso não é impossível. — Apontou para a lista. — Aí está o que é necessário. Todos os que aparecem aí são desse grupo. E constam as idades e até se são doadores de órgãos. Ele escolhe uma pessoa jovem e faz uma pesquisa. Kenyon era jovem e sadio. Jogava tênis, praticava equitação. Cordell era jovem e forte. Qualquer um que o observasse durante algum tempo saberia que gozava de ótima saúde. Praticava surfe, esqui aquático, *mountain bike*. Ambos eram perfeitos.

— E resolveram matá-los só para “ensaiar”?

— Não, não foi ensaio. Foi para valer, mas deu errado. No caso de Kenyon, o assassino usou um projétil explosivo que destruiu o cérebro da vítima e ela acabou morrendo antes de chegar ao hospital. Então, o matador sofisticou o seu método. Passou a usar um projétil revestido de aço e a tomar o cuidado de atirar no lobo frontal. Um ferimento fatal, sem dúvida, mas a morte não é instantânea. Um homem que chegou ao local do crime telefonou pelo celular. Cordell estava vivo. Mas a ambulância errou o endereço e foi parar em outro lugar. Quando chegou, tinha passado muito tempo. A vítima morreu antes de chegar ao hospital.

— E, uma vez mais, os órgãos não puderam ser retirados — murmurou Bonnie Fox, compreendendo agora.

— Eu detesto essa expressão — interveio Graciela, falando pela primeira vez em muito tempo.

— Que expressão?

— Retirar. Acho detestável. Os órgãos não são retirados. São doados. E por pessoas que se preocupam com os outros.

Bonnie Fox concordou com um gesto e olhou, calada, para Graciela, aparentemente avaliando-a uma vez mais.

— Com Cordell não deu certo — prosseguiu McCaleb —, mas não por causa do método. Então, o criminoso simplesmente voltou a consultar a lista de doadores potenciais e...

— A lista do computador da ABSSO.

— Isso. Ele consulta novamente a lista e escolhe Gloria Torres. O processo se reinicia. Ele a observa, a segue, fica conhecendo sua rotina, fica sabendo que ela também goza de boa saúde e serve ao seu objetivo.

Olhou para Graciela ao dizer essas palavras, temendo que sua linguagem rude provocasse uma nova reação. Ela permaneceu em silêncio. Foi Bonnie Fox quem falou:

— E agora você está querendo seguir a pista dos órgãos colhidos e pensa que o assassino... ou a pessoa que contratou o assassino está desfilando por aí com um coração ou um fígado novo. Será que não percebe o que isso parece?

— Eu sei que parece absurdo — McCaleb apressou-se a dizer sem lhe dar tempo de formular suas dúvidas. — Mas acontece que não há outra explicação. Precisamos da sua ajuda com a ABSSO.

— Não sei não.

— Pense um pouco. Então é por mera coincidência que o mesmo homem, com toda a certeza um pistoleiro profissional, abate três pessoas exatamente do mesmo grupo sanguíneo, um grupo que existe na proporção de um para duzentos? Nem mesmo um computador imaginaria tal probabilidade. Não pode ser coincidência. É a compatibilidade. A compatibilidade é a conexão. A compatibilidade é o motivo.

Bonnie Fox se afastou, foi para a janela. McCaleb a seguiu e se postou perto dela. O quarto dava para o bulevar Beverly. Ele viu a fileira de estabelecimentos comerciais na rua, a livraria de romances policiais, a delicatessen com os dizeres CURE-SE! no telhado. Olhou para a médica e teve a impressão de que ela estava observando seu próprio reflexo na vidraça.

— Meus pacientes estão esperando — disse.

— Você precisa nos ajudar.

— O que quer que eu faça exatamente?

— Não sei ao certo. Mas acho que você tem melhores condições de tirar informações da ABSSO que nós.

— Por que simplesmente não dá parte à polícia? Eles sim têm as melhores condições. Por que faz tanta questão de me envolver?

— Eu não posso ir à polícia. Ainda não. Se for, fico de fora, sou excluído do caso. Pense no que acabo de lhe contar. Eu também sou suspeito.

— Isso seria maluquice.

— Eu sei. Mas eles não pensariam assim. Por outro lado, não tem a menor importância. É pessoal. Eu tenho uma dívida para com Gloria Torres, para com Graciela. Não vou ser mero espectador.

Fez-se um breve silêncio.

— Doutora? — Graciela tinha se colocado atrás deles. Ambos se voltaram. — A senhora precisa nos ajudar. Do contrário, tudo isso, tudo o que a senhora faz aqui, não significa mais nada. Se não for capaz de proteger a integridade do sistema em que trabalha, não haverá mais sistema.

As duas mulheres se encararam durante um bom tempo; depois, Bonnie Fox sorriu docemente e concordou.

— Esperem-me no meu consultório. Preciso examinar o senhor Koslow e outro paciente. Dentro de no máximo meia hora vou para lá e faço a chamada.

CAPÍTULO 31

— Escritório do coordenador.

— Glenn Leopold, por favor. Bonnie Fox falando.

Achavam-se a portas fechadas no consultório. O viva-voz estava ligado, de modo que McCaleb e Graciela podiam acompanhar a conversa. Tinham esperado meia hora para que a médica chegasse. Seus modos haviam mudado. Continuava mostrando-se disposta a ajudar, porém ele notou que estava mais agitada do que quando haviam-se reunido no quarto vazio da torre norte. Estudaram juntos o plano que ele havia elaborado enquanto a esperava. Bonnie Fox fez algumas anotações e fez a ligação.

— Bonnie?

— Oi, Glenn, como vai?

— Tudo bem. Em que posso servi-la? Daqui a dez minutos vou entrar numa reunião.

— Não vai demorar tanto. Estou com um probleminha, Glenn, e acho que pode me ajudar.

— Diga.

— Eu fiz um transplante aqui, no dia 9 de fevereiro... Era um número de arquivo da ABSSO, o 98 36... e surgiu uma complicação. O que eu queria era falar com os cirurgiões que fizeram o transplante dos outros órgãos do doador.

Houve um breve silêncio antes que a voz de Leopold voltasse a soar no alto-falante:

— Hã, deixe-me ver... Quer dizer, isso não é muito comum. Que tipo de complicação você está tendo, Bonnie?

— Bem, eu sei que você tem reunião agora, vou ser o mais breve possível: o grupo sanguíneo do receptor era do tipo AB com CMV negativo. O órgão que recebemos da ABSSO era compatível... segundo o protocolo. Mas agora, cerca de... deixe-me ver, umas nove semanas depois da cirurgia... o receptor desenvolveu o vírus

CMV e nós detectamos rejeição no teste sanguíneo da última biópsia. Eu estou tentando descobrir como isso aconteceu.

Outro silêncio.

— Bem, acho que teria acontecido antes, se fosse por causa do coração.

— É verdade, mas isso nós não procuramos até agora. Com base no protocolo, partimos do princípio de que não havia CMV. Não me entenda mal, Glenn, eu não estou dizendo que é por causa do coração. Mas é preciso descobrir a origem e eu quero verificar tudo. O melhor lugar para começar é o coração.

— É por solicitação dos advogados que você está tentando descobrir isso? Porque, se for essa a razão, eu acho que vou precisar consultar o...

— Não, não, Glenn, sou eu. Preciso saber se o vírus veio com o órgão ou se o problema... é... daqui mesmo.

— Bem, que sangue você usou?

— Pois é justamente isso: nós só usamos o próprio sangue do paciente. Estou com o prontuário aqui na mesa. Ele armazenou oito unidades bem antes da cirurgia. Só usamos seis.

— E você tem certeza de que as seis eram dele mesmo?

A voz de Leopold começava a revelar certa agitação. Bonnie Fox respondeu olhando diretamente para McCaleb, que percebeu o quanto era desconfortável para ela estar enganando o coordenador da ABSSO.

— O que posso garantir é que nós seguimos os procedimentos e eu verifiquei pessoalmente, duas vezes aliás, as etiquetas das bolsas antes da cirurgia. Eram as dele. Tenho de partir do princípio de que o sangue era dele.

— O que você quer, Bonnie?

— Uma lista. Que órgão foi, para qual paciente e o respectivo cirurgião. Para que eu possa telefonar.

— Não sei. Acho que talvez a gente deva...

— Escute, Glenn, não é nada pessoal, mas o meu paciente está com esse problema e eu preciso averiguar. Preciso saber. Vou guardar sigilo, se é isso que o preocupa. Ninguém está falando em advogados nem em erro médico. Só queremos descobrir como foi

que aconteceu. Na minha opinião, você tem toda a razão, deve ter sido uma mistura de sangue. Mas eu tenho certeza de que concorda que o primeiro lugar por onde começar é o novo tecido introduzido no paciente.

McCaleb conteve a respiração. Era o momento decisivo. A própria Bonnie Fox precisava conseguir os nomes. Não podia deixar que Leopold dissesse que ele mesmo iria verificar para, depois, dar um retorno.

— Eu acho que...

Leopold titubeou e Bonnie Fox se inclinou para a frente, cruzou os braços sobre a escrivaninha e baixou a cabeça. No silêncio, McCaleb ouviu o barulho evidente de um teclado. Sentiu uma forte emoção ao compreender que o homem provavelmente estava abrindo o arquivo em seu computador.

Levantando-se, aproximou-se da escrivaninha e deu um tapinha no braço da médica. Quando ela ergueu a vista, ele fez um movimento circular com a mão, pedindo-lhe que continuasse insistindo.

— Glenn? — disse ela. — O que você acha?

— Eu estou vendo aqui... A coleta foi no Santa Cruz... Não há nada no perfil do doador que indique CMV. Absolutamente nada. A pessoa foi doadora de sangue durante muito tempo. Acho que isso teria aparecido antes se ela...

— Deve ser verdade, mas eu preciso de um novo exame. Só para ficar com a consciência tranquila.

— Entendo.

Ouviu-se uma vez mais o teclado do computador.

— Vamos ver, o transporte foi... pela AeroMedic... O fígado foi transplantado lá mesmo, com o coração no Cedars. Você conhece o Dr. Spivak? Daniel Spivak?

— Não.

McCaleb tirou da pasta o bloco de anotações e começou a escrever.

— Bem, ele ficou com o fígado. Agora vamos ver os pulmões...

— Pode deixar que eu telefono para Spivak — atalhou Bonnie Fox. — Qual é o nome do paciente?

— Hum... Olhe, Bonnie, eu preciso sublinhar que isso é estritamente confidencial, compreende?

— Absolutamente.

— Era um homem. J. B. Dickey.

McCaleb tomou nota.

— Certo — disse Bonnie Fox. — Você estava nos pulmões.

— Ah, sim, os pulmões. Não houve receptores. Seu paciente recebeu o coração.

— Certo. E a transferência da medula óssea?

— Você está querendo tudo mesmo, hein? A medula... Ah, a medula não deu certo. Perdemos a oportunidade. O tecido foi enviado a San Francisco, mas, quando chegou, a AeroMedic teve problemas com o tempo. Mudaram a rota para San Jose, porém, com o atraso, o tráfego em terra e tudo mais, acabou demorando muito para chegar. Perdemos a oportunidade. Parece que o paciente faleceu depois. Você sabe, esse grupo sanguíneo é muito difícil. Com toda certeza, aquela era a nossa única chance.

Fez-se um novo silêncio. McCaleb olhou para Graciela. Calada, os olhos baixos, era impossível avaliar seu estado de espírito. Pela primeira vez, ocorreu-lhe o que ela devia estar enfrentando. O assunto em pauta era sua irmã e as pessoas que sua morte ajudara a salvar. Mas tudo era dito de maneira friamente clínica. Graciela era enfermeira, devia estar acostumada com esse tipo de discussão sobre os pacientes. Mas não quando se tratava de sua irmã.

McCaleb riscou as palavras MEDULA ÓSSEA, que acabara de escrever, e, voltando-se para Bonnie Fox, repetiu o gesto, para que ela continuasse insistindo.

— E os rins? — perguntou a médica.

— Os rins... Os rins foram separados. Vamos ver o que temos aqui com relação aos rins...

Leopold passou os quatro minutos seguintes lendo a lista de itens extraídos do corpo de Gloria Torres e distribuídos entre pacientes vivos. McCaleb anotou tudo. Tratou de manter os olhos presos no bloco de papel. Era incapaz de olhar para Graciela e ver como ela estava reagindo àquele cruel inventário.

— É isso — disse Leopold, enfim.

Animado por ter obtido os nomes, porém cansado do esforço que lhe custara, McCaleb respirou fundo e expulsou ruidosamente o ar dos pulmões. Ruidosamente demais.

— Bonnie? — alarmou-se o homem ao telefone. — Você está sozinha? Não me disse que estava com...

— Não, Glenn, fui eu mesma. Eu estou sozinha, sim.

Silêncio. Bonnie Fox fulminou McCaleb com o olhar; depois, fechou os olhos e ficou aguardando.

— Certo, então está bem — disse Leopold. — Tive a impressão de ouvir outra pessoa aí, só isso. Mas eu preciso reiterar que essa informação é de natureza altamente...

— Eu sei, Glenn.

— ... confidencial. Estou transgredindo todas as normas.

— Eu compreendo — Bonnie Fox abriu os olhos. — Vou fazer a minha pesquisa com toda a discrição, Glenn, e... aviso-o do que descobrir.

— Perfeito.

Trocaram mais algumas palavras e se despediram. Bonnie Fox apertou o botão que desligava o aparelho e tornou a deitar a cabeça nos braços.

— Santo Deus... não consigo acreditar no que acabo de fazer! Eu... menti para esse homem. *Menti* para um colega! Se ele descobrir que foi...

Não concluiu. Limitou-se a sacudir a cabeça aninhada nos braços.

— Doutora — arriscou McCaleb —, fez a coisa certa. Não vai prejudicá-lo, e ele provavelmente nunca saberá o que foi feito com a informação. Pode telefonar amanhã e dizer-lhe que isolou o problema do CMV e que não era do doador. Diga também que destruiu as informações sobre os receptores.

Bonnie Fox ergueu a cabeça e o encarou.

— Não adianta, Terry. Eu o enganei. É horrível, mas eu o enganei. Se ele descobrir, nunca mais vai confiar em mim.

McCaleb a fitou, calado. Não tinha mais o que dizer.

— Mas vai me prometer uma coisa — exigiu a médica. — Se a sua teoria estiver correta, se você tiver razão, pegue a pessoa que

fez isso, pegue-a custe o que custar. Só assim eu serei capaz de aceitar isto. É a minha única defesa.

McCaleb concordou com um gesto. Contornando a escrivaninha, curvou-se e a abraçou.

— Obrigada — disse Graciela em voz baixa. — A senhora agiu muito bem.

Bonnie Fox sorriu debilmente para ela.

— Só mais uma coisa — pediu McCaleb. — Você tem uma copiadora?

CAPÍTULO 32

O elevador estava lotado e silencioso, a não ser pela música ambiente, que McCaleb identificou como uma antiga gravação de Louis Jordan de *Knock Me a Kiss*.

Ao sair, mostrou a Graciela as portas que davam para a garagem subterrânea.

— Você vai por ali.

— Como assim? E você?

— Eu vou pegar um táxi e voltar para o barco.

— O que vai fazer? Quero ir com você.

Ele a levou a um lado do movimentado saguão dos elevadores.

— Você precisa ir para casa agora, cuidar de Raymond e do seu trabalho. Na verdade, o seu trabalho é Raymond. Este aqui é o meu. Foi o que você me pediu para fazer.

— Eu sei, mas quero ajudar.

— Já ajudou. Está ajudando. Mas agora precisa ir cuidar de Raymond. Eu vou sair pela emergência. Sempre há táxis lá.

Ela enrugou a testa. Sua expressão dizia que sabia que McCaleb tinha razão, mas aquilo não lhe agradava. Ele tirou do bolso a fotocópia da lista feita no consultório de Bonnie Fox.

— Fique com isto. Se me acontecer alguma coisa, você tem a cópia. Entregue-a a Jaye Winston, no Departamento do Xerife.

— Como assim se lhe acontecer alguma coisa?

A voz lhe saiu quase como um grito e McCaleb se arrependeu das palavras que escolhera. Levou-a a uma saleta, a um canto, onde ficavam os telefones públicos. Estava vazia, de modo que lá encontraram um mínimo de privacidade. Ele se inclinou para a frente, aproximando os olhos dos dela.

— Não se preocupe, não vai acontecer nada. É que todo o trabalho que fizemos desde aquele dia, quando você apareceu no

barco, levou a isto. Os nomes no papel. É mais seguro que cada um de nós tenha uma cópia. Só isso.

— Você acredita mesmo que o nome do assassino está aqui?

— Não sei. É nisso que vou pensar quando estiver no barco. É o meu trabalho agora.

— Mas eu posso ajudá-lo.

— Claro que pode, Graciela. Já ajudou muito, aliás. Mas agora precisa voltar e ficar um pouco com Raymond. Não tem por que se preocupar. Eu telefono e conto tudo o que estiver acontecendo. Não se esqueça, estou trabalhando para você.

Ela esboçou um sorriso.

— Não, não é verdade. A única coisa que eu fiz foi falar sobre Gloria. Depois disso, você passou a fazer o que o coração mandava.

— Pode ser.

— E se eu lhe der uma carona e deixá-lo no barco?

— Nem pensar. Com o trânsito neste horário, você vai acabar ficando mais de duas horas na rua. Vá para casa enquanto é tempo. Raymond precisa de você.

Ela concordou enfim. Com o rosto ainda muito próximo do dela, McCaleb segurou-a pelos ombros e a beijou.

— Graciela.

— O quê?

— Só mais uma coisa.

— O quê?

— Pense nisso, veja se tenho razão. Eu também preciso pensar.

— Do que está falando?

— Se eu estiver certo, se alguém tiver matado Gloria por causa dos órgãos dela, de certo modo essa pessoa também a matou por mim. Eu também recebi uma parte dela. Se for verdade, será que a gente vai poder...

Não concluiu a pergunta e ela ficou um bom tempo calada, o olhar preso no peito dele.

— Eu sei — disse por fim. — Mas você não tem culpa nenhuma, não foi você quem fez isso.

— Mesmo assim, eu quero que pense para ter certeza.

Ela concordou.

— Deus escreve certo por linhas tortas, não?

McCaleb encostou a testa na dela. Não disse nada.

— Eu sei as coisas que você me contou e conheço a história de Aubrey-Lynn. É uma boa razão para crer. Queria que você tentasse.

Ele a abraçou com mais força e sussurrou ao seu ouvido:

— Está bem, eu vou tentar.

Entrou na saleta um homem com uma mala pesada e foi para um dos telefones. Olhou para ambos e tornou a olhar ao reparar no uniforme de Graciela. Decerto acreditou que se tratava de uma enfermeira do Cedars entregue a uma conduta pouco profissional. Aquilo os interrompeu. McCaleb a soltou e a fitou.

— Tome cuidado e dê um beijo em Raymond por mim. Diga-lhe que quero ir pescar outra vez.

Ela sorriu.

— Cuide-se também. E não se esqueça de telefonar.

— Não vou esquecer.

Ela o beijou rapidamente e se afastou na direção da garagem. McCaleb olhou uma vez mais para o homem ao telefone e saiu na direção oposta.

CAPÍTULO 33

Não havia táxis esperando junto ao meio-fio na saída do setor de emergência. McCaleb resolveu mudar de planos. Sem comer desde cedo, já estava se sentindo fraco de fome. Se não se alimentasse logo, a leve enxaqueca que começava a latejar na base do crânio acabaria espalhando-se por toda a cabeça. Decidiu telefonar para Buddy Lockridge e pedir-lhe que viesse buscá-lo: enquanto esperava, comeria um sanduíche de peito de peru e salada na delicatessen do outro lado da rua. Pensar nos deliciosos sanduíches que faziam lá aumentou seu apetite. Quando Buddy chegasse, poderiam passar pela Video Graphic Consultores, em Hollywood, e apanhar a fita e a cópia da tomada que Tony Banks havia filtrado e ampliado para ele.

Voltou rapidamente ao saguão dos elevadores e entrou na saleta do canto. Deparou-se com uma mulher em lágrimas ao telefone, falando de uma pessoa que, ao que tudo indicava, estava sendo atendida no setor de emergência. Notou que ela usava um extravagante piercing em formato de argola espetado na narina e outro no lábio inferior, ambos ligados por uma corrente feita de alfinetes.

— Ele não me reconheceu, não reconheceu Danny — lamentou-se a mulher. — Está completamente fodido, e os caras já chamaram a polícia.

Momentaneamente distraído pelos alfinetes e curioso por saber o que aconteceria se a mulher bocejasse, McCaleb escolheu o aparelho mais distante dela e tratou de esquecê-la. O telefone de Lockridge tocou seis vezes e McCaleb já ia desligar — num barco como o *Double-Down* era impossível ficar a uma distância superior a quatro toques — quando o vizinho finalmente atendeu.

— Alô, Buddy, pronto para trabalhar?

— Terry?

Antes que McCaleb pudesse responder, ele se pôs a cochichar:

— Rapaz, onde você está?

— No Cedars. Quero que venha me buscar. Qual é o problema?

— Tudo bem, eu vou buscá-lo, mas não sei se você vai querer voltar para cá.

— Escute aqui, Buddy, pare de enrolar e diga logo o que está acontecendo.

— Sei lá, Terry, só sei que você está com visitas no barco.

— Que visitas?

— Bem, dois deles são aqueles caras de terno que vieram ontem. Nevins e Uhlig.

— Estão *dentro* do barco?

— É, lá dentro. Também tiraram a lona da sua Cherokee e parece que vão guinchá-la. O guincho já chegou. Eu fui perguntar o que estava acontecendo e eles quase me jogaram no mar. Mostraram as credenciais e uma ordem de busca e me mandaram dar o fora. Não foram nada educados. Estão revistando o barco.

— Merda!

McCaleb olhou para o lado e viu que o palavrão havia chamado a atenção da mulher. Deu as costas para ela.

— Buddy, onde você está, em cima ou embaixo?

— Embaixo.

— Dá para ver o meu barco daí?

— Claro. Estou olhando pela janela da cozinha.

— Quantas pessoas são?

— Bem, alguns estão lá dentro. Mas acho que são uns quatro ou cinco ao todo. Fora os que estão com a Cherokee.

— Alguma mulher?

— Sim, uma.

McCaleb descreveu Jaye Winston o melhor que pôde e Lockridge confirmou que a do barco coincidia com a descrição.

— Ela está na sala. Agora há pouco, quando eu olhei para lá, parece que ela me viu. Ficou de olho em mim.

McCaleb balançou a cabeça. Sua mente examinava febrilmente todas as possibilidades do que estava acontecendo. De qualquer ângulo que apreciasse a situação, o resultado era o mesmo. O fato

de Nevins e Uhlig saberem que ele se encontrava com documentos do FBI não teria provocado uma reação de tal envergadura: um mandado de busca e uma equipe completa. Só havia uma possibilidade. Ele se tornara oficialmente suspeito. Sendo verdade, era possível que Nevins e Uhlig estivessem dirigindo uma revista em busca de provas.

— Buddy, você os viu tirar alguma coisa do barco? Sacos plásticos ou de papel?

— Vi, sim. Pegaram alguns sacos. Está tudo amontoado na doca. Mas você não precisa se preocupar, Terry.

— Como assim?

— Duvido que encontrem o que estão procurando.

— Do que é que você está...

— Pelo telefone não dá, cara. Quer que eu vá buscá-lo agora?

McCaleb ficou pensando. Que diabo seu vizinho queria dizer? Que estava acontecendo?

— Aguarde firme — disse por fim. — Daqui a pouco eu telefono de novo.

Desligou e colocou imediatamente outra ficha no aparelho. Digitou o próprio número. Ninguém atendeu. A secretária eletrônica foi acionada e sua própria voz apareceu pedindo que deixassem recado. Após o bip, ele disse:

— Jaye Winston, se está aí, atenda.

Esperou algum tempo, e ia insistir quando atenderam. Ele teve uma leve sensação de alívio ao reconhecer a voz.

— É Jaye Winston.

— Aqui é McCaleb.

Não disse mais nada. Preferiu esperar para ver qual era o jogo dela. Seria mais fácil avaliar a situação em que se encontrava pela maneira como ela tratasse aquele telefonema.

— Ah... Terry! — disse a policial. — Como foi que... Onde você está?

O alívio que sentira desapareceu instantaneamente. Em seu lugar, ficou o medo. Dera-lhe a oportunidade de falar obliquamente com ele, em código talvez, fingindo estar conversando com um

colega ou até mesmo com o capitão Hitchens. Mas ela dissera o seu nome.

— Onde eu estou não importa. O que vocês estão fazendo no meu barco?

— Por que não vem até aqui para conversarmos sobre isso?

— Não, vamos conversar agora mesmo. Eu sou suspeito? É por isso?

— Olhe, Terry, não complique ainda mais as coisas. Já estão muito complicadas. Por que você não...

— Vocês estão com um mandado de prisão? Responda só isso.

— Não, Terry, não.

— Mas eu sou suspeito.

— Terry, por que você não contou que tem uma Cherokee preta?

McCaleb ficou atônito ao perceber o quanto tudo combinava para que as suspeitas recaíssem sobre ele.

— Ninguém perguntou. Tome cuidado com o que diz e com o que pensa. Acaso eu teria me envolvido com toda essa história, com a investigação, acaso teria metido o FBI nisso se fosse o assassino? Você não pode estar falando sério.

— Você anulou a nossa única testemunha.

— O quê?

— Consegui chegar a Noone. Entrou na investigação, pegou a nossa única testemunha e a hipnotizou. Agora ela não tem mais utilidade para nós, Terry. Nós perdemos a única pessoa que podia identificar o criminoso. Ela...

Interrompeu-se quando se ouviu um clique e alguém pegou o outro telefone.

— McCaleb? É Nevins. Qual é a sua localização?

— Com você eu não falo, Nevins. Você é um bundão. Só vou...

— Escute, eu estou sendo educado com você. Por enquanto. Podemos fazer a coisa de um jeito ou de outro, por bem ou por mal. A escolha é sua, meu amigo. Venha para cá e a gente conversa e vê o que se pode fazer.

McCaleb analisou rapidamente os fatos. Nevins e os outros tinham chegado à mesma conclusão que ele. Fizeram a conexão da compatibilidade sanguínea. O fato de McCaleb ser beneficiário do

assassinato de Torres o tornava suspeito. Imaginou-os checando seu nome no computador e descobrindo a licença da Cherokee preta. Provavelmente, havia sido isso que confirmara tudo para eles. Arranjaram um mandado de busca e foram para o barco.

McCaleb sentiu a fria garra do medo no pescoço. Lembrou-se do intruso da noite anterior e lhe ocorreu que a questão não era o que ele queria roubar, mas *o que havia plantado lá*. Pensou também no que Buddy acabava de lhe dizer: os agentes não tinham encontrado o que procuravam. O quadro começava a se delinear.

— Nevins, eu vou para aí. Mas primeiro você tem de me dizer o que foi que pegaram. O que foi que encontraram.

— Não, Terry, esse jogo eu não faço. Primeiro você vem para cá, depois a gente conversa.

— Eu vou desligar, Nevins, é a sua última chance.

— Tudo bem, McCaleb, mas procure não entrar em nenhuma agência do correio. A sua fotografia vai estar na parede assim que tivermos reunido tudo aqui.

McCaleb desligou. Sem tirar a mão do telefone, apoiou nele a cabeça. Não sabia ao certo o que estava acontecendo nem o que fazer. O que teriam encontrado? Que merda o intruso teria escondido no barco?

— O senhor está passando bem?

Ele se voltou e viu a moça com o piercing no nariz e na boca.

— Estou. E você?

— Agora sim. Estava precisando muito falar com alguém.

— Eu sei como são essas coisas.

Ela saiu. McCaleb tornou a pegar o fone e inseriu outra ficha. Buddy atendeu imediatamente.

— Escute. Preciso que você venha me buscar. Mas não vai ser fácil sair daí.

— Como não? Este é um país...

— Acontece que eu acabo de falar com eles e eles sabem que fui avisado de que estão aí. Portanto, escute bem o que você deve fazer. Tire os sapatos e ponha as chaves e a carteira dentro deles. Depois pegue o cesto de roupa suja, coloque nele os sapatos e cubra-os com a roupa. Então, pegue o cesto e...

— Eu não tenho nenhuma roupa suja, Terry. Estive na lavanderia de manhã, antes que esses caras aparecessem.

— Não faz mal, Buddy. Pegue qualquer roupa, limpa mesmo, e ponha no cesto, de modo que pareça suja. Esconda os sapatos. Finja que está indo para a lavanderia. Não feche a escotilha do barco e não se esqueça de sair com algumas moedas na mão. Eles vão detê-lo e fazer perguntas, mas, se você representar bem o papel, vão deixá-lo passar. Então, vá para o carro e venha me buscar.

— E se me seguirem?

— Não. Eles não vão mais pensar em você quando estiverem convencidos de que vai mesmo à lavanderia. O melhor é ir para lá primeiro. Deixe para pegar o carro depois.

— Tudo bem. Onde você vai estar?

McCaleb não hesitou. Tinha confiança em Lockridge e sabia que podia tomar suas precauções ali.

Momentos mais tarde, estava telefonando para Tony Banks a fim de avisar que passaria pela Video Graphic. Banks disse que ficaria à sua espera.

McCaleb entrou na Jerry's Famous Delicatessen e pediu um sanduíche de peito de peru com salada e molho tártaro. Pediu também rodela de pepino em conserva e uma lata de refrigerante. Pagou a conta, pegou o sanduíche, saiu e atravessou o bulevar Beverly rumo ao Cedars novamente. Tinha passado tantos dias e noites no centro médico que conhecia a planta de cor. Subiu de elevador ao terceiro andar, onde ficava a maternidade e onde sabia que havia uma sala de espera, do outro lado do heliporto, que dava para o bulevar Beverly e o Jerry's. Ali se via com frequência um ansioso futuro pai a devorar um sanduíche da delicatessen. E era ali que ele podia ficar, comer, aguardar e observar Buddy Lockridge chegar.

O sanduíche durou menos que cinco minutos, mas se passou uma hora sem que surgissem sinais de seu amigo. Ele viu dois helicópteros pousarem trazendo órgãos para transplante em caixas térmicas vermelhas.

Já estava pensando em telefonar para o *Double-Down* e verificar se os agentes haviam detido Lockridge quando avistou o Taurus familiar estacionando em frente ao Jerry's. Aproximou-se da janela e olhou para os dois lados do bulevar, depois escrutou o céu em busca do que pudesse ser um helicóptero da polícia. Constatando que estava tudo em ordem, foi para o elevador.

Havia um cesto plástico cheio de roupa no banco traseiro do Taurus. McCaleb entrou, olhou para ele, depois para Lockridge, que tirava uns acordes irreconhecíveis da gaita.

— Obrigado por ter vindo, Buddy. Algum problema?

O outro guardou o instrumento na bolsa da porta.

— Não. Os caras me pararam, como você disse, e fizeram perguntas. Mas eu os enganei; eles me deixaram passar. Acho que acreditaram porque viram as moedinhas na minha mão. Gostei do truque, Terry.

— Vamos ver. Quem foi que o parou? Os dois de terno?

— Não, foram dois outros. E eram policiais, não agentes. Pelo menos, foi o que disseram, mas não deram os nomes.

— Um deles era um latino atarracado com um palito de dentes na boca?

— Isso mesmo. Era esse.

Arrango. Não deixava de ser uma satisfação ter passado a perna naquele arrogante.

— E agora? Para onde? — quis saber Buddy.

McCaleb havia pensado nisso enquanto esperava. E sabia que tinha de explorar a lista de receptores de transplante o mais depressa possível. Mas, antes, precisava ter certeza de que estava tudo sob controle. Com os anos de experiência, ele chegara à conclusão de que as investigações eram muito parecidas com a escada Magirus. A gente podia estendê-la quanto quisesse, porém, quanto mais ela subia, mais oscilante ficava sua extremidade. Não podia se descuidar da base, ou seja, do começo da investigação. Cada detalhe que pudesse significar alguma coisa tinha de ser colocado em seu devido lugar. Portanto — ele sentia agora — era importantíssimo concluir o cronograma. Antes de subir à parte mais alta da escada, precisava encontrar a resposta às perguntas que ele

mesmo formulara. Era a sua filosofia, mas era também o que o instinto lhe dizia. Ele estava jogando uma grande cartada e, em meio às contradições, haveria de encontrar a verdade.

— Para Hollywood — disse.

— Àquele estúdio de vídeo onde estivemos?

— Exatamente. Primeiro a Hollywood, depois a Valley.

Lockridge avançou alguns quarteirões na direção da Melrose, depois virou para o leste, rumo a Hollywood.

— Muito bem, agora conte — pediu McCaleb. — O que você quis dizer ao telefone? Que história é essa de que eles não encontraram o que estavam procurando?

— É só dar uma olhada no cesto, cara.

— Por quê?

— Primeiro olhe.

Buddy voltou-se para ele e moveu a cabeça na direção do banco traseiro. McCaleb soltou o cinto de segurança e se virou. Aproveitou para espiar os carros que vinham atrás. Embora o tráfego estivesse intenso, nenhum veículo lhe pareceu suspeito.

Olhou para o cesto. Estava cheio de cuecas e meias. Tinha sido uma jogada inteligente de Buddy. Nem Nevins nem ninguém sentiria muita vontade de revistá-lo.

— Essa roupa está mesmo limpa?

— Claro. Procure no fundo.

McCaleb se ajoelhou no assento, inclinou-se e esvaziou o cesto no banco. Ouviu o baque de um objeto bem mais pesado que a roupa. Empurrando para o lado algumas cuecas samba-canção, deu com um saco plástico transparente. Dentro havia uma pistola.

Em silêncio, ele voltou a se sentar segurando o saco com a arma. Para vê-la melhor, alisou o plástico, que por dentro estava amarelecido com uma camada de lubrificante de armamento. Sentiu um suor frio brotar-lhe da nuca. Era uma HK P7. E não foi necessário nenhum laudo balístico para saber que aquela era a HK P7, a que matara Kenyon, Cordell e Gloria Torres. Baixando a cabeça para

examiná-la melhor, viu que o número de série fora queimado com ácido. Era impossível identificar o proprietário.

Suas mãos tremeram. Seu corpo chocou-se com a porta e ele começou a oscilar entre a angústia de conhecer a história do objeto que estava segurando e o desespero da situação em que se encontrava. Alguém tinha montado uma cilada terrível para destruí-lo e ele estaria irremediavelmente comprometido se Buddy Lockridge não tivesse encontrado a pistola quando mergulhara na escuridão das águas sob o *Following Sea*.

— Meu Deus! — murmurou.

— Isso aí deve machucar, não?

— Onde ela estava exatamente?

— Num saco impermeável pendurado a uns dois metros da sua popa. Amarrado a um dos arrebites do casco. Caso soubesse o que estava lá, você podia chegar até ela com um arpão, físgar a linha e puxá-la para cima. Mas era preciso saber onde se encontrava. De cima era invisível.

— Os caras que revistaram o barco hoje não entraram na água?

— Entraram, sim. Um mergulhador. Mas eu já tinha vistoriado o barco por baixo, como você pediu. Passei à frente dele.

McCaleb pôs a arma no chão, entre seus pés. Olhando para ela, cruzou os braços no peito, como se estivesse sentindo muito frio. Tinha sido por um triz. E embora estivesse ao lado do homem que por ora o salvara, o que experimentou foi uma avassaladora sensação de solidão. Sim, estava completamente sozinho no mundo. E sentiu algo que ele conhecia apenas pela literatura: a síndrome de lutar ou fugir. Assaltou-o uma urgência quase irresistível de esquecer tudo e evadir-se. Sair correndo. E correr sem parar, até ver-se o mais longe possível de tudo o que existe.

— Sabe de uma coisa, Buddy? Eu estou numa tremenda enrascada.

— É. Foi o que imaginei — respondeu seu motorista.

CAPÍTULO 34

McCaleb se recompôs e, ao chegar à Video Graphics, já havia tomado a decisão. No percurso, avaliara as possibilidades de fuga e não tardara a descartá-las todas. Só lhe restava lutar. Sabia que estava irremediavelmente preso pelo coração: fugir significava morrer, pois não podia abrir mão do tratamento pós-operatório cuidadosamente prescrito para evitar a rejeição. Fugir também significava perder Graciela e Raymond. E bastava-lhe pensar nisso para que já se sentisse mais fraco e vulnerável.

Lockridge o deixou à porta do estúdio e foi estacionar o carro. A porta estava trancada, mas Tony Banks lhe havia pedido que tocasse a campainha se chegasse depois do expediente. McCaleb apertou duas vezes o botão. Banks atendeu à porta pessoalmente, entregando-lhe um envelope de papel pardo.

— Só isso?

— Só. A fita e as cópias filtradas. Ficaram bem nítidas.

McCaleb pegou o envelope.

— Quanto lhe devo, Tony?

— Nada. É um prazer ajudá-lo.

McCaleb ia dar meia-volta e retornar ao carro, porém mudou de ideia e olhou novamente para Banks.

— Preciso lhe contar uma coisa, Tony. Eu não sou mais do FBI. Desculpe se o fiz pensar que...

— Eu sei disso.

— Sabe?

— Liguei para o Escritório Regional ontem porque você não tinha retornado o meu telefonema de sábado. Achei o número na carta que me mandou, a que está na parede. E disseram que você não trabalha mais lá há uns dois anos.

McCaleb examinou aquele homem, prestou-lhe atenção pela primeira vez.

— Então por que está me dando isto?

— Porque você está atrás dele, do cara da fita.

McCaleb concordou.

— Então boa sorte. Espero que você o pegue.

Banks fechou a porta. McCaleb agradeceu, mas era tarde, o outro já não o podia ouvir.

A mercearia Sherman estava quase vazia, havia apenas duas meninas escolhendo guloseimas na gôndola de doces e um rapaz no balcão. McCaleb tinha imaginado que encontraria a mesma senhora de sua primeira visita, a viúva de Kyungwon Kang. Falou devagar e claramente com o jovem, esperando que ele entendesse inglês melhor que a mulher.

— Eu queria conversar com a senhora que trabalha aqui durante o dia.

O rapaz olhou para McCaleb e apertou os lábios de maneira estranha.

— Não precisa falar como se eu fosse um retardado. Eu falo inglês. Nasci aqui.

— Ah — fez McCaleb, sem jeito. — Desculpe. É que a senhora com quem eu falei teve muita dificuldade para me entender.

— É minha mãe. Ela saiu da Coreia com 30 anos de idade. Por que não experimenta? Mude-se para lá e veja se consegue entender alguma coisa daqui a vinte anos.

— Olhe, eu já pedi desculpa.

McCaleb ergueu as mãos espalmadas. A coisa não estava indo bem. Tentou uma vez mais.

— Você é filho de Kyungwon Kang?

O moço assentiu.

— E você, quem é?

— Eu me chamo Terry McCaleb. Lamento muito a morte de seu pai.

— O que você quer?

— Estou trabalhando para a família da mulher que foi assassinada aqui e...

— Que trabalho?

— Estou tentando prender o assassino.

— Minha mãe não sabe de nada. Deixe-a em paz. Já sofreu bastante.

— Na verdade, eu só queria dar uma olhada no relógio dela. Estive aqui outro dia e reparei que agora sua mãe usa o relógio de seu pai. O que estava com ele naquela noite.

O rapazinho o encarou durante algum tempo. Depois, desviando a vista, prestou atenção nas meninas junto à gôndola de doces.

— Vamos, garotas, escolham logo. — Voltou-se para McCaleb novamente: — O que tem o relógio?

— Bom, é meio complicado. Há umas coisas que não estão muito exatas nos relatórios da polícia. E eu quero descobrir por quê. Para isso, preciso saber a hora precisa em que o assaltante entrou aqui. — Apontou para a câmera de vídeo no alto da parede. — A polícia me deu uma cópia da fita. Nela, pode-se ver o relógio de seu pai. Mandei ampliar a tomada. Se sua mãe não tiver acertado o relógio desde... desde que passou a usá-lo, talvez eu consiga obter o horário de que necessito.

— Não precisa de relógio nenhum. O horário está na própria fita. Você não disse que estava com ela?

— A polícia diz que o horário marcado na fita está errado. E é isso que eu quero verificar. Você me faz o favor de chamar sua mãe?

As meninas se aproximaram do balcão. O rapaz não deu nenhuma resposta a McCaleb enquanto cobrava e dava o troco. Esperou que elas saíssem antes de tornar a olhar para ele.

— Eu não estou entendendo porra nenhuma. O que você quer não faz o menor sentido.

McCaleb suspirou.

— Eu estou tentando ajudá-lo. Você não quer ver na cadeia o cara que matou seu pai?

— Claro que quero. Mas esse negócio do relógio... que tem a ver uma coisa com a outra?

— Eu poderia lhe explicar tudo se você tivesse meia hora, mas...

— Eu não vou sair daqui, tenho todo o tempo que você quiser.

McCaleb o fitou por um momento e concluiu que não tinha outra saída. Concordou com um gesto e lhe pediu que esperasse; iria buscar uma fotografia no carro.

O rapaz se chamava Steve Kang. Instalado no banco da frente, mostrou a Buddy Lockridge o caminho para uma região muito próxima do lugar onde moravam Graciela Rivers e Raymond Torres.

McCaleb o havia convencido com sua longa versão. Tanto que o jovem não hesitou em pendurar na porta um aviso com os dizeres VOLTO JÁ e fechar a mercearia. Costumava ir a pé ao trabalho, mas o automóvel pouparia tempo.

Chegando em casa, convidou McCaleb a entrar; Lockridge ficou esperando no carro. A casa tinha planta quase idêntica à de Graciela e provavelmente fora erguida pela mesma construtora no começo dos anos 1950. Steve Kang mandou-o sentar-se na sala de estar e desapareceu no corredor que dava para os dormitórios. McCaleb ouviu uma conversa abafada lá dentro. Alguns segundos depois percebeu que estavam falando coreano.

Enquanto aguardava, ficou pensando nas semelhanças entre as casas e imaginou as duas famílias, tão diferentes, chorando o mesmo pranto na noite do crime e nos dias que se seguiram.

Steve Kang voltou pouco depois e lhe entregou um telefone sem fio e o relógio do pai.

— Ela não mexeu em nada — disse. — O relógio está exatamente como naquela noite.

Com o canto dos olhos, McCaleb notou um movimento. Olhou para a esquerda e viu a mãe de Steve Kang no corredor, fitando-o. Cumprimentou-a com um gesto, mas ela não reagiu.

McCaleb havia trazido consigo a cópia da tomada ampliada e filtrada, assim como o caderno de anotações e o de endereços. Contara a Steve Kang quais eram as suas intenções, mas ainda se sentia constrangido de fazer aquilo diante dele. Ia se fazer passar por um policial, o que era um crime, mesmo em se tratando de Eddie Arrango.

Abrindo o caderno de endereços, pegou o número da Central de Comunicações do centro da cidade de Los Angeles. Tinha esse número desde os tempos em que trabalhara no Escritório Regional ali, quando às vezes precisava coordenar as atividades entre as agências. A CC era o edifício sombrio e cavernoso de quatro andares, próximo da Prefeitura, de onde se transmitiam todas as comunicações por rádio da polícia e do Corpo de Bombeiros. Tinha sido também a partir do relógio de lá que se estabelecera o horário oficial dos assassinatos de Gloria Torres e Kyungwon Kang.

No caminho entre Hollywood e a mercearia, McCaleb consultara o arquivo de Gloria Torres e, no relatório do homicídio, encontrara o número do registro de Arrango. Agora, tendo colocado no braço do sofá o relógio que Steve Kang lhe entregara, discou o número do CC que recebia chamadas ordinárias, não as de emergência. A telefonista atendeu ao terceiro toque.

— Aqui é Arrango, do setor de homicídios, West Valley — disse.
— Número de série um, quatro, um, um. Não estou no rádio. Preciso cronometrar o início de uma operação. Pode me fornecer a hora certa, inclusive os segundos, por favor?

— Com os segundos? Caramba, você é um homem preciso, investigador Arrango.

— Exatamente.

— Um momento.

McCaleb ficou olhando para o relógio. Quando a telefonista começou a falar, viu que estava marcando 17:14:42.

— São 17:14:38.

— Certo — disse ele. — Obrigado.

Desligou e olhou para Steve Kang.

— O relógio de seu pai está quatro segundos adiantado em relação ao da CC.

Steve Kang comprimiu os olhos e se colocou ao lado do sofá para olhar, por cima do ombro de McCaleb, os números que ele estava escrevendo no caderno, relacionando-os com os horários específicos listados no cronograma anteriormente elaborado e fazendo a comparação.

Ambos chegaram à mesma conclusão ao mesmo tempo.

— Quer dizer que...

Steve Kang não concluiu. Olhou para a mãe, no corredor, e depois novamente para o horário que McCaleb acabava de sublinhar no caderno de anotações.

— Que grande filho da puta! — sussurrou com ódio.

— Ele é mais do que isso.

Buddy Lockridge ligou o motor do Taurus assim que viu McCaleb sair da casa. Este embarcou rapidamente.

— Vamos embora.

— E o garoto? Não vamos levá-lo de volta?

— Não. Ele vai conversar com a mãe. Vamos.

— Tudo bem. Para onde?

— De volta para o barco.

— Para o barco? Você ficou louco, Terry? Aqueles caras ainda devem estar lá. Ou podem estar vigiando.

— Tanto faz. Eu não tenho outra escolha.

CAPÍTULO 35

Lockridge deixou McCaleb na calçada de Cabrillo Way, a uns oitocentos metros da marina. Ele fez o restante do percurso a pé, tratando de manter-se nas sombras projetadas pelas pequenas lojas que se enfileiravam no bulevar. O plano era que Buddy deixasse as chaves no Taurus e depois fosse para casa, como se tudo em sua vida não passasse de pura rotina e normalidade. Se visse algo esquisito ou algum desconhecido na marina, deveria acender a luz do mastro do *Double-Down*. McCaleb poderia ver de longe a lâmpada acesa e tomar suas precauções.

Ao avistar a marina, ele examinou o alto de dezenas de mastros. Estava tudo apagado, nenhuma luz à vista. As coisas pareciam bem. Olhando a sua volta, localizou um telefone público do lado de fora de um pequeno supermercado e, por via das dúvidas, foi telefonar para o vizinho. Aproveitou para colocar no chão a pesada pasta de couro e descansar o braço. Buddy atendeu imediatamente.

— Tudo bem por aí?

— Acho que sim. Não vi nada de anormal e ninguém interceptou meu caminho. Também não vi nenhum carro que parecesse da polícia no estacionamento.

— E o meu barco, como está?

Buddy deu uma olhada antes de responder.

— No mesmo lugar. Parece que puseram uma fita adesiva amarela entre os píeres; acho que é para ninguém entrar.

— Tudo bem, Buddy, estou indo para lá. Primeiro vou passar pela lavanderia e esconder a minha pasta num dos secadores. Se me prenderem quando eu entrar no barco, você vai até lá, pega a pasta e a guarda até que eu volte a aparecer. De acordo?

— Claro.

— Então escute. Se tudo der certo, eu não vou ficar muito tempo no barco, de modo que quero dizer isto agora: muito obrigado por

tudo, Buddy, você foi um amigo e tanto.

— Deixe disso, cara. Eu estou cagando para esses filhos da puta e para a sacanagem que querem fazer com você. Sei que você é gente boa.

McCaleb agradeceu novamente e desligou. Colocou a pasta debaixo do braço e foi para a marina. Primeiro, entrou furtivamente na lavanderia e achou um secador vazio onde escondê-la. Depois, seguiu até o barco sem problemas. Antes de destrancar a porta corrediça, olhou mais uma vez a sua volta e não viu nada de extraordinário, nada que pudesse alarmá-lo. Reparou no vulto escuro de Buddy Lockridge sentado no convés do *Double-Down*. Ouvia os acordes de uma gaita e fez um sinal para aquela sombra quase invisível. Abriu a porta.

A embarcação estava com um cheiro abafado, bolorento, mas ainda pairava no ar um vestígio de perfume. Ele imaginou que fora deixado por Jaye Winston. Não acendeu a luz, preferiu a lanterna que ficava guardada sob a mesa da sala. Acendeu-a e a apontou para baixo, a seu lado, iluminando unicamente o chão. Desceu apressado, sabia que precisava agir rapidamente. Só queria apanhar roupas, remédios e instrumentos médicos que durassem alguns dias. De um jeito ou de outro, esse era o tempo de que necessitava.

Abriu um dos armários do corredor e pegou uma longa sacola de lona. A seguir, entrou no camarote principal e juntou a roupa necessária.

Feito isso, foi para a proa a fim de pegar os remédios, a prancheta e as outras coisas. Colocou a sacola aberta na pia e ia guardar as caixas de produtos farmacêuticos quando se deteve dando-se conta de uma coisa. Ao atravessar o corredor, tivera a impressão de ver uma luz acesa lá em cima. A da cozinha. Ou talvez uma das lâmpadas da sala. Ele se paralisou com um arrepio, e tentou escutar algum barulho ao mesmo tempo que repassava os próprios movimentos. Tinha certeza de não haver acendido nenhuma luz ao entrar.

Passou quase meio minuto escutando, mas nada ouviu. Voltou silenciosamente ao corredor e olhou para a escada. Absolutamente imóvel, apurou os ouvidos novamente. Tentou avaliar suas opções. A

única saída além de voltar e subir a escada era pela escotilha do convés, que dava para o teto do camarote da proa. Mas era tolice acreditar que quem se achasse lá em cima não tinha também o controle daquela rota de fuga.

— Buddy — gritou. — É você?

A resposta veio após um prolongado silêncio.

— Não, Terry, não é Buddy.

Era uma voz de mulher. McCaleb a reconheceu.

— Jaye?

— Venha até aqui.

Ele olhou novamente para a proa. A lanterna se encontrava dentro da sacola de lona, iluminando pouco mais que seu conteúdo. De resto, tudo estava mergulhado na escuridão.

— Vou subir.

Jaye Winston estava sentada na cadeira giratória, perto da mesinha de teca. Ao que parecia, McCaleb passara por ela, no escuro, sem perceber. Ele se sentou na cadeira idêntica do outro lado da sala.

— Oi, Jaye. Como vai?

— Já tive dias melhores.

— Eu também. Ia lhe telefonar amanhã cedo.

— Não precisa. Eu estou aqui.

— E os seus amigos?

— Não são meus amigos. Muito menos seus, Terry.

— Não parece. O que houve? Por que você está aqui e eles não?

— Porque, de vez em quando, os idiotas da polícia local se mostram mais espertos que os garotões do FBI.

McCaleb sorriu.

— Você sabia que eu tinha de voltar para pegar os remédios.

Ela retribuiu o sorriso.

— Eles imaginaram que você já estava a meio caminho do México, se é que já não tinha chegado lá. Mas eu vi aquele armário cheio de remédios e tive certeza de que acabaria voltando. Era a coleira que o amarrava.

— Quer dizer que agora você vai me prender e ficar com toda a glória?

— Não necessariamente.

Ele se calou. Pensou naquelas palavras, procurou entender qual era o jogo daquela mulher.

— O que está querendo dizer, Jaye?

— Que a minha intuição diz uma coisa e as provas, outra. Eu costumo confiar mais na minha intuição.

— Eu também. Mas de que provas está falando? O que encontraram aqui?

— Pouca coisa, só um boné de beisebol com um logotipo em que está escrito CI. Imaginamos que significasse Catalina Island e vimos que coincidia com a descrição que James Noone deu do boné que o motorista da Cherokee estava usando. Nada mais. Até abrirmos a primeira gaveta da mesa de cartas náuticas.

McCaleb olhou para a mesa. Lembrava-se de ter aberto aquela gaveta depois da fuga do intruso na noite anterior. Nada achara de estranho ali, tampouco alguma coisa que o pudesse prejudicar.

— O que havia nela?

— Nela? Nada. Estava debaixo. Presa com fita adesiva.

McCaleb se levantou e foi para a mesa. Tirou a primeira gaveta e a virou. Passou os dedos pelos resíduos de cola deixados por grossos pedaços de fita adesiva. Sorriu e balançou a cabeça. Pensou na rapidez com que o intruso conseguira entrar e colar alguma coisa debaixo da gaveta.

— Deixe-me adivinhar — disse. — Era um saco...

— Não. Não diga nada. Qualquer coisa que disser pode prejudicá-lo. Eu não quero prejudicá-lo, Terry.

— Eu não estou preocupado com isso. Não mais. Deixe-me adivinhar. Debaixo da gaveta havia um saco... um desses sacos de plástico com fecho. Dentro dele estava o brinco em forma de crucifixo tirado de Gloria Torres e uma fotografia da família de James Cordell. Aquela que roubaram do carro dele.

Jaye Winston assentiu. McCaleb voltou a sentar-se.

— Você se esqueceu da abotoadura de Donald Kenyon — disse ela. — De prata, com a forma de um cifrão.

— Disso eu não sabia. Aposto que Nevins, Uhlig e o filho da puta do Arrango fizeram uma festa quando encontraram o saco.

— É verdade que ficaram contentes — disse ela com um gesto afirmativo. — Contentíssimos, aliás.

— Mas você nem tanto.

— Não. Era simples demais. — Ficaram alguns momentos em silêncio. — Sabe, Terry, você não está se mostrando muito preocupado com o fato de terem encontrado no seu barco nada menos que três provas que o vinculam a esses homicídios. — Fez um gesto na direção do peito dele. — Não. Na verdade parece apenas ligeiramente contrariado. Vai me contar por quê?

McCaleb se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Seu rosto ficou diretamente na luz.

— Foi tudo plantado, Jaye. O boné, o brinco, tudo. Ontem à noite entraram aqui. Não levaram nada. Só podem ter deixado alguma coisa. Eu tenho testemunhas. Estão armando uma cilada para mim. Não sei por quê, mas é uma armação.

— Bem, se está pensando em Bolotov, pode esquecer. Ele voltou para a cadeia por ter violado a liberdade condicional.

— Não, não foi Bolotov. Ele está limpo.

— Então a situação mudou.

— Os fatos não coincidiram com a possibilidade de ele ser um dos suspeitos. Lembra? Eu desconfiei dele por causa do assalto perto do lugar onde ele trabalha, em que roubara a HK P7. A arma o tornaria suspeito nos casos Cordell e Gloria Torres. Mas esse assalto se deu em dezembro, perto do Natal. E Kenyon foi morto com uma P7 em novembro. Portanto, não poderia ser a mesma arma, mesmo que Bolotov a tivesse roubado. Ele está limpo. Só não consigo entender por que me atacou e fugiu.

— Ora, como você mesmo disse, é provável que ele tenha cometido o assalto do Natal. Você entrou lá e disse que iria jogar dois homicídios nas costas dele. Ele se assustou e fugiu. Só isso.

McCaleb concordou com um gesto.

— O que vai acontecer com ele?

— O patrão de Bolotov concordou em retirar a queixa se ele restituir o dinheiro da janela quebrada. Só isso. Vai ser solto depois da audiência de hoje.

McCaleb ficou olhando para o tapete.

— Pode esquecê-lo, Terry. O que mais descobriu?

Ele tornou a erguer a vista e a fitou diretamente nos olhos.

— Estou quase resolvendo o caso. Estou a um ou dois passos de juntar todas as peças do quebra-cabeça. Já sei quem é o assassino. E em breve vou saber quem o contratou. Estou com os nomes, uma lista de suspeitos. Sei que a pessoa que queremos está nela. Confie na sua intuição quanto a isso, Jaye. Você pode me prender agora, levar-me para a delegacia e ficar com toda a glória, mas não vai dar certo, é um erro. No final, eu vou conseguir provar. Mas, por ora, vamos perder a oportunidade que temos na mão.

— Quem é o assassino?

McCaleb se levantou.

— Preciso ir buscar a minha pasta. Eu mostro a você.

— Onde está a pasta?

— Num secador de roupa da lavanderia da marina. Eu a escondi. Não sabia o que me esperava aqui.

Jaye Winston refletiu um momento.

— Deixe-me ir buscá-la — insistiu ele. — Você fica com os meus remédios. Não vou fugir. Se não confia em mim, venha comigo.

Ela fez um gesto de desdém.

— Tudo bem, vá pegar a pasta. Eu fico esperando.

A caminho da lavanderia, McCaleb encontrou-se com Buddy Lockridge, que vinha de lá com a pasta de couro.

— Tudo bem? Você me disse para ir buscar a pasta, se alguém o pegasse.

— Tudo em ordem, Buddy. Acho.

— Sei lá qual é a dessa mulher, mas ela estava aí com os outros hoje.

— Eu sei. Mas acho que ela está do meu lado.

McCaleb pegou a pasta e voltou para o barco. Lá dentro, ligou o televisor, pôs a fita da mercearia Sherman no aparelho de vídeo e começou a rodá-la. Avançou rapidamente as imagens e observou os movimentos bruscos do pistoleiro entrando, atirando em Gloria e no proprietário e depois fugindo. Só quando apareceu o Bom

Samaritano, ele pôs o videoteipe em velocidade normal. No momento em que o homem ergueu o rosto, enquanto socorria Gloria Torres, McCaleb apertou o botão PAUSE.

— Aqui. Esse é o assassino.

Ela ficou um longo tempo olhando fixamente para a tela, sem que sua expressão denunciasse o que estava pensando.

— Muito bem. Explique por que ele é o assassino.

— O cronograma. Arrango e Walters jamais encararam isso como outra coisa senão um assalto comum e corriqueiro. É o que parecia... quem pode culpá-los? Mas eles foram negligentes. Não se deram ao trabalho de elaborar ou examinar um cronograma. Tomaram ao pé da letra o que viram. Mas havia um problema entre o horário marcado no vídeo da mercearia, quando ocorreu o assassinato, e a hora marcada pelo grande relógio central da cidade quando o Bom Samaritano telefonou.

— Certo. Você já me contou. Qual era a discrepância, meio minuto ou algo assim?

— Trinta e quatro segundos. De acordo com o vídeo da mercearia, o Bom Samaritano notificou o crime 34 segundos antes que tivesse ocorrido.

— Mas você disse que, segundo Walters e Arrango, era impossível verificar a exatidão do relógio do vídeo. Imaginaram que estava errado porque o próprio velho, o Sr. Kang, devia tê-lo acertado.

— Isso mesmo. Foi o que eles imaginaram. Não eu.

McCaleb voltou a fita ao ponto em que Kyungwon Kang estendia o braço sobre o balcão e aparecia o relógio. Passou-a em câmera lenta, para a frente e para trás, até que o horário, na parte de baixo da tela, estivesse marcando o momento certo. Congelou a imagem. Então, foi até a pasta e pegou a cópia filtrada e ampliada do mesmo quadro.

— Muito bem, o que eu fiz foi triangular os horários a fim de saber exatamente a hora em que o crime aconteceu. Está vendo o relógio?

Ela fez que sim. Ele lhe entregou a cópia.

— Eu tenho um amigo que antigamente fazia ampliações de imagens para o pessoal do FBI. Esta é a cópia. Como você pode ver, a hora do vídeo coincide perfeitamente com a do relógio. Inclusive nos segundos. O velho Kang deve ter acertado o horário da câmera pelo seu próprio relógio de pulso. Está me acompanhando?

— Estou. O vídeo e o relógio coincidem. O que significa isso?

McCaleb ergueu a mão, pedindo paciência, foi pegar o caderno de anotações e o abriu no cronograma.

— Agora, conforme o relógio da Central de Comunicações, no centro da cidade, nós sabemos que o Bom Samaritano deu parte do crime às 22:41:03, ou seja, 34 segundos antes que o crime tivesse sido cometido, de acordo com o videoteipe, certo?

— Certo.

McCaleb lhe contou que estivera na mercearia e depois na casa de Kang aquela noite, onde tivera acesso ao relógio. Explicou que este não tinha sido acertado novamente depois dos assassinatos.

— Então, eu telefonei para a CC, pedi a hora e a comparei com a do relógio. Ele está apenas quatro segundos adiantado em relação ao da CC. Isto significa que, no momento do crime, o relógio do vídeo estava apenas quatro segundos adiantado em relação ao da CC.

Jaye Winston franziu o cenho e se inclinou para a frente, esforçando-se para entender a explicação.

— Isto significa...

Não terminou.

— Isto significa que praticamente não há diferença, só de quatro segundos, entre o relógio do vídeo e o da CC. Portanto, quando o Bom Samaritano telefonou notificando o crime, eram exatamente 10:41:07 no relógio da mercearia. Havia só quatro segundos de diferença.

— Mas isso é impossível — disse Jaye Winston. — Não houve nenhum crime a essa hora. Só meio minuto depois. Gloria ainda nem tinha entrado na mercearia. Provavelmente, estava descendo do carro.

McCaleb ficou calado. Preferia deixar que ela mesma chegasse à conclusão sem que fosse preciso dizer mais nada. Sabia que o

impacto seria maior se ela chegasse, por si só, à constatação a que ele chegara.

— Então — disse Jaye Winston — esse cara, o Bom Samaritano, deve ter dado parte à polícia antes que o crime tivesse ocorrido.

McCaleb assentiu. Notou um brilho intenso nos olhos da policial.

— Por que ele faria isso? A menos... que soubesse... A menos que soubesse que o crime ocorreria? Ele... Puta que pariu! O assassino só pode ser ele!

McCaleb concordou novamente, mas, dessa vez, com um sorriso de satisfação nos lábios. Sabia que ela estava no carro com ele. E que, juntos, pisariam no acelerador.

CAPÍTULO 36

— Você já esmiuçou tudo? Sabe como aconteceu?

— Um pouco.

— Então me conte.

McCaleb estava se servindo de um copo de suco de laranja na cozinha. Jaye Winston já havia tomado um drinque, mas também foi para lá. A adrenalina não a deixava ficar sentada. McCaleb conhecia bem aquela sensação.

— Um minuto — disse ele. Tomou o suco de um só gole. — Desculpe, eu fiquei com a glicose desequilibrada. Comi muito tarde hoje.

— Você está bem?

— Estou. O suco me fez bem.

Pôs o copo na pia, voltou-se e se debruçou no balcão.

— Muito bem, é assim que eu vejo a situação. Vamos começar por Sr. X, alguém, em algum lugar. Por enquanto nós vamos supor que seja um homem. Essa pessoa precisa muito de uma coisa. De um órgão. Pulmão, rim, fígado, talvez de medula óssea. Pode ser até mesmo de córnea, mas isso me parece menos provável. Enfim, é algo importante a ponto de justificar um homicídio, algo sem o qual ele pode morrer. Ou, no caso da córnea, pode ficar cego e tornar-se inválido.

— E por que não o coração?

— Poderia estar na lista também, mas quem ficou com o coração fui eu. Portanto, vamos deixá-lo de lado, a não ser que você concorde com Nevins, Uhlig, Arrango e o resto dos caras e ache que Sr. X sou eu.

— Está bem. Continue.

— Esse sujeito, Sr. X, tem dinheiro e contatos. Tanto que pode contratar um pistoleiro profissional.

— E deve ter ligações com o crime organizado.

— Talvez, mas não necessariamente.

— E o “Não se esqueça dos cannoli”?

— Não sei. Já andei pensando nisso. É muito ostensivo para ser coisa da Máfia, não acha? Eu tendo a acreditar que se trata de uma manobra para despistar, mas, por enquanto, é só uma suposição.

— Tudo bem, não importa agora. Continue com Sr. X.

— Bem, além de contar com a possibilidade de arranjar um pistoleiro para fazer o serviço, ele precisa ter acesso ao computador da ABSSO. Precisa saber quem tem o órgão de que necessita. Sabe o que é a ABSSO?

— Fiquei sabendo hoje. E foi justamente isso o que eu disse a Nevins. “Como Terry McCaleb teria acesso à ABSSO?” E ele me respondeu que a segurança desses computadores é uma merda. Acredita que você conseguiu entrar ilegalmente no sistema quando estava internado no Cedars. Pegou a lista de doadores de sangue tipo AB com CMV negativo e a usou.

— Certo. Agora acompanhe a mesma teoria, mas ponha Sr. X no meu lugar. Ele pega a lista e contrata o Bom Samaritano.

Apontou para a sala, onde a imagem do Bom Samaritano continuava congelada na tela do televisor. Ambos ficaram olhando para ela alguns momentos.

— O assassino examina a lista e encontra um nome conhecido. Donald Kenyon. Um cara famoso, principalmente pelo número de inimigos que tem. Isso faz dele o “candidato” perfeito. Os muitos inimigos, todos aqueles investidores e talvez um gângster nos bastidores oferecem uma excelente camuflagem.

— Então o Bom Samaritano escolhe Kenyon.

— Exatamente. Escolhe-o e fica observando-o, seguindo-o, até conhecer bem a sua rotina. Aliás, essa rotina é das mais simples, porque Kenyon está com uma coleira federal no pescoço e raramente sai de casa. Mas isso não é problema para o Bom Samaritano. Ele sabe que Kenyon fica uns vinte minutos sozinho em casa todas as manhãs, quando a mulher vai levar os filhos na escola.

— Sentindo a garganta seca de tanto falar, McCaleb pega o copo da pia e serve-se de mais suco de laranja. Continua depois de beber: — E resolve atacar nesse intervalo de vinte minutos. Ao entrar lá, sabe

que tem de fazer o serviço de modo que Kenyon possa ser socorrido e só venha a morrer no hospital. Compreende? Os órgãos precisam ser preservados para transplante. Se ele for longe demais, a vítima acaba morrendo antes de ser internada. E isso não serve. Assim, ele entra na casa, domina Kenyon e o leva para perto da porta da rua. Fica com ele ali, esperando que a mulher volte do colégio. Obriga-o a espiar pelo olho mágico e confirmar que é ela. Então, lhe mete uma bala na cabeça e o deixa caído bem à entrada da casa, pronto para ser socorrido quando a mulher abrir a porta.

— Mas ele não chega vivo ao hospital.

— Não. O plano era bom, mas deu errado. Sr. X cometeu o erro de usar um Devastator na P7. A munição errada para aquele tipo de serviço. É um projétil explosivo que literalmente despedaça o cérebro da vítima, destruindo todo o sistema que mantém a vida vegetativa. A morte é quase instantânea.

Calou-se nesse ponto e ficou observando Jaye Winston, que avaliava o relato. Depois, ergueu o dedo, pedindo-lhe que esperasse, antes de fazer qualquer comentário. Foi até a sala e tirou um maço de documentos da pasta. Teve o cuidado de impedir, com o próprio corpo, que a policial visse a P7 que ainda se encontrava lá.

Folheou os documentos no balcão da cozinha, até encontrar o que procurava.

— Eu sei que não deveria estar com isso, mas dê uma olhada. É uma transcrição da fita que o FBI gravou durante uma escuta ilegal na casa de Kenyon. Esse é o trecho em que ele foi baleado. Não registraram tudo o que foi dito, mas o que está aí se ajusta perfeitamente ao que acabo de dizer.

Jaye Winston se colocou a seu lado e leu a parte que ele havia marcado com um círculo, quando viajava com Buddy Lockridge a caminho da marina.

DESCONHECIDO: Ande logo, vá ver quem...

KENYON: Não... Ela não tem nada a ver com isso. Ela...

Jaye Winston balançou afirmativamente a cabeça.

— Ele deve ter mandado Kenyon olhar pelo olho mágico — disse.
— E, obviamente, era sua esposa que estava chegando, pois ele tentou protegê-la.

— Certo, e repare que a transcrição diz que houve dois minutos de silêncio entre o último diálogo e o disparo. Que mais o bandido podia estar fazendo senão esperando que ela chegasse, para que pudesse levar o marido imediatamente ao hospital?

Ela concordou novamente.

— É verdade. Mas, e a escuta do FBI? Você acha que o pistoleiro não sabia disso?

— Não tenho certeza. Mas acho que não. Ele simplesmente teve sorte. Mas pode ser que tenha desconfiado de que a casa estava grampeada. Talvez por isso tenha dito a frase com os cannoli. Por via das dúvidas, não custava nada despistar.

McCaleb terminou de beber o suco de laranja e voltou a colocar o copo na pia.

— Muito bem. Não deu certo — disse Jaye Winston. — E ele voltou para o começo. Ou melhor, voltou à lista da ABSSO. E o nome seguinte que escolheu foi o do rapaz, James Cordell.

McCaleb deixou que a própria policial tirasse suas conclusões. Sabia que quanto mais ela conseguisse montar o quebra-cabeça por si só, mais se inclinaria a acreditar em sua versão da história.

— Ele troca de munição, passa do projétil explosivo para o revestido com metal. Está interessado em trespassar o cérebro da vítima sem danificá-lo tanto. Ele segue Cordell até controlar sua rotina e, então, planeja o assassinato de modo semelhante ao de Kenyon, ferindo-o quase imediatamente antes da chegada de uma terceira pessoa que possa pedir socorro. No caso de Kenyon, era a esposa. No de Cordell, James Noone. O pistoleiro provavelmente ficou de olho em Cordell até ver Noone entrar na rampa de acesso ao banco. Então atirou.

— Eu acho que Noone foi uma casualidade — disse McCaleb. — É muito difícil que o criminoso tenha planejado a chegada de uma testemunha. O mais provável é que pretendesse baleiar Cordell e depois chamar a polícia pelo telefone público ali perto. No videotape do local do crime, dá para ver o telefone. Porém, Noone apareceu, o

que o obrigou a dar o fora o mais depressa possível. Com certeza, ele imaginou que a testemunha se encarregaria de chamar a polícia... seria um autêntico pedido de socorro. O diabo é que Noone usou o celular, não o telefone público, e o serviço de emergência anotou o endereço errado. O resultado foi um atraso fatal para Cordell.

Jaye Winston concordou com um gesto.

— Cordell morreu antes de dar entrada no hospital — prosseguiu ele. — Mais um que morre à toa. Sr. X volta a consultar a lista, é a vez de Gloria Torres. Só que agora ele não está disposto a correr o menor risco. Resolve avisar a polícia antes mesmo de atirar nela.

— Para que a ambulância chegue a tempo. Ele conhecia a rotina dela. Provavelmente, a estava esperando junto ao telefone público. Ao vê-la estacionar o carro, ligou para a polícia.

— Isso mesmo. Então ele entra, faz o serviço e dá o fora. Na rua, tira a máscara e o agasalho e se transforma no Bom Samaritano. Entra novamente, faz um curativo qualquer na vítima e some de novo. Dessa vez a coisa funciona com perfeição.

— Foi um processo de aprendizagem. Ele foi aprendendo com os erros dos dois primeiros casos e se aperfeiçoou no terceiro.

McCaleb cruzou os braços e esperou que Jaye Winston desse o passo seguinte.

— Então, agora nós precisamos rastrear os órgãos — disse ela. — Uma das pessoas que recebeu um deles há de ser Sr. X. Temos de ir à ABSSO e pegar a... Espere, você disse que já tem a lista de nomes!

Ele assentiu.

— Da ABSSO?

— Da ABSSO.

McCaleb retornou a sua pasta e tirou a lista que Bonnie Fox lhe dera. Ao se voltar, quase colidiu com Jaye Winston, que também saía da cozinha. Entregou-lhe a folha de papel.

— Aqui está.

A investigadora examinou atentamente a lista como se estivesse esperando que um dos nomes fosse realmente Sr. X ou, por algum motivo, facilmente identificável.

— Como a conseguiu?

— Não posso contar. Por enquanto, preciso proteger a fonte. Mas é autêntica. Toda essa gente recebeu órgãos de Gloria Torres.

— Posso ficar com ela?

— Se você for fazer alguma coisa...

— Claro que vou. Começo amanhã cedo.

McCaleb tinha plena consciência do que lhe estava entregando. Naturalmente, podia ser a prova da sua inocência e a chave da captura do pior tipo de criminoso. Mas também era uma grande oportunidade para Jaye Winston. Se ela conseguisse solucionar o caso enquanto o FBI e a polícia de Los Angeles enveredavam pelo caminho errado, seu futuro profissional não teria limites.

— Como vai fazer a triagem? — ele perguntou.

— De todos os modos possíveis. Verificar a situação financeira, os antecedentes criminais, tudo que eu encontrar. Você sabe, as coisas de sempre, toda a bagagem e a vida pregressa dessas pessoas. E você, o que vai fazer?

McCaleb olhou para a pasta de couro. Estava recheada de documentos, fitas e armas.

— Ainda não sei. Me diz uma coisa: como foi que tudo acabou se voltando contra mim?

Jaye Winston dobrou o papel e o guardou no bolso do blazer.

— Foi o FBI. Nevins me contou que tinham uma pista. Não quis dizer onde a haviam conseguido. Mas era uma pista específica do suspeito. Uma fonte, um informante talvez, contou-lhe que você tinha matado Gloria Torres para ficar com o coração dela. Eles examinaram os laudos da necrópsia de todas as vítimas e encontraram a coincidência do sangue. Daí, foi fácil juntar as peças. Devo admitir que eles me convenceram. No momento, tudo parecia encaixar-se perfeitamente.

— *Como?* — perguntou McCaleb, encolerizado, elevando a voz.

— Nada disso sequer teria acontecido se eu não tivesse começado a fuçar o caso. A comparação balística com Kenyon foi feita por minha causa. E também foi isso que pôs o FBI na investigação. Você acha que uma pessoa culpada teria feito uma coisa dessas? Que loucura!

Ele estava apontando, irritado, para o próprio peito.

— Tudo isso foi levado em conta, Terry. Nós passamos a manhã inteira reunidos, esmiuçando as possibilidades. A teoria que prevaleceu foi a de que, quando essa mulher apareceu, a irmã, a situação mudou da água para o vinho. Você percebeu que ela era obstinada e não iria desistir. Diante disso, não lhe restou outra alternativa senão assumir a investigação antes que alguém o fizesse. Para sabotá-la, é claro. Primeiro, tentou incriminar Bolotov. A seguir, hipnotizou a única testemunha disponível, a fim de invalidar o depoimento dela na Justiça. É bem verdade que a comparação balística foi feita graças a você, mas talvez isso tivesse sido uma surpresa ou, então, podia ser que você esperasse que não desse em nada, uma vez que o projétil usado no primeiro crime tinha sido um Devastator.

McCaleb sacudiu a cabeça. Não conseguia ver a situação pelo ponto de vista deles. Não se conformava com o fato de haverem concentrado as suspeitas nele.

— Olhe, nós não estávamos cem por cento convencidos — prosseguiu Jaye Winston. — Achamos que existiam indícios suficientes para justificar a solicitação de um mandado de busca... só isso. Sentíamos que a busca seria decisiva. Poderíamos encontrar provas e seguir em frente ou, caso contrário, desistir. Mas acabamos descobrindo que você tem uma Cherokee preta e, como se isso não bastasse, achamos provas materiais debaixo da sua gaveta. A única coisa pior que poderia acontecer para você teria sido acharmos também a arma do crime.

McCaleb pensou na pistola em sua pasta, a um metro e meio de distância, e reconheceu uma vez mais que tivera muita sorte.

— Mas, como você mesma disse, era simples demais.

— Foi o que eu achei. Mas não os outros. Ao contrário, eles começaram a se vangloriar. Já estavam imaginando as manchetes nos jornais.

McCaleb assentiu com desânimo. A discussão o esgotara. Foi à mesa da cozinha e sentou-se.

— É uma armação — disse.

Jaye Winston se aproximou.

— Eu acredito em você, Terry. E esse cara, seja ele quem for, fez um trabalho muito bem-feito. Tem ideia de por que escolheram justamente você?

McCaleb balançou a cabeça e, ao mesmo tempo, com a ponta do dedo, pôs-se a traçar um desenho no açúcar espalhado no tampo da mesa.

— Vendo a coisa do ponto de vista do criminoso, eu entendo perfeitamente o por quê. — Limpou o açúcar da mesa com a palma da mão. — Quando o assassinato de Kenyon deu errado e ele se viu obrigado a retornar à lista, era evidente que estava se expondo a um risco redobrado. O cara sabia que havia uma possibilidade de os casos serem vinculados pelo tipo sanguíneo. Sabia que tinha de preparar o terreno para despistar. E me escolheu. Se ele teve acesso ao computador da ABSSO, devia saber que eu era o seguinte na lista do coração. Provavelmente, passou a me seguir, como fez com os outros. Sabia que eu tinha uma Cherokee e tratou de usar uma igual. Começou a retirar lembranças das vítimas para plantá-las aqui, se fosse necessário. E, provavelmente, foi ele que deu a dica a Nevins quando tudo estava preparado.

McCaleb ficou um bom tempo calado, ruminando sua situação. Depois, levantou-se lentamente.

— Preciso acabar de arrumar a mala.

— Aonde você vai?

— Não sei ainda.

— Vou precisar falar com você amanhã.

— Eu entro em contato.

Começou a descer a escada, segurando-se nos corrimões acima de sua cabeça.

— Terry.

McCaleb parou e se voltou para Jaye Winston.

— Eu estou me arriscando muito. É o meu pescoço que está em jogo.

— Eu sei disso, Jaye. Obrigado.

E desapareceu na escuridão.

CAPÍTULO 37

A Cherokee de McCaleb fora apreendida durante a busca naquele dia. Tendo tomado emprestado o Taurus de Lockridge, ele foi para o norte pela 405. Ao chegar à saída 10, enveredou para oeste, na direção do Pacífico, então tomou novamente o rumo norte pela rodovia costeira. Não tinha pressa e estava cansado das estradas. Decidira viajar pelo litoral e depois entrar em Valley por Topanga Canyon. Sabia que o desfiladeiro era deserto e lhe permitiria verificar se estava sendo seguido por Jaye Winston. Ou por alguém.

Eram 21h30 quando chegou à praia e começou a mear as águas negras por vezes interrompidas pela espuma da arrebentação. A neblina da noite se adensava e, espalhando-se na estrada, arremetia contra as íngremes colinas que margeavam a Palisades. A forte maresia despertou-lhe a lembrança dos tempos de menino, das pescarias noturnas com o pai. Sempre se assustava quando ele desligava o motor para vagar na escuridão. E continha a respiração no fim da noite, quando o velho tornava a ligá-lo a fim de retornarem. Tinha pesadelos naquela época, sonhava que se encontrava à deriva num barco abandonado. Nunca falara nisso ao pai. Jamais contara que detestava pescar à noite. Sempre guardara seus temores para si.

McCaleb olhou para a esquerda, tentando distinguir a linha onde o céu encontrava o oceano, mas não viu nada. Duas sombras escuras que se fundiam em algum lugar à distância, a lua escondida atrás das nuvens. Combinava com seu estado de espírito. Ele ligou o rádio, percorreu as estações em busca de um blues, mas logo desistiu e o desligou. Lembrou-se da coleção de gaitas de Buddy e procurou uma na bolsa da porta. Acendeu a luz e leu o nome gravado no metal. Era uma Tombo em clave de sol. Esfregou-a na camisa e se pôs a tocar enquanto dirigia. A cacofonia que produziu o fez rir alto de si mesmo. Mas houve momentos em que conseguiu

harmonizar algumas notas. Certa ocasião, Buddy tentara ensinar-lhe, e ele havia chegado a tirar os primeiros movimentos de *Midnight Rambler*. Agora, no entanto, por mais que tentasse, não era capaz de achar os acordes, e o som que saía lembrava a respiração de um velho asmático.

Guardou a gaita ao entrar em Topanga Canyon. A estrada que atravessava o desfiladeiro era tortuosa, exigia que ele dirigisse com as duas mãos na direção. Livre de distrações, McCaleb finalmente se pôs a avaliar sua situação. Primeiro, pensou em até que ponto podia contar com Jaye Winston. Sabia que a policial era competente e ambiciosa. O que não sabia era se seria capaz de resistir às pressões a que certamente a submeteriam quando se colocasse contra o FBI e a polícia de Los Angeles.

Concluiu que era uma sorte tê-la do seu lado, mas não podia parar e ficar aguardando que ela aparecesse com a solução embrulhada para presente. Só podia contar consigo mesmo. Imaginou que, se Jaye Winston não conseguisse convencer os demais, na melhor das hipóteses, dentro de dois dias estariam apresentando denúncia ao grande júri e convocando a imprensa para alardear a grande descoberta. Depois disso, suas chances de seguir investigando se reduziriam a zero. Ele apareceria nos noticiários das 18h e das 19h. Não lhe restaria senão desistir, pôr o caso nas mãos de um advogado e entregar-se. A prioridade, então, seria limpar seu nome no tribunal. Não poderia mais pensar em prender o verdadeiro assassino e quem o havia contratado.

Havia um recuo na estrada. McCaleb saiu, estacionou e ficou olhando para a escuridão do declive à sua direita. Muito ao longe, avistou as luzes quadradas de uma casa, no fundo do desfiladeiro, e se perguntou como seria morar lá. Levou a mão ao outro banco para pegar a gaita, mas ela havia desaparecido. Escorregara numa das acentuadas curvas da estrada.

Decorreram três minutos e nenhum carro passou. Ele voltou para a pista e seguiu seu caminho. Após ter passado pela montanha, a estrada ficou mais reta e começou a descer rumo às colinas Woodland. Ele permaneceu em Topanga até chegar a Sherman Way, depois tomou a direção de Canoga Park. Cinco minutos mais tarde,

parou em frente à casa de Graciela e ficou olhando para as janelas durante alguns minutos. Pensou no que lhe dizer. Não sabia ao certo o que havia entre eles, mas era uma coisa forte e boa. Mas antes mesmo de sair do carro, pôs-se a lamentar a possibilidade de que tudo tivesse acabado.

Graciela abriu a porta antes que ele chegasse, o que o levou a se perguntar se o estivera observando quando ainda se encontrava no automóvel.

— Terry? Tudo bem? Por que está dirigindo?

— Eu precisei.

— Entre, entre.

Recuou para que ele passasse. Foram para a sala de estar e ocuparam os mesmos lugares no sofá em que haviam se sentado da outra vez. A um canto, havia um pequeno televisor ligado em baixo volume. Estava começando o noticiário das 22h no Canal 5. McCaleb colocou a pesada pasta entre os pés. Evitando presumir que seria convidado a passar a noite lá, preferira deixar a sacola de lona no carro.

— Conte-me — pediu ela. — O que está acontecendo?

— Estão pensando que fui eu. O FBI, a polícia de Los Angeles, todos eles, com exceção da investigadora do xerife. Pensam que matei sua irmã por causa do coração.

McCaleb a fitou e desviou a vista como um homem culpado. Horrorizava-o imaginar o que aquela atitude podia mostrar a ela, mas, no fundo, sabia que era culpado. Havia se beneficiado, mesmo que não tivesse nada a ver com o crime. Estava vivo porque Gloria morreria. Uma pergunta ecoou em sua mente como uma dezena de portas a baterem num corredor escuro: “Como hei de conviver com isso?”

— Mas é ridículo! — exclamou Graciela, irritada. — Como eles podem pensar que você...

— Espere — atalhou McCaleb. — Preciso lhe contar umas coisas, Graciela. Depois você decide no que acreditar.

— Eu não preciso ouvir...

Ele ergueu a mão, interrompendo-a novamente.

— Por favor, escute, certo? Onde está Raymond?

— Dormindo. Tem escola amanhã.

Ele se inclinou para a frente, apoiando os braços nos joelhos e entrelaçando as mãos.

— Revistaram o meu barco. Quando eu estava com você, eles entraram no barco e revistaram tudo. Tinham chegado às mesmas conclusões que nós. A compatibilidade sanguínea. Mas estão atrás de mim por causa disso. Acharam coisas no meu barco. Eu queria lhe contar antes que eles venham aqui ou que saia no jornal e na televisão.

— Que coisas, Terry?

— Escondidas debaixo de uma gaveta. Encontraram o brinco de sua irmã. O crucifixo que o assassino roubou.

Fitou-a um momento antes de prosseguir. Ela estava olhando para o tampo de vidro da mesa de centro, refletindo sobre as palavras que acabava de ouvir.

— Acharam também a fotografia tirada do carro de Cordell. E uma abotoadura roubada de Donald Kenyon. Encontraram todos os objetos que o assassino levou, Graciela. Minha fonte, a investigadora do xerife, contou que pretendem me indiciar. Não posso mais voltar para o barco.

Graciela o encarou, depois desviou a vista. Levantou-se e foi até a janela, embora as cortinas estivessem fechadas. Sacudiu a cabeça.

— Quer que eu vá embora? — perguntou ele às suas costas.

— Não, eu não quero que você saia daqui. Isso é absurdo. Como eles podem... Você chegou a falar do intruso à investigadora? Ele é que deve ter feito isso. Foi ele que colocou essas coisas na gaveta. É o assassino. Ah, meu Deus! Nós estivemos tão perto do cara que...

Não terminou. McCaleb se levantou e se aproximou dela, sentindo um grande alívio. Graciela não acreditava nas acusações. Em nenhuma delas. Abraçou-a por trás e encostou o rosto em seus cabelos.

— Que bom que acredita em mim — sussurrou.

Ela se virou em seus braços e o beijou demoradamente.

— Que posso fazer para ajudar? — murmurou.

— Continue acreditando em mim. O resto eu faço. Posso dormir aqui? Ninguém sabe que estamos juntos. Pode ser que venham

aqui, mas não para me procurar. Talvez apareçam só para lhe contar que acham que o criminoso sou eu.

— Eu quero que você fique. O tempo que precisar ou quiser.

— Só preciso de um lugar onde trabalhar. Onde possa conferir tudo novamente. Estou com a sensação de que deixei escapar alguma coisa. Como a questão do sangue. Deve haver uma resposta em toda essa papelada.

— Pode trabalhar aqui. Eu fico em casa amanhã e o ajudo a...

— Não. Nada disso. Você não pode fazer nada fora do normal. Quero que acorde cedo, leve Raymond para a escola e depois vá trabalhar. O resto eu faço sozinho. É o meu serviço.

Tomou-lhe o rosto entre as mãos. O peso de sua culpa havia diminuído muito pelo simples fato de estar com Graciela, e ele divisou uma luz tênue no fim de um longo túnel há muito tempo fechado. Não sabia aonde aquela abertura conduzia, mas, no fundo do coração, sabia que queria ir para lá. Precisava ir.

— Eu estava indo dormir — disse ela. — Você vem também?

— E Raymond? Não é melhor a gente...

— Raymond está dormindo. Não se preocupe com ele. Por ora, vamos nos preocupar conosco.

CAPÍTULO 38

De manhã cedo, quando Graciela e Raymond saíram e a casa ficou tranquila, McCaleb sentou-se diante da mesa de centro e espalhou em seis pilhas separadas toda a papelada acumulada na pasta de couro. Ficou contemplando aquilo enquanto tomava um copo de suco de laranja e comia duas pequenas tortas de framboesa — decerto compradas para Raymond. Terminado o lanche, pôs-se a trabalhar, na esperança de que, concentrando-se nos documentos, conseguiria não pensar em coisas que se encontravam além de seu controle, sobretudo a investigação de Jaye Winston a respeito dos nomes da lista.

Mesmo assim, sentiu-se agitado por uma descarga de adrenalina. Estava em busca da revelação, da peça do quebra-cabeça que não servira antes, mas que faria sentido agora e haveria de lhe contar toda a história. Em grande parte, ele sobrevivera no FBI por ter dado crédito à intuição. E era o que fazia agora. Sabia que quanto maior fosse o material referente ao caso — quanto maior o acúmulo de fatos — mais a revelação permaneceria oculta. Mas ele estava determinado a persegui-la, a procurar a maçã estratégica na pilha da mercearia, aquela que, quando retirada, faria com que toda a pirâmide viesse abaixo.

Mas, por mais agitado que estivesse às 8h30, o que o dominou no fim da tarde foi o desânimo. Em oito horas, apenas interrompidas por um ou outro sanduíche e alguns telefonemas sem resposta para Jaye Winston, ele repassou cada página de cada documento que reunira nos dez dias de investigação. E a revelação — se é que se encontrava lá — continuava oculta. A sensação de paranoia e isolamento voltou a brotar dentro dele. De repente, deu-se conta de que estava perdido em devaneios, perguntando-se se o melhor lugar

para onde fugir eram as montanhas do Canadá ou as praias do México.

As 16h, telefonou pela quinta vez ao Departamento do Xerife e, pela quinta vez, disseram-lhe que Jaye Winston não estava. Nessa ocasião, entretanto, a secretária acrescentou que ela provavelmente não voltaria mais naquele dia. Nos outros telefonemas, a moça se recusara diligentemente a revelar aonde Jaye Winston tinha ido ou a lhe fornecer o número de seu pager. Se quisesse saber, teria de falar com o capitão, coisa que McCaleb recusou, sabendo a enrascada em que meteria a investigadora se fosse constatado que ela não só tinha simpatia por um suspeito, como também o estava ajudando.

Ao desligar, telefonou para o seu próprio barco e colheu os dois recados deixados nos últimos sessenta minutos. O primeiro era de Buddy Lockridge; o segundo, aparentemente um engano, o de uma mulher que confessava não saber se tinha discado o número certo, mas dizia que queria falar com uma pessoa chamada Luther Hatch. Ela deixara um número para retorno. McCaleb lembrou-se imediatamente do nome de Luther Hatch — o suspeito no caso em que havia trabalhado com Jaye Winston pela primeira vez. Uma vez feita a conexão, identificou a voz da investigadora na gravação. Estava lhe pedindo que telefonasse.

Ao digitar o número que ela deixara, reconheceu-o como o do escritório do FBI em Westwood, onde ele mesmo trabalhara. Ela atendeu imediatamente.

— Aqui é Jaye Winston.

— Aqui é McCaleb.

Silêncio.

— Oi — disse ela, por fim. — Eu não sabia se você tinha recebido o meu recado.

— O que houve? Está podendo falar?

— Na verdade, não.

— Tudo bem, então falo eu. Eles sabem que você está me ajudando?

— É óbvio que não.

— Mas você está aí porque eles transferiram a investigação para o FBI, certo?

- Certo.
- Já teve oportunidade de checar aqueles nomes?
- Passei o dia todo fazendo isso.
- Conseguiu alguma coisa? Algum deles é bom?
- Não, não achei nada.

McCaleb fechou os olhos e xingou em silêncio. Onde ele havia errado? Como podia ter se metido num beco sem saída? Estava confuso e sua mente examinara atabalhoadamente todas as possibilidades. Será que Jaye Winston tivera tempo de fazer um levantamento cabal da lista?

— Quando posso falar com você sobre isso? — ele indagou. — Preciso lhe fazer umas perguntas.

— Provavelmente, daqui a pouco. Por que não deixa um número onde eu possa entrar em contato com você?

McCaleb pensou durante algum tempo. Mas não muito. Como a própria Jaye Winston lhe dissera na noite anterior, o pescoço dela também estava em jogo. Aquela mulher merecia confiança. E lhe deu o número de Graciela.

- Telefone assim que puder.
- Eu não demoro.
- Só mais uma coisa: já apresentaram denúncia ao grande júri?
- Não. Ainda não.
- Quanto tempo vai demorar?
- Está bem. A gente se vê amanhã, então. Tchau.

Jaye Winston desligou a tempo de não ouvir o palavrão que ele disse em voz alta. Na manhã seguinte, solicitariam que a promotoria o denunciasse por homicídio. E McCaleb sabia que o resto era questão de formalidade. O grande júri sempre acatava a acusação. Em seu caso, bastava que exibissem o videotape da mercearia Sherman e apresentassem o brinco encontrado em seu barco. À tarde, já estariam encenando uma coletiva de imprensa a tempo de sair no noticiário das 18h.

Ele estava ali, parado, contemplando o futuro sombrio, quando o telefone tocou.

- É Jaye.
- Onde você está?

— Na cantina. No telefone público.

McCaleb visualizou imediatamente o lugar, uma saleta com máquinas de refrigerante ao lado da sala de jantar da cantina do FBI. Oferecia um mínimo de privacidade.

— O que aconteceu, Jaye?

— A coisa vai mal. Estão dando os retoques finais no pacote que vão levar à promotoria pública hoje à noite. Será apresentado ao grande júri amanhã de manhã. Querem acusá-lo do homicídio de Gloria Torres. Quando isso estiver encaminhado, vão preparar o material para acrescentar Cordell e Kenyon.

— Certo — disse McCaleb, sem saber como reagir. Concluiu que não fazia sentido continuar proferindo palavras.

— Eu o aconselho a apresentar-se, Terry. Conte-lhes o que me contou e trate de convencê-los. Eu vou ficar do seu lado, mas, neste momento, estou de mãos atadas. Tenho informações sobre o Bom Samaritano que não deveria ter. Se as revelar, vou para o brejo junto com você.

— E a lista? Nada até agora?

— Escute. Conversei com eles sobre isso. Para ter tempo de investigar a lista. De manhã, ao chegar, disse que, para enfrentar a sua defesa, era bom que investigássemos os outros receptores dos órgãos de Gloria Torres. Acrescentei que tinha uma fonte que me forneceria a lista de nomes sem que precisássemos de um mandado judicial etc. Eles acharam ótimo. E me deram o dia para cuidar disso. Mas não adiantou nada, Terry. Lamento, mas averigui nome por nome. Não achei nada.

— Conte-me.

— Bem, eu não estou com a lista agora, mas...

— Espere um pouco.

McCaleb foi até o quarto de Graciela, onde tinha visto a cópia da lista que lhe dera no dia anterior. Pegou-a e leu o primeiro nome ao telefone.

— J. B. Dickey... ficou com o fígado.

— Sim, tudo bem. Não foi ele. Conseguiu o transplante, mas teve complicações. Morreu vinte dias depois da cirurgia.

— Isso não significa que não foi ele.

— Eu sei. Mas conversei com o cirurgião do hospital São José. Foi um caso de caridade. O cara estava na lista de espera e o hospital se encarregou do resto. Não era rico nem tinha ligações com pistoleiros. Acredite, Terry.

— Tudo bem. O próximo. Tammy Domike, um dos rins.

— Certo. É uma professora primária. Vinte e oito anos, casada com um carpinteiro, dois filhos. Também não se ajusta. Ela simplesmente não...

— William Farley, o outro rim.

— Policial rodoviário aposentado de Bakersfield. Está há 12 anos numa cadeira de rodas... desde que tomou um tiro na coluna quando estavam erguendo uma barreira na estrada. Não pegaram o cara que atirou nele.

— Policial Rodoviário da Califórnia — pensou McCaleb em voz alta. — Esse cara podia ter amigos que fizessem o serviço.

Jaye Winston demorou a responder.

— É pouco provável, Terry. Quer dizer, pense bem no que você está...

— Eu sei, eu sei, esqueça. E os olhos? Christine Foye ficou com as córneas.

— Certo. Essa moça vende livros para viver e acaba de sair da universidade. Também não é ela. Olhe, Terry, nós esperávamos que uma dessas pessoas fosse um milionário, um político ou alguém com poder para uma coisa assim. Uma pessoa óbvia. Mas não é o caso. Eu lamento, mas não é.

— Quer dizer que eu continuo sendo o melhor suspeito.

— Infelizmente.

— Obrigado, Jaye, você ajudou muito. Preciso desligar.

— Espere! Não adianta ficar bravo comigo. Não se esqueça de que eu fui a única que lhe deu ouvidos.

— Eu sei. Desculpe.

— Bem, há outra coisa. Eu estive pensando. Não queria falar nisso enquanto não verificasse. Vou fazer isso amanhã. Estou solicitando um mandado judicial para obter informação.

— O quê? Conte. Eu preciso de algo novo agora.

— Bem, você está pensando unicamente em termos de quem recebeu os órgãos que ficaram disponíveis com a morte de Gloria Torres, certo?

— Certo. Os de Cordell e os de Kenyon nem chegaram a ser retirados.

— Eu sei. Não é disso que estou falando. Mas sempre há uma lista de espera, não é mesmo?

— É, sempre há. Eu fiquei esperando quase dois anos por causa do meu tipo sanguíneo.

— Muito bem, pode ser que alguém estivesse querendo simplesmente fazer essa lista avançar.

— Avançar?

— Claro, eles eram como você, estavam esperando e sabiam que iria demorar muito. A espera poderia ser fatal. Não lhe disseram que, com o seu tipo sanguíneo, era impossível saber quando haveria um coração disponível?

— Sim, aconselharam-me a não alimentar grandes esperanças.

— Pois então. É bem possível que o nosso homem ainda esteja aguardando, mas, ao matar Gloria Torres, avançou um pouco na lista de espera, aumentou as suas chances.

McCaleb refletiu sobre isso. Viu uma possibilidade. De repente, lembrou-se de que Bonnie Fox lhe dissera que, no hospital, havia outro paciente na mesma situação em que ele estivera. Acaso isso queria dizer literalmente na mesma situação, ou seja, à espera do coração de um doador com sangue tipo AB e CMV negativo? Pensou no menino que tinha visto no leito do hospital. Seria ele o paciente a que a médica se referira?

O que não faria um pai ou uma mãe para salvar o filho? Seria possível?

— Pode ser — disse ele com a voz alterada por uma nova descarga de adrenalina. — Você acha que pode ser alguém que ainda esteja na lista de espera.

— Exatamente. Eu vou à ABSSO, com um mandado, para obter toda a lista de espera e também a de doadores de sangue. Será interessante ver no que vai dar.

McCaleb concordou, mas seu pensamento já ia adiante.

— Espere um pouco, espere um pouco — disse. — É muito complicado.

— O quê?

— Tudo isso. Se o cara queria simplesmente avançar na lista de espera, para que matar os doadores? Era mais fácil eliminar as pessoas da lista.

— Mas isso seria óbvio demais, Terry. Se duas ou três pessoas que estão precisando de transplante de coração ou de fígado fossem assassinadas, alguém acabaria desconfiando. Matando os doadores, porém, a coisa fica mais obscura. Tanto que ninguém reparou, até que você se metesse na investigação.

— Eu acho... — disse McCaleb, ainda sem saber se estava convencido. — Neste caso, se você estiver mesmo certa, pode ser que o assassino ataque outra vez. Você tem de examinar a lista de doadores de tipo AB. Precisa avisá-los, protegê-los.

A nova possibilidade lhe devolveu o ânimo, revigorou-o.

— Eu sei — concordou Jaye Winston. — Quando eu obtiver o mandado, terei de contar a Nevins e Uhlig, terei de contar a todos o que estou fazendo. É por isso que você precisa se entregar, Terry. É a única saída. Venha para cá com um advogado e conte tudo que sabe. Assuma os riscos. Nevins, Uhlig, essa gente não é boba. Vão perceber que se enganaram.

McCaleb não respondeu. Via a lógica do que ela estava dizendo, mas hesitava em concordar, pois entregar-se significava colocar o seu destino nas mãos dos outros. E ele confiava mais em si mesmo.

— Você tem advogado, Terry?

— Não, não tenho. Por que haveria de ter advogado? Não fiz nada errado.

Encolheu-se no sofá. Tinha ouvido milhares de culpados dizerem exatamente a mesma coisa. Jaye Winston, provavelmente, também.

— O que eu quero saber é se você conhece algum advogado que possa ajudá-lo — esclareceu ela. — Porque, se não tiver, eu lhe indico um. Michael Haller Jr., por exemplo, seria uma boa escolha.

— Eu conheço advogados, caso venha a precisar. Mas tenho que pensar um pouco mais.

— Tudo bem. Telefone. Eu posso acompanhá-lo quando chegar a hora, posso garantir que tudo seja feito corretamente.

McCaleb se imaginou encerrado numa cela na cadeia distrital. Já entrara nelas para fazer interrogatórios quando era agente federal. Sabia o quanto eram barulhentas e perigosas. Sabia que, inocente ou não, ele jamais se submeteria àquilo de livre e espontânea vontade.

— Terry? Você está ouvindo?

— Estou, desculpe. Eu só me distrai pensando numa coisa. Como eu posso entrar em contato com você para arranjar isso?

— Eu lhe dou o número do meu pager e do telefone da minha casa. Provavelmente, vou ficar aqui até as 18h, depois vou para casa. Pode ligar quando quiser.

Deu-lhe os números e McCaleb os anotou. Depois, colocou-os de lado.

— Eu não consigo acreditar. Estou falando em me entregar por um crime que não cometi.

— Eu sei disso. Mas a verdade é muito poderosa, Terry. Vai dar certo. Não deixe de me telefonar quando tiver tomado a decisão.

— Eu telefono.

E desligou.

CAPÍTULO 39

A mal-humorada secretária de Bonnie Fox disse a McCaleb que a médica estava fazendo uma cirurgia de transplante e provavelmente ainda demoraria umas duas ou três horas na sala de operação. Contendo-se para não soltar um palavrão, ele deu o número do telefone de Graciela e pediu que a médica lhe telefonasse assim que possível, à hora que fosse. Ia desligar quando lhe ocorreu uma coisa.

— Ei! Quem está recebendo o coração?

— O quê?

— Você disse que ela está na cirurgia. Quem é o paciente? O menino?

— Lamento, mas eu não estou autorizada a falar dos outros pacientes com o senhor.

— Ótimo — conformou-se ele. — Então não se esqueça de pedir à doutora que me telefone sem falta.

McCaleb passou os 15 minutos seguintes andando entre a sala de estar e a cozinha, na esperança absurda de que o telefone tocasse e Bonnie Fox estivesse na linha.

Por fim, conseguiu confinar a ansiedade num compartimento isolado de sua mente e pôs-se a pensar nos problemas mais graves que o acometiam. Sabia que precisava começar a tomar decisões, sendo a principal delas a de contratar um advogado. Reconhecia que Jaye Winston tinha razão; aquele era o passo mais inteligente para obter proteção legal. Porém, ele não conseguia decidir-se a telefonar para Michael Haller Jr. ou a quem quer que fosse e, abrindo mão das próprias habilidades, confiar-se às de outrem.

Já não havia um só documento na mesa da sala de estar. À medida que os relia um a um, guardava-os na pasta novamente, até que só restassem os videoteipes.

Desesperado por distrair-se com alguma coisa e parar de especular sobre o que exatamente Bonnie Fox dissera a respeito do outro paciente, pegou o primeiro videotape da pilha e foi até o televisor. Colocou-o no aparelho de vídeo sem olhar que fita era. Não importava. Ele simplesmente queria ocupar-se de qualquer outro assunto durante algum tempo.

Porém, assim que se sentou no sofá, esqueceu-se do videotape e voltou a refletir sobre Michael Haller Jr. Sim, era um bom advogado. Não tanto quanto o pai, o lendário Mickey Haller, mas a lenda fazia muito que partira desta para melhor e Haller Jr. herdara as glórias de um dos mais conhecidos e bem-sucedidos advogados de defesa de Los Angeles. McCaleb sabia que isso o tiraria daquela enrascada. Porém, naturalmente, isso só aconteceria quando sua reputação já estivesse escandalosamente destruída na mídia, suas economias, esgotadas, e o *Following Sea*, vendido. Mesmo quando tudo tivesse terminado, embora declarado inocente, ele ficaria marcado pelo estigma da suspeita e da culpa.

Para sempre.

McCaleb comprimiu os olhos e se pôs a prestar atenção no que aparecia na tela do televisor: as pernas e os pés de um homem de pé em cima de uma mesa. Reconhecendo seus próprios sapatos, compreendeu do que se tratava. Era a sessão de hipnose. A câmera estava ligada no momento em que ele subiu na mesa para retirar algumas lâmpadas do teto. James Noone também aparecia no quadro, estendendo a mão para apanhar um dos longos tubos fluorescentes que ele lhe entregava.

McCaleb pegou o controle remoto, no braço do sofá, e fez a fita avançar. Estava particularmente interessado porque se esquecera de rever a gravação da sessão de hipnose, como tinha prometido ao capitão Hitchens. Decidiu pular a primeira parte e avançou até depois da entrevista inicial e dos exercícios de relaxamento, quando ele começava a interrogar a testemunha hipnotizada. Queria ouvi-la contar os detalhes do crime e da fuga do assassino.

Assistiu a tudo concentradíssimo e não tardou a ver-se sofrendo os mesmos efeitos físicos de frustração que havia experimentado durante a sessão. Noone tinha sido perfeito. Raramente ele

hipnotizara uma testemunha que conseguisse lembrar-se de tantos detalhes. O frustrante era que o homem simplesmente não tinha visto bem o motorista e que as placas da Cherokee estavam cobertas.

— Droga! — exclamou McCaleb em voz alta, quando a sessão gravada chegou ao fim.

Pegou o controle remoto com a intenção de rebobinar a fita e rever a entrevista, mas paralisou de súbito, o dedo ainda no botão.

Acabava de ver algo que lhe escapara durante a sessão porque se deixara distrair por Jaye Winston, que também se encontrava presente. Rebobinou a fita apenas um pouco, depois tornou a passar as últimas perguntas que havia feito.

Na gravação, McCaleb estava concluindo o interrogatório; as últimas questões vieram carregadas de frustração. Quis saber se havia algum adesivo no para-brisa da Cherokee. Noone respondeu que não e McCaleb, sem ter mais o que perguntar, voltou-se para Jaye Winston:

— Alguma outra pergunta?

Embora ele tivesse violado suas próprias regras dirigindo-se a outra pessoa, Jaye Winston as respeitou e deu uma resposta não verbal. Sacudiu a cabeça numa negativa.

— Tem certeza? — ele insistiu.

A investigadora tornou a responder com um gesto: não. McCaleb começou então a tirar a testemunha do transe.

Mas havia um erro e ele não tinha reparado. Agora, no entanto, contornando a mesa de centro, o controle remoto ainda na mão, inclinou-se e aproximou o rosto da tela. Rebobinou mais uma vez a fita para rever a sequência.

— Filho da puta! — sussurrou. — Você devia ter respondido, James. Devia ter respondido!

Apertou o botão EJECT e se voltou para pegar outra fita. Espalhou na mesa as fitas cassetes e procurou rapidamente entre elas até encontrar a que tinha a etiqueta MERCEARIA SHERMAN. Colocou-a no aparelho e avançou em alta velocidade, até que aparecesse a tomada do Bom Samaritano. Apertou o PAUSE, mas a imagem não ficou parada.

McCaleb concluiu que aquele devia ser um aparelho barato, com apenas duas cabeças. Tirou a fita e consultou o relógio. Eram 16h40. Pôs o controle remoto em cima do televisor e foi telefonar na cozinha.

Tony Banks concordou uma vez mais em ficar na Video Graphic depois do expediente, até que McCaleb chegasse. Atravessando Valley pela 101, ele viajou rapidamente no começo. A maior parte do tráfego na hora do rush ia na direção contrária, era a força de trabalho da metrópole retornando às cidades-dormitórios do vale. Mas, quando ele avançou mais para o sul, na autopista, para atravessar Cahuenga Pass e entrar em Hollywood, topou com uma infinidade de luzes de freio que se estendiam até onde a vista podia alcançar. E ficou entalado no congestionamento. Só às 18h05 conseguiu entrar com o Taurus de Buddy Lockridge no pequeno estacionamento do estúdio. Como na outra ocasião, o próprio Tony Banks atendeu à porta quando ele tocou a campainha.

— Muito obrigado, Tony — disse às costas do homem que o conduzia pelo corredor. — Não imagina o quanto está me ajudando.

— Tudo bem.

Porém, McCaleb notou que não havia muito entusiasmo naquele “tudo bem”. Entraram na mesma sala da semana anterior. Ele entregou-lhe os dois videoteipes que havia trazido.

— Em cada fita há um homem. Quero ver se é a mesma pessoa.

— Quer dizer que você não sabe?

— Não com certeza. Parecem diferentes. Só que eu desconfio de que é um disfarce. Acho que é o mesmo homem, mas quero ter certeza.

Banks pôs a primeira fita no aparelho do lado esquerdo do painel, ligou-o, e o assalto da mercearia Sherman começou a passar no televisor correspondente.

— Esse cara? — perguntou Banks.

— Esse mesmo. Congele quando a imagem estiver boa.

Banks congelou a imagem no momento em que o chamado Bom Samaritano voltava o perfil para a câmera.

— Bem, agora eu preciso de outro perfil. É difícil fazer uma comparação de frente.

— Você é quem manda.

Entregou a Banks a segunda fita, que foi colocada na abertura do lado direito do aparelho, e logo apareceu a sessão de hipnose na tela correspondente.

— Volte — pediu McCaleb. — Acho que há uma tomada de perfil antes que ele se sente.

Banks obedeceu.

— O que você está fazendo com ele aí?

— Hipnotismo.

— É mesmo?

— Eu pensei que sim. Mas agora acho que ele estava fingindo...

Aí!

Banks parou a fita. James Noone aparecia olhando à sua direita, provavelmente para a porta da sala de interrogatório. Banks manipulou os botões e o mouse do computador, ampliando a tomada e aumentando a nitidez. Fez o mesmo com a imagem da tela da esquerda. A seguir, recuou um pouco e ficou olhando para os dois perfis. Momentos depois, tirou o apontador infravermelho do bolso, ligou-o e disse:

— Bem, a compleição não coincide. Aquele ali tem cara de mexicano.

— Isso é fácil, bastam algumas horas num salão de bronzeamento para ficar com essa cor.

Banks aproximou a seta vermelha do nariz do Bom Samaritano.

— Olhe para esta curva — disse. — Está vendo a protuberância?

— Estou.

A luz vermelha passou para a outra tela e apontou para a mesma protuberância no nariz de James Noone.

— Não é lá muito científico, mas eu estou achando os dois bem parecidos.

— Eu também.

— A cor dos olhos é diferente, mas isso não quer dizer nada.

— Lentes de contato.

— Exatamente. E, aqui, a linha dilatada do maxilar do cara da direita. Pode ser uma coisa presa aos dentes, sabe? Uma espécie de protetor de borracha, como o dos pugilistas, ou simplesmente um chumaço de papel como o que Marlon Brando usou em *O poderoso chefão*. O efeito seria o mesmo.

McCaleb concordou com um gesto, registrando em silêncio mais uma conexão com o filme sobre a Máfia. Os cannoli e, agora, os chumaços de papel para dilatar as bochechas.

— O cabelo pode sempre ser mudado — prosseguiu Banks. — Aliás, esse cara deve estar de peruca.

Passou a luz vermelha pela linha do cabelo do Bom Samaritano. McCaleb se censurou em silêncio por só ter percebido naquele momento uma coisa tão evidente. O repartido do cabelo era absolutamente perfeito, indicação clara de que se tratava de uma peruca.

— Vamos ver o que mais descobrimos.

Banks tornou a mexer nos comandos, fazendo recuar a imagem. A seguir, com a ajuda do mouse, delineou uma nova área de ampliação. As mãos do Bom Samaritano.

— Esse é o grande problema das mulheres — disse. — Podem se maquiar, pôr peruca, conseguem até aumentar ou diminuir os peitos. Mas nada podem fazer para alterar as mãos. As mãos, e às vezes os pés, sempre as denunciam.

Uma vez ampliada a mão do Bom Samaritano e ajustado o foco, ele passou a manipular o outro aparelho, até conseguir uma ampliação da mão direita de Noone na tela correspondente. Levantou-se para ficar no mesmo nível das telas e aproximou o rosto de cada uma delas para comparar as mãos.

— Ora, ora, olhe isto aqui!

McCaleb se levantou e se aproximou mais.

— O quê?

— A primeira tem uma pequena cicatriz aqui na junta. Está vendo a cor mais clara?

McCaleb se colocou ainda mais perto da imagem da mão direita do Bom Samaritano.

— Espere um pouco — pediu Banks. Abriu uma gaveta e pegou um conta-fios daqueles que os fotógrafos usavam para ampliar negativos na mesa de luz. — Experimente isso.

McCaleb colocou a lupa na articulação em questão e olhou. Era bem visível a curva mais clara da cicatriz. Muito embora a imagem estivesse distorcida e embaçada, era inconfundível aquele sinal em forma de ponto de interrogação.

— Tudo bem — disse. — Vamos ver a outra, agora.

Deu um passo para a esquerda e se serviu do conta-fios para localizar a mesma articulação na mão direita de James Noone. Esta não se encontrava na mesma posição nem no mesmo ângulo, mas a grossa curva da cicatriz era idêntica. McCaleb examinou detidamente a imagem até ter certeza. Depois fechou os olhos. Era inegável. Era o mesmo homem em ambas as telas.

— Satisfeito? — perguntou Banks.

McCaleb lhe devolveu a lente.

— Satisfeitíssimo. Será que você me consegue cópias dessas duas imagens?

Banks estava examinando a segunda tela com o conta-fios.

— É a mesma cicatriz — disse. — Sim, eu posso tirar as cópias. Preciso passar as imagens para um CD e levá-las à impressora no laboratório. É coisa de minutos.

— Obrigadão, rapaz.

— Tomara que ajude.

— Muito mais do que você imagina.

— Qual é a desse cara, afinal? Ele se fantasia de mexicano e sai por aí fazendo boas ações?

— Não tão boas assim. Um dia eu vou lhe contar a história toda.

Banks se pôs a trabalhar, transferindo as imagens das telas para um CD.

— Não demoro — disse ao se levantar. — A menos que dê algum problema na impressora.

— Escute, posso usar o telefone enquanto isso?

— Ali, naquela gaveta. Digite o nove antes.

McCaleb telefonou para a casa de Jaye Winston; a secretária eletrônica atendeu. Enquanto ouvia a voz da investigadora na secretária, hesitou em deixar recado; sabia das consequências para ela se ficasse provado que havia colaborado com um suspeito de homicídio. Uma fita com a voz dele seria uma prova incontestável. Mas decidiu que a descoberta que acabava de fazer valia o risco. Não quis ligar para o pager de Jaye Winston porque não podia esperar que ela retornasse o telefonema. Precisava ir embora. Esboçando rapidamente um plano, deixou a mensagem:

— Jaye, sou eu. Vou explicar tudo quando nos encontrarmos, mas por ora confie em mim. Eu já sei quem é o assassino. É Noone, Jaye, James Noone. Estou indo para a casa dele agora... para o endereço que está no depoimento da testemunha. Vá para lá, se puder. Então, eu lhe explico tudo.

Desligou, digitou o número do pager da policial e, a seguir, o do telefone da casa dela. Desligou novamente. Se tivesse sorte, pensou, Jaye Winston pegaria o recado e se dirigiria ao endereço de James Noone para lhe dar cobertura.

McCaleb pôs a pasta de couro no colo e abriu o zíper do compartimento do meio. As duas armas se encontravam ali, a Sig-Sauer P-228 e a HK P7 que, agora ele sabia, James Noone “plantara” em seu barco. Pegou sua pistola, armou-a, travou-a e a colocou na cintura do jeans, às costas, cobrindo-a com o paletó.

CAPÍTULO 40

Quando fora interrogado na noite do assassinato de James Cordell, James Noone dera aos policiais um único endereço, ao mesmo tempo residencial e comercial. Até chegar ao lugar indicado na Atoll Avenue, na região norte de Hollywood, McCaleb não podia saber se se tratava de um apartamento ou de um escritório. Aquela região de Valley era uma verdadeira mistura de áreas residenciais, comerciais e até industriais.

Ele entrou lentamente pela 101, tornou a atravessar Cahuenga Pass e, por fim, ganhou um pouco de velocidade na 134 norte. Saiu por Victoria e tomou o rumo oeste, até chegar à Atoll Avenue. O bairro em que se viu era decididamente industrial. Ele sentiu o cheiro de uma padaria e passou por um terreno cercado, onde se viam lajes de granito denteado empilhadas e apontando para o céu. Havia ainda armazéns sem nome, um atacadista de produtos químicos para piscinas e um centro industrial de reciclagem de lixo. No lugar onde a Atoll terminava, num trecho de ferrovia com mato alto entre os trilhos, McCaleb entrou com o Taurus numa espécie de ruela com uma longa série de pequenos armazéns ou garagens de ambos os lados. Cada unidade era um estabelecimento comercial separado. Algumas tinham nomes pintados nas portas de alumínio, outras não apresentavam nenhuma identificação e estavam desocupadas ou eram usadas como depósitos anônimos. Ele parou o carro em frente à porta enferrujada onde se lia o endereço que James Noone dera à polícia três meses antes. Não viu mais nada escrito, só o endereço. Desligou o motor e saiu.

Era uma noite escura, sem lua nem estrelas. A fileira de portas achava-se mergulhada nas sombras, a não ser por uma ou outra luz fluorescente à entrada. McCaleb olhou a sua volta. De algum lugar distante vinha uma música — Jimi Hendrix cantando *Let me Stand Next to Your Fire*. Mais adiante, a umas seis lojas dali, a porta de

uma das garagens tinha escapado do trilho ao ser fechada, empenara-se e oferecia uma nesga de quase um metro do interior do estabelecimento, um torto sorriso mais escuro que o céu.

Ele examinou a unidade de Noone, agachando-se para ver a linha que separava a porta da garagem da calçada de concreto. Teve a impressão de que havia uma luz muito fraca lá de dentro. Aproximou-se mais para enxergar melhor o cadeado que prendia o aro de aço da porta a outro igual incrustado no concreto.

Levantou-se e bateu com a mão aberta. O forte barulho reverberou lá dentro. McCaleb recuou e tornou a olhar a sua volta. Exceto pela música distante, tudo era silêncio. O ar estava parado. A brisa da noite não conseguia entrar no espaço entre as fileiras de garagens.

Ele voltou para o carro, ligou o motor e deu marcha à ré, colocando-o num ângulo que lhe permitia iluminar com os faróis pelo menos parte da garagem de Noone. Desligou então o motor, deixando os faróis acesos, desceu e foi abrir o porta-malas. Encontrou intacto todo o jogo de ferramentas. Pegou a alavanca do macaco e, contornando o automóvel, voltou para a porta da garagem. Olhou uma vez mais para os dois lados do beco e se agachou junto ao cadeado.

No tempo do FBI, ele jamais se envolvera com arrombamentos ilegais. Sabia que eram mera rotina, mas preferira evitar o dilema ético. Mas não enfrentava nenhum conflito moral agora, ao forçar o cadeado com a barra de ferro. Já não portava o distintivo de agente federal e, acima de tudo, tratava de um caso pessoal. Noone era um assassino e, pior do que isso, tentara incriminá-lo de seus homicídios. McCaleb não pensou um segundo sequer nos direitos daquele bandido relativos a proteção contra busca e apreensão ilegais.

Segurando a barra pela extremidade para ter mais apoio, puxou-a lentamente em sentido horário. O cadeado resistiu, mas o aro preso à porta gemeu sob a pressão e não tardou a ceder nos pontos da solda.

McCaleb endireitou o corpo, olhou a sua volta e apurou os ouvidos. Não escutou nada. Unicamente Hendrix tocando *All Along*

the Watchtower, de Bob Dylan. Voltou apressadamente para o Taurus, guardou a alavanca com o jogo de ferramentas do estepe, cobriu o fundo do porta-malas com o tapete e o fechou.

Ao contornar o automóvel, agachou-se junto ao pneu dianteiro, passou dois dedos na borda da roda, colhendo uma boa quantidade da fuligem formada pelo funcionamento dos freios. Retornou à porta e, novamente de cócoras, passou a fuligem nos lugares onde a solda se rompera, de modo que parecesse que o aro estava quebrado há mais tempo e que os pontos de ruptura tinham ficado expostos à intempérie. Depois, limpou os dedos na meia, que era preta.

Ao terminar, segurou na alça da porta com a mão direita. Levou a esquerda às costas, sacou a pistola e tratou de mantê-la à altura do ombro, apontada para cima. Num único movimento, levantou-se, erguendo consigo a porta e deixando que o impulso a mantivesse em movimento até que ficasse acima de sua cabeça.

Passou rapidamente os olhos pela pequena garagem, a arma agora apontada para os lugares onde olhava. Os faróis do carro iluminavam cerca de um terço do espaço interior. Ele viu um catre desfeito e uma pilha de caixas de papelão junto à parede da esquerda. À direita, distinguiu os contornos de uma escrivaninha e de um arquivo. Havia um computador na mesa; a tela, que parecia acesa, estava voltada para a parede dos fundos, projetando nela um clarão arroxeadado. McCaleb reparou numa lâmpada que pendia do teto. Na penumbra, acompanhou o conduíte de alumínio que atravessava o teto e descia pela parede até um interruptor perto do catre. Deu um passo para o lado e, sem olhar, acionou o interruptor.

Uma lâmpada fluorescente piscou uma vez, zuniu e iluminou a garagem com uma luz intensa. McCaleb viu então que ali não havia ninguém, tampouco armários para serem revistados. Só o espaço de aproximadamente seis metros por três e meio atulhado de uma confusão de móveis e equipamento de escritório, além das necessidades básicas de uma residência: uma cama, uma cômoda, um aquecedor elétrico, um fogão de duas bocas e um pequeno refrigerador. Não havia pia nem banheiro.

Ele recuou, contornou o carro e, enfiando a mão pela janela aberta, apagou os faróis. Tornou a guardar a pistola no cinto, dessa

vez na frente, para sacá-la com maior facilidade. Então voltou à garagem.

Se o ar estava parado do lado de fora, lá dentro achava-se totalmente estagnado. Com passos lentos, McCaleb deu a volta pela escrivaninha de aço e olhou para o computador. O monitor estava ligado, o protetor de tela brilhava com uma multidão de cifras de diferentes tamanhos e cores, que flutuavam num mar de veludo púrpura. Ele ficou algum tempo olhando para a tela. Sentiu uma contração dentro de seu corpo, uma espécie de cãibra num músculo. Em sua mente, apareceu e desapareceu a imagem de uma única maçã vermelha rolando num piso sujo de linóleo. Um frio lhe percorreu a espinha.

— Merda — sussurrou.

Desviando os olhos do computador, notou que na escrivaninha havia uma coleção de livros entre dois suportes de bronze. Eram, em sua maior parte, sobre instruções para navegar na internet. Havia dois volumes de endereços da internet e duas biografias de conhecidos hackers de computador. E ainda três livros sobre investigação do local de um crime, um manual de investigação de homicídios, um relato da investigação do FBI de um maníaco conhecido como O Poeta e, finalmente, dois volumes sobre hipnose, sendo que o autor do segundo se chamava Horace Goble. McCaleb conhecia aquele homem. Fora objeto de mais de uma investigação por parte da unidade de criminosos em série do FBI. Ex-profissional da área de espetáculos em Las Vegas, combinara sua habilidade de hipnotizador com certas drogas estimulantes a fim de abusar sexualmente de diversas meninas em feiras e parques de diversões do interior da Flórida. Ainda devia estar na penitenciária.

McCaleb se colocou atrás da escrivaninha e se sentou na velha cadeira diante do computador. Com a ajuda da caneta que levava no bolso, abriu a gaveta central. Não havia muita coisa nela, só alguns lápis e um estojo plástico de CD. Ele o virou com a caneta e viu que se chamava *O cérebro por dentro*. Leu a embalagem e viu que o CD oferecia ao usuário uma excursão ao cérebro humano, com ilustrações detalhadas e análises de suas funções.

Fechou a gaveta e, sempre com o auxílio da caneta, abriu outra, lateral. Continha unicamente uma caixa de confeitos de amendoim ainda fechada. Fechou a gaveta e, debaixo dela, encontrou outra com diversos arquivos de papel pardo pendurados em pastas verdes enganchadas em dois trilhos. Curvando-se para ver melhor, leu o nome na etiqueta da primeira delas.

GLORIA TORRES

Deixou a caneta cair no chão e resolveu não usá-la mais; já não lhe importava deixar impressões digitais e, com isso, alterar o local. Pegou a pasta e a abriu sobre a mesa. Continha fotografias de Gloria Torres com diferentes roupas e em diferentes horas do dia. Em duas delas, estava com Raymond. Em outra, com Graciela.

Havia também anotações datilografadas. Anotações da “campana”. Descrições detalhadas de seus movimentos cotidianos. McCaleb examinou tudo rapidamente e encontrou reiteradas anotações das incursões noturnas que Gloria fazia à mercearia Sherman ao voltar do trabalho.

Fechou a pasta, deixou-a na escrivaninha e pegou a seguinte. Poderia ter adivinhado o nome escrito na etiqueta antes de lê-la.

JAMES CORDELL

Não se deu ao trabalho de abri-lo. Sabia que também continha fotografias e anotações sobre sua rotina. Exatamente como a anterior. Preferiu olhar para a pasta seguinte na fila.

DONALD KENYON

Tampouco essa ele pegou. Dobrou com os dedos as etiquetas das pastas seguintes e leu-as. Nesse momento o coração lhe saltou no peito como se tivesse se desprendido lá dentro. Conhecia os nomes nas pastas. Todos eles.

— É você — sussurrou.

E, mentalmente, viu o chão sumir sob seus pés.

Fechou a gaveta. A forte batida ecoou no piso de concreto e nas paredes de aço, sobressaltando-o feito um disparo. Ele olhou para fora, pela porta aberta, e escutou. Não ouviu nada, nem mesmo a música de antes. Só o silêncio.

Voltou-se para o monitor e observou os números que dançavam preguiçosamente na tela. Sabia que o computador ficara ligado por algum motivo. Não porque Noone fosse voltar; McCaleb tinha certeza de que o bandido partira havia muito tempo. Não, o computador estava ligado para ele. McCaleb era esperado lá. Ele sabia disso, sabia que Noone havia preparado cada movimento.

Teclou na barra de espaço, e a proteção de tela desapareceu. Em seu lugar surgiu um *prompt* para uma senha. Ele não hesitou. Com a sensação de estar sendo manipulado como um instrumento, digitou os números numa ordem que sabia de cor.

903472568

Apertou a tecla ENTER e o computador começou a funcionar. Em poucos segundos a senha foi aceita e a tela lampejou o *template* do Gerenciador de Programas, uma janela branca com vários ícones. McCaleb os estudou rapidamente. A maioria era de acesso a jogos. Havia também ícones de acesso à internet e ao Word. O último ícone que viu era uma pequena gaveta de arquivo e ele imaginou que se tratasse do Gerenciador de Arquivos do computador. Achou o mouse ao lado da máquina e o utilizou para levar a seta à gavetinha. Clicou duas vezes e a tela exibiu o Gerenciador de Arquivos. Era a navegação básica de um computador. A lista de arquivos se organizou numa coluna ordenada no lado esquerdo da tela. Bastava escolher um e nele clicar a seta para que os títulos dos documentos ali contidos aparecessem listados numa coluna no lado direito.

McCaleb percorreu os arquivos com o mouse, examinando-os um a um. Em sua maior parte eram de software e permitiam operar os diversos ícones de programa, tais como a internet, o jogo "Cassino de Las Vegas" e outros. Mas, finalmente, ele achou um arquivo intitulado CÓDIGO. Clicou o mouse e surgiram vários títulos de documentos no lado direito da tela. Lendo-os rapidamente, percebeu

que correspondiam às etiquetas das pastas que se encontravam na escrivaninha.

Com exceção de um. McCaleb ficou um bom tempo olhando para ele, o dedo suspenso sobre o botão do mouse.

McCaleb.DOC

Clicou o mouse e o documento ocupou rapidamente a tela. Começou a lê-lo como um homem que estivesse lendo o próprio obituário. As palavras o encheram de medo, pois sabia que elas alteravam irremediavelmente a sua vida. Desnudavam-lhe a alma, retiravam o sentido de tudo quanto ele fizera, zombavam horrivelmente dele.

Olá, agente McCaleb!

É você que está aí? Espero que sim.

Vou fazer de conta que é. Vou fazer de conta que você correspondeu à fantástica reputação que cultivou com tanta nobreza.

Pergunta: que tal é sentir-se sozinho? Acaso continua fugindo deles como um homem procurado? Mas que tolice. Você, naturalmente, acaba de encontrar o que precisa para se salvar. Acontece que eu estou perguntando de antes, não de agora. Como se sentiu sendo um cara caçado pela polícia? Eu queria muito que você tivesse essa experiência. A minha experiência... É horrível viver com medo, não acha?

O medo não dorme nunca.

Mas, acima de tudo, o que eu queria era um lugarzinho no seu coração, agente McCaleb. Queria estar sempre com você. Caim e Abel, Kennedy e Oswald, sombra e luz. Dois adversários que se merecem, que devem andar sempre acorrentados um ao outro...

Eu podia tê-lo matado, sabia? Tinha poder para isso e não faltou oportunidade. Mas teria sido fácil demais, não acha? O homem na doca, pedindo informações. Sua caminhada matinal, o sujeito no quebra-mar, com o caniço. Lembra-se de mim?

Não, você não se lembra. Pois eu estive lá. Mas teria sido fácil demais, não concorda? Demais.

Eu precisava de coisa melhor que a mera vingança, melhor que simplesmente vencer um inimigo. Esses são os objetivos dos medíocres. O que eu queria — não, o que eu sonhava — era algo diferente. Queria testá-lo, transformando-o em mim. Transformando-o no vilão. No homem caçado.

E depois, quando emergisse desse fogo, com a pele chamuscada mas com o corpo intacto, queria revelar-me o seu mais ardente benfeitor. Sim, fui eu. Eu que a segui. Eu que a estudei. Eu que a escolhi para você. Eu que lhe dei uma namorada de presente.

Você é meu para sempre, agente McCaleb. O próprio ar que respira me pertence. Cada batida desse seu coração roubado é o eco da minha voz em sua cabeça. Sempre será. Todo santo dia.

Não se esqueça...

O próprio ar que você respira...

McCaleb cruzou os braços no peito e segurou-se como se tivesse sido esfolado vivo. Um estremecimento lhe sacudiu o corpo e um gemido escapou de sua garganta. Ele afastou a cadeira da escrivaninha, fugindo da mensagem terrível que continuava na tela, e curvou o corpo para a frente como o passageiro de um avião que estivesse caindo. O dele estava.

CAPÍTULO 41

Seus pensamentos eram negros. E rubros como o sangue. Ele se sentia num vazio permanente, totalmente cercado pelo veludo de uma cortina negra, as mãos para sempre a procurar — sem encontrar — uma abertura por onde sair. Viu o rosto de Graciela e o de Raymond como imagens remotas que se esfumavam na escuridão.

De repente, sentiu uma mão fria no pescoço e saltou, deixando escapar um grito de prisioneiro a caminho do cadafalso. Ergueu o corpo da cadeira. Era Jaye Winston. Ante sua reação, ficou tão assustada quanto ele.

— Terry, você está bem?

— Estou. Quer dizer, não. É ele. Noone. Noone é o Assassino do Código. Foi ele que matou todo mundo. Os últimos três, por minha causa. Para mim. Ele tentou, até finalmente conseguiu. Matou Gloria Torres por causa do coração. Era para mim. Para que eu viva e seja testado para a sua maior glória.

A coincidência entre o nome da vítima, Gloria, e o objetivo do criminoso o atingiu de súbito.

— Espere um pouco — disse Jaye Winston. — Calma. Do que você está falando?

— É ele. Está tudo aqui. Examine os arquivos, o computador. Ele matou esses outros também. Depois decidiu me salvar. Matar para me salvar.

Apontou para a tela do computador, que continuava exibindo a mensagem. Esperou que ela a lesse, mas não se conteve até o fim.

— Todas as peças estavam aqui. Todas. O tempo todo.

— Que peças?

— O código. E era tão simples. Ele usava todos os dígitos, menos o número um. Um modo de dizer “menos o um”, ou “menos um”.

Quer dizer, quando escolhia uma vítima, era um a menos. É o que ele queria dizer.

— Terry, vamos conversar sobre isso depois. Conte-me como veio parar aqui. Como descobriu que era Noone?

— A fita. A da sessão que fizemos com ele.

— A de hipnose? Como assim?

— Lembra que lhe pedi para não falar nada durante a sessão, a fim de que o paciente não ficasse confuso?

— Lembro. Só você fazia perguntas a Noone. Nós dois devíamos nos comunicar por sinais ou por escrito.

— Mas no fim, quando vi que não tinha adiantado nada, eu fiquei frustrado. Perguntei, "Mais alguma coisa?", e você sacudiu a cabeça. Perguntei novamente, "Tem certeza?", e você tornou a sacudir a cabeça. Acontece que lhe fiz essas perguntas em voz alta. Portanto, o normal era que Noone respondesse. Se realmente estivesse em transe hipnótico, teria respondido, porque não podia saber que as perguntas eram dirigidas a você. Mas ele não respondeu. O que mostra que tinha plena consciência da situação.

— Ele estava fingindo.

— Exatamente. E, se fingia, suas respostas eram falsas. Ou seja, ele mesmo tomou parte na encenação. Eu comparei os videotapes antes de vir para cá. Estou com as cópias no carro. James Noone e o Bom Samaritano são o mesmo cara. O assassino.

Jaye Winston balançou a cabeça, mostrando-se sobrecarregada. Percorreu a garagem com os olhos em busca de um lugar onde se sentar. Só havia o catre.

— Sente-se aqui — ofereceu McCaleb, levantando-se.

— Eu quero me sentar, mas não aqui. Temos de dar o fora, Terry. Preciso chamar o capitão Hitchens e os outros, a polícia de Los Angeles, o FBI. Acho melhor pedir a captura de Noone também.

McCaleb estava assombrado: Jaye Winston ainda não tinha conseguido juntar as peças do quebra-cabeça.

— Mas você não entendeu? Não existe nenhum Noone. Ele não existe.

— Como assim?

— O nome é como o resto. Noone é um nome falso. Uma mentira. — Deixou-se cair novamente na cadeira. Mergulhou o rosto nas mãos. — Como é que eu vou... Eu não posso viver com isto.

Jaye Winston voltou a tocar-lhe o pescoço. Dessa vez ele não se assustou.

— Deixe para lá, Terry, não pense mais nisso agora. Venha, vamos esperar no carro. Preciso chamar a Polícia Técnica, quem sabe colhemos impressões digitais para identificar esse cara.

McCaleb se levantou, contornou a escrivaninha e foi para a porta.

— Ele nunca deixou uma impressão digital. Duvido que tenha deixado agora.

Duas horas mais tarde, McCaleb encontrava-se no Taurus estacionado na Atoll Avenue, atrás da faixa amarela que a polícia estendera entre as fileiras de garagens e depósitos. No beco, a uns cem metros, via a aglomeração e as atividades ao redor do esconderijo fortemente iluminado de Noone. Eram muitos os investigadores — ele se lembrava de alguns da força-tarefa do Assassino do Código —, técnicos, câmeras de pelo menos duas das instituições envolvidas e meia dúzia de policiais fardados.

Moscas no mel, pensou. Olhava para aquilo tudo com uma estranha indiferença. Seu pensamento se encontrava longe dali. Estava com Graciela e Raymond. E com Noone. Não conseguia parar de pensar no homem que adotara aquele nome. Estivera com ele na mesma sala. Tão perto do inimigo!

Precisava de um drinque, queria sentir o gosto forte do uísque na garganta, mas sabia que experimentá-lo era a mesma coisa que pôr um revólver na cabeça. Sabia que, apesar da dor que o lacerava, não pretendia dar semelhante satisfação a Noone, fosse ele quem fosse. Na escuridão do carro, decidiu viver. Apesar de tudo, iria viver.

Só reparou nos homens que vinham pelo beco em sua direção quando já estavam chegando. Acendendo os faróis, identificou Nevins, Uhlig e Arrango. Tornou a apagá-los e ficou aguardando. Eles abriram as portas do carro e entraram, Nevins na frente, os

outros dois atrás. Arrango sentou-se no banco de trás, na sua direção.

— Este calhambeque não tem aquecimento? — perguntou Nevins. — Está ficando muito frio aqui.

McCaleb ligou o carro, mas esperou que o motor esquentasse antes de acionar o aquecedor. Olhou para Arrango pelo espelho retrovisor. A escuridão não permitia saber se ele estava com o palito entre os dentes.

— E Walters?

— Ocupado.

— Muito bem — disse Nevins. — Ah, nós viemos lhe dizer que parece que estávamos enganados a seu respeito, McCaleb. Sinto muito. Nós todos lamentamos. Parece que o cara é Noone. Você fez um belo trabalho.

McCaleb limitou-se a balançar a cabeça. Não deixava de ser um pedido de desculpas, mas não tinha a menor importância. Seria mais difícil conviver com o que ele havia descoberto para limpar o próprio nome do que ser publicamente acusado dos homicídios. As desculpas não significavam nada.

— Sabemos que foi uma longa noite e achamos que você precisa descansar um pouco. Só queria que nos desse um relato de tudo que aconteceu. O depoimento formal, a gente pode deixar para amanhã. O que acha?

— Ótimo. Mas o depoimento formal eu presto a Jaye Winston. Não a vocês.

— É justo. Posso entender. Mas dá para você nos contar como aconteceu, do seu ponto de vista? Dá para fazer isso?

McCaleb se inclinou para a frente e ligou o ar quente. Compôs os pensamentos antes de começar.

— Vou chamá-lo de Noone porque é o único nome que temos e talvez o único que tenhamos. O ponto de partida é o Assassino do Código. Noone. No tempo em que eu comandava a força-tarefa do FBI. Num acordo com a polícia de Los Angeles, fui designado porta-voz do caso. Eu fornecia os releases e era a mim que se dirigiam as solicitações de entrevista. Durante dez meses, a minha cara, na televisão, era sinônimo do Assassino do Código. E Noone se fixou em

mim. Quando chegamos mais perto dele, foi em mim que ele se fixou. Passou a me mandar cartas. Em sua mente eu representava a punição, o castigo, incorporava a força-tarefa que o estava caçando.

— Você não está se dando demasiado crédito? — perguntou Arrango. — Afinal, não era o único que...

— Cale a boca e escute, Arrango. Quem sabe aprende alguma coisa?

McCaleb o encarou pelo espelho retrovisor e ele retribuiu o olhar. Nevins ergueu a mão, pedindo calma ao policial.

— Foi Noone que me deu esse crédito. Não eu. Por fim, percebendo que os riscos tinham aumentado muito, ele desistiu, parou de matar. E o Assassino do Código desapareceu. Mais ou menos nessa época, eu comecei a ter... os meus problemas. Precisava de um transplante e me tornei notícia porque tinha aparecido muito na imprensa. Noone soube de tudo. Nada mais fácil. E armou o seu grande plano.

— Resolveu salvá-lo em vez de matá-lo — disse Uhlig.

McCaleb fez que sim.

— Isso lhe daria a vitória final porque duraria muito. Eliminar-me simplesmente, me matar, lhe daria apenas uma sensação efêmera de realização. Mas salvar-me... Salvar-me seria uma coisa única, algo capaz de transformá-lo numa celebridade. E eu estaria sempre presente para lembrá-lo do quanto ele era inteligente e poderoso. Entende?

— Entendo — disse Nevins. — Mas esse é o lado psicológico. O que eu quero saber é como foi que ele conseguiu. Como obteve os nomes? Como soube de Kenyon, Cordell e Gloria Torres?

— Pelo computador. Seus técnicos precisam desmontá-lo.

— Já mandamos chamar Bob Clearmountain — informou Nevins. — Lembra-se dele?

McCaleb se lembrava. Clearmountain era o especialista em informática do Escritório Regional de Los Angeles. Um extraordinário hacker.

— Ótimo. Ele vai conseguir responder essa questão melhor do que eu. O meu palpite é que deve haver um programa hacker nesse computador. Noone entrou no sistema da ABSSO e obteve os nomes.

Escolheu a sua vítima com base na idade, no estado de saúde e na proximidade. E se pôs a trabalhar. Com Kenyon e Cordell não deu certo. Com Gloria Torres, sim. Quer dizer, pelo ângulo dele.

— E o tempo todo ele planejava pôr a culpa em você?

— Só sei que queria que eu seguisse a pista e descobrisse sozinho o que ele tinha feito. Sabia que isso aconteceria se eu me tornasse suspeito, pois, assim, eu teria de investigar pessoalmente. Mas demorou a acontecer porque os que foram incumbidos de investigar o caso não enxergaram as pistas, erraram.

Disse isso olhando para Arrango pelo espelho. Viu a expressão de raiva do policial. Estava a ponto de explodir.

— Arrango, o fato é que você só serve para caçar pés de chinelo, de vez em quando trocar uns tiros com eles. Mais do que isso não sabe fazer. E não entendeu porra nenhuma do que estava acontecendo. De modo que Noone foi obrigado a dar um jeito.

— Como? — perguntaram Uhlig e Nevins em uníssono.

— O meu envolvimento ocorreu por causa de um artigo no *Times*. Um artigo que foi provocado pela carta de um leitor. Não sei que nome ele deu, mas esse leitor não era outro senão Noone.

Calou-se à espera de contestação. Não houve.

— A carta provoca a reportagem. A reportagem provoca Graciela Rivers. Graciela me provoca. Um efeito dominó.

Ocorreu-lhe um súbito pensamento. Ele se lembrou do homem no velho automóvel importado observando-o, do outro lado da rua, na primeira vez em que estivera na mercearia Sherman. Deu-se conta de que o carro era igual ao que ele vira sair em alta velocidade do estacionamento da marina na noite em que invadiram o barco e ele saiu em perseguição do invasor.

— Eu acho que Noone ficou me observando o tempo todo. Vendo seu plano desdobrar-se. Tanto que soube quando chegou a hora de entrar no meu barco e “plantar” as provas. Soube que estava na hora de telefonar para você.

Voltou-se para Nevins, que desviou a vista e olhou para fora.

— Você recebeu um telefonema anônimo, não? O que disseram?

— Na verdade, foi uma mensagem anônima. Recebida pelo pessoal da noite. Dizia: “Averigue o sangue. O de McCaleb é do

mesmo tipo". Só isso.

— Está na cara. Foi ele. Mais uma jogada.

Ficaram algum tempo em silêncio. As janelas começavam a ficar embaçadas com o ar quente e a respiração dos quatro.

— Bem, não sei se vamos poder confirmar tudo isso — disse Nevins. — Decerto haverá muitas dúvidas.

McCaleb concordou com um gesto. Duvidava que alguma coisa se confirmasse porque duvidava que conseguissem identificar ou localizar Noone.

— Tudo bem — prosseguiu Nevins. — Acho que vamos ficar em contato.

Abriu a porta, os outros o imitaram. Antes de sair do carro, Uhlig estendeu o braço por cima do banco e bateu no ombro de McCaleb com uma gaita.

— Estava aqui no chão.

Quando Arrango pisou no asfalto, McCaleb baixou o vidro da janela e olhou para ele.

— Sabe? Você mesmo podia ter esclarecido o caso. Estava tudo no material que me entregaram. Tudo à sua disposição.

— Vá se foder, McCaleb!

E se afastou, seguindo os agentes que voltavam para a garagem de Noone. McCaleb sorriu. Tinha de admitir que, apesar de tudo, ainda era um prazer fustigar Arrango.

Ficou alguns minutos ali antes de ir embora. Era tarde, passava das 22h, e ele não sabia ao certo para aonde ir. Ainda não tinha conversado com Graciela, tarefa que antecipava com um misto de temor e alívio, este último porque sabia que, de um modo ou de outro, a relação entre eles ficaria claramente definida em breve. O problema era que ele não sabia se queria dar a notícia de noite. Achava preferível contar tudo à clara luz do dia.

Pôs a mão na chave e olhou pela última vez para a ruela e para a garagem iluminada onde vira sua existência alterar-se tão brutalmente. Notou uma oscilação na luz que a garagem projetava no beco. Imaginou que alguém tinha esbarrado na lâmpada que

pendia do teto, fazendo-a balançar. Isso lhe despertou uma súbita ideia e ele tirou a chave da ignição.

McCaleb desceu do Taurus e, sem hesitar, passou por baixo da faixa de isolamento. O policial fardado que tomava conta do local não lhe disse nada. Devia ter concluído, erroneamente, que ele era da equipe de investigação, pois vira em seu carro três dos investigadores do caso.

McCaleb se aproximou da luz e lá ficou até avistar Jaye Winston. Ela se encontrava de pé, com uma prancheta nas mãos, anotando a descrição dos objetos encontrados na garagem. Cada item era etiquetado e apreendido.

Ao recuar para dar passagem a um dos técnicos, olhou para fora, para a escuridão, e McCaleb lhe chamou a atenção com um aceno. Ela se aproximou. Estava com um sorriso cauteloso nos lábios.

— Pensei que o tivessem liberado. Por que ainda não foi para casa?

— Eu já vou. Só queria lhe dizer obrigado por tudo. Muito obrigado mesmo. Acharam alguma coisa?

— Você tinha razão. O lugar está limpo. Os rapazes da técnica não encontraram o menor vestígio. Há impressões digitais no computador, mas acho que são suas. Não sei como vamos caçar esse cara. É como se ele nunca tivesse entrado aqui.

Ao ver Arrango sair da garagem e pôr um cigarro na boca, McCaleb fez um sinal para que ela se aproximasse mais.

— Eu acho que Noone cometeu um erro — cochichou. — Pegue o seu melhor técnico e leve-o ao Departamento do Xerife. Mande-o examinar com laser as lâmpadas fluorescentes da sala de interrogatório. Quando eu estava preparando a sessão de hipnose, tirei algumas lâmpadas e as entreguei a Noone. Ele foi obrigado a pegá-las, do contrário se denunciaria. Deve ter deixado impressões digitais.

O rosto da policial se iluminou com um sorriso.

— Está no videotape da sessão — prosseguiu ele. — Pode dizer que foi descoberta sua.

— Obrigada, Terry.

Jaye Winston lhe deu um tapinha carinhoso no ombro. McCaleb balançou a cabeça e começou a se afastar. Ela o chamou.

— Você está bem?

Ele se voltou e fez que sim.

— Não sei para onde você está indo, mas boa sorte.

McCaleb acenou, deu-lhe as costas e seguiu rumo ao seu destino.

CAPÍTULO 42

Todas as luzes da casa de Graciela estavam acesas e, dessa vez, McCaleb não se demorou no carro. Sabia que já não tinha tempo para ruminar suas opções. Precisava enfrentá-la e contar-lhe a verdade, contar-lhe tudo e aceitar as consequências.

Também nessa ocasião a porta se abriu antes que ele tivesse se aproximado. “Essa mulher se dá ao trabalho de ficar me esperando na janela”, ele pensou. “E, agora, não me resta senão magoar seu coração.”

— Terry! Onde você estava? Eu fiquei tão preocupada!

Foi correndo ao seu encontro e o abraçou. Ele sentiu a vontade vacilar, mas não esmorecer. Pôs a mão em seus ombros e a levou para dentro, abraçando-a, ainda que pela última vez.

— Vamos entrar. Tenho muito para contar.

— Você está bem?

— Por enquanto.

Foram para a sala de estar e ele se sentou ao seu lado no sofá. Tomou-lhe as mãos.

— Raymond já foi dormir?

— Já. O que aconteceu, Terry? Qual é o problema?

— Acabou. Ainda não o pegaram, mas já sabem quem é. Tomara que o prendam logo. Eu estou livre de suspeitas.

— Conte.

McCaleb acariciou as mãos dela. Notou que as suas estavam úmidas de suor e soltou as de Graciela. Foi como soltar um pássaro caído que ele havia recolhido e tratado. Como se nunca mais fosse voltar a segurá-las.

— Lembra-se daquela noite em que falamos em fé na vida e no quanto isso era difícil para mim?

Ela assentiu.

— Antes de lhe contar tudo, quero que saiba que, nos últimos dias... na verdade, desde que a conheci... eu senti que a estava recuperando. Algum tipo de fé. Talvez a crença em alguma coisa. Sei lá. Só sei que era um começo, o começo de uma coisa boa...

— Era?

Ele desviou o olhar, tentando organizar as palavras. Achou difícil. Sabia que aquela era a sua única chance.

Tornou a fitá-la.

— Mas essa mudança é tão nova e tão frágil! E eu não sei se poderá conviver com o que tenho a lhe dizer. Mas quero que você decida. Há muito tempo não desejo nada com tanto entusiasmo. Mas o que desejo é tornar a vê-la, com Raymond, na minha doca. E poder telefonar e ouvir a sua voz. Você é que vai decidir.

Inclinou-se para a frente e a beijou de leve no rosto. Ela não ofereceu resistência.

— Conte logo — pediu em voz baixa.

— Graciela, sua irmã morreu por minha causa. Por causa de uma coisa que eu fiz há muito tempo. Porque, num dado momento, transpus um limite e desafiei o ego de um louco. Por isso Gloria morreu.

Baixou os olhos para não ver os dela. A dor que neles se estampava era demais para que a pudesse presenciar.

— Conte — repetiu Graciela num sussurro.

E McCaleb contou. Falou-lhe no homem conhecido apenas como James Noone, da pista que seguiu até a garagem no beco, do que descobriu lá e do que o esperava no computador.

Ela começou a chorar enquanto ouvia; as lágrimas rolaram silenciosamente em sua face e foram cair na blusa de brim. Ele teve vontade de tomá-la nos braços e beijar aquele rosto banhado. Mas não podia. Sabia que estava fora do mundo dela naquele momento. Não tinha o direito de entrar simplesmente porque queria. Graciela teria de convidá-lo.

Quando ele terminou, ficaram alguns momentos calados. Por fim, ela enxugou as lágrimas com a palma da mão.

— Eu devo estar horrível.

— Não, não está.

Ela olhou para o tapete através do tampo de vidro da mesa de centro, e houve outro longo período de silêncio.

— O que vai fazer agora? — perguntou.

— Não tenho certeza, mas tenho algumas ideias. Eu vou encontrá-lo, Graciela.

— Não pode deixar que a polícia se encarregue disso?

— Acho que não. Agora não. Se não o encontrar e não o enfrentar, nunca saberei se serei capaz de superar isso. Pode parecer absurdo, mas é assim.

Ela balançou a cabeça sem tirar os olhos do chão. Fez-se um novo silêncio. Por fim, olhou para ele.

— Agora eu quero que você vá embora, Terry. Preciso ficar sozinha.

McCaleb se levantou devagar.

— Tudo bem.

Invadiu-o novamente uma necessidade quase irresistível de tocá-la. Apenas tocá-la, nada mais. Queria sentir o seu calor só mais uma vez. Como na primeira ocasião em que a tocara.

— Até logo, Graciela.

— Até logo, Terry.

Ele atravessou a sala e foi para a porta. No caminho, olhou para a estante da sala de jantar e viu o retrato emoldurado de Gloria Torres. Estava sorrindo para o fotógrafo naquele dia feliz e pretérito. Um sorriso que, ele sabia, sempre haveria de acompanhá-lo.

CAPÍTULO 43

Após uma noite de sono inquieto, com pesadelos em que era arrastado por águas profundas e escuras, McCaleb se levantou ao amanhecer. Tomou banho e preparou um café da manhã reforçado: omelete com cebola e pimenta verde, salsicha preparada no microondas e meio litro de suco de laranja. Ao terminar, ainda estava com fome, não sabia por quê. Depois, foi à proa e mediu outra vez os sinais vitais: tudo em ordem. Às 7h05, telefonou para o escritório de Jaye Winston. Ela se encontrava lá e, a julgar por sua voz, devia ter trabalhado a noite inteira.

— Duas perguntinhas — disse McCaleb. — Quando você quer tomar o meu depoimento e quando vão devolver o meu carro?

— Bem, a Cherokee você pode vir buscar a hora que quiser. Eu só preciso dar um telefonema para que a liberem.

— Onde está?

— Aqui mesmo. No pátio.

— E sou eu que terei de ir buscá-la?

— Bem, você precisa vir prestar depoimento mesmo. Por que não faz as duas coisas de uma vez?

— Tudo bem. Quando? Quero liquidar isso logo. Estou precisando tirar umas férias, viajar um pouco.

— Para onde?

— Sei lá. O que eu quero é sair daqui, purgar esse veneno todo. Para Las Vegas talvez.

— Puxa, mas que lugar *fantástico* para uma reabilitação mental!

McCaleb não fez caso do sarcasmo.

— Eu sei. Quando a gente se encontra?

— Eu tenho de preparar o relatório desse caso o mais depressa possível e vou precisar do seu depoimento. Esta manhã, a qualquer hora, estaria ótimo para mim. Só preciso arranjar um lugar para você.

— Então, até já.

Buddy Lockridge dormia no banco do convés. McCaleb o chamou e ele acordou com um sobressalto.

— O que foi que... Ei, Terry! Você voltou, cara!

— Pois é, voltei.

— E o meu carro?

— Continua funcionando. Escute, levante-se, eu preciso fazer mais uma viagem e queria que você me levasse.

Lockridge se sentou lentamente. Estava coberto com um saco de dormir. Enrolou-o no corpo e esfregou os olhos.

— Que horas são?

— 7h30.

— Porra, você deve ter enlouquecido!

— Eu sei, mas é a última vez.

— Está tudo bem?

— Está, tudo na mais perfeita ordem. Só preciso que me leve ao Departamento do Xerife para pegar o meu carro. No caminho, vou parar num banco também.

— E onde acha que vai encontrar um banco aberto a esta hora?

— Estarão abrindo quando chegarmos a Whittier.

— Mas se eu o levar para pegar o carro, quem vai trazê-lo de volta?

— Eu mesmo. Vamos.

— Mas você ainda não pode dirigir.

— Não se preocupe com isso, Buddy.

Meia hora mais tarde, estavam a caminho. McCaleb levava uma sacola de lona com a roupa e tudo de que iria precisar na viagem. Levava também uma garrafa térmica e duas xícaras. Serviu o amigo e informou-o do caso e do que havia acontecido. Buddy foi fazendo perguntas durante a maior parte do trajeto.

— Acho que vou comprar o jornal amanhã — disse.

— Vai dar na televisão também.

— Ei, será que vão escrever um livro? Eu vou aparecer nele?

— Não sei. A reportagem, provavelmente, estará nos noticiários de hoje. Acho que, dependendo do interesse que desperte, pode ser que resolvam escrever um livro.

— E será que pagam para usar o nome da gente? Quer dizer, num livro ou num filme.

— Sei lá. Acho que você pode cobrar alguma coisa. Teve um papel importante. Afinal, quem foi que descobriu que haviam roubado a fotografia do carro de Cordell?

— É verdade, fui eu.

Além de orgulhoso de sua participação, Lockridge estava animadíssimo com a perspectiva de ainda ganhar dinheiro com a história.

— E a arma? Fui eu que encontrei a arma escondida debaixo do barco.

McCaleb franziu a testa.

— Sabe de uma coisa, Buddy? Se escreverem um livro, ou se algum repórter ou tira aparecer por aqui, eu prefiro que você não fale nessa arma. Nunca. Seria um grande favor.

Lockridge olhou para ele, depois para a estrada novamente.

— Sem problema. Eu não falo nada.

— Ótimo. A não ser que eu lhe diga o contrário. E, se alguém me procurar querendo escrever um livro, não vou me esquecer de mandá-lo falar com você.

— Obrigado, cara.

Pouco depois das nove horas, enfrentavam o tráfego rumo a Whittier. McCaleb pediu a Lockridge que parasse numa agência bancária, entrou e sacou mil dólares em notas de dez e vinte.

Poucos minutos depois, o Taurus chegava ao estacionamento do Departamento do Xerife. Ele contou 250 dólares e os entregou ao amigo.

— E isso, para que é?

— Por ter me deixado usar o carro ontem e pela viagem de hoje. E também porque eu vou passar uns dias fora. Dê uma olhada no barco para mim, por favor.

— Mas é claro. Aonde você vai?

— Ainda não sei. E também não sei quando vou voltar.

— Tudo bem. Vai pôr a mochila nas costas e pegar a estrada.

— É. Lembra-se da mulher que me visitou? Aquela bonita?

— Claro.

— Talvez ela me procure. Espero que sim. Fique de olho.

— Certo. E o que eu faço se ela aparecer?

McCaleb pensou um instante.

— Diga que eu estou viajando, mas que queria muito que ela viesse me visitar.

Abriu a porta do carro. Antes de descer, apertou a mão de Buddy e lhe disse uma vez mais que ele tinha sido de grande ajuda.

— Tudo bem. Até a volta.

— Até a volta, cara. Divirta-se.

— Ah, sabe de uma coisa? Eu vou passar muito tempo na estrada. Não quer me emprestar uma das gaitas que você tem aí?

— É só escolher.

Lockridge procurou no compartimento da porta e lhe mostrou três instrumentos. McCaleb escolheu o que havia tocado na noite anterior, na rodovia do litoral.

— Essa é boa. E o melhor é começar pela clave de sol.

— Obrigado, Buddy.

— Você demorou — queixou-se Jaye Winston quando McCaleb se aproximou da escrivaninha. — Eu não sabia onde procurá-lo.

— Passei uma hora no pátio — respondeu ele. — Eu não me conformo. Vocês inventam um mandado para apreender o meu carro e *eu* tenho de pagar o guincho e mais uma taxa! Cento e oitenta dólares! Não há justiça neste mundo, Jaye.

— Você devia dar graças a Deus porque não o perderam e devolveram o carro inteiro. Sente-se. Ainda não estou pronta.

— Então, por que está reclamando do meu atraso?

Ela não respondeu. McCaleb se sentou ao lado da mesa e ficou observando-a folhear um relatório datilografado, provavelmente relendo-o e rubricando as páginas.

— Muito bem — disse ela. — Eu reservei uma das salas de interrogatório. O gravador já está preparado. Podemos ir?

— Espere aí. Não aconteceu nada de ontem para hoje?

— Ah, é verdade. Você não estava aqui.

— Achou alguma impressão digital nas lâmpadas fluorescentes?

Ela abriu um sorriso e confirmou com um gesto.

— Por que não me contou? — protestou McCaleb. — O que achou?

— Tudo. A palma das mãos, os dois polegares e quatro dedos. Pusemos no computador e já estamos com o resultado. O cara é daqui mesmo. Chama-se Daniel Crimmins e tem 32 anos. Lembra-se do perfil que você traçou para a força-tarefa do Assassino do Código? Pois acertou na mosca, Terry. Enterrou na cesta.

Uma forte emoção agitou McCaleb por dentro, mas, exteriormente, ele tratou de manter a calma. As últimas peças do quebra-cabeça estavam entrando no lugar. Procurou lembrar-se do nome do suspeito a partir dos casos com que lidara, mas não conseguiu.

— Conte.

— Ele “dançou” na academia de polícia de Los Angeles. Foi há cinco anos. Pelo que sabemos, depois disso teve vários empregos na área da segurança particular. Estou falando de informática. Tinha uma página na internet, mandava mala direta aos clientes. O que ele vendia era, basicamente, segurança de computadores. Ouvimos dizer que, às vezes, conseguia o serviço invadindo o computador de uma empresa e depois enviando um e-mail à diretoria, contando como tinha sido fácil e por que deviam contratá-lo para tornar o sistema à prova de hackers.

— A ABSSO?

— Exatamente. Estamos com uma equipe lá neste momento e eles telefonaram agora há pouco. Há um executivo que se lembra de ter recebido um e-mail de Crimmins no ano passado. Mas, como pensou que se tratasse de um trote, apagou a mensagem e nunca mais recebeu outra. Mas isso mostra que Crimmins entrou na ABSSO.

— Já pegaram o prontuário dele na polícia de Los Angeles?

— Arrango pegou. Está cuidando disso, colhendo mais informações. Mas já sabemos que o cara não ficou nem cinco meses

lá. Motivo da exclusão: “incapacidade de adaptar-se na atmosfera colegial da academia.” Tradução: o cara era um introvertido e não havia radiopatrulha em que ele ficasse. Nenhum parceiro o queria. Acabou caindo fora. O problema dele era ser segunda geração. Seu pai se aposentou e se mudou para Blue Heaven há dez anos. Uhlig já mandou o pessoal do Escritório Regional de Idaho bater um papo com o velho. Ele disse que pensava que o filho ainda estivesse na polícia de Los Angeles. Não sabia que Danielzinho tinha sido expulso porque o filho não lhe contou nada. Disse também que não o vê há uns cinco ou seis anos, mas, quando conversam ao telefone, o rapaz tem sempre muitas aventuras para contar.

— É, todas inventadas.

McCaleb notou que tudo se ajustava. Crimmins transferira o complexo de autoridade do pai para a polícia quando foi excluído. A expulsão da academia devia ter ocasionado a ruptura psíquica que transformou uma fantasia inofensiva num passatempo mortal. Todos os assassinatos ocorreram no território sob a jurisdição da polícia de Los Angeles para mostrar à instituição que o considerara incapaz o quanto ele era inteligente, esperto e capaz.

Ocorreu a McCaleb que, três anos antes, ao traçar o perfil do Assassino do Código, ele havia sugerido que se interrogassem os policiais expulsos e os alunos excluídos da academia. Era uma prioridade. E, pelo que sabia, aquilo fora feito.

— Espere um pouco. Esse cara deve ter sido interrogado. A carreira policial fracassada fazia parte do perfil.

— Ele *foi* interrogado. É por isso que Arrango está às voltas com o prontuário. Crimmins passou no teste. Ele foi interrogado por uma equipe da força-tarefa e não se mostrou afetado, não fez nem uma careta sequer. Mesmo assim, deve ter se assustado. Foi interrogado exatamente um mês depois do último assassinato do Código. Talvez tenha sido por isso que parou.

— É provável. Em todo caso, não vai ser nada bom quando souberem que o cara foi interrogado e liberado.

— Nada bom? Vai ser uma merda. Mas, o que se pode fazer? A coletiva de imprensa está marcada para as 15h.

McCaleb ficou pensando no que ela acabava de dizer: os assassinatos tinham cessado depois que Crimmins fora interrogado. Sentiu uma grande satisfação, porque havia sido sua a orientação de interrogar os expulsos da academia, e isso fizera com que os homicídios parassem. Ainda estava saboreando a ideia quando Jaye Winston abriu uma pasta, tirou uma fotografia colorida e a entregou a ele. Era Crimmins com a farda da academia. Cabelos curtos, barba escanhoada, um rosto pequeno e um olhar cheio de esperança que parecia trair sua confiança. Era como se, ao ser fotografado, ele já soubesse que não conseguiria chegar ao fim, não figuraria no álbum dos formandos.

— Parece que ele não se disfarçou muito quando se apresentou como Noone — disse McCaleb. — Só os óculos e alguma coisa na boca para que as bochechas parecessem mais gordas.

— Isso mesmo. Provavelmente, porque sabia que teria contato direto com policiais; um disfarce completo poderia chamar a atenção.

— Posso ficar com ela?

— Claro, vamos divulgá-la hoje.

— O que mais? Algum endereço?

— Nada que valha a pena. A garagem que você descobriu era a única coisa atual. Mas deve haver outro lugar. Sua página na web continuava operando mesmo depois de havermos limpado a garagem. Significa que tem outro computador em algum lugar. E está funcionando neste exato momento.

— Não dá para rastrear a linha telefônica?

— Ele tem um provedor anônimo.

— O que é isso?

— Qualquer coisa que entre ou saia da sua página vai para esse provedor anônimo de acesso à internet. Não podemos localizá-lo e não podemos detonar o provedor por causa dessa merda da Primeira Emenda. Além disso, o especialista do FBI, o tal Clearmountain, disse que esses caras agora andam usando linhas telefônicas de micro-ondas em vez de conexão direta com o computador. Fica mais difícil rastrear e localizar.

Sentindo-se ultrapassado pela tecnologia, McCaleb preferiu mudar de assunto.

— Você vai identificá-lo na coletiva?

— Acho que sim. Vamos divulgar a fotografia e o vídeo da sessão de hipnose para ver o que acontece. Aliás, essa Keisha Russell, do *Times*, você a informou?

— Eu lhe devia um telefonema. Ela me ajudou no começo. Deixei um recado de manhã cedo, para ajudá-la um pouco. Desculpe.

— Não, tudo bem. Eu gosto dessa moça. E estou precisando falar com ela. Nevins me contou o que você lhe disse ontem, que provavelmente foi ele que mandou a carta que provocou a reportagem do *Times* a seu respeito.

— É verdade. Será que ela guardou a carta?

— Não. Só se lembra que era assinada por um Bob de tal. Provavelmente ele.

McCaleb se lembrou de uma coisa. Graciela Rivers havia dito que só tomara conhecimento da reportagem ao receber o telefonema de um homem que se dizia colega de trabalho de Gloria. Então foi à biblioteca e a leu. Aquilo queria dizer que a pessoa que telefonara podia ser o próprio Crimmins colocando seu plano em ação.

— O que foi? — quis saber Jaye Winston.

— Nada. Eu estava pensando.

Preferiu ainda não lhe contar seu palpite. Era melhor checar primeiro. Mesmo porque aquilo lhe dava um motivo para quebrar a promessa de não telefonar para Graciela. A chamada seria “oficial”.

— E então? — perguntou a investigadora. — Onde acha que ele está?

— Crimmins? — McCaleb hesitou. — Imagino que voando com o vento.

Jaye Winston o fitou.

— Pensei que tivesse alguma ideia.

Ele desviou a vista e olhou para o chão.

— Bem, o vento não sopra eternamente — disse ela. — Cedo ou tarde acaba parando.

— Tomara.

Calaram-se, não havia mais o que dizer. Só faltava o depoimento formal que ele iria gravar.

— Eu sei que não é da minha conta — arriscou Jaye Winston —, mas como você vai lidar com isso?

— Estou me virando.

— Olhe, se precisar de alguém com quem conversar...

Ele agradeceu com um gesto.

— Está bem. Vamos terminar com isso?

Uma hora depois, McCaleb se encontrava sozinho na sala de interrogatório. Tinha contado a história toda a Jaye Winston, que acabava de sair para mandar fazer a transcrição da fita. Ela o autorizara a usar o telefone na mesa, e lhe dissera que poderia ficar na sala o tempo que quisesse.

Ele se demorou um pouco para organizar as ideias, depois digitou o número da enfermaria do setor de emergência do Santa Cruz. Mandou chamar Graciela, mas a mulher que atendeu disse que ela não estava.

— Foi almoçar?

— Não. Ela não veio hoje.

— Está bem. Obrigado.

Desligou. Graciela devia ter faltado alegando doença. Não havia por que censurá-la. Muito menos depois do relato que ele lhe fizera na noite anterior. Resolveu discar o número de sua casa. Mas o telefone tocou cinco vezes e a secretária eletrônica atendeu depois do bip. McCaleb não sabia ao certo que recado deixar.

— Hã... Graciela... Aqui é Terry. Você está aí? — Esperou antes de prosseguir. — Hã... eu só queria... Disseram que você não foi trabalhar hoje e eu... hã, queria saber se está tudo em ordem e também preciso lhe fazer algumas perguntas. Detalhes, como sempre... mas podem ajudar a... Em todo caso, é possível que eu tente entrar em contato depois. Hã... vou estar viajando, de modo que não precisa ter o trabalho de retornar o telefonema.

Desejou apagar a mensagem do começo ao fim. Xingou a si mesmo e desligou. Logo se perguntou se o palavrão tinha ficado

gravado. Levantou-se e saiu da sala.

CAPÍTULO 44

McCaleb demorou dois dias para encontrar a paisagem que Daniel Crimmins — ou James Noone — descrevera durante a sessão de hipnose. Tendo começado por Rosarita Beach, seguiu para o sul e deu com ela entre La Fonda e Ensenada, um trecho remoto do litoral. Playa Grande era um povoado entre dois encadeamentos de rochas que entravam pelo mar. Consistia praticamente em um hotel com seis minúsculos chalés separados, uma loja de artefatos de cerâmica, um pequeno restaurante e mercearia e um posto de gasolina. Havia também um pequeno estábulo de cavalos de aluguel para passeios na praia. O centro comercial, se é que merecia este nome, ficava na beira da colina com vista para a praia. No terreno acidentado mais acima, espalhavam-se casinhas e trailers.

O que o fez parar foi o estábulo, que lhe trouxe imediatamente à memória as cavalgadas à beira-mar de que Crimmins falara. Saiu da Cherokee e desceu por um caminho íngreme que, passando por entre os afloramentos rochosos, ia dar no mar. Era uma praia particular, ampla, de areia branca, delimitada nas extremidades por gigantescos rochedos denteados que avançavam água adentro. Perto do lado sul, McCaleb viu a saliência rochosa que Crimmins descrevera na sessão de hipnose. Sabia que a melhor e mais convincente maneira de contar uma mentira consistia em entremeá-la do máximo de verdade possível, por isso tomou como autêntica a descrição que o paciente fizera do lugar onde se sentia mais relaxado no mundo.

Tinha chegado a Playa Grande por mera dedução e conhecimento do litoral. A descrição de Crimmins era obviamente da costa do Pacífico. Ele dissera que gostava de *descer* àquele lugar e, como McCaleb sabia que ao sul de Los Angeles não havia nenhuma praia remota com tais características e muito menos com cavalos de aluguel, o lugar obviamente só podia ficar no México. E como

Crimmins, por outro lado, dissera que ia de carro para lá, ficavam eliminados Cabo e outros pontos mais ao sul da península Baja. McCaleb levava dois dias percorrendo a orla costeira restante. Ia parando de povoado em povoado, toda vez que avistava uma saída para a costa.

Crimmins tinha razão. O lugar era verdadeiramente lindo e tranquilo. A areia parecia açúcar e, em um milhão de anos de furiosas arremetidas, as ondas haviam cavado profundamente o flanco do rochedo, criando uma saliência no alto que mais parecia uma gigantesca e encrespada vaga de pedra que se precipitava sobre a praia.

McCaleb era a única pessoa ali, não se via ninguém em parte alguma. Era um dia útil e ele imaginou que aquela nesga de areia permanecia deserta até o fim de semana. Decerto era por isso que Crimmins gostava de lá.

Três cavalos vadiavam junto a uma manjedoura, à espera de fregueses. Não havia necessidade de prendê-los. A praia era totalmente cercada pela água e pelas pedras. A única saída era o caminho estreito e íngreme que dava no estábulo.

De calça comprida e blusão, McCaleb usava um boné de beisebol e óculos escuros para proteger-se do sol do meio-dia. Mesmo assim, encantado com a beleza do lugar, continuou passeando e respirando a maresia muito depois de haver constatado que Daniel Crimmins não se encontrava lá. Não tardou para que um adolescente de short e camisa sem mangas descesse pelo caminho e o abordasse.

— Quer dar uma volta a cavalo?

— *No, gracias.*

McCaleb tirou do bolso do blusão as fotografias dobradas que Tony Banks imprimira a partir dos videoteipes e as mostrou.

— Viu este homem? Eu quero encontrá-lo...

O rapazinho olhou para as fotografias sem dar sinal de haver compreendido. Por fim, sacudiu a cabeça.

— *No, no* conhecer.

Deu meia-volta e retornou ao caminho. McCaleb guardou as fotografias no bolso do blusão e, minutos depois, subiu também a ladeira. Teve de parar duas vezes, exausto da caminhada.

No almoço, comeu enchiladas de lagosta no restaurante. Custaram-lhe o equivalente a 5 dólares norte-americanos. Mostrou as fotografias mais algumas vezes, mas não obteve a informação que buscava. Depois da refeição, foi a pé ao posto de gasolina e usou o telefone público para checar as mensagens deixadas na secretária eletrônica do barco. Nada. Discou, então, o número de Graciela pela quarta vez desde que partira. Preferiu não deixar recado. Se não atendia aos seus telefonemas, era porque já não queria falar com ele.

McCaleb hospedou-se com um nome falso no hotel Playa Grande; pagou em dinheiro. Mostrou as fotografias ao recepcionista no balcão e obteve outra resposta negativa.

Seu chalé oferecia uma vista parcial da praia lá embaixo e um extenso panorama do Pacífico. Examinou o que era visível da praia; estava deserta, só os cavalos continuavam lá. Tirando o blusão, resolveu cochilar um pouco. Tinham sido dois dias cansativos na estrada, com caminhadas na areia e subidas escarpadas.

Antes de se deitar, abriu a sacola de lona na cama, guardou no banheiro a escova e a pasta de dentes e pôs no criado-mudo os frascos plásticos de comprimidos e a caixa de termômetros descartáveis. Tirou também a Sig-Sauer da sacola e a colocou junto aos remédios. Era arriscado atravessar a fronteira armado, mas, como ele esperava, quando chegou a sua vez, os entediados *federales* mexicanos limitaram-se a lhe fazer sinal para que passasse.

Ao se deitar para dormir, a cabeça entre dois travesseiros com cheiro de mofo, decidiu voltar à praia ao entardecer. Crimmins havia descrito o pôr do sol na sessão de hipnose. Não era impossível que fosse para lá a essa hora. Caso contrário, talvez valesse a pena procurá-lo no aglomerado de casas e trailers na parte mais alta do vilarejo. McCaleb tinha certeza de que o encontraria. Não tinha dúvida de que aquele era o lugar descrito pelo assassino.

Pela primeira vez em muitos meses teve sonhos em cores, os olhos movendo-se agitadamente sob as pálpebras apertadas. Ia montado

num cavalo em disparada, um gigantesco *appaloosa* cor de areia molhada galopando pela praia. Estavam perseguindo-o, mas a montaria instável não o deixava virar-se para ver quem vinha no seu encalço. Ele só sabia que devia fugir; se parasse, morreria. No galope, os cascos do animal arremessavam no ar grandes nuvens de areia úmida.

A cadência rítmica do cavalo em disparada foi substituída pelo palpitar de seu coração. McCaleb acordou e procurou acalmar-se. Minutos depois, resolveu verificar a temperatura.

Ao sentar-se e colocar os pés no carpete, olhou para o criado-mudo. Era um velho hábito que desenvolvera no barco, o de procurar o despertador ao lado da cama. Porém, ali não havia relógio algum. Desviou a vista, mas tornou a olhar imediatamente para o criado-mudo. A pistola não se encontrava lá!

Tomado de uma sinistra sensação de deslocamento, McCaleb se levantou depressa e olhou para o quarto. Sabia que havia colocado a arma ali antes de se deitar. Alguém entrara no quarto. Crimmins, sem dúvida. Crimmins estivera lá enquanto ele dormia.

McCaleb se apressou a examinar o blusão e a sacola, mas não deu pela falta de mais nada. Examinando novamente o quarto, avistou uma vara de pesca encostada no canto junto à porta. Aproximou-se. Era a mesma combinação de caniço e molinete que ele comprara para Raymond. Girando a vara nas mãos, examinou-a com cuidado: lá estavam as iniciais RT gravadas na cortiça da empunhadura, as mesmas com que o menino havia marcado a sua. A mensagem era claríssima: Raymond se encontrava em poder de Crimmins.

McCaleb ficou totalmente alerta, o peito maltratado pela dor constringente do medo. Depois de examinar a fechadura e constatar que não havia sinal de arrombamento, vestiu o blusão e saiu. Foi para a recepção do hotel. O sino da porta tocou com estridência quando ele a abriu. O homem que o hospedara levantou-se com um sorriso amarelo da cadeira atrás do balcão. Ia dizer alguma coisa quando McCaleb avançou para ele e, sem hesitar, agarrou-o pelo colarinho e o puxou até que seu corpo ficasse arqueado por cima do

balcão. A borda da fórmica comprimia sua volumosa barriga. McCaleb aproximou o rosto:

— Onde ele está?

— *Que?*

— O homem para quem você deu a chave do meu quarto. Onde ele está?

— *No habla...*

McCaleb puxou ainda mais a camisa do homem e calcou o antebraço em sua nuca. Sentia as forças vacilarem, mas continuou apertando.

— *Uma porra que você não fala! Onde ele está?*

O homem ofegou e gemeu.

— Yo no sé — disse enfim. — Por favor. Eu no sé onde ele está.

— Ele veio sozinho?

— Sozinho, sim.

— Onde mora?

— Isso eu no sé. Por favor. Ele dijo que era su irmão e tenia una sorpresa para você. Eu lhe dé la chave.

McCaleb o soltou e o empurrou com força, fazendo-o cair diretamente na cadeira. O mexicano ergueu as mãos num gesto de súplica e McCaleb se deu conta de que realmente o havia assustado.

— Por favor.

— Por favor o quê?

— Por favor, yo no quiero problemas.

— Agora é tarde. Como ele soube que eu estava aqui?

— Yo telefoné para ele. Ele me pagó. Veio ontem y dijo que usted vinha aqui. Deu el número de teléfono e me pagó.

— E como soube que era eu?

— Ele me deu um retrato.

— Muito bem. Dê-me esse retrato.

Sem hesitar, o homem aproximou a mão de uma gaveta. Num gesto brusco, McCaleb lhe agarrou o pulso e o empurrou para trás. Abriu ele mesmo a gaveta e achou uma fotografia em cima de um monte de papéis. Uma fotografia dele, passeando nas pedras do quebra-mar perto da marina, em companhia de Graciela e Raymond. McCaleb sentiu o rosto arder quando a raiva concentrou o sangue

nos músculos contraídos de seu maxilar. Virou a foto. No verso estava escrito um número de telefone.

— Por favor — disse o hoteleiro. — Eu le doy él dinheiro. Cien dólares norte-americanos. No quiero problemas para usted.

Enfiou a mão no bolso da camisa.

— Não. Pode ficar com ele. Você o mereceu.

McCaleb abriu então a porta com tanta violência que o cordão se partiu, no alto, e o sino veio abaixo e rolou até um canto do pequeno saguão.

Ele atravessou o estacionamento de pedriscos e foi para o telefone do posto de gasolina. Discou o número escrito no verso da fotografia e ouviu uma série de cliques na linha, que denunciavam pelo menos dois outros circuitos intermediários. McCaleb resmungou um palavrão contra si mesmo. Não teria como rastrear o número e chegar ao endereço, mesmo que contasse com a ajuda das autoridades locais.

Finalmente, a chamada completou e o telefone começou a tocar. McCaleb conteve a respiração e aguardou, mas ninguém atendeu. Ao décimo segundo toque, jogou com raiva o fone no gancho, mas este saltou e caiu, ficando apenas preso pelo fio, a oscilar. Ele estava paralisado pela raiva e impotência diante da situação. Ainda lhe chegava o ruído distante do telefone tocando.

Depois de um bom tempo, deu-se conta de que, pela vidraça da cabine telefônica, olhava distraidamente para o estacionamento do hotel. Reparou então num carro parado ao lado de sua Cherokee, um empoeirado Caprice branco com placa da Califórnia.

Saindo rapidamente, atravessou o estacionamento e entrou pelo caminho da praia, a qual, naquele ponto, as rochas tornavam praticamente invisível. McCaleb só a avistou ao chegar lá embaixo e fazer a última curva à esquerda.

Não havia ninguém. Ele avançou em linha reta até a beira da água, olhou para os dois lados, mas tudo estava deserto. Até mesmo os cavalos tinham sido recolhidos. Por fim, chamaram-lhe a atenção umas sombras negras sob a saliência do rochedo. Ele foi para lá.

Na reentrância da rocha, o ruído das ondas se amplificava a uma magnitude que lembrava os gritos de uma multidão de torcedores num estádio. Vindo da praia iluminada, McCaleb ficou temporariamente cego nas sombras profundas da caverna. Detendo-se, fechou os olhos, comprimiu as pálpebras, depois abriu-os novamente. Com a vista já adaptada à luz escassa, divisou os contornos recortados das pedras que o rodeavam. Foi quando Crimmins saiu da parte mais remota da reentrância. Trazia a Sig-Sauer na mão direita, o cano apontado para ele.

— Não quero matá-lo — disse. — Mas você sabe que não me custa nada acabar com você, se for preciso.

Falou alto, de modo a ser ouvido, apesar do constante ecoar das ondas.

— Onde ele está, Crimmins? Onde está Raymond?

— Acho que você deveria perguntar onde eles estão.

Mesmo já tendo pensado nisso, McCaleb sentiu uma pontada no peito ao imaginar o pavor que Graciela e Raymond deviam estar sentindo se ainda estivessem vivos. Deu um passo na direção do maníaco, mas parou ao vê-lo erguer a arma na direção de seu peito.

— Devagar. Vamos com calma. Eles estão a salvo e com saúde, agente McCaleb. Não se preocupe. Aliás, a segurança dos dois depende de você, não de mim.

McCaleb observou aquele homem. Estava com a peruca preta e o bigode postiço. Não fazia a barba há vários dias; talvez pretendesse deixá-la crescer. Calçava botas de bico fino e usava jeans preto e camisa de caubói com bolsos duplos e um bordado no peito. Sua aparência atual ficava a meio caminho entre o Bom Samaritano e James Noone.

— O que você quer?

Crimmins não fez caso da pergunta. Falou com voz serena. Tinha pleno domínio da situação.

— Eu sabia que, se alguém tinha de vir para cá, só podia ser você. Precisei tomar minhas precauções.

— Eu perguntei o que você quer. É a mim? É isso?

O assassino olhou vagamente para longe e sacudiu a cabeça. McCaleb tentou analisar a arma. Viu que a trava estava solta, mas o

cão não fora puxado. Era impossível saber se havia uma bala na agulha.

— Meu último pôr do sol aqui — disse Crimmins. — Agora eu sou obrigado a deixar este lugar tão lindo. — Olhou para McCaleb com um sorriso triste, como se o convidasse a solidarizar-se com aquela perda. — Você foi muito melhor do que eu esperava.

— Não fui eu. Foi você mesmo. Fez uma grande cagada. Deixou impressões digitais. Falou neste lugar.

Crimmins franziu a testa e assentiu, reconhecendo os erros. Houve um silêncio prolongado entre os dois.

— Eu sei por que você veio — disse por fim.

McCaleb não respondeu.

— Quer tirar de mim o presente que lhe dei.

McCaleb sentiu o ódio subir e queimar-lhe a garganta. Continuou calado.

— Um homem vingativo — prosseguiu Crimmins. — Acho que lhe contei o quanto a vingança alivia.

— Foi essa a lição que aprendeu matando tanta gente? Aposto que à noite, quando fechava os olhos, o velho continuava lá, por mais que você matasse. Ele não ia embora, não é? Mas o que foi que esse homem fez para deixá-lo tão fodido?

Crimmins crispou a mão na arma. McCaleb viu contraírem-se os músculos do seu maxilar.

— Não se trata disso — respondeu o maníaco com raiva. — Trata-se de você. Eu quero que você viva. Não está vendo? Não percebe o vínculo que há entre nós? Estamos presos um ao outro agora. Somos irmãos.

— Você é louco, Crimmins.

— Não por minha culpa.

— Não tenho tempo para as suas lamúrias. O que você quer?

— Quero que você me agradeça por estar vivo. Quero que me deixe em paz. Que me dê tempo. Preciso de tempo para pegar as minhas coisas e achar um lugar novo. É isso o que eu quero.

— Como posso saber se você está mesmo com eles? A única coisa que vi foi a vara de pescar. Não quer dizer nada.

— Ocorre que você me conhece muito bem. Sabe que estou com os dois. — Esperou, mas McCaleb nada disse. — Eu estava lá quando você telefonou e se pôs a choramingar na secretária eletrônica, pedindo que ela atendesse. Parecia um adolescente abandonado.

McCaleb sentiu o constrangimento misturar-se com a raiva.

— Onde eles estão? — gritou.

— Aqui perto.

— Porra, como conseguiu passar com os dois pela fronteira?

— Do mesmo jeito que você. Ninguém faz perguntas a quem está vindo para o sul. Eu mandei Graciela escolher. Sentar-se no banco da frente com o menino e comportar-se ou viajar no porta-malas. Ela teve juízo.

— É melhor que não tenha feito nenhum mal a eles.

McCaleb notou o desespero em sua própria voz e arrependeu-se do que acabava de dizer.

— Isso ainda pode acontecer. Depende de você.

— Como assim?

— Eu vou sair daqui agora. E você não vai me seguir. Não vai tentar me localizar. Vai entrar no carro e voltar para o barco. Ficar bem perto do telefone e, de vez em quando, eu vou ligar para ter certeza de que está lá, de que não resolveu me seguir. Quando estiver a salvo, eu solto a mulher e o menino.

McCaleb sacudiu a cabeça. Sabia que era mentira. Matar Graciela e Raymond seria o crime derradeiro que Crimmins haveria de lhe impingir alegremente e sem remorso. A vitória final. Sabia que, acontecesse o que acontecesse, não podia deixá-lo sair vivo dali. Por isso tinha ido ao México. Por isso precisava agir.

Crimmins sorriu como se lhe tivesse lido os pensamentos.

— Você não tem escolha, agente McCaleb. Ou eu saio daqui ou eles morrem num buraco negro. Se me matar, ninguém os encontrará a tempo. Morrer de inanição, no escuro... que coisa horrível, não acha? Além disso, você está se esquecendo de uma coisa. — Tornou a erguer a pistola e esperou a resposta. McCaleb não disse nada. — Espero que pense muito em mim. Eu vou pensar em você.

Começou a caminhar em direção à luz.

— Crimmins — gritou McCaleb —, você se fodeu!

O assassino voltou os olhos e deu com a arma: McCaleb avançou dois passos e apontou a P7 para o seu peito.

— Devia ter revistado a sacola de lona, otário.

Ele reagiu apontando a Sig-Sauer para o peito de McCaleb.

— Essa merda está descarregada, Crimmins. — A dúvida se estampou nos olhos do homicida. McCaleb percebeu rapidamente. Ele não checara a arma. Não sabia que estava com o carregador cheio, mas sem nenhuma bala na agulha. — Mas esta aqui não está.

Ficaram muito tempo daquele modo, cada um com a pistola a trinta centímetros do peito do outro. Crimmins olhou para a P7, depois para os olhos de McCaleb. Estava atento, queria adivinhar alguma coisa. Naquele momento, McCaleb lembrou-se da fotografia no artigo do jornal. Os olhos penetrantes, sem misericórdia. E teve certeza de que eles estavam daquele mesmo jeito agora.

— Quer tentar? — perguntou.

Crimmins puxou o gatilho sem vacilar. O cão estalou na câmara vazia. Quase ao mesmo tempo, McCaleb disparou a P7 e viu o inimigo ser jogado para trás e cair estendido na areia, os braços estirados num ângulo de noventa graus, boquiaberto de surpresa. Aproximando-se, arrebatou-lhe rapidamente a Sig-Sauer. Depois, limpando a P7 com a camisa, jogou-a na areia, fora do alcance do moribundo.

Ajoelhou-se perto dele, tomando cuidado para não se sujar de sangue.

— Crimmins, eu não sei se você acredita em Deus, mas vou ouvir a sua confissão. Diga-me onde eles estão. Ajude-me a salvá-los. Termine isso com uma coisa boa.

— Vá se foder! — disse o criminoso, com dificuldade, a boca inundada de sangue. — Eles vão morrer e é por sua culpa.

Ergueu a mão e apontou o dedo para McCaleb. Depois, esgotado pelo esforço, deixou-a tombar na areia. Moveu os lábios uma vez mais, porém McCaleb não conseguiu ouvi-lo. Aproximou-se mais.

— O que você disse?

— Eu o salvei. Eu lhe *dei* vida.

McCaleb se levantou, limpou a areia da calça e olhou para o homem agonizante, que tinha lágrimas nos olhos e movia laboriosamente a boca naqueles últimos suspiros. Seus olhares se encontraram.

— Engano seu, Crimmins. Eu fiz uma troca. Você por mim. E me salvei.

CAPÍTULO 45

McCaleb percorreu as ruas de pedriscos na parte alta do povoado de Playa Grande, examinando todas as casas e trailers por que passava, em busca do sinal revelador da instalação de um circuito telefônico ou de uma antena de celular. Ia com as janelas do carro abertas e, toda vez que chegava a uma propriedade que se ajustava ao perfil da que estava procurando, aproximava-se e se punha a escutar.

Não eram muitas as residências ligadas ao mundo exterior por telefone. McCaleb imaginou que, em sua maioria, as pessoas que escolhiam um lugar tão remoto para morar não queriam justamente aquele tipo de conexão. Eram expatriados e reclusos, gente que preferia viver à parte do resto do planeta. Mais uma razão para Crimmins escolher aquele lugar.

Duas vezes os moradores saíram de casa para lhe perguntar o que queria. Ele mostrou as fotografias, mas só obteve respostas negativas. Pediu desculpas pelo incômodo e seguiu adiante.

Ao ver o sol aproximar-se do horizonte, começou a se desesperar. Sem a luz do dia, a busca seria impossível. Ele teria de parar de casa em casa ou esperar até o dia seguinte. O que deixaria Graciela e Raymond sozinhos durante a noite, sem comida nem luz, provavelmente com frio, assustados, presos, talvez amarrados.

Aumentando a velocidade, McCaleb percorreu rapidamente todo o terreno dos trailers; parou uma única vez para mostrar as fotografias a uma velha sentada à entrada de seu trailer decrépito. A mulher sacudiu a cabeça e ele seguiu seu caminho.

Por fim, quando o sol desapareceu, deixando no céu a última luz do dia, McCaleb passou por um caminho de areia grossa, feita de puros fragmentos de conchas, que levava a uma pequena elevação e desaparecia no alto. Havia um portão lá em cima, com uma placa proibindo a entrada em castelhano e em inglês. Ele examinou o

portão por alguns minutos. Estava fechado e preso com um pedaço de arame. Ele desceu do carro, soltou o arame e abriu o portão.

Na primeira elevação, percebeu que o caminho levava a uma segunda elevação, onde havia um trailer. Sentiu o coração bater mais forte ao avistar uma pequena antena parabólica no teto plano. Aproximando-se, viu que não havia carro algum estacionado sob a cobertura de alumínio. Reparou também num pequeno barraco no fundo da propriedade, perto de uma antiga cerca. Tinham colocado garrafas e jarros no alto de vários mourões, ao que tudo indicava para a prática do tiro ao alvo.

O ruído dos pneus da Cherokee na areia grossa impedia uma aproximação silenciosa. Furtava-lhe também qualquer possibilidade de ouvir o que quer que fosse até que o veículo parasse.

McCaleb entrou na cobertura para carros e parou. Desligou o motor e ficou imóvel no banco, escutando. Decorreram dois segundos de absoluto silêncio e, então, ele ouviu. O barulho chegava abafado pelas paredes de alumínio do trailer, mas não havia dúvida: era o telefone tocando lá dentro. Com a respiração suspensa, ficou ouvindo-o tocar e tocar, sem que ninguém atendesse. Soltou a respiração e sentiu um aperto no coração. Sabia que os havia encontrado.

Desceu do carro e se aproximou do trailer. O aparelho continuava tocando sem parar. McCaleb compreendeu que não cessaria, a menos que ele entrasse e atendesse ou que desligassem o telefone público do posto de gasolina.

Tentou abrir a porta, mas estava trancada. Pegou o molho de chaves que havia tirado do bolso de Crimmins e experimentou várias, até encontrar a que servia. Entrou no trailer silencioso e quente e olhou em volta. Era uma pequena sala de estar. As persianas estavam cerradas e, na escuridão, brilhava a tela de um computador instalado na mesa junto à parede da direita. McCaleb procurou e achou o interruptor perto da entrada. Acionou-o e a sala se iluminou.

Era bem parecida com a garagem que ele havia encontrado em Los Angeles, atulhada de computadores e outros equipamentos. Havia um pequeno espaço onde sentar-se, provavelmente reservado

para o descanso. Mas aquilo não lhe interessou. McCaleb já não se importava com nada. Estava lá por duas razões.

Verificando os cômodos do trailer e chamou:

— Graciela! Raymond!

Não obteve resposta. Lembrou que Crimmins lhe havia dito que eles se encontravam num buraco negro. Voltou-se e olhou para a porta, perscrutando a paisagem vazia. Viu o barracão e foi para lá.

Com a mão aberta, bateu na porta fechada com cadeado; o barulho ecoou lá dentro, mas não houve resposta. Tirou novamente o molho do bolso e enfiou com toda pressa a pequena chave marcada com o logotipo MASTER LOCK no cadeado. Finalmente escancarou a porta e entrou no barracão escuro. Estava vazio e McCaleb se sentiu dilacerado por dentro.

Virando-se, apoiou-se no batente, os olhos baixos, a mente povoada de visões de Graciela e Raymond abraçados na mais completa escuridão em algum lugar.

Foi quando ele viu. Na areia grossa da entrada de carros, à sua frente, havia uma nítida marca que cruzava as duas depressões, possivelmente provocadas pelos pneus de um veículo. Era uma espécie de trilha que conduzia ao topo da elevação. Dava a impressão de que não havia nada lá em cima; no entanto, alguém havia feito muitas vezes o trajeto, deixando a marca de um caminho no chão.

Ele já corria ao tomar aquele rumo. Chegou ao alto do morro e, no outro lado, divisou o alicerce plano de concreto de uma estrutura que não chegara a ser construída. Ainda sem saber o que havia encontrado, diminuiu o passo ao se aproximar. No concreto afloravam pontas de ferro oxidado e canos do sistema hidráulico. Tinham deixado uma pá e uma picareta muito velhas no chão. Havia um degrau no lugar onde, obviamente, pretendia-se colocar uma porta, coisa que nunca fora feita. McCaleb subiu e olhou ao seu redor. Não havia entradas para um porão, nada parecido com o que Crimmins dissera.

Ele chutou um dos canos de latão e olhou para a tubulação principal, de dez centímetros, sobre a qual deviam ter tido a

intenção de instalar um vaso sanitário. Naquele momento, ele soube onde os dois se encontravam.

Girou o corpo e examinou o terreno a sua volta. Notando que o degrau devia corresponder à frente da estrutura projetada, concentrou-se nos fundos, procurando o lugar aonde chegava a tubulação. A fossa séptica. Avistou de imediato a área de terra e pedras que, evidentemente, fora cavada há pouco tempo. Pegou a pá e correu para lá.

Demorou cinco minutos para remover a terra da tampa da fossa. Sabia que eles tinham ar: a tubulação que ia até o alicerce o fornecia. Mas trabalhou como se estivessem se asfixiando lá embaixo. Quando, finalmente, conseguiu abrir a tampa da fossa, estavam vivos. McCaleb sentiu um indescritível alívio ao dar com aqueles rostos adorados.

Ajudou-os a sair da escuridão. Os dois piscaram ofuscados mesmo com a pouca claridade do anoitecer. Ele os abraçou com tanta força que chegou a temer machucá-los. Graciela chorava, o corpo tremendo em seus braços.

— Está tudo bem agora — disse McCaleb. — Acabou.

Ela inclinou a cabeça para trás e o fitou nos olhos.

— Acabou — repetiu ele. — Esse cara nunca mais vai fazer mal a ninguém.

CAPÍTULO 46

O porão era um espaço claustrofóbico, minúsculo, cheio de vapores intoxicantes de gasolina. Como um bandido mascarado, McCaleb enrolara uma camiseta velha no rosto; mesmo assim, os gases invadiam seus pulmões. Nove parafusos seguravam o filtro que ele estava trocando. Já havia apertado três. Lutava com o quarto, a cabeça inclinada num ângulo desconfortável, na vã tentativa de evitar que o suor escorresse nos olhos, quando ouviu uma voz chamá-lo lá em cima.

— Olá! Ô de casa!

Interrompendo o trabalho, tirou a camiseta do rosto, engatinhou até a escotilha aberta e subiu. Jaye Winston encontrava-se na doca, a sua espera.

— Jaye? O que houve? Suba a bordo.

— Não, estou com pressa. Só passei para avisar que o encontraram. Estou indo para o México.

McCaleb franziu a testa.

— Ele morreu. Suicidou-se — informou a policial.

— É mesmo?

— Estamos tratando com a Polícia Judicial de Baja, de modo que não podemos ter certeza de nada enquanto eu não for para lá, mas parece que o encontraram num lugar chamado Playa Grande. No litoral. Com um tiro no coração. Um garoto que cuida de cavalos na praia, o encontrou. Foi há dois dias. Acabamos de receber a notícia.

McCaleb olhou a sua volta. Viu um homem de camisa branca e gravata perto do portão de entrada. O parceiro dela, imaginou.

— Vocês têm certeza de que é ele?

— É o que dizem. A descrição coincide. Fora isso, descobriram um trailer no povoado. Acharam computadores, fotografias, todo tipo de coisa. Parece que é o nosso homem. Deixou um bilhete de despedida na tela do computador.

— O que dizia?

— Bem, é de segunda mão, mas parece que ele assumiu a responsabilidade do que fez e disse que merecia morrer. Curto e grosso.

— Encontraram alguma arma?

— Ainda não, mas estão vasculhando a praia com detectores de metal. Se a encontrarem, provavelmente há de ser a nossa HK P7. O projétil retirado na necrópsia era uma FMJ federal. Vamos ver se nos emprestam o projétil para comparação.

— Como será que aconteceu?

— Muito simples. O cara sabe que nós estamos atrás dele, tem um ataque de remorso, escreve o bilhete, vai à praia e mete uma bala no peito. A maré o levou para dentro das rochas e o corpo ficou preso em alguma pedra. Por isso não foi arrastado para o mar. Nós estamos indo para lá a fim de dar uma olhada e colher as impressões digitais. Provavelmente, não encontraremos resíduos porque o corpo ficou na água. Mas uma coisa é certa: não vamos encerrar o caso enquanto não tivermos certeza absoluta de que se trata de Crimmins.

— É. Boa ideia.

— Quero ter certeza porque nada indicava que isso fosse acabar em suicídio, compreende?

Estava olhando intensamente para ele.

— Bem... a gente nunca sabe.

Ela fez que sim e, pela primeira vez, desviou o olhar. Olhou para o parceiro que os observava de longe e não podia ouvi-los.

— E como foi a viagem a Las Vegas, Terry?

Ele se sentou na amurada e soltou a chave inglesa com que estivera trabalhando.

— Hã... bem, eu acabei não viajando, sabe? Resolvi consertar o barco, do contrário não o faria nunca. Deixei o telefone desligado e fiquei trabalhando no motor. Acho que agora ficou pronto.

— Que bom! Tomara que pegue muitos peixes.

— Vou pegar. Você precisa aparecer qualquer dia. Vamos pescar em alto-mar.

— Pois eu aceito o convite. — Balançou a cabeça e tornou a olhar a sua volta. — Bem, acho que já vou indo. Temos um longo caminho pela frente e estamos saindo tarde.

— Boa viagem.

— Obrigada. — Jaye Winston fez menção de ir embora, mas hesitou e tornou a olhar para ele. — Eu vi a sua Cherokee no estacionamento. Acho melhor mandar lavá-la, Terry. Está imunda.

Eles se entreolharam durante um longo momento. A mensagem foi claramente transmitida.

— Vou mandar — disse McCaleb. — Obrigado.

CAPÍTULO 47

O *The Following Sea* singrava as ondas mansas, aproado no rumo sul, a caminho de Catalina. Na ponte de comando, McCaleb ia abraçado à roda do leme. Estava com o resguardo do vento baixado e o ar frio do mar o atingia em cheio, endurecendo-lhe a pele sob a roupa. Adiante, na neblina, a ilha se erguia qual gigantesca catedral de pedra no horizonte. Já se avistavam as primeiras casas e os barcos de maior calado em Avalon. Ele reconheceu o telhado circular de cerâmica do cassino, o prédio mais característico da cidade.

Olhou para trás. O continente havia desaparecido. Via-se apenas o ar poluído que pairava sobre a cidade como uma advertência: NÃO VENHA PARA CÁ! Que bom que se encontrava longe daquele inferno.

Pensou em Crimmins um momento. Não se arrependia do modo como deixara as coisas no México. Ficara livre de perguntas sobre os seus motivos e escolhas. Mas não se tratava de proteger unicamente a si mesmo. Graciela e Raymond haviam passado 36 horas em companhia daquele demente. Embora não tivessem sofrido ferimentos físicos, os dois ainda precisavam de tempo, de muito tempo aliás, para superar o trauma e recobrar a vida normal. McCaleb sabia que estar às voltas com mais policiais e interrogatórios em nada os ajudaria. Graciela concordara.

Da ponte, ele olhou para a proa e os observou sem ser notado. Sentado junto à amurada, Raymond segurava firmemente o caniço, a mãozinha no molinete. A seu lado, Graciela sentava-se em uma cadeira. Se pudesse, McCaleb daria um jeito de prender uma tainha enorme em seu anzol: nada o alegrava mais do que ver o menino contente. Mas aquilo não o preocupava. Não faltaria oportunidade de fisgar um bom peixe.

Graciela sentiu o seu olhar e se voltou para ele. Trocaram um sorriso íntimo. McCaleb sentia o coração flutuar quando ela lhe sorria

daquele modo. Era tanta felicidade que chegava a doer.

A viagem de barco era um teste. Não só para o barco como também para eles. Assim decidira Graciela: um teste para ver se conseguiam digerir tudo entre si, a dolorosa consciência do que se passara e do que McCaleb havia feito, de por que ele continuava vivo e outros não. Especialmente Gloria. Veriam se era possível deixar também aquilo para trás, ou pelo menos do lado, para rever de vez em quando, se fosse necessário.

Era tudo que McCaleb podia esperar, tudo o que queria: uma oportunidade, nada mais. E o fato de ter aquela possibilidade nas mãos reforçava a sua confiança, tranquilizava-o, preenchia-o. Pela primeira vez em muito tempo, sentia e acreditava que em tudo havia um propósito.

Olhou novamente para a frente e conferiu o curso da embarcação. Divisou o campanário no alto da colina, junto ao telhado da casa em que vivera o escritor e atleta Zane Grey. Era uma bela cidade, e McCaleb sentia-se ansioso por voltar para lá e mostrá-la aos seus dois entes queridos.

Olhou mais uma vez para a popa. Graciela tinha os cabelos presos num coque, e ele ficou olhando, encantado, para a linha perfeita e tão feminina de sua nuca e seu pescoço. Ultimamente, vinha sentindo algo muito parecido com a fé e estava confuso, pois não sabia aonde aquilo o levaria. Confuso, mas não preocupado. Sabia que não importava. Sua fé era Graciela Rivers. Ao olhar para ela, não teve dúvida de que estava vendo a rocha onde construiria a sua morada.

AGRADECIMENTOS

Este livro é uma obra de ficção, mas foi inspirado em conversas com meu amigo Terry Hansen, que recebeu um coração transplantado no Dia dos Namorados de 1993. Agradeço-lhe por sua disposição em discutir as transformações emocionais e físicas que tal acontecimento impôs a sua existência.

Gostaria igualmente de agradecer aos que me ofereceram seus conhecimentos e sugestões enquanto eu escrevia este romance. Os erros que porventura se encontrarem nestas páginas são exclusivamente meus. Em particular, quero expressar minha gratidão a Linda e Callie, por me haverem tolerado, a William Gaida, policial aposentado de Los Angeles, por me haver ensinado a arte do interrogatório hipnótico, e a Jim Carter, por ter-me apresentado os barcos de Cabrillo Marina. Agradeço também a Gene Riehl, aposentado do FBI, a Scott Anderson, czar dos computadores, a Larry Sulkis, especialista em armas, e a Scott Eyman, o guru da escrita que — de propósito! — me convenceu a desistir e a recomeçar quando eu já havia redigido nada menos que 240 páginas.

O livro e o autor se viram imensamente beneficiados pelas ideias dos que acompanharam o trabalho. Aqui se incluem Mary Connelly, Susan Connelly e Jane Connelly, Joel Gotler, Brian Lipson, Philip Spitzer, Ed Thomas, Bill Gerber, Melissa Rooker e Clint Eastwood (meu agradecimento especial a Joel pelas dicas sobre gaita). Meu editor, Michael Pietsch, fez seu trabalho extraordinário e habitual ao enfrentar o maciço manuscrito e compreendê-lo.

Por último, uma vez mais o meu muito obrigado aos livreiros que me ajudaram a contar esta história.

*Michael Connelly
Los Angeles*

[1] *A Onda Seguinte*, em inglês. (N. do E.)

[2] Segundo a Bíblia, local da última grande batalha do mundo, na qual os poderes do Bem irão destruir as forças do Mal. (N. do E.)